DA AUTORA BEST-SELLER #1
DO NEW YORK TIMES DE JOGOS DE HERANÇA

JENNIFER LYNN BARNES

RIVAIS GLORIOSOS



Alt

RIVAIS GLORIOSOS



RIVAIS GLORIOSOS

SÉRIE JOGOS DE HERANÇA

JENNIFER LYNN BARNES

Tradução
Carolina Cândido

Alt



Kim Haynes Photography

JENNIFER LYNN BARNES é a autora *best-seller* #1 do *New York Times* de mais de vinte aclamados romances jovem adultos, incluindo a trilogia Jogos de Herança, *Os Irmãos Hawthorne*, a série Os Naturais e a duologia As Debutantes. Jen também é bolsista Fulbright com especialização em psicologia, psiquiatria e ciências cognitivas. Recebeu em 2012 o título de doutora pela Universidade de Yale e foi professora de psicologia e escrita profissional por muitos anos. Visite-a em jenniferlynnbarnes.com ou no Instagram: @authorjenlynnbarnes.

Sumário



Pular sumário [»»]

Dedicatória

Prólogo

Capítulo 1 – Lyra

Capítulo 2 – Lyra

Capítulo 3 – Grayson

Capítulo 4 – Rohan

Capítulo 5 – Gigi

Capítulo 6 – Lyra

Capítulo 7 – Lyra

Capítulo 8 – Lyra

Capítulo 9 – Grayson

Capítulo 10 – Rohan

Capítulo 11 – Rohan

Capítulo 12 – Gigi

Capítulo 13 – Lyra

Capítulo 14 – Grayson

Capítulo 15 – Rohan

Capítulo 16 – Rohan

Capítulo 17 – Gigi
Capítulo 18 – Lyra
Capítulo 19 – Grayson
Capítulo 20 – Rohan
Capítulo 21 – Rohan
Capítulo 22 – Gigi
Capítulo 23 – Lyra
Capítulo 24 – Grayson
Capítulo 25 – Grayson
Capítulo 26 – Rohan
Capítulo 27 – Gigi
Capítulo 28 – Lyra
Capítulo 29 – Grayson
Capítulo 30 – Rohan
Capítulo 31 – Gigi
Capítulo 32 – Lyra
Capítulo 33 – Grayson
Capítulo 34 – Rohan
Capítulo 35 – Rohan
Capítulo 36 – Gigi
Capítulo 37 – Lyra
Capítulo 38 – Lyra
Capítulo 39 – Lyra
Capítulo 40 – Grayson
Capítulo 41 – Grayson

Capítulo 42 – Rohan
Capítulo 43 – Gigi
Capítulo 44 – Lyra
Capítulo 45 – Grayson
Capítulo 46 – Grayson
Capítulo 47 – Rohan
Capítulo 48 – Rohan
Capítulo 49 – Gigi
Capítulo 50 – Lyra
Capítulo 51 – Grayson
Capítulo 52 – Rohan
Capítulo 53 – Gigi
Capítulo 54 – Lyra
Capítulo 55 – Grayson
Capítulo 56 – Rohan
Capítulo 57 – Gigi
Capítulo 58 – Lyra
Capítulo 59 – Grayson
Capítulo 60 – Rohan
Capítulo 61 – Rohan
Capítulo 62 – Gigi
Capítulo 63 – Lyra
Capítulo 64 – Grayson
Capítulo 65 – Rohan
Capítulo 66 – Rohan

Capítulo 67 – Gigi
Capítulo 68 – Lyra
Capítulo 69 – Lyra
Capítulo 70 – Grayson
Capítulo 71 – Rohan
Capítulo 72 – Rohan
Capítulo 73 – Gigi
Capítulo 74 – Lyra
Capítulo 75 – Grayson
Capítulo 76 – Rohan
Capítulo 77 – Rohan
Capítulo 78 – Gigi
Capítulo 79 – Lyra
Capítulo 80 – Grayson
Capítulo 81 – Rohan
Capítulo 82 – Gigi
Capítulo 83 – Lyra
Capítulo 84 – Grayson
Capítulo 85 – Rohan
Capítulo 86 – Rohan
Capítulo 87 – Gigi
Capítulo 88 – Gigi
Capítulo 89 – Lyra
Epílogo – Avery
Agradecimentos

Créditos

Para Lisa Yoskowitz

Prólogo



Era preciso deixar o Grande Jogo chegar ao fim. Disso ela tinha certeza. Planos meticulosamente elaborados dependiam disso.

É claro que importava, e muito, qual seria esse desfecho.

Era um delicado equilíbrio, influenciar o rumo sem mostrar as cartas. Mas, afinal, a *delicadeza* era a especialidade dela.

Alice se certificara disso.

Capítulo 1



LYRA

Beijar Grayson Hawthorne era como sair da realidade. Nada mais existia. Nem o chão sob os pés de Lyra. Nem as ruínas nem os penhascos. Só *isso*. Cada ponto em que seus corpos se tocavam. Os lábios dele e os dela. Um suspiro entrecortado… *isso*.

O tipo certo de desastre esperando para acontecer, a voz de Odette sussurrava na memória de Lyra. *Um Hawthorne e uma garota que tem todos os motivos para ficar longe dos Hawthorne*.

Como se tivesse ouvido os pensamentos de Lyra, Grayson afastou devagar os lábios dos dela.

— Eu costumo ter mais controle que isso — disse ele, a voz dolorosamente baixa.

— Eu costumo ter mais bom senso — respondeu Lyra, bastante ciente da proximidade dos lábios dele… e de como os dois estavam perigosamente perto de repetir a dose. Aquele beijo, o primeiro, o único, tinha sido arrebatador.

E, com quase toda certeza, tinha sido um erro.

O vento que vinha do mar ficou mais forte atrás de Lyra, fazendo seu rabo de cavalo bater em seu rosto… e no dele. Grayson domou os cabelos longos dela, afastando-os com a mão, e, ao fazer isso, o vento também cessou, de forma tão súbita e completa que Lyra não conseguiu evitar o pensamento absurdo de que fora *ele* quem o acalmara, apenas com a força de vontade.

Um alarme disparou no fundo de sua mente. Aquele era *Grayson Hawthorne*.

E mesmo que ele não fosse o riquinho arrogante, frio e de ego inflado que ela imaginara 24 horas antes, ainda assim era um Hawthorne. O sangue dele não era apenas azul; era praticamente cerúleo. E logo o Grande Jogo chegaria ao fim e, com promessas ou não, Lyra e Grayson Hawthorne voltariam a ser o que sempre foram: pouco mais que estranhos… com *todos os motivos* do mundo para continuarem afastados.

Nenhum de vocês sabe o que acha que sabe. Mais um dos alertas de Odette ecoou na memória de Lyra, mas nem isso foi o bastante para distraí-la do fato de que ainda estava tão perto de Grayson que conseguia sentir cada respiração dele na própria pele.

— Seria melhor tentar dormir um pouco antes da segunda fase — disse Lyra. A voz saiu rouca e baixa. Ela tinha mirado no *prático*. Tinham recebido doze horas para se recuperar da primeira fase do jogo. Até ali, Lyra não tinha conseguido nada que sequer lembrasse descanso.

— Seria mesmo — concordou Grayson, mas em vez de se afastar minimamente, passou de leve os nós dos dedos da mão direita pela bochecha dela, roubando seu próximo fôlego como um ladrão nato. — Eu falei sério, Lyra. Vamos dar um jeito nisso… no jogo e em todo o resto.

Todo o resto. Aquilo era um eufemismo tão monumental que beirava o absurdo, e só de pensar nessas palavras, outras vieram à mente de Lyra. *Um Hawthorne fez isso.*

Um Hawthorne.

Ômega.

Sempre há três.

Lyra deu um passo para trás. Talvez, com um pouco mais de distância, conseguisse respirar, pensar, se concentrar no que vinha a seguir. Os dois estavam de pé onde antes fora o terraço à beira do penhasco de uma mansão gloriosa e que, agora, não era nada além de ruínas. Um lembrete carbonizado e visível de como até as coisas mais grandiosas podiam virar cinzas.

— Alguém me mandou para cá. — Lyra se agarrou a isso. — Alguém me colocou neste jogo, e seja lá quem for essa pessoa… ela sabe sobre o meu pai. Eu sou uma peça no tabuleiro de alguém. — Ela desviou o olhar dos olhos pálidos e penetrantes de Grayson. — Ou uma arma. Ou uma bomba.

Era essa a conclusão lógica, não era? Que a pessoa que lhe enviara o bilhete a colocara no Grande Jogo *por causa* de sua história com a família Hawthorne? Por causa da morte de seu pai.

Por causa do envolvimento de uma tal de Alice Hawthorne nisso tudo.

— Você não é a arma de ninguém, Lyra — retrucou Grayson, num tom que deixava bem claro o quanto ele raramente perdia uma discussão —, nem bomba ou qualquer outra coisa. E, com certeza, não é uma peça.

— Então o que é que eu sou? — retrucou Lyra, o olhar cravado no dele como um míssil teleguiado.

— Você é letal — respondeu Grayson, baixinho —, no melhor sentido possível.

Como é que ele conseguia dizer uma coisa daquelas e ainda soar, com toda convicção do mundo, como se acreditasse de verdade?

Lyra tentou dar mais um passo para trás, mas Grayson a segurou pelo ombro e, no instante seguinte, inverteu a posição dos dois. Agora era Grayson quem estava com as costas voltadas para a beira do penhasco, e ela quem tinha a vista magnífica do oceano.

Ele se colocara entre ela e o abismo.

— Eu não preciso da sua proteção, Hawthorne.

Grayson ergueu uma sobrancelha.

— Concordamos em discordar.

O vento vindo do mar voltou a soprar com força. *Uma frente fria se aproximava*. Um leve arrepio percorreu o corpo de Lyra. Observando-a, Grayson desabotoou o primeiro botão do paletó feito sob medida. Depois, o do meio.

— O que você está fazendo? — perguntou Lyra. E ela não estava falando apenas do paletó, e ele era perceptivo o bastante para saber disso. *O que* nós *estamos fazendo?*

— Achei que a resposta fosse evidente. — Grayson desabotoou o último botão e então…

Tirou o paletó, e o corpo de Lyra se lembrou: *Minha boca e a sua. A respiração entrecortada.*

— É bom que não esteja pensando em me oferecer esse paletó — disse Lyra, firme.

— Você está com frio. — Os lábios de Grayson se curvaram. — E, como acredito que já tenha te explicado, quando me deparo com um

problema, eu resolvo.

Ele estava falando de muito mais do que um maldito paletó. Falava da família dele, da dela, e de uma ameaça desconhecida. Sobre o fato de que Odette Morales, a única pessoa que talvez tivesse alguma noção do quadro completo, renunciara à vaga no Grande Jogo, e da chance de ganhar milhões, por causa do perigo que Lyra e Grayson representavam juntos.

O tipo certo de desastre esperando para acontecer.

— Eu não preciso do seu paletó — disse Lyra.

— Talvez *eu* precise te dar — rebateu Grayson. — Cavalheirismo. É um mecanismo de defesa.

— Estou te avisando, Hawthorne: se tentar colocar esse paletó nos meus ombros, eu vou tirar o meu e colocar em você. — Para deixar claro, Lyra levou a mão ao zíper de sua jaqueta esportiva que, para falar a verdade, estava mais para uma camisa.

Grayson levou um instante para avaliar se ela estava blefando.

Não estava.

— Considere-me avisado — respondeu Grayson com sarcasmo. Ele vestiu o paletó de volta.

Lyra estreitou os olhos.

— Por que eu tenho a sensação de que perdi essa discussão? — perguntou ela.

— Porque — respondeu Grayson — eu ainda estou entre você e a beira do penhasco.

Capítulo 2



LYRA

Houve um tempo em que Lyra talvez tivesse sido capaz de deixar que outra pessoa a protegesse, mas isso foi *antes*. Antes dos sonhos começarem. Antes de ela perceber que sua vida inteira tinha sido uma mentira.

Durante anos, seus pais a deixaram acreditar que ela era normal. Deixaram que seguisse em frente como se o trauma que definira sua vida nunca tivesse acontecido, como se seu pai biológico não a tivesse sequestrado na pré-escola no seu aniversário de quatro anos, como se ela não tivesse presenciado o suicídio dele. E, depois que Lyra *se lembrou*, foi como se nada na vida que tinha vivido fizesse mais sentido, como se a pessoa que ela tinha sido nunca tivesse existido de verdade. Ela não queria que ninguém soubesse por que tinha mudado, então fingiu que não tinha. Fingiu o quanto pôde.

Mas não dava para fingir com Grayson Hawthorne. E, hoje em dia, quando a possibilidade de se machucar era inevitável, Lyra sabia que precisava encarar. Precisava *se* proteger, e Grayson tornava isso muito difícil. Ele era a mão na nuca dela, puxando-a para longe da escuridão, dizendo que ela não precisava estar bem.

Mas ela precisava.

Então, em vez de deixar que Grayson a acompanhasse de volta à mansão cheia de enigmas no lado norte da ilha para dormir um pouco, Lyra o alertou para não segui-la e saiu correndo de novo.

Mesmo já tendo levado o próprio corpo ao limite.

Mesmo precisando da mente afiada para o que estava por vir.

Lyra corria porque seus pensamentos estavam um caos. Corria para impedir seu corpo de se lembrar do dele. Corria porque *podia*.

Grayson devia ter percebido que *não* seria sensato insistir, porque não foi atrás, e, em algum momento, depois de ter se forçado até o limite por muito tempo, Lyra deixou de sentir a lembrança do toque dele, e a única coisa que existia para além da queimação em seus músculos e pulmões era a ilha.

Lyra a sentia como uma extensão de si mesma: selvagem e livre, marcada e devastada, bela e cortante. A Ilha Hawthorne era feita de costas rochosas e encostas íngremes, gramíneas nativas e árvores imensas, penhascos sobre penhascos, uma ou outra faixa estreita de areia, tudo cercado pelo oceano.

No dia anterior, Lyra se sentira atraída repetidas vezes pela floresta queimada. Agora, mantinha-se nas margens sul e leste — o terreno mais difícil da ilha, de longe. Solo irregular. Espinhos. E quase nada além disso. Pensando de forma objetiva, o lugar não se parecia com aquele em que Lyra crescera, mas, de alguma forma, o Recanto Sereno e as partes mais intocadas da Ilha Hawthorne provocavam a *mesma sensação* nela: imutáveis, reais de um jeito que nada mais desenvolvido seria um dia.

Lyra se deixou tomar por esse sentimento enquanto corria, sua determinação se cristalizando. Havia entrado no Grande Jogo para salvar o Recanto Sereno. Tudo — *e todos* — podiam esperar.

Quando Lyra enfim chegou ao ponto em que podia arriscar parar de correr, quando podia se permitir parar, ela encarou a estrutura solitária e deslumbrante na costa sudeste. Lá na água, arcos de pedra maciça que pareciam ter sido tirados diretamente da Roma antiga projetavam sombras largas e desproporcionais sobre as águas azul-esverdeadas. Sob esses arcos, havia um cais.

Ofegante, Lyra seguiu até um grande ancoradouro que ficava perpendicular a dois menores, com uma plataforma entre eles. Com o corpo beirando a exaustão, caminhou até a ponta do píer e, enquanto encarava a água, uma sensação estranha a atingiu, como dedos calejados roçando suas costas. Lyra se virou, lançando o olhar de volta para a ilha.

Nada. Ela estava sozinha.

Soltando o ar, Lyra virou-se para encarar o oceano. Tentou distinguir o continente ao longe e não conseguiu. O mundo real estava lá fora em

algum lugar, mas Lyra não podia vê-lo. Não conseguia ver nada além de água, sombras e uma leve névoa que pairava sobre o oceano.

E, ainda assim…

Ainda assim. Enquanto Lyra permanecia ali, encarando o Pacífico, tinha a estranha sensação de que estava sendo observada.

Capítulo 3



GRAYSON

Grayson olhou para o *smartwatch* em seu pulso. Considerando que cada um dos jogadores que ainda restavam no Grande Jogo havia recebido um, sem dúvidas o relógio fazia mais do que mostrar as horas. Uma análise cuidadosa, no entanto, revelou que a única coisa que Grayson podia fazer com o relógio naquele momento era alternar entre o horário e outro símbolo.

Espadas.

Na primeira fase do jogo, os jogadores haviam sido divididos em equipes: copas, ouros e paus. A mente de Grayson foi rápida em decifrar esse quarto símbolo. *Espadas — para as pessoas por trás das cortinas.* Desde o início, Grayson conseguia sentir o toque dos irmãos e de Avery em cada detalhe do Grande Jogo — inclusive no fato de terem feito dele um jogador. Grayson tinha plena intenção de *conversar* com todos os quatro a respeito disso, mas agora havia conversas mais importantes a serem feitas.

Grayson tocou o símbolo de espadas. Uma caixa de texto e um teclado surgiram, uma forma de enviar uma mensagem aos criadores do jogo. Grayson escolheu as palavras com cuidado, um anagrama simples que Avery e seus irmãos reconheceriam como um pedido Hawthorne — o que significava que, na verdade, não era um *pedido*.

UNE RAIO.

Grayson esperou por uma resposta, que acabou por chegar. *COSTA NORTE*.

Grayson sabia, por experiência própria que, quando se tratava dos irmãos, uma *reunião* podia assumir diversas formas. Algumas envolviam explosões. Outras, helicópteros. Lutas de espada, luta na lama, karaokê e trocas de socos eram possibilidades. Mas o irmão que se juntou a Grayson na costa norte da Ilha Hawthorne não era dado à maioria dessas coisas.

— Nash — disse Grayson, olhando fixamente para o oceano e cumprimentando o irmão segundos *antes* de ele entrar em seu campo de visão.

— Pensando em nadar? — O mais velho dos quatro irmãos Hawthorne indicou as ondas com a cabeça.

— Um pouco frio para isso — respondeu Grayson.

— Não que isso já tenha te impedido.

— Recomendação da minha terapeuta — disse Grayson com calma. — Ao que parece, eu nado como um exercício de perfeccionismo punitivo, com o objetivo de me exaurir a ponto de não sentir nada. Diz ela que é mais saudável deixar os pensamentos e sentimentos virem à tona.

Pensamentos como: *Alguns erros valem a pena*.

Pensamentos como: *Por que não eu? Com ela, agora… por que não eu?*

Mas Grayson não tinha convocado uma reunião para discutir seus sentimentos.

— Há uma ameaça — contou a Nash. — Ou, no mínimo, o potencial para uma. Lyra Kane recebeu seu convite para o Grande Jogo de uma terceira parte anônima. Alguém a mandou para cá.

Nash refletiu a respeito.

— E por que uma terceira parte anônima faria isso?

Exatamente.

— Pelo que parece, nossa família estava envolvida na morte do pai de Lyra. — A voz de Grayson soava mais controlada do que de fato se sentia, mesmo aos próprios ouvidos. — Suicídio. Ela tinha quatro anos. Ela estava *lá*.

Só de pensar no que a lembrança daquela noite fazia com Lyra, Grayson sentia vontade de declarar guerra em nome da criança que ela foi… e isso sem nem mencionar a mulher que ela era agora.

Durante toda sua vida, Grayson tinha beijado quatro pessoas, incluindo Lyra. E quando a beijou pela primeira vez, deixou os sentimentos virem à tona. Todos eles.

Lyra Kane beijava da mesma forma que se movia: com consciência corporal aguçada, com graça, como se beijar fosse uma questão de coordenar o corpo inteiro.

— Qual o tamanho da ameaça que ela representa? — perguntou Nash, num tom casual. Grayson não se deixou enganar. Uma ameaça a um deles era uma ameaça a todos, e Nash era um homem que protegia o que amava.

— Lyra não é a ameaça. — Não era a intenção de Grayson que aquela afirmação soasse como um aviso, mas foi o que aconteceu.

Nash inclinou a cabeça.

— Quão envolvido você está, irmãozinho?

— Só faz um dia — respondeu Grayson automaticamente.

Nash se inclinou para trás, apoiando-se nos calcanhares das botas.

— Com a Lib, eu soube quase de cara.

Libby Grambs — agora Libby Hawthorne — era a esposa de Nash. Os lábios de Grayson se curvaram ao pensar na cunhada e nos bebês que ela estava esperando.

— Como a Libby está?

— Cheia de desejos. Um pouco mal-humorada. — Nash sorriu. — Completamente radiante. — Ele virou a cabeça para olhar de forma significativa para Grayson. — Vou perguntar de novo, Gray: quão envolvido você está com essa garota que não é uma ameaça?

Grayson voltou a olhar para o horizonte. *Que venha tudo à tona.*

— Envolvido o bastante.

Nash soltou um assobio baixo.

— Jamie tinha razão. Isso vai ser divertido.

— Fico feliz de servir de entretenimento — disse Grayson num tom seco —, mas não chamei você aqui para *se divertir.* O que sabemos do apagão da noite passada?

Durante a primeira fase, a energia havia caído, tanto do gerador quanto do gerador reserva.

— Xander diz que os culpados parecem ser esquilos — respondeu Nash. — E insiste que o coletivo também é "esquilo".

— Um esquilo de esquilos? — O tom de Grayson deixava claro que seu ceticismo se estendia para além da afirmação linguística de Xander.

— A ilha está com o acesso totalmente restrito — disse Nash.

— Ou não está tão restrito quanto você pensa, ou o patrocinador da Lyra tem outro jogador participando. — Com a eficiência de sempre, Grayson contou a Nash sobre os bilhetes deixados para Lyra na floresta queimada, com os nomes do pai dela… seus *pseudônimos*. — Também seria bom que alguém ficasse de olho na Odette Morales agora que ela saiu do jogo. Ela sabe de alguma coisa.

— Que tipo de coisa?

Grayson não via motivos para mentir.

— Do tipo que envolve nossa avó não estar tão morta quanto anunciaram.

Nash reagiu àquela bomba com a calma de sempre, tirando o chapéu de caubói gasto e passando o polegar devagar pela aba. Ele tinha feito exatamente o mesmo na única vez em que Grayson tentou acertá-lo com um soco.

— Melhor você desembuchar logo, irmãozinho.

Grayson estreitou os olhos, mas no fim das contas deixou Nash exercer a autoridade de irmão mais velho.

— Há quinze anos, vários anos depois da suposta morte da nossa avó, Alice Hawthorne estava aparentemente viva e bem. Ela procurou o velho, revelou sua identidade e pediu um favor. — Grayson fez uma pausa, pensando no avô que conhecera, o Tobias Hawthorne que se sobressaía a cada desafio, cada confronto. Aquele que os treinara para fazer o mesmo. — Também há quinze anos — continuou Grayson —, uma das últimas coisas que o pai da Lyra disse a ela antes de colocar uma bala na própria cabeça foi: *Um Hawthorne fez isso*.

— Um Hawthorne. Um código inteligente. Em inglês fica *A. Hawthorne*. Alice.

— Você vai contar aos outros. — Grayson não falou como se fosse uma pergunta. — Pode haver mais de um jogo sendo jogado nesta ilha.

— Cancelamos tudo? — perguntou Nash, com a firmeza de sempre. — O Grande Jogo deste ano?

— Não. — Grayson nem hesitou. — Se não tiver nenhuma ameaça real, cancelar o jogo seria se precipitar demais, e se *tiver* uma ameaça real… precisamos aproveitar esta oportunidade para identificá-la.

O primeiro passo para neutralizar um oponente era fazê-lo mostrar suas cartas.

— Então você vai jogar — disse Nash. — A fase dois.

— Vou jogar — confirmou Grayson. *Não para vencer… mas por ela.*

Nash passou o dorso da mão pela barba por fazer e sorriu de leve.

— Para que ela quer o prêmio em dinheiro?

Os irmãos de Grayson sempre enxergavam além do que deviam.

— Ela quer salvar a casa da família. — Grayson pensou em Lyra recusando seu paletó e ameaçando dar a jaqueta dela para ele. — Não preciso nem dizer que a senhorita jamais aceitaria um centavo vindo de mim.

Lyra precisava ganhar o dinheiro. Grayson precisava fazer tudo o que pudesse para ajudá-la.

— Ela já de teu algum apelido? — Nash ergueu uma sobrancelha.

Os lábios de Grayson se contraíram.

— Tenho quase certeza de que é *babaca*.

— Já gostei dela. — Nash sorriu e pôs o chapéu de volta. — E, falando em família, tenho uma coisa para te contar, e você não vai gostar. Quando fomos escoltar os jogadores eliminados para fora da ilha, a Gigi não deu as caras. A maninha está desaparecida… e o barco do Xander também. Parece que a Gigi pegou o barco e deixou um bilhete. E um bolinho como pedido de desculpas.

Grayson franziu a testa.

— Estamos em uma ilha. Onde a Gigi arranjou esse bolinho?

— Pelo que o Xan disse, foi mais uma espécie de dívida de jogo.

Grayson massageou a testa. Aquilo era *a cara* da irmã dele, e Grayson não precisava que Nash dissesse que Gigi tinha levado a eliminação do Grande Jogo muito a sério.

— Eu devia ter ido ver como ela estava.

— A Alisa já está tentando rastrear o barco. Vamos encontrar a maninha. Enquanto isso, você tem um jogo para jogar… e outra irmã para vigiar.

Savannah. A lembrança de Nash fez Grayson pensar no cabelo da irmã, cortado de forma irregular… cabelo que parecia ter sido cortado com uma faca. E então Grayson pensou no jogador com quem Savannah parecia ter se aliado no jogo.

A pessoa que, muito provavelmente, *empunhara* a tal faca.

— A Savannah não quer que eu cuide dela — comentou Grayson com toda a calma que conseguiu reunir.

— Os que mais precisam de cuidado nunca admitem — disse Nash, dando um tapa nas costas de Grayson. — E por falar nisso, arrumamos um quarto para você lá em casa. — Ele estendeu uma chave grande, de bronze. — Vai lá e tira um cochilo, irmãozinho. A segunda fase não é para os fracos.

Capítulo 4



ROHAN

Rohan nunca dormia profundamente. Era assim desde criança. As memórias permaneciam em seu sono profundo, como sombras com vontade e fome próprias, então o sono de Rohan era sempre leve… sempre alerta, sempre ouvindo, sempre de guarda.

E, ainda assim…

Acordou na cama de Savannah Grayson e se deu conta de que estava sozinho. *Baixou a guarda, foi, garoto?*, a voz do Proprietário soou em algum canto de sua mente. A formidável srta. Grayson não estava em lugar nenhum… e a chave do quarto de Rohan também não.

Ele soube no mesmo instante o que Savannah estava fazendo. *A espada.*

A arma em questão era uma espada longa, com palavras gravadas na lâmina prateada: *De qualquer armadilha, liberte-se, para cada fechadura uma chave.* Cada equipe da primeira fase tinha recebido sua própria espada — apenas uma. Rohan tinha feito questão de manter em sua posse a espada que ele e Savannah tinham recebido. Eles podiam ser aliados, mas a aliança vinha com um cronômetro.

No fim das contas, o Grande Jogo só teria um vencedor, e para Rohan, tudo estava em jogo. Ele *iria* vencer. Savannah só não tinha percebido isso ainda. Sem dúvida, ela roubara a chave para vasculhar o quarto dele em busca da espada e reivindicá-la como sua.

Apoiando-se nos cotovelos, Rohan sorriu de forma predatória. *Boa sorte com isso, gata.* Resolveu retribuir o favor, vasculhando o quarto de Savannah enquanto ela estava fora. Com mãos habilidosas, testou cada tábua do piso, pressionou cada rodapé com dedos ágeis e fortes, tirou os

travesseiros das fronhas, os lençóis da cama. Virou o colchão, procurando por fendas. Quando isso não deu em nada, Rohan foi até a suíte do quarto.

No balcão de mármore, havia uma máscara feita de metal prata-azulado mesclado. Três diamantes em forma de lágrima pendiam do canto de cada olho. O design combinara com Savannah no baile de máscaras da noite anterior. Rohan passou a ponta do dedo indicador pelas delicadas correntes de diamantes. *Pedras preciosas, lágrimas congeladas.*

Mas Rohan sabia: Savannah Grayson não chorava.

Imaginando quanto tempo ela levaria para admitir derrota no quarto *dele*, Rohan ligou o chuveiro de Savannah. Enquanto a água esquentava, recolheu as roupas do chão do quarto e tirou do bolso um par de dados de vidro.

A indomável srta. Grayson ainda tinha muito a aprender. Se tivesse tanta experiência em jogos demorados quanto Rohan, teria roubado os dados dele e *só depois* sairia em busca da espada.

Após entrar no chuveiro, Rohan colocou seus dados vermelhos na prateleira de mármore e entregou o corpo ao jato escaldante. Rohan nunca se incomodou com o calor. O frio já era outra história, ainda mais quando se tratava de água.

O passado vai te afogar se você deixar, garoto. A voz do Proprietário ecoou pelos corredores retorcidos da mente de Rohan. *Como pedras amarradas aos tornozelos.*

Rohan se inclinou ainda mais sob o calor abrasador do chuveiro, sentindo um tipo específico de prazer. Sua mente ficava mais aguçada em momentos como esses. *Eu vou ganhar o Grande Jogo.*

O poder sempre vinha com um custo. A dor era um lembrete disso. E o calor fazia Rohan se lembrar: *eu não nasci para tremer nem para me afogar.*

Ele faria o que fosse preciso para vencer.

Passos. Rohan reconheceu o som e o tamanho da passada — Savannah, se aproximando. Logo, ela estava parada do outro lado da cortina do chuveiro.

— Eu não disse que você podia usar meu chuveiro. — A voz de Savannah Grayson era a de uma socialite, cortante como diamante, não como vidro.

— E eu não disse que você podia tentar roubar minha espada — respondeu Rohan, com preguiça na voz. Era uma pena, de verdade, que o

chuveiro dela tivesse uma cortina em vez da porta de vidro. Ele gostaria de ver a expressão no rosto deliciosamente anguloso dela no exato momento em que a desmascarou.

— A espada não é sua.

Não conseguiu encontrá-la, não é, gata? O sorriso de Rohan se alargou.

— Vamos concordar em discordar.

— Cai fora do meu chuveiro — ordenou Savannah.

Rohan, magnífico canalha que era, ficou mais do que feliz em obedecer. Desligou a água, pegou os dados vermelhos de vidro da prateleira com a mão esquerda e fechou os dedos da mão direita em volta da cortina.

— Cuidado com o que deseja, gata.

Savannah jogou uma toalha por cima do varão do banheiro. *Com força.* Rohan fez uso dela, enxugando-se e depois enrolando a toalha na cintura antes de sair de trás da cortina.

— Espero, de verdade, que você tenha deixado meu quarto do jeito que estava depois de não ter conseguido encontrar a espada.

Savannah percorreu o corpo dele com o olhar… peitoral, abdômen, até o ponto em que a toalha se prendia em sua cintura.

— Eu espero que *você* não esteja achando que a noite passada significou alguma coisa — respondeu ela.

Implacável. Rohan apreciava isso em uma mulher — em qualquer pessoa, na verdade.

— Tudo o que espero é que você cumpra sua parte do acordo nessa fase do jogo, Savvy, e nada além disso.

Conforme haviam combinado, os dois continuariam jogando o Grande Jogo como uma equipe *até* que os demais competidores fossem eliminados.

— Não precisa se preocupar. — Savannah ergueu uma sobrancelha loira para ele. — Quando prometi trabalhar ao seu lado e *depois* te destruir, eu estava falando sério. — Ela se virou para o espelho, analisando o próprio reflexo, em uma tentativa, Rohan tinha certeza, de evitar olhar *para ele*.

Ele pousou uma das mãos sobre a toalha na cintura e deu um sorrisinho para ela.

— Grayson vai ser um problema — comentou Savannah com frieza.

Quanto foco.

— Sorte a nossa, então — disse Rohan —, que sou especialista em lidar com problemas.

E sorte a nossa que o irmão Hawthorne em questão agora tem um ponto fraco.

Savannah ergueu o queixo, o cabelo recém-cortado fazendo seus olhos claros parecerem maiores, as maçãs do rosto mais pronunciadas.

— O que você sabe a respeito da garota? — perguntou ela.

Lyra Kane. Savannah havia detectado o ponto fraco de Grayson com eficiência admirável.

— O que você sabe — retrucou Rohan — sobre o nome do pai da Lyra Kane ter aparecido por toda a floresta queimada?

— O que você está insinuando? — Savannah poderia interpretar a rainha do gelo com perfeição.

— Você tem um patrocinador, gata. — Rohan não suavizou as palavras. — É bem provável que você não seja a única jogadora com um, e duvido que qualquer um deles jogue limpo. — Ele a encarou. — Diga que estou errado.

— Se eu perdesse tempo te corrigindo a cada vez que estivesse errado, não teríamos tempo para traçar estratégias. — Savannah deu de ombros com elegância mortal. — Mas faço questão de lembrar que é *você* quem está em melhor posição para saber os segredos de outros jogadores… presumindo, é claro, que o Mercê é tão poderoso quanto você diz.

Uma garota americana de dezoito anos não podia sequer começar a compreender o poder, a riqueza, o alcance do Mercê do Diabo, a organização que criara Rohan, a organização que ele estava determinado a comandar. Deram-lhe um ano para conseguir o valor de entrada, um ano para juntar dez milhões de libras e reivindicar seu lugar de direito como o próximo Proprietário.

A menos que — e até que — conseguisse, para o Mercê, Rohan não era *nada*.

— Você diz que quer vencer mais do que eu. — Savannah olhou nos olhos dele. — Nunca me disse por quê.

— Pois é, né — respondeu Rohan.

Savannah estreitou os olhos para ele.

— Você sabe por que eu estou aqui.

Rohan deu um passo à frente, seu corpo roçando no dela.

— *Nunca mais hesitarei* — citou —, *nem quedarei imóvel, até que a morte cerre meus olhos mortais ou que a fortuna me conceda justa medida de… vingança.*

Rohan avaliou a reação de Savannah a essa última palavra pelo movimento lento do peito dela, subindo e descendo.

— *Henrique VI, parte três* — esclareceu.

— Eu sei muito bem — respondeu Savannah. Ela não caiu na provocação, não disse uma palavra sobre sua motivação para participar do jogo… nem sobre seu plano de vingança. — Talvez seja melhor você ir. — Ela jogou as roupas de Rohan nele. — Ainda faltam algumas horas até a fase dois, e não tem por que você passá-las aqui.

Não tem por quê. Tem certeza, gata?

— Você mencionou estratégia. — Rohan abaixou a voz, um movimento calculado para forçá-la a se inclinar levemente na direção dele. — Uma dica, Savvy: divida e conquiste. — Agora foi a vez de Rohan se inclinar um pouco para a frente. — E aqui vai mais uma: quanto menos jogadores restam num jogo, mais importante se torna controlar o tabuleiro.

— O tabuleiro — repetiu Savannah, com intensidade na voz. — A ilha.

— A ilha. A casa. Os objetos. — Rohan sustentou o olhar de Savannah por mais um momento, depois passou por ela e entrou no quarto. — Pense rápido, gata. — Ele jogou algo por cima do ombro em direção a ela.

Ele a ouviu pegar os dados de vidro — os *brancos*, dela, tirados do bolso junto com a chave do quarto dele — enquanto ele passava.

— E é por isso — disse Rohan por cima do ombro, enquanto saía do quarto de Savannah com toda a calma — que sou eu quem está encarregado de proteger a nossa espada.

Capítulo 5



GIGI

— Ótimo. Você está acordando. Ficou desacordada por horas.

A primeira coisa de que Gigi se deu conta foi da voz… masculina, baixa, um pouco rouca.

A segunda coisa foi a sensação de uma manta de pele jogada por cima de seu corpo, macia e quente.

E a terceira foi TODO O RESTO, incluindo, e sobretudo, o fato de que havia possibilidade bastante real de que ela tivesse sido sequestrada.

Gigi piscou diversas vezes. *Nada de pânico!*, disse a si mesma com firmeza. *Tenho certeza de que foi um sequestro totalmente amigável.* O otimismo insano diante do perigo era um talento genuíno de Gigi… assim como a habilidade de notar cada mínimo detalhe de qualquer situação.

O cômodo ao seu redor era grande, circular e mal-iluminado. A luz entrava por rachaduras na parede de pedra, feixes pequenos e concentrados brilhando no ar como estrelas no céu. Em algum ponto acima — o prédio tinha pelo menos doze metros de altura —, devia haver janelas, mas Gigi não conseguia vê-las, apenas a luz tênue que deixavam entrar, projetando sombras sobre uma escadaria de pedra em espiral.

Nada com que se preocupar aqui, Gigi garantiu a si mesma. Pelo que podia ver, não havia nada mais na sala além dela mesma, da manta criminosamente macia sob seu corpo, da escadaria, de uma porta…

E da pessoa bloqueando a porta.

— Eu não vou te machucar. — A afirmação soou menos reconfortante e mais como um fato.

— Essa fala é minha — respondeu Gigi, tentando ganhar tempo para analisar seu captor.

O cabelo loiro caía sobre o rosto dele, escondendo parcialmente os olhos de um castanho tão escuro que pareciam pretos. Ela sabia, pelo último encontro dos dois, que ele tinha uma cicatriz em uma das sobrancelhas, mas não conseguia vê-la agora… não com o cabelo caído, nem daquela distância, nem com aquela luz. Em vez disso, o olhar de Gigi foi atraído pelas tatuagens no braço dele, linhas grossas, pretas e um tanto irregulares que pareciam nada além do que marcas de garras.

— *Eu não vou te machucar* é a sua fala? — Ele pode ou não ter achado graça. Sua expressão inabalável e a voz neutra tornavam difícil saber. — Fico feliz em saber que meu corpo não corre risco.

Ah, corre sim, com certeza. Gigi até pensou em se jogar de surpresa, mas tinha levado uma pancada na cabeça no Grande Jogo, e ela estava latejando, só um pouquinho. Algo assim podia atrapalhar seriamente os cálculos para um bom ataque.

— Na verdade — informou Gigi, ajeitando-se para se sentar de pernas cruzadas —, a minha fala é *você não vai me machucar…* dita com um sorriso.

— Você só fala sorrindo.

— Nem sempre. Observe. — Gigi apontou um dedo incisivo e acusador para o captor. — Você me nocauteou! E me sequestrou! Seu troglodita bombado e mal-encarado!

Ela não queria ter comentado sobre os músculos dele.

Não dá para dizer que não fui avisada, pensou, suspirando por dentro. Um ano e meio antes, o irmão a alertara de que aquele estranho misterioso, Codinome: Mimosas, era uma bela encrenca. Grayson dissera para ela sair correndo na direção oposta se chegasse a vê-lo. E o que Gigi fez quando percebeu que Mimosas estava na Ilha Hawthorne, interferindo no Grande Jogo?

Foi atrás dele.

— *Sequestrar* é uma palavra um tanto pesada, raio de sol. Estou só tentando conter os danos. Assim que o jogo acabar, vou deixar você ir.

— O que você está tramando, Mimosas? — Gigi estreitou os olhos. — O que a *Eve* está tramando?

Gigi não sabia muito sobre a chefe dele, mas sabia que Grayson considerava Eve perigosa. Sabia que Eve tinha recursos — e uma conexão pessoal com a família Hawthorne.

— *Mimosas?* — perguntou o captor.

Gigi não se deu ao trabalho de responder àquela pergunta. Em vez disso, começou a traçar um plano. O sr. Bela Encrenca tinha cometido um erro grave ao levá-la. Além de ser otimista em nível olímpico, Gigi também dominava a arte do interrogatório.

Primeiro descobrir o plano maligno, depois dar o bote, pensou.

— O que a Eve quer comigo? — Gigi deu seu sorriso mais encantador. — E numa escala de um a dez, quão vis são as intenções dela e/ou as suas em relação ao jogo?

Nenhuma resposta.

— Tudo bem — disse Gigi, tão amável quanto possível. — Numa escala de um a *doze e meio*, quão…

— Eve não sabe que eu te trouxe. — Olhos escuros, escuros demais, a encararam por trás do cabelo loiro que caía no rosto dele. — Eu não fiz isso por ela.

Gigi se lembrou, de repente, do momento em que ele a derrubara, da voz dele em seu ouvido. *Calma aí, raio de sol.* Gigi engoliu em seco.

— Você me trouxe para me proteger *da* Eve?

Talvez fosse otimismo demais. Talvez não.

Mimosas ficou em silêncio por um longo tempo. Por fim, agachou-se, os olhos ficando na altura dos dela, os antebraços apoiados levemente nas coxas.

— O que te faz ter tanta certeza de que a Eve é a única ameaça da qual eu estaria te protegendo?

Capítulo 6



LYRA

O sonho começou, como sempre, com a flor. O *lírio-do-nilo*. Depois vinha o colar de doces. *Com apenas três pedaços de doce*. Em algum lugar na consciência de Lyra, Odette Morales dizia: *sempre há três*. Mas no sonho, Lyra era pequena. No sonho, não havia Odette. Havia apenas uma sombra e uma arma e a voz de um homem dizendo: *Um Hawthorne fez isso*.

Só que, dessa vez, Lyra viu o rosto do homem. Viu os olhos dele, os olhos do *pai* dela, cor de âmbar como os seus.

E depois tudo ficou escuro.

E depois seus pés estavam pegajosos de sangue.

E depois ela estava correndo descalça pelo asfalto, noite adentro.

Os olhos de Lyra se abriram de repente. Ela se forçou a soltar o ar preso no peito, forçou os músculos do corpo a relaxarem, um por um. Buscou a mesma sensação que tivera ao correr pela ilha, aquela clareza, e rolou para fora da cama, alongando-se, erguendo um joelho até o peito. Depois de alguns segundos, girou o quadril e estendeu a perna para trás e para cima, e mais e mais para cima, até sentir uma dor familiar e leve no quadril e nas costas. Trocou de perna, só parando quando o relógio em seu pulso esquerdo começou a vibrar.

Uma mensagem apareceu na tela: *VISTA SUA ARMADURA*.

Na noite anterior, foram vestidos de gala e máscaras. Hoje, era *armadura*. Lyra não pôde deixar de se perguntar o que isso dizia sobre a fase dois. Ela tocou um círculo vermelho que havia aparecido abaixo das palavras e, em resposta, a parede dos fundos do quarto começou a se abrir.

Em segundos, Lyra estava encarando um armário escondido… que agora não era mais *escondido*.

Uma única arara sustentava dois trajes idênticos, exceto pela cor. Um era branco e o outro era preto. À primeira vista, Lyra achou que eram macacões, mas uma inspeção mais cuidadosa revelou três peças separadas em cada conjunto: regata, jaqueta e calça. O tecido parecia couro, mas, ao toque, essa possibilidade foi descartada. Seja lá o que fosse, o tecido respirava. *Esticava*.

Lyra sabia, instintivamente, que uma pessoa podia dançar com aquela roupa — ou correr, ou escalar, ou *lutar*.

Ela vestiu sua armadura — preta. As roupas não se pareciam com nada que já tivesse vestido antes, o tecido se moldava ao seu corpo. Havia bolsos na parte externa da jaqueta e mais na calça. Lyra fez bom uso deles. *Chave do quarto. Dados de vidro.* Grayson estava com a espada deles, mas Lyra mantivera consigo os binóculos de ópera que Odette lhe dera como presente de despedida. Pegando-os pela haste incrustada de diamantes, Lyra os prendeu no passador do cinto, fixando-os sobre o osso do quadril. Depois, pegou o broche em forma de chave que ganhara na fase um do jogo e o prendeu na manga esquerda, logo acima do ponto onde o pulso encontrava a palma da mão. Após terminar, ela virou a mão novamente e olhou para o relógio. A mensagem sobre vestir a armadura tinha sido substituída por um cronômetro — *2:17:08*.

Lyra observou enquanto o tempo diminuía, segundo por segundo. Antes da primeira fase do jogo, havia acontecido um baile de máscaras — e um desafio. Com mais de duas horas até o início da fase dois, Lyra supôs que aquela noite seguiria um padrão semelhante.

Qual é o desafio?

Levantando o dedo indicador até a tela do relógio, Lyra tentou rolar a interface, mas logo percebeu que havia apenas duas telas, o cronômetro em uma e um símbolo isolado na outra. *Espadas*. Lyra tocou o símbolo e surgiu um teclado.

— Parece um teste — murmurou. Lyra pensou na única instrução que recebera: *VISTA SUA ARMADURA*. E então pensou em Grayson Hawthorne, dizendo que ela não era a arma de ninguém.

Que ela era letal, no melhor sentido possível.

Antes de mais nada, Lyra era uma competidora. Ela escolheu sua resposta aos criadores do jogo. *PRONTA PARA A BATALHA*.

Lyra apertou no ícone de enviar. Em menos de um minuto, recebeu uma resposta — um mapa.

Capítulo 7



LYRA

O mapa levou Lyra pela costa norte contornando a margem oeste. Se a maré estivesse um pouco mais alta, ela teria que andar pelo mar para passar espremida pela base de mais um penhasco e chegar até uma faixa estreita de praia arenosa. Formações rochosas na água quebravam ondas enormes que vinham se chocando vindas do oeste — do mar aberto até onde os olhos alcançavam.

Só havia uma pessoa naquela praia escondida. *Avery Grambs*. A herdeira dos Hawthorne estava com os braços soltos ao lado do corpo, olhando para o horizonte do Pacífico e o sol poente. Ela não se parecia em nada com a garota estampada em tantas capas de revista — a bilionária, a filantropa, a investidora-anjo, a beldade. Essa Avery vestia um jeans desbotado e rasgado nos joelhos e um moletom masculino que quase cobria tudo isso. O cabelo estava preso em uma trança folgada e bagunçada, que combinava com a completa ausência de maquiagem em seu rosto.

Enquanto Lyra caminhava para ficar ao lado de Avery, não pôde deixar de pensar que aquela versão da herdeira Hawthorne parecia real, da mesma maneira que partes da ilha também pareciam.

— Acredito que eu seja a primeira a chegar — disse Lyra em saudação.

— Você foi a primeira a responder à nossa mensagem. — Avery sorriu levemente, o olhar jamais desviando da vista do Pacífico. — É lindo, não é?

— O mar ou o pôr do sol? — respondeu Lyra, e então seu olhar voltou às enormes formações rochosas, que lembravam muito um círculo de pedras erguidas, como um Stonehenge sobre as águas. — Ou as pedras?

— Tudo isso. Olhe bem ali. — Avery apontou, e Lyra olhou para onde o dedo da herdeira apontava, até duas das pedras que despontavam das ondas, separadas por um espaço de cerca de trinta centímetros. — Está vendo aquela abertura? — perguntou Avery. — É chamada de Brecha do Pôr do Sol. Nessa época do ano, o sol se põe exatamente ali. E quando ele começa a se pôr, no instante em que toca a água, o que vai acontecer a qualquer momento, se você estiver olhando bem entre aquelas pedras, é como se não existisse nada igual no mundo.

Uma parte de Lyra queria apenas esperar por aquele momento mágico, mas uma parte ainda maior estava inquieta — pela fase dois e pelos desafios que a esperavam, pelo misterioso benfeitor que a levara até ali.

Por *Alice* e por *ômega*.

Algumas pessoas simplesmente não eram feitas para ficar esperando algo maravilhoso acontecer. Lyra desviou o olhar da Brecha do Pôr do Sol, concentrando-se nos arredores. Em uma área rebaixada sob o penhasco, havia uma pilha de galhos organizados de forma cuidadosa.

— Vai ter uma fogueira? — perguntou Lyra.

Uma fogueira. Na Ilha Hawthorne. Uma escolha em tanto.

Avery olhou de soslaio para Lyra.

— Alguém já te disse que você tem uma voz muito expressiva?

Lyra não se permitiu sentir constrangimento.

— Dado o histórico — disse ela —, por que fazer um jogo aqui?

A herdeira não pareceu ofendida com a pergunta. Pelo contrário, a expressão de Avery pareceu suavizar.

— Minha tia morreu nesta ilha. No incêndio.

Lyra não sabia disso.

— Nunca a conheci, obviamente — continuou Avery —, mas minha mãe sofreu muito pelo que aconteceu aqui. Muito mesmo. — Avery envolveu a cintura com os braços. — E o mais incrível é que eu nunca percebi que ela estava sofrendo, porque minha mãe tinha essa capacidade incrível e absurda de encontrar alegria nas circunstâncias mais improváveis. Qualquer coisa podia virar um jogo. Sempre havia motivo para rir. E quando ela amava alguém, era com tudo. Sem reservas. Sem arrependimentos.

E agora ela se foi. Os músculos da garganta de Lyra se contraíram. O luto reconhecia o luto, sempre e em lugares mais profundos do que Lyra

jamais imaginara, naquela época em que ainda era normal.

— Alegria nas circunstâncias improváveis — repetiu Lyra baixinho. — E qualquer coisa pode virar um jogo.

Lyra tinha lido muito sobre a família Hawthorne e a herdeira dos Hawthorne ao longo dos anos, mas nada explicava nem metade do enigma que era Avery Kylie Grambs quanto o que a herdeira acabara de contar.

Ao seu lado, Avery voltou o olhar novamente para a Brecha do Pôr do Sol. Lyra nem tentou resistir e fez o mesmo. O sol quase tocava a água, e já era de tirar o fôlego.

— Você pensou no que eu te falei antes? — perguntou Avery. — Sobre o jogo?

Lyra não ousava sequer piscar, com medo de perder o instante em que o sol poente preencheria completamente a brecha.

— Às vezes — disse ela, repetindo exatamente o que Avery lhe dissera na noite anterior —, nos jogos que importam mais, o único modo de jogar de verdade é *vivendo*.

O sol desceu mais um pouco e, de repente, milhares de tons de laranja, amarelo e rosa invadiram o céu, refletindo na superfície do mar, preenchendo por completo a Brecha do Pôr do Sol. *Nada igual no mundo*.

Um minuto inteiro se passou antes que Avery voltasse a falar.

— Me faça um favor, não o machuque.

Grayson. Antes que Lyra pudesse responder, antes mesmo que pudesse dizer algo como *eu não conseguiria nem se tentasse*, Avery olhou para trás, por cima do ombro — e para cima.

— Estão chegando — avisou a herdeira.

Lyra se virou e viu três figuras descendo pelo penhasco sem qualquer equipamento de proteção. Como Avery, o trio de Hawthornes vestia jeans e moletom, mas nunca, na história da humanidade, jeans e moletom tinham ficado *tão bem* em alguém.

— Eu até poderia dizer que você se acostuma — disse Avery ao lado dela —, mas não é verdade. — A herdeira encarou Lyra uma última vez. — Boa sorte, Lyra.

Com isso, Avery caminhou decidida até a base do penhasco. Jameson Hawthorne saltou uns bons dois metros e meio, aterrissando ao lado dela. Nash e Xander fizeram o mesmo, e Lyra não pôde evitar pensar que aqueles quatro tinham algo de especial.

Todos eles.

O mesmo impulso que antes fizera Lyra desviar o olhar da Brecha do Pôr do Sol a fazia desviar mais uma vez. Ela olhou por cima do ombro, na direção por onde viera, e de repente, como se o tivesse invocado através de um sonho, Grayson estava ali. Ele entrou na praia escondida vestido de preto, sua *armadura* combinando perfeitamente com a dela. O traje dele parecia se moldar melhor ao corpo do que qualquer terno, destacando a largura dos ombros, a cintura estreita e até mesmo os músculos das coxas.

Lyra percebeu o exato momento em que Grayson notou a roupa *dela*. Ele cruzou a praia em seis passos largos.

— Você dormiu. — Ao estilo típico de Grayson Hawthorne, aquilo não era uma pergunta.

— Eu sonhei — respondeu Lyra.

A expressão de Grayson deixava claro que ele entendera o que ela queria dizer.

— Vamos encontrar respostas — prometeu ele. — Depois do jogo.

Lyra não podia se permitir acreditar em um *depois*.

— Aquele beijo. — A palavra *beijo* parecia querer se alojar na garganta dela. — Não pode acontecer de novo.

— E eu pensando que você era realista. — Grayson ficou olhando para ela. — Mas se está preocupada com a nossa capacidade de manter o foco, pela lógica, só precisamos esperar até que o jogo termine… até *você* vencer.

Ele falava como se os dois voltarem a se beijar fosse uma certeza absoluta, tão inevitável quanto a vitória dela no jogo, e Lyra sequer conseguiu se incomodar com a arrogância dele, pois era impossível afastar a sensação perturbadora de que Grayson Hawthorne simplesmente lidava com fatos.

Que algumas coisas eram, de fato, inevitáveis. Que algumas pessoas também eram.

— Não é justo, na verdade. — Lyra retribuiu o olhar dele com a mesma intensidade. — Você é um Hawthorne. Está em vantagem aqui. — Ela estava falando do Grande Jogo… e, ao mesmo tempo, não estava.

— Eu e meus irmãos não fomos criados para jogar limpo — admitiu Grayson. — E, mudando completamente de assunto, parece que os nossos concorrentes chegaram.

Lyra não viu sinal disso até alguns segundos depois, quando os outros três jogadores começaram a entrar na praia escondida, um a um. Savannah era a única dos três vestida de branco. Brady segurava sua própria espada com a mão direita. E Rohan… Rohan movia-se sobre a areia como se a gravidade fosse apenas um inconveniente para meros mortais.

— Agora que a turma toda chegou… — Xander Hawthorne se interpôs alegremente entre Lyra e Grayson. — Posso pegá-la emprestada, Lyra?

Lyra teve o bom senso de se preocupar.

— Emprestada pra quê?

O irmão mais novo — e mais alto — de Grayson abriu um sorriso largo.

— *Gallus Gallus Domesticus en Garde*.

Lyra lançou um olhar interrogativo para Grayson.

— Eu quero mesmo saber o que é isso?

— GGDEG — esclareceu Xander, prestativo. — É uma tradição muito respeitada na família Hawthorne e não é, de jeito nenhum, uma desculpa para conhecê-la melhor enquanto o Gray aqui estiver ocupado com outra coisa.

Grayson estreitou os olhos. Considerando que ele *não* estava ocupado no momento, Lyra não podia culpá-lo.

— *Gallus gallus domesticus* — explicou Grayson — é o nome científico do *galo*.

— Galo — repetiu Lyra lentamente. — *Galo… en garde…* — Ela se virou para Xander, incrédula. — *Briga de galo?*

— Com todo o prazer! — Xander não fez cerimônia levantando Lyra e colocando-a sobre seus ombros, e Lyra decidiu, ainda no início daquele processo, que resistir seria inútil. Quando Xander se ergueu completamente, Grayson foi lançado ao chão.

Da posição privilegiada sobre os ombros de Xander, Lyra levou um instante para entender o que tinha acabado de acontecer — ou melhor, quem tinha acontecido. *Jameson*. Ele acabara de derrubar Grayson.

E agora, pensou Lyra com ironia, *Grayson está mesmo ocupado*.

— Derrubar desse jeito é uma forma de cumprimento na sua família? — perguntou ela, olhando para baixo, na direção de Xander.

— Se é que dá pra chamar isso de derrubar — zombou Xander, soltando em seguida o que só poderia ser descrito como um potente grito de guerra. — Quem ousa desafiar a poderosa dupla XanLyra? Nash? Avery?

Você aí! — Xander apontou para Rohan. — Consegue carregar ele nos ombros?

Lyra riu pelo nariz. O *ele* da pergunta parecia ser Brady Daniels. Xander parecia ter certeza de que Savannah não participaria da briga de galo, mas ela deu um passo à frente, depois outro.

— Quer saber? — gritou Savannah, erguendo o queixo. — Eu topo se a Avery topar.

Capítulo 8



LYRA

Após uma longa briga de galo à beira-mar — durante a qual, surpreendentemente, ninguém se molhou nem se machucou —, resolveram acender a fogueira. A essa altura, Grayson e Jameson já tinham sumido de vista, e Lyra começava a suspeitar que nenhum *desafio* aconteceria naquela praia naquela noite, nenhuma pista seria dada para o jogo seguinte.

Aquilo era apenas parte da experiência, uma memória sendo criada.

Quando as primeiras chamas começaram a crescer, Savannah se posicionou ao lado de Lyra. A semelhança entre Grayson e sua meia-irmã realmente era impressionante, e enquanto a fogueira aumentava, Savannah falou com o mesmo tom equilibrado do irmão:

— Ele não vai escolher você.

— Como é? — perguntou Lyra.

— Grayson — respondeu Savannah, sua voz alta, clara e muito segura de si. — Parte de você já está caindo na armadilha dos Hawthorne, acreditando nisso tudo, pensando em como seria fazer parte disso, ser uma deles. — Savannah fez uma pausa breve, dando a Lyra uma chance mínima de negar. — Mas você precisa saber, quando chegar o momento, quando mais importar: Grayson não vai escolher você.

— Eu não estou pedindo que ele me escolha — rebateu Lyra.

— Ainda. Você *ainda* não está pedindo para ele escolher você. — Savannah observou através das chamas Avery, que ria com Xander e Nash. — Você vai se poupar de sofrimento se perceber desde já que Grayson sempre vai escolher eles. Vai escolher *ela*.

Avery. Lyra pensou na herdeira lhe dizendo para não machucar Grayson.

— Ela não é quem você pensa — advertiu Savannah, e sem esperar pela resposta, sem sequer permitir uma, virou-se e saiu andando.

Lyra ficou parada, piscando por um instante. *O que foi aquilo?*

— Eu teria cuidado com a Savannah, se fosse você.

Lyra virou-se para o dono daquela voz — Brady. Seus dreadlocks estavam presos para trás, e os óculos de aro grosso poderiam fazê-lo parecer discreto, não fosse o jeito como a armadura destacava seu porte forte e musculoso.

— É uma competição — respondeu Lyra. — Acho que isso significa que eu deveria ter cuidado com todo mundo. — Diversões à parte, *fogueiras*, *brigas de galo* e *pôr do sol à parte*, todos estavam ali para vencer. Ela foi direto ao ponto. — Eu sou a Lyra. Você é o Brady. Tecnicamente, ainda não nos conhecemos.

— *Lyra*. — Brady pronunciou seu nome errado, do mesmo jeito que o pai ausente de Lyra fizera na única vez em que se encontraram. *Lai-ra*. — É uma constelação, sabia? — Brady a analisava como se estivesse lendo algum livro esotérico. — A constelação *Lyra* contém uma das estrelas mais brilhantes visíveis para nós da Terra, hemisfério sul, céu do norte.

Hemisfério sul. Lyra não sabia quase nada sobre seu pai biológico, exceto que ele reivindicava qualquer herança que lhe conviesse, muitas delas sul-americanas.

— Meu nome é Lyra — disse secamente para Brady. *Li-ra*.

— Talvez eu saiba demais sobre constelações — admitiu Brady, inclinando a cabeça para o céu noturno, e Lyra percebeu-se fazendo o mesmo. — Sei bastante sobre muitas coisas — continuou. — Posso ser um aliado útil na fase dois.

— Cuidado com esse aí, srta. Kane. — Rohan apareceu do nada. — Ele deixou a Gigi Grayson sangrando nas pedras. Vale tudo pela vitória, não é mesmo, sr. Daniels?

— Dividir para conquistar. — Brady sustentou o olhar de Rohan. — Uma estratégia previsível. — Com um último olhar para Lyra, ele se dirigiu para o outro lado da fogueira.

Lyra antecipou-se antes que Rohan pudesse tentar entrar em sua mente:

— Nem pense.

— Nem ia tentar — disse Rohan com um sorriso encantador. — Mas talvez você devesse se perguntar: onde *está* o seu sr. Hawthorne?

Capítulo 9



GRAYSON

Siga o líder, da forma como Grayson e os irmãos jogavam quando eram crianças, costumava se seguir — sem trocadilhos — de inúmeras concussões e dois braços e meio quebrados. Mas quando Jameson lançou o desafio — na forma de um ataque surpresa, seguido do sinal de mão característico —, Grayson aceitou.

Ele seguiu Jameson até o topo do penhasco, fora da vista daqueles que estavam lá embaixo, plenamente ciente de que seu irmão estava tramando algo. Grayson conhecia Jameson — talvez melhor do que conhecia qualquer outra pessoa no mundo. Tinham nascido com trezentos e sessenta e quatro dias de diferença, um dia a menos que um ano. Durante toda a infância, foram moldados com comparação um com o outro, em competição constante.

Jameson era mestre em jogadas arriscadas, aquele que gostava de buscar emoções, assumir riscos. Quanto mais Grayson se esforçava para ser aquilo que o avô desejava que ele fosse, para ser *perfeito*, mais riscos o irmão era obrigado a correr. E quanto melhor Jameson se tornava em escolher esses riscos, mais formidável Grayson era obrigado a ser.

E, apesar de tudo, de alguma forma, a rivalidade entre os dois tinha apenas metade da força do vínculo que compartilhavam. Foi essa conexão que fez Grayson perceber, muito antes de terminarem a escalada e Jameson assumir posição bem na beira do penhasco que haviam acabado de subir, que algo estava errado.

Quando se tratava de sua família, Grayson não corria riscos.

— Fale.

— Adoro quando você me dá ordens, Gray. Faz eu me sentir tão visto e amado. Uma ordem é quase tão boa quanto um abraço apertado, é o que eu sempre digo.

A imunidade de Grayson ao sarcasmo de Jameson era absoluta.

— Jamie? Fale. — *Me conte qual o problema.*

— Vou fazer melhor que isso. *Onã Lefa.* — Jameson pronunciou a frase como o trunfo que ela era.

Havia um conjunto de regras que Grayson e os irmãos tinham estabelecido desde a infância, tradições que nenhum deles podia quebrar sem uma penalidade significativa. Onã Lefa, um anagrama de *não fale*, era uma delas. A partir do momento em que Jameson invocou a expressão, Grayson *não podia* dizer uma única palavra até que Jameson encerrasse o silêncio. Nesse ponto, caberia a Grayson decidir se a situação terminaria ou não em briga.

A questão era porque Jameson considerava o que estava prestes a dizer algo tão grave, a ponto de invocar o *Onã Lefa.*

— Lyra Kane é uma ameaça — disse Jameson —, quer você perceba ou não.

Aquela afirmação era inadmissível. Somente uma vida inteira de autocontrole impediu Grayson de deixar claro seu ponto de vista em voz alta. Em vez disso, ele deixou sua expressão falar por ele. *Tome cuidado com o que diz, irmão.*

— Eu poderia te aconselhar a se afastar dela — continuou Jameson —, mas eu tenho olhos e, por incrível que pareça, não tenho vontade de morrer nesse momento. Então, vou dizer apenas isso: certifique-se de que ela vale a pena, Gray. — Jameson encarou Grayson diretamente nos olhos. — Tenha absoluta certeza de que ela não é uma Eve.

No instante em que Jameson pronunciou o nome *Eve*, Grayson abriu o zíper da jaqueta e a tirou.

— Se você acha que estou procurando briga — disse Jameson —, está enganado.

As pessoas encontram muitas coisas que não procuram, Jamie.

Jameson reagiu como se tivesse ouvido o pensamento em voz alta.

— Não terminei, Gray. Você falou algo com Nash sobre nossa avó estar viva. Ela não está. Entendeu, Grayson? *Ela não está.*

Grayson, na verdade, não tinha entendido, mas com certeza iria entender.

— Estou falando sério, Gray. Nem sequer diga o nome.

Grayson percebeu que seu irmão também não o havia dito. Jameson não mencionara uma única vez o nome *Alice Hawthorne*.

— Não diga nem uma palavra sobre o que quer que você *ache* que sabe — continuou Jameson. — E não pergunte.

Não me pergunte por quê. A mensagem de Jameson era clara. *Não pergunte absolutamente nada sobre Alice Hawthorne*. Alguns segundos se passaram.

— Agora terminei — disse Jameson, sustentando o olhar de Grayson. — Encerro.

Pelas regras do *Onã Lefa,* Grayson agora podia falar. Também pelas regras, cabia a ele decidir se brigariam ou não.

— Você sabe de algo — afirmou Grayson, dizendo o óbvio.

— Sou uma verdadeira fonte de conhecimento, mas, quanto a isso, não sei de nada. Nem sequer estou curioso. E, como você, *não vou perguntar*. Não vou nem me atrever a futucar.

Grayson encarou o irmão. Jameson tinha nascido futucando onde não devia, procurando passagens secretas e ignorando todos os cuidados possíveis. *Algo está muito errado.*

— Quão perigoso é isso? — exigiu Grayson.

— Não sei do que você está falando — respondeu Jameson, impassível, as mãos soltas ao lado do corpo. — E já encerrei, Gray. O julgamento é seu.

A opção de *obrigar* Jameson a falar era atraente, mas Grayson também desconfiava que não passava de ilusão. Em uma briga física, Grayson levaria a melhor, mas não com vantagem suficiente nem por tempo o bastante para provar seu ponto.

— Não quero brigar com você.

— Você nunca quer — disse Jameson. — E, no entanto…

Pelas regras do Onã Lefa, Grayson precisava decidir explicitamente de uma forma ou de outra.

— Ela não é uma ameaça — disse Grayson, sem mencionar o nome de Lyra. — E ela não é Eve. — *Ela é outra coisa.* Grayson deixou o

pensamento surgir claramente, permitindo que Jameson percebesse o *peso* daquelas palavras. — Se Lyra estiver em perigo, preciso saber.

— Já encerrei. — A voz de Jameson deixou claro que ele não iria recuar. — Você conhece as regras, Grayson. Se vamos brigar, o primeiro golpe é seu.

— Não vamos brigar — respondeu Grayson, fazendo uma leve pausa entre cada palavra, reforçando a seriedade daquela afirmação. — Mas, Jamie? — Grayson deu um passo à frente, colocando-se firmemente dentro do espaço pessoal do irmão. — Você tem até o fim do Grande Jogo para resolver isso, seja lá o *isso* que for. Encontre a ameaça e controle-a, ou prepare-se para me contar tudo que sabe.

Sobre qualquer segredo que você esteja guardando. Sobre Alice.

— Ora, Grayson Hawthorne, alguém já te disse que ultimatos realçam seus olhos?

Grayson bufou.

— Você vai precisar contar ao Nash o que quer que esteja acontecendo aqui. Você sabe disso, não é? — O irmão mais velho não era temperamental, mas *tinha* um instinto protetor gigantesco.

— Deixe o Nash comigo — disse Jameson, palavras que frequentemente antecediam um desastre. — Você só precisa se preocupar em jogar. A fase dois é realmente impressionante.

Capítulo 10



ROHAN

Já era tarde da noite quando Rohan permitiu-se três segundos para apreciar Savannah no vestido branco justo. Uma corrente grossa de metal, ganha anteriormente no jogo, estava enrolada em volta do corpo dela, logo acima dos quadris. Rohan quase conseguiu se convencer de que estava interessado *na corrente…* mas, devido ao seu modo de trabalho, se iludir *quase* nunca era o suficiente.

A voz do Proprietário ecoou pelos corredores de sua mente. *O que são distrações, Rohan?*

Mesmo sob a luz das chamas, Rohan conseguia perceber cada contorno do corpo de Savannah sob a suposta armadura. *Fraqueza*, pensou Rohan, a palavra um sussurro em sua mente. Distrações eram fraquezas, e Rohan era muitas coisas — mas nunca fraco.

Em vez de se permitir prolongar o pensamento sobre sua única aliada nesse jogo, ele voltou a atenção para a competição. Lyra Kane estava sentada perto da fogueira. Brady Daniels permanecia na margem escura do oceano, segurando uma espada longa ao lado do corpo.

E então havia a questão Hawthorne.

Apenas uma vida inteira nas sombras permitia a Rohan identificar com precisão o paradeiro de Grayson. Ele acompanhou o percurso de sua presa descendo o penhasco, então procurou o irmão de Grayson, o Hawthorne que Rohan conhecia melhor.

Jameson não estava em lugar algum.

— Reparou que um dos organizadores do jogo chamou Grayson de lado? — Savannah, com aquela *armadura* branca, deslizou para perto de

Rohan. — E Grayson e Lyra foram os dois primeiros a descer esta noite. Uma pessoa cínica poderia dizer que este jogo parece manipulado.

— Todos os jogos são manipulados, gata. — Rohan continuou acompanhando o progresso de Grayson. — No fim das contas, a casa sempre ganha. Se você chegou até aqui sem perceber que nada na vida é justo, então talvez as evidências sugiram que você *seja* a casa. — A voz de Rohan soava como seda no ar da noite. — Talvez sempre tenha sido.

Savannah tinha uma herança. Tinha mãe — uma excelente mãe, segundo o reconhecimento pré-jogo feito por Rohan, sem mencionar uma irmã que era sinônimo de bondade e leveza.

A mandíbula de Savannah se contraiu.

— Você está supondo que ganhei o ingresso para esse jogo de mão beijada.

Rohan percebeu que ela não mencionou especificamente quem havia lhe dado aquele ingresso. Aliás, pelas contas dele, Savannah não dissera o nome da herdeira Hawthorne nenhuma vez desde a noite anterior e daquela intrigante confissão dela. *Avery Grambs matou meu pai.*

Rohan duvidava muito disso, mas não era do tipo que corrigia falsas crenças quando elas podiam ser úteis.

— Francamente, gata, estou menos interessado em como você recebeu seu ingresso para o Grande Jogo do que em saber quem a abordou logo em seguida. — Rohan sabia exatamente como modular a voz para garantir que não fossem ouvidos. — Aquele seu patrocinador.

— Seu *interesse* é o que menos me importa — respondeu Savannah com acidez.

À distância, Grayson alcançou a base do penhasco, e Rohan permitiu-se virar e contemplar Savannah mais uma vez, seu olhar indo lentamente para a grossa corrente de platina logo acima dos quadris dela.

— Isso vai te deixar mais lenta.

— É por isso que você não trouxe nossa espada?

A espada deles — ou, mais precisamente, *de Rohan* — estava bem escondida, e assim permaneceria até que seu uso no jogo se tornasse evidente. Estar pesado demais era um problema, um risco. *Fraqueza.*

— Há pouca utilidade — Rohan aconselhou Savannah — em uma arma que outras pessoas conseguem ver.

Com a destreza de um mágico, ele fez aparecer do nada uma fotografia, retirada discretamente pouco antes, ao passar por Brady Daniels. Bolsos com zíper ofereciam pouca proteção contra um ladrão habilidoso.

— O que é isso? — perguntou Savannah, não tanto perguntando quanto exigindo.

Na foto, uma adolescente com heterocromia — um olho azul, outro castanho — puxava a corda de um arco longo.

— O erudito tinha isso no bolso da jaqueta — explicou Rohan a Savannah, permitindo-lhe mais um instante para olhar antes de fazer a foto desaparecer com a mesma facilidade que a roubara. — *Para cada fechadura uma chave* — citou ele, os lábios curvados em um sorriso nada sutil. — Fraqueza e motivação costumam andar juntas. Aquela garota da foto é a de Brady.

Sua fraqueza. Sua motivação.

Savannah demorou um segundo para responder — só um.

— Você sabia dessa garota antes de entrar no jogo.

Rohan havia se dedicado a coletar o máximo de informações possíveis sobre todos os outros jogadores, o que tornava aquilo que ele *não* sabia ainda mais intrigante.

— Amor de infância, finais trágicos, etecétera, etecétera — disse ele a Savannah. — A garota está desaparecida, dada como morta. E já faz anos.

Rohan não contou a Savannah que o nome da garota era Calla Thorp, nem que o pai de Calla patrocinara um dos jogadores eliminados deste ano, Knox Landry. Mesmo sem esses detalhes, a adorável e impiedosa srta. Grayson focou rapidamente na questão apropriada com eficiência admirável.

— Brady tem patrocinador?

— Não que eu saiba — respondeu Rohan. Ele deixou de mencionar que essa falta de conhecimento já era significativa por si só, pois sugeria ou que Brady Daniels não representava grande ameaça… ou que seu patrocinador era alguém extremamente importante.

Rohan aprendera ao longo dos anos que a discrição não era apenas a melhor parte da bravura. A discrição, ou seja, a capacidade de não chamar atenção, era uma arma.

Capítulo 11



ROHAN

Cinco minutos para começar. Rohan observava os organizadores do jogo. Em pouco tempo, os quatro se reuniram diante da fogueira. Com as silhuetas iluminadas pelo fogo, Avery Grambs e os Hawthorne estavam lado a lado.

— Atenção, pessoal — disse Nash. O fogo crepitou enquanto os jogadores se calavam imediatamente. — Tem algumas coisas que vocês precisam saber antes que o cronômetro dos seus relógios chegue a zero — continuou Nash. Ele lançou um olhar para Avery, que assumiu a palavra.

— Se a primeira parte do jogo deste ano foi a Grande Sala de Escape — anunciou a herdeira dos Hawthorne —, vocês podem pensar na segunda parte como a Grande Corrida, de pista em pista.

— Nada de atalhos — declarou Jameson, sua mão esquerda encontrando a mão direita de Avery. — Cada enigma resolvido levará vocês a uma nova pista. Antes de pegarem qualquer uma dessas pistas, terão que assiná-las. Vocês encontrarão um registro eletrônico em cada parada. Basta aproximar o relógio do registro, e o nome de vocês aparecerá.

— Vocês precisam assinar todos os registros, cada um deles, na ordem em que surgirem no jogo — continuou Avery. — Quem assinar todos os registros primeiro, chegar ao final e resolver o último enigma, vence.

O que Rohan ouviu Avery dizer foi: *seria lamentável se alguém perdesse seu relógio.*

— Para qualquer adepto de Maquiavel entre nós… — Xander Hawthorne ergueu exageradamente uma sobrancelha. — Permitam-me

deixar claro que não será aceito nenhum roubo, sabotagem ou qualquer outra confusão não especificada envolvendo os relógios.

Adepto de Maquiavel. Rohan já havia sido chamado de coisas piores.

— Caso aconteça alguma emergência — retomou Jameson —, vocês podem usar o relógio para nos contatar. Toquem no símbolo de espadas, e poderão enviar uma mensagem diretamente a nós quatro, a qualquer momento.

— Vocês vão querer avançar o máximo possível antes da meia-noite — aconselhou Nash, e Rohan relembrou outras palavras ditas pelo caubói, com seu sotaque arrastado. *Não vai ser você.*

Nossos jogos têm coração, Nash Hawthorne havia dito a Rohan. *Não vai ser você, garoto.*

— O que acontece à meia-noite? — perguntou Savannah.

— O que *não* acontece à meia-noite? — respondeu Xander. — Mas, hipoteticamente, se vocês receberem uma mensagem nossa por volta desse horário, aconselho a seguirem o que ela disser.

Já eram quase sete. Meia-noite estava a pouco mais de cinco horas dali. *Menos de um minuto para acabar a contagem regressiva*.

— Olhem ao redor — disse Avery aos jogadores. — Apenas um de vocês pode vencer o Grande Jogo deste ano, mas, num sentido bem real, ninguém aqui está sozinho. — A herdeira ergueu seu braço no alto junto ao de Jameson, com os dedos entrelaçados, e Rohan percebeu um anel na mão direita de Avery com um símbolo que ele conhecia muito bem: um lemniscata. *Infinito.*

— Vocês encontrarão a primeira pista na sala principal — anunciou Jameson. — Em três…

— Dois… — disse Avery.

Um. Quando a contagem chegou a zero, Rohan disparou como uma bala pela noite, plenamente confiante na sua capacidade de vencer aquela corrida. Lyra Kane era corredora de longa distância, feita para resistência, não para velocidade; o porte robusto de Brady iria contribuir para sua lentidão; Grayson ficaria para trás protegendo Lyra. *E Savannah…*

Enquanto Rohan contornava a base do penhasco, Savannah arrancou rapidamente pela água. Em dois segundos, os dois estavam correndo, à toda velocidade, pela praia. Rohan sabia que, teoricamente, não importava

quem chegaria primeiro à sala principal, desde que ambos chegassem antes dos demais competidores. Ainda assim…

Ele não conseguiu evitar ultrapassá-la.

— Tenho dez centímetros a mais que você, gata. Aproveite a vista aí atrás.

Subiu o penhasco. Contornou até a frente. Entrou na casa. Rohan chegou à sala principal em menos de cinco segundos antes de Savannah. Pretendia deixá-la entrar e depois trancar os outros para fora, mas a porta da sala havia sido removida.

Ao parar na entrada, Rohan analisou a cena à sua frente.

— Dominós — disse Savannah, olhando-os. Eram milhares, todos dourados, dispostos com precisão em linhas e curvas, num desenho complicado que cobria toda a sala, exceto por um caminho estreito que ia da entrada até uma mesa redonda posicionada no centro. Todos os outros móveis tinham sido retirados.

Savannah colocou o pé no caminho no exato instante em que Brady chegou ao hall.

— Ande com cuidado, gata — avisou Rohan, observando os dominós.

Savannah não olhou para trás nem diminuiu o passo.

— Não me chame de *gata*.

Rohan também entrou no caminho, Brady seguiu Rohan, e, em menos de um minuto, os cinco jogadores estavam ao redor da mesa circular. O tampo era formado por anéis de metal, bronze na parte externa, seguido por prata e então ouro. Sobre a mesa, cinco taças de cristal com um líquido vermelho intenso.

Rohan pegou uma taça no ar, examinando o desenho. Gravado no cristal havia um *H*. Com a mente já trabalhando rapidamente, Rohan fingiu tomar um gole.

— Tem gosto de romã. Se for seguir a mitologia, talvez eu tenha que ficar preso aqui agora.

Um coquetel de romã. Uma mesa redonda. Um H no cristal. O olhar de Rohan deslizou pelas intricadas linhas curvas dos dominós espalhados no chão enquanto cada um dos outros jogadores pegava uma taça.

No instante em que a última taça foi erguida da mesa, o primeiro dominó caiu. O tilintar de uma peça dourada contra outra se tornou um estrondo quando uma fileira derrubou mais duas, que derrubaram outras

duas, até que, por toda a sala, espirais, curvas e linhas disparavam simultaneamente.

Como fogos de artifício.

Os anéis de metal do tampo começaram a se mover. Eles se dividiram ao meio, separando-se para revelar um compartimento oculto abaixo. Dentro dele havia cinco objetos dourados.

Dardos.

Savannah se aproximou para pegar um, mas Rohan a interceptou, segurando delicadamente sua mão enquanto avaliava a situação. Os cinco dardos estavam dispostos como uma flor ou estrela, com as pontas afiadas no centro e as caudas para fora. Ao redor do conjunto, palavras em inglês haviam sido entalhadas na madeira da mesa, formando uma curva em volta dos dardos.

Rohan traduziu enquanto lia em voz alta:

— *Toda história tem seu começo… pegue apenas um.*

Capítulo 12



GIGI

O interrogatório de Gigi poderia estar correndo melhor. Seu alvo permanecia calado, fazendo aquele tipo misterioso e irritante. Ela estava obtendo o mesmo sucesso que teria se estivesse tentando animadamente arrancar respostas de uma tangerina.

Uma tangerina com uma cicatriz na sobrancelha, tatuagens irregulares e peitoral de aço. Nesta última parte ela se excedeu um pouco, mas Gigi confiava muito na própria habilidade de tagarelar sobre músculos peitorais. Sobre todos os músculos, na verdade. Felizmente, também confiava no poder da persistência.

Em algum momento, o Codinome Mimosas cederia. Todos cediam, mais cedo ou mais tarde.

— Vamos jogar um jogo — disse Gigi, como se seu captor não a estivesse ignorando com bastante eficácia há horas. — Ele se chama Verdadeiro ou Falso.

Com base na completa ausência de luz vindo pelas frestas da parede de pedra, Gigi sabia que já estava escuro lá fora — e fazia tempo. A única razão pela qual ainda conseguia *ver* Mimosas era que, quando a última luz vinda de fora desaparecera, ele havia acendido uma vela, que agora repousava no chão em um castiçal de prata pesado que parecia ter saído direto do século XVIII.

— Não jogo jogos.

Ele respondeu! Agora que o alvo de Gigi havia entreaberto a janela metafórica, tudo que ela precisava fazer era entrar de fininho.

— Certo — disse Gigi, animada. — Então vamos jogar um. Esse se chama Negativo ou Afirmativo.

— É o mesmo jogo.

Gigi sorriu, confiante.

— Para ser justa, eu inverti a ordem. Mas tudo bem, se quiser que seja assim, então vamos jogar um jogo. O nome é Simsalabim ou Nananinanão.

Dessa vez, seu sequestrador se recostou na porta e não disse absolutamente nada.

Desafio aceito.

— Posso fazer isso o dia inteiro, tangerina. Vamos jogar um jogo. Ele se chama Computador. Você é o computador. O jogo é em binário. Zero é não. Um é sim.

— Pare.

Bem, aquele tom foi assustador! Mas talvez um tipo bom de assustador?

Na verdade, Mimosas provavelmente acabaria se arrependendo — se já não estivesse arrependido — de ter garantido a Gigi que não ia machucá-la, porque Gigi acreditava nisso de todo coração. Calculava que teria algumas horas, no máximo, antes que um dos Hawthorne viesse resgatá-la, e considerava seu dever solene usar bem esse tempo.

— Vamos jogar um jogo. Ele se chama Pare ou Vá. Foi você quem me deu a ideia! Eu digo algo. Se for verdade, você diz *vá*, e se não for, você diz…

— Pare.

— Muito bem! — Gigi sorriu. — Como você se chama?

— Isso não é uma pergunta de sim ou não.

Gigi deu de ombros.

— Eu sou trapaceira. Nunca deixei de roubar um banco em uma partida de Banco Imobiliário. Verdadeiro ou falso: seu nome é… Sebastian? Aaron? Damon? — Ela fez uma pausa.

— O que estou entendendo é que você *quer* que eu continue te chamando de Mimosas, com *M* maiúsculo, e/ou tangerina, com *t* minúsculo, por tempo indefinido.

— Slate.

Agora sim ela estava avançando!

— Seu nome é Slate?

— Verdadeiro. E falso. E é o máximo que vou jogar do seu jogo.

Gigi respondeu como se *ele* tivesse acabado de fazer uma pergunta.

— Falso.

Slate — como a rocha, como abdominais de ferro — não achou graça.

— Ninguém nunca te disse que é uma péssima ideia discutir com o cara que tem uma faca?

O olhar de Gigi foi até a mão de Slate. Pelo que conseguia ver à luz da vela, ele estava de fato segurando uma faca — mas ela estava 94% certa de que estava em uma bainha, e se *Slate* achava que poderia assustá-la, estava enganado. Gigi Grayson tinha a casca bem mais grossa e muito menos sensata do que isso.

— Essa é a faca que passou a maior parte da noite passada presa à minha coxa? — perguntou Gigi. — Porque, se for, essa faca e eu somos amigas. E francamente, Slate, as pessoas me dizem o tempo todo que algo é má ideia. Fica difícil acompanhar.

Agora que Gigi tinha arrancado *uma* resposta dele, a técnica correta de interrogatório era direcionar a conversa ao que realmente queria saber, neste caso: (1) o que ele e Eve estavam tramando, (2) qual era o papel do Grande Jogo em seus planos nefastos e (3) o que Slate quis dizer quando claramente insinuou que Eve não era a única ameaça por aí.

— Verdadeiro ou falso — disse Gigi. — Eve tem um jogador no jogo.

Foi um palpite, mas havia lógica nele. Disseram a Gigi que havia um grupo de pessoas ricas que haviam transformado o Grande Jogo anual em um jogo próprio. Talvez Eve fosse uma delas. Talvez estivesse nisso para provar que era mais formidável do que as pessoas imaginavam.

Por mais que Gigi odiasse admitir, ela conseguia entender isso.

— Verdadeiro ou falso: Eve tem uma necessidade psicológica profunda de conquistar a admiração, o respeito e/ou o afeto dos outros.

Nenhuma resposta de Slate.

— Verdadeiro ou falso — continuou Gigi, animada… e *impiedosa* —, o jogador da Eve no Grande Jogo ainda não foi eliminado. Se tivesse sido, você não teria se importado de eu ter encontrado o dispositivo de escuta. — Gigi não resistiu e fez um gesto de pistola com a mão. — Tirando meus irmãos, isso nos deixa com Brady, Lyra e Rohan… e essa sua cara emburrada ficou ainda mais emburrada quando falei o nome do Brady.

Sinceramente, Gigi não sabia bem o que pensar daquilo.

— Além do mais… — Sherlock Gigi estava em ação. — Meus instintos extremamente afiados dizem que os ombros do Rohan são largos demais para ele ser capanga de alguém. Quer dizer, são quase *sobrenaturais* de tão largos em comparação com a cintura dele.

— Alguém já te disse que você é péssima em julgar caráter?

— O tempo todo! — Gigi sorriu, apesar da pontada causada pelo comentário de Slate. Só de dizer o nome de Brady, já tinha se lembrado de como interpretara mal aquela situação. Gigi confiara em Brady Daniels, e não deveria ter feito isso.

— É a Lyra? — perguntou Gigi. — Porque espero, de verdade, pelo bem do Grayson, que o jogador da Eve no jogo não seja a Lyra.

Mais silêncio.

Hora de mudar de assunto para pegá-lo desprevenido de novo.

— As marcas na bainha da sua faca… o que significam? — Gigi sabia, por ter contado durante o jogo, que havia treze no total.

— Talvez sejam pessoas que eu sequestrei. Ou coisas horríveis que eu fiz.

Essa segunda opção parecia mais verdadeira — não que Gigi pudesse dizer que era boa em perceber quando alguém mentia para ela.

— Vamos jogar um jogo. Chama-se Sim, Não ou Talvez.

Slate deu um passo audível na direção dela.

— Certo, raio de sol. Vamos brincar. — O cabelo dele já não estava cobrindo o rosto, mas com tão pouca luz, Gigi ainda não conseguia ver direito a cicatriz na sua sobrancelha.

Era hora de fazer aquela pergunta valer a pena.

— Tem mais alguém na Ilha Hawthorne?

— Defina *mais alguém*.

— Não os jogadores. Não quem criou o jogo. Nem você. Nem a Eve.

— Talvez. — Slate agora encarava diretamente Gigi.

— Ontem à noite — disse ela —, quando acabou a energia… Foi você e/ou a Eve?

Slate baixou o olhar para a faca em sua mão.

— Não.

Finalmente, ela conseguira arrancar dele uma informação de verdade, uma peça do quebra-cabeça. Quando Slate sugerira que existia outra

ameaça, ele estava falando sobre algo ou alguém ali mesmo, na Ilha Hawthorne, interferindo no jogo. *Talvez outro patrocinador?*

O sexto sentido de Gigi para garotos misteriosos avisava que, por ora, aquilo era o máximo que ela conseguiria extrair de Slate.

Sem querer, o olhar dela voltou para a faca na mão do homem — *claramente guardada na bainha* — e ela não resistiu em perguntar:

— Quantas coisas horríveis você já fez?

— Contando esta aqui? — Slate puxou lentamente a faca da bainha. — Contando você? — Com a lâmina, fez mais um corte no couro. — Catorze.

Capítulo 13



LYRA

Lyra agarrou um dardo dourado. *Cinco dardos. Cinco pessoas.* Por um longo momento, todos ficaram ali, parados, cada um com um dardo firme na mão, analisando o dos outros.

O jogo tinha começado.

Lyra olhou para as palavras gravadas na mesa. *TODA HISTÓRIA TEM SEU COMEÇO…* Os criadores do jogo já tinham dito essa frase. Ela estava até gravada nas chaves dos quartos dos jogadores. *Isso tinha que ter algum significado.*

Do outro lado da mesa, Brady levantou o dardo até a altura dos olhos. À direita de Lyra, Savannah começou a desmontar o dela. Rohan tomou um gole da taça de champanhe, depois apontou o dardo para Grayson.

— Você tem cara de quem sabe alguma coisa — declarou Rohan.

— Eu não sei de nada. — Grayson girava o próprio dardo entre os dedos, examinando cada milímetro dourado. — Ainda.

Lyra manteve os olhos nos concorrentes enquanto os dedos começavam a explorar o próprio dardo. Linhas gravadas circulavam a haste, cada uma formando um anel completo. Em intervalos, outras marcas o atravessavam, linhas diagonais espalhadas por todos os lados.

De repente, Brady fechou a mão em torno do dardo e saiu da sala.

— E então sobraram quatro — disse Rohan, erguendo a taça de champanhe até os lábios com um ar teatral, aparentemente despreocupado com o próprio dardo… ou com o de qualquer outra pessoa.

Talvez a pista não estivesse nos dardos. Lyra assimilou a ideia. A *primeira pista* prometida no grande salão podia estar nas taças de champanhe, nos

dominós ou nas palavras rabiscadas na mesa.

Rohan abaixou a taça e voltou toda a atenção, de forma evidente, para Savannah. Ele a encarou como se o olhar pudesse fazer mais do que matar… como se pudesse *tocar*.

— Rohan — disse Grayson, estreitando levemente os olhos —, gostaria de trocar umas palavrinhas com você.

Rohan encarou Grayson e respondeu com um sorriso destemido, quase desafiador, depois pousou a taça na mesa e ergueu a mão direita até o rosto de Savannah.

Pelo que Lyra sabia sobre Savannah Grayson, aquilo parecia uma ótima forma de perder a mão, mas ela permitiu.

Rohan deslizou os dedos devagar ao longo da mandíbula de Savannah e pelo pescoço.

— *Ambrosíaca* — falou Rohan. — *Sibarística. Voluptosa*. Três palavras para você, sr. Hawthorne.

Percebendo o perigo, Lyra sentiu-se compelida a retribuir o favor da noite anterior. Levantou a mão e a pousou na nuca *dele*, um incentivo silencioso para que ele se contivesse.

— Eu também conheço algumas palavras — disse Grayson para Rohan, em um tom contemplativo… e frio. — Vou deixar você imaginar quais estou pensando agora.

— Ah, minha imaginação não tem igual. — Rohan girou o dardo dourado entre os dedos marrons, pegou de volta a taça de champanhe com a mesma mão que segurava o dardo e ergueu-a na direção de Grayson num brinde silencioso. — Assim como sua irmã.

Os músculos do pescoço de Grayson se contraíram sob o toque de Lyra, mas o autocontrole permaneceu intacto.

Abusando da sorte, Rohan piscou para Grayson e saiu da sala com passos lentos, lançando um olhar para os dominós caídos pelo caminho. Savannah foi atrás, mas Grayson se enfiou no caminho da irmã.

— Savannah? Tome cuidado.

— Eu poderia dizer o mesmo — retrucou Savannah —, mas você é homem, e pelo que entendi, homens nunca precisam tomar cuidado. A anatomia é fascinante, não é?

Lyra riu pelo nariz. Em outras circunstâncias, talvez até gostasse da irmã de Grayson.

De cabeça erguida, Savannah contornou Grayson e saiu do grande salão sem sequer diminuir o passo.

Grayson se voltou para Lyra.

— Garanto que teria dado o mesmo aviso a qualquer um dos meus *irmãos* mais novos.

— Você sempre foi assim tão protetor? — perguntou Lyra.

— Sempre fui tão protetor quanto preciso ser.

Lyra pensou em Grayson se colocando entre ela e o penhasco — e então forçou os pensamentos a tomarem outro rumo.

— A pista talvez não seja o dardo.

Grayson olhou para os dominós dourados espalhados pelo chão do grande salão e foi se ajoelhar diante de uma parte específica.

— Este aqui é uma sequência de Fibonacci. Coisa do Xander, sem dúvida. — Grayson estudou a espiral por um instante, depois ergueu o dardo. — Mas *isso* aqui tem a cara do Jameson.

Jameson era o irmão com quem Grayson tinha sumido na fogueira.

— Como assim? — perguntou Lyra, aproximando-se de Grayson e do padrão espiralado de dominós no chão.

— Jameson é… competitivo. Imprudente com frequência e intensidade. Corajoso até demais. Nossa mãe sempre dizia que ele era *faminto*. — Havia uma nuance na voz de Grayson que Lyra não conseguiu decifrar. — A especialidade do Jamie sempre foi querer as coisas com uma intensidade de colocar o sol no chinelo… toda vitória, toda resposta, toda adrenalina.

E você nunca se permite querer nada. Lyra se agachou ao lado de Grayson, pegou um dominó dourado e o virou na mão, para revelar seu padrão: de um lado da linha central, cinco pontinhos. Do outro, três. Lyra virou outro dominó e encontrou a mesma combinação. *Cinco e três.*

Lyra levou a mão ao bolso do casaco e pegou seus dados de vidro. Jogou os dois e então deu um olhar sugestivo para Grayson.

— Cinco e três.

Grayson tirou do bolso o próprio par de dados, vermelhos em contraste com os brancos dela, e lançou os dois.

— Seis e dois.

Ele virou um dominó e revelou exatamente essa combinação de números.

Cinco e três. Seis e dois.

— O que isso quer dizer? — perguntou Lyra, pensando alto. — O fato de os números se repetirem.

Grayson se levantou.

— Nos jogos do meu avô, a gente chamava isso de *ecos*… detalhes ou padrões que se repetiam de um jogo para outro, ou dentro do mesmo jogo. Alguns ecos não queriam dizer nada. Outros eram a chave de tudo, o detalhe mais importante de toda uma sequência de enigmas. Você nunca sabe com que tipo de eco está lidando… até saber. — Grayson lançou um olhar na direção da porta do grande salão. — Vamos para um lugar com um pouco mais de privacidade?

Para resolver o enigma, Lyra disse a si mesma. *Só para isso.* Ela recolheu os dados, segurando na outra mão a taça de champanhe da qual ainda não tinha tomado um gole.

— Para onde?

— Meu quarto. — Grayson guardou os próprios dados no bolso, pegou a taça na mesa e foi até a beirada do grande salão. Contornou a parede até o lugar onde, no dia anterior, tinham descoberto uma porta secreta. Do mesmo bolso onde tinham sumido os dados, Grayson tirou uma chave de bronze idêntica à de Lyra. Pressionou a chave contra a parede e a porta escondida se abriu, revelando a escadaria escura logo atrás.

— Eles não podiam ter te colocado no quarto de algum jogador eliminado? — perguntou Lyra, num tom irônico.

— Lógica Hawthorne — respondeu Grayson. — Encontrar o quarto fazia parte da diversão. — Ele assentiu em direção à escada, fez uma reverência de leve e encontrou o olhar dela. — Primeiro as damas.

Capítulo 14



GRAYSON

Enquanto Grayson descia a escada escura, atento ao som dos passos de Lyra à sua frente, o aviso de Jameson ecoava em sua mente. *Lyra Kane é uma ameaça, quer você perceba ou não*. Grayson tomou a dianteira ao chegar ao fim da escada, tentando focar o presente: a câmara metálica, o teatro, porta após porta, a sensação de Lyra caminhando logo atrás.

Certifique-se de que ela vale a pena, Gray. Tenha absoluta certeza de que ela não é uma Eve.

Grayson parou no limiar do salão de mosaicos. No centro, agora havia apenas um móvel: uma cama king-size. *Estrutura preta. Almofadas pretas. Lençóis pretos*. A máscara e o smoking que Grayson usara no baile de máscaras estavam estendidos sobre os lençóis.

— *Este* é o seu quarto? — perguntou Lyra.

— Durante o Grande Jogo, sim. — Grayson atravessou o salão escuro e cintilante e ajoelhou-se ao pé da cama de ônix. Primeiro colocou no chão sua chave, depois a taça de champanhe e o dardo dourado, então puxou uma espada longa de debaixo da cama e a posicionou ao lado dos outros objetos.

— No começo de um jogo — disse a Lyra —, ajuda colocar todas as peças do quebra-cabeça na mesa. — Grayson tirou os dados de vidro que encontrara no bolso do casaco ao se vestir para a fase dois. Juntou-os aos outros objetos e estudou toda a coleção. — Sua vez — disse ele.

Com uma graça natural, ela se abaixou no chão, colocando os próprios objetos lado a lado, depois virou o punho. O olhar de Grayson pousou no broche preso à manga dela.

Ele a impediu de tirá-lo.

— O broche não faz parte do jogo. Demos um igual aos dez melhores jogadores no ano passado.

Uma vez jogador, sempre jogador, dissera Avery na época. Desde que concebera o Grande Jogo, Avery queria que os jogadores sentissem que faziam parte de algo, que jogar o jogo significava alguma coisa — mesmo sem vencer.

Grayson e os irmãos tinham dado um broche para Avery uma vez também.

— Vou confiar em você — disse Lyra, pegando a chave do quarto de Grayson e a dela, comparando as duas, girando-as entre os dedos. Grayson viu o que ela viu: as mesmas palavras gravadas, frente e verso, em ambas as chaves.

EVERY STORY HAS ITS BEGINNING... TAKE ONLY YOUR OWN KEY.

Toda história tem seu começo… pegue apenas a sua chave.

— Um eco — disse Grayson. — A frase repete parte da que está na mesa lá em cima.

Lyra inclinou a cabeça levemente para o lado e então pegou o binóculo de ópera pendurado sobre o quadril. Posicionando-o no rosto, examinou as palavras nas chaves de novo.

— Alguma coisa? — perguntou Grayson.

— Nada. — Lyra abaixou o binóculo e o prendeu de novo no passador do cinto, e os pensamentos de Grayson foram direto para a dona original.

Odette Morales. A velha sabia de algo — mais do que contara —, e Grayson passara boa parte da infância aprendendo como e onde aplicar pressão para obter resultados. Mas por ora…

— Seu instinto foi bom — comentou Grayson, com um gesto na direção do binóculo. — Ele ainda vai nos dar vantagem em algum momento.

— Tudo isso. — Os olhos cor de âmbar de Lyra brilhavam com algo parecido com expectativa… ou determinação, ou ambos. — *De pista em pista*.

— Um verdadeiro jogo Hawthorne — respondeu Grayson. — Quase toda sequência de enigmas que meu avô criou começava com uma coleção

de objetos assim. — Grayson fez uma pausa, o olhar repousando sobre cada item. — Chaves eram as preferidas do velho.

Chaves… e facas. Anéis. Vidro. Pela primeira vez em anos, Grayson pensou em um objeto específico de um jogo específico: uma bailarina de vidro.

— Sua avó também jogava esse tipo de jogo? — perguntou Lyra.

Alice.

— Não saberia dizer — respondeu Grayson. Era verdade, mas também uma forma de desviar do assunto por precaução. Jameson fora claro: qualquer menção a Alice era um risco.

— Meus sonhos estão começando a se parecer com um dos jogos do seu avô — reclamou Lyra ao lado dele. — Como se meu pai tivesse deixado um monte de objetos e enigmas espalhados pra mim antes de morrer. Ômega. *Um Hawthorne fez isso*. Um lírio-do-nilo. Um colar com três doces. — Os olhos de Lyra encontraram os dele como chamas cortando a escuridão. — *Três*, Grayson.

Sempre há três. Grayson deixou o pensamento vir.

— Em um jogo Hawthorne, como se sabe o que alguma dessas coisas significa? — pressionou Lyra.

Grayson sentiu o impulso de mergulhar naquele mistério com ela, mas havia dado sua palavra a Jameson até o fim do jogo, e sua palavra era lei.

— A única maneira de saber de verdade o que qualquer elemento de um jogo Hawthorne significa — disse Grayson, pegando a taça e desviando a atenção de Lyra — é jogando. — Ele levou a taça de cristal aos lábios, provando o líquido. — Romã… e um toque de licor de flor de sabugueiro.

Lyra o imitou, tomando um gole da própria taça.

Grayson fez o possível para não encarar por tempo demais a curva dos lábios dela.

— A bebida. A taça. O dardo. — Ele fez uma pausa, mínima, sustentando o olhar dela. — Os números dos dominós e dos dados. A espada. A chave.

Grayson viu o exato momento em que ela cedeu… ali, naquele instante, concentrada no jogo, *em segurança*. E mesmo assim, sabia que aquela vitória era temporária.

Lyra Catalina Kane não era do tipo que recua — de nada — por muito tempo.

Capítulo 15



ROHAN

Rohan examinava o cômodo ao redor. A biblioteca do quinto andar era circular, com prateleiras curvas repletas de livros, ao menos mil deles. Ele passou a mão pelas lombadas, uma por uma, memorizando os títulos e esperando que Savannah dissesse o que ele já sabia que viria.

— Se você me usar de novo para provocar meu irmão, vai acabar estirado no chão e vendo estrelas. — Essa mulher não decepcionava. Rohan admirava o autocontrole dela, considerando que esperara até estarem de fato sozinhos para pronunciar aquelas palavras, com aquela voz que poderia cortar cristal.

— Isso é uma promessa? — retrucou Rohan, com uma entonação maliciosa o suficiente para deixar claro que a ideia de estar *deitado no chão* não lhe parecia de todo ruim. Afinal, havia mais de uma maneira de ver estrelas.

Ele começou a circular o cômodo, e Savannah o interceptou.

— O que estamos fazendo aqui em cima? — A pergunta veio acompanhada de uma mão pousada no peito de Rohan.

Ele desviou o olhar dos livros para a taça de champanhe na outra mão de Savannah.

— Você deveria experimentar. — Ele indicou o líquido na taça com um gesto de cabeça.

— Se eu ficar com sede, talvez experimente. Minha dúvida permanece.

Ela queria saber o que estavam fazendo ali. Rohan resolveu responder.

— Vitral no teto. Prateleiras. Livros. — Ele sustentou o olhar prateado de Savannah por mais um instante antes de contorná-la e retomar sua volta

pela sala. — Já tentou resolver um labirinto, gata? Começando pelo início, há dezenas de caminhos errados, becos sem saída. Mas se começar pelo final e for voltando, encontra bem menos. Em um jogo que vai de pista em pista, a solução de cada enigma precisa apontar a *localização* da próxima pista.

— Marcos — disse Savannah, e seus olhos azul-acinzentados se estreitaram ligeiramente, destacando a também sutil dilatação das pupilas.

— Marcos… ou objetos notáveis — completou Rohan, encerrando o giro pela sala. — Um número limitado de soluções, por mais que os quebra-cabeças sejam deslumbrantes de tão complicados. Talvez haja um livro entre esses com um título relacionado a dardos… ou alvos. Talvez não. Mas o fato de termos vindo até aqui, de termos nos lembrado do conteúdo desta sala, vai abrir nossa mente para possíveis respostas… desta pista, da próxima, da próxima.

Dito isso, Rohan dirigiu-se à escada em espiral. Ainda tinham muito chão pela frente.

— Só para constar? — disse ele, começando a descer. — Eu não estava usando você para provocar o Grayson lá embaixo. Estava deixando que você me usasse.

Rohan ouvira o aviso que Savannah dera a Lyra na fogueira, e seu instinto lhe dissera que Savannah não estava falando apenas de *Lyra* caindo na armadilha dos Hawthorne.

Quando Savannah dissera *ele não vai escolher você*, estava falando por experiência própria.

— Seu irmão te magoou — disse Rohan, arriscando a própria vida ao ousar falar aquilo em voz alta. — E muito.

— Meio-irmão. E, como já te disse antes: nada para mim é muito — respondeu Savannah com um controle absoluto. — Degraus — apontou, com ênfase. — Um corrimão. — *Possíveis pontos-finais de pistas*. Chegaram ao patamar do quarto andar, e Savannah continuou. — Sete quartos. Um relógio.

— Não apenas um relógio — disse Rohan, observando os ponteiros dos minutos e das horas, os números romanos marcando as horas. — Está trinta segundos adiantado em relação aos nossos relógios.

— E isso significa…? — Savannah tinha o dom de transformar cada pergunta em um desafio.

— Nada ainda — respondeu Rohan. — Talvez nada para sempre. — Ele saltou para cima do corrimão e escorregou até o saguão. Ao aterrissar no mármore, se agachou imediatamente, passando a mão pelo chão. — A sala de jantar, o escritório e o grande salão foram bastante usados na primeira fase — observou —, o que os torna alvos de menor valor para nós, com exceção das novas adições ao salão.

— Os dominós. A mesa. Os dardos e as taças de champanhe. — Savannah se agachou ao lado de Rohan, aparentemente apenas para encará-lo de perto. — Mas eu seria capaz de apostar — ressaltou ela —, que nosso primeiro enigma não levará a outra pista na mesma sala, o que quer dizer que o grande salão está descartado. Na verdade, aposto que a próxima pista nem está nesta casa. Estamos vestidos para o tempo lá fora.

Você está mesmo, gata.

— E o que encontraríamos se descêssemos mais um andar? — provocou Rohan.

— Duas portas — respondeu Savannah, *impassível* como ninguém. — Uma coberta de engrenagens e a outra feita de mármore branco, com veios dourados.

— Bastante aficionados por ouro nesse jogo, não é? — comentou Rohan, mostrando o dardo.

— Dardo dourado, porta dourada — disse Savannah, erguendo-se. — Óbvio demais. Além do mais, a porta em questão tem um mostrador com três níveis. Vamos saber quando uma pista levar até lá, porque a resposta do enigma anterior vai ser composta por três números.

— Nesse caso, gata… — Rohan se ergueu ao lado dela. — Que tal vermos o que o mundo lá fora tem a nos oferecer? Vamos apostar corrida até o lugar onde nos conhecemos.

Capítulo 16



ROHAN

— O que você vê? — perguntou Rohan do alto do mastro.

— Um céu estrelado e não muito mais que isso. — Savannah se permitiu um instante para absorver a vista, a quinze metros de altura.

Rohan tirou a mão direita do mastro e levou os dedos até a têmpora de Savannah, acariciando-a de leve.

— O que você *vê*? — repetiu. A mente dele traçava cada detalhe da ilha por sobre a escuridão da noite. — As ruínas. A floresta queimada, a que ainda está viva. Arcos de pedra com um cais embaixo. Arbustos espinhosos. O heliporto. A casa. E, debaixo de uma das muitas falésias da ilha, uma fogueira que eu apostaria já se apagou. O que mais?

Rohan fora treinado para não deixar nada passar, mas ter uma aliada servia, em parte, para ter outra perspectiva.

— Uma escadaria de pedra — disse Savannah na escuridão. — Outro cais. Indícios.

— De quê? — incentivou Rohan.

Como sempre, Savannah Grayson não hesitou.

— Do que os Hawthorne conseguem fazer e sair impunes só por serem Hawthornes.

Ela falava do incêndio devastador, décadas atrás — e do pai. *Você culpa os Hawthorne… ou culpa Avery Grambs?* A raiva de Savannah tinha várias camadas. Para Rohan, era ao mesmo tempo uma força e uma fraqueza.

Use a força agora. Explore a fraqueza depois.

— Canalize isso, gata.

— Acho que você está confuso. — Mesmo no escuro, Savannah conseguia fazer a sobrancelha arqueada *se ouvir* só pela entonação. — Você não é o professor aqui, britânico. Eu não sou sua aluna. Estou aqui por um motivo, e esse motivo não é você.

Rohan sorriu.

— Sou um magnífico canalha, gata. Não sou o motivo de ninguém. — Seus corpos estavam quase entrelaçados no mastro. Rohan aproximou o rosto do dela, os lábios chegando ao ouvido. — Imagine um dardo dourado. Não pense. Não hesite. Nem respire. O que estamos procurando, Savvy?

Mil respostas passaram pela mente dele.

— Um alvo — respondeu Savannah. — Ou um…

Os sentidos apurados de Rohan dispararam um alerta.

— Olhos — murmurou para Savannah. — Em nós.

Eles tinham companhia. Na escuridão da noite, Rohan levou um momento para localizar quem era. *Olá, sr. Daniels.*

— Em um jogo como este — disse Rohan —, alguns competidores jogam o jogo, e outros jogam com os jogadores. A alternativa lógica para resolver os enigmas é acompanhar os adversários enquanto *eles* resolvem.

Rohan bem que devia ter pensado duas vezes antes de falar algo assim pra Savannah Grayson. Em um segundo, ela já se jogava mastro abaixo. Rohan foi também, mas deu um passo atrás, interessado em ver o que ela iria fazer.

— A garota por quem você está jogando. — Savannah se dirigiu a Brady com aquela voz típica da alta sociedade, feita de diamantes e ferro. — Aquela que você perdeu. Qual era o nome dela?

Brady nem piscou.

— O nome dela é Calla.

É, pensou Rohan. *Presente.*

— Você está jogando este jogo… e tentando vencer… por *Calla.* — Savannah não formulou como se fosse uma pergunta. — Dinheiro pode mover montanhas. Ou talvez seja seu patrocinador quem pode?

Direto na jugular.

Brady encarou Savannah por um momento.

— Você não se parece em nada com sua irmã.

Savannah tinha conseguido tirá-lo do eixo. E Brady tentava fazer o mesmo com ela. Gigi era um ponto fraco de Savannah — um dos poucos.

Mas Savannah não demonstrou nem um fiapo de vulnerabilidade diante das palavras dele.

— Eu nasci primeiro. Seria mais correto dizer que Gigi é que não se parece comigo.

Capítulo 17



GIGI

— Pela última vez, pare de fazer perguntas e vá *dormir*. — O tom quase rosnado na voz de Slate indicava que ele provavelmente estava perto do limite. Gigi percebeu.

— Mas privação de sono é tão divertida — respondeu ela, deitando-se na manta de pele que ele tão gentilmente providenciara para ela. Eram esses pequenos detalhes que faziam um sequestro valer a pena. Ela entrelaçou as mãos atrás da cabeça e ficou encarando a escuridão do abrigo misterioso como se estivesse observando as estrelas. — Uma vez, fiquei acordada a noite toda e tomei tanto café que tive visões. Vi um rato de macacão sentado nos ombros de um policial, e o policial não era alucinação. — Gigi sorriu, serena. — Mas se *você* quiser dormir, fique à vontade.

— Bela tentativa, raio de sol. Não vou dormir esta noite. — Houve um breve clarão na escuridão. *O celular dele.*

— Esperando uma ligação? — perguntou Gigi. — De alguém *Mal-eve-co*, talvez?

— Não vou falar da Eve com você.

Ele rosnou dessa vez, com certeza. Temos um avanço!

— Eu sei quem é o pai dela — disse Gigi, apoiando-se nos cotovelos. Às vezes, o truque para fazer alguém falar era não calar a boca até que a pessoa cedesse. — Grayson deixou escapar. Eve é filha biológica de Toby Hawthorne e Toby, claro, sendo o tio misterioso do Grayson, que definitivamente não está mais morto.

— Também não é mais um Hawthorne — apontou Slate.

Grayson já dissera a Gigi que a situação era *complicada*.

— Uma vez Hawthorne, sempre Hawthorne — retrucou ela.

— Ah, é? Diz isso pra Eve.

É disso que se trata, Gigi percebeu, de repente tendo tanta certeza quanto tinha de seu próprio nome. Eve não estava interferindo no Grande Jogo como parte de uma competição maior entre patrocinadores ricos. Aquilo era pessoal.

— Problemas com o papai? — arriscou Gigi. — Sei bem como é.

Slate voltou ao silêncio de sofredor profissional de sempre, e Gigi decidiu mudar de tática.

— Diga-me, meu amigo loiro e nefasto, você já sentiu vontade de fazer a coisa certa? Algo heroico? — Ela adotou um sussurro teatral. — Pisque uma vez para sim e duas para não.

— Quase não tem luz aqui. Você não consegue ver meus olhos. E nós não somos amigos.

— Somos, sim, e acontece que sou meio psíquica, de vez em quando. Meu poder de intuição me diz que você não está piscando.

Se Gigi conseguisse encontrar alguma bondade nele, se *ele* conseguisse, talvez ela o convencesse a deixá-la ir.

Nem ao menos contaria como um sequestro se durasse menos de oito horas.

— Quer saber o que eu acho sobre fazer a coisa certa, raio de sol? Sobre tentar ser herói? — Não havia rosnado na voz de Slate agora, nem emoção, nem ênfase alguma. — Acho que estou sempre no meu estado mais perigoso quando as minhas intenções são boas.

Como agora?

Gigi passou os dedos de leve pelo tecido macio embaixo dela.

— Você podia me soltar — disse baixinho.

— Você podia dormir.

Nem pensar, meu caro.

— Voltando ao tema "Eve e os Problemas com o Papai" — disse Gigi, grandiosa, e então parou de repente… porque, de repente, meia dúzia de detalhes diferentes se juntaram na mente dela.

Detalhes como o colar que usara no jogo, que depois descobrira ser um dispositivo de comunicação bidirecional — quase certamente destinado a outra pessoa. Uma *mulher*.

Detalhes como o fato de que, quando Gigi analisara os possíveis candidatos para serem o jogador de Eve no jogo, só considerara três dos cinco jogadores restantes.

Detalhes como o SEGREDO que Gigi guardava havia um ano e meio.

Isso é pessoal.

Problemas com o papai.

— Está tudo bem? — perguntou Slate. Aparentemente, não confiava no silêncio dela, mas Gigi mal o ouvia.

Tudo em que conseguia pensar era no fato de que, mais de um ano antes, quando Slate a abordara pela primeira vez, Gigi estava procurando o pai, e Grayson estava tentando impedir que ela descobrisse a verdade.

O SEGREDO.

E se Slate soubesse? E se Eve soubesse? Gigi sentia o coração saindo pela boca. *Problemas com o papai.*

— O jogador da Eve no jogo — disse Gigi, sem querer perguntar, mas sem conseguir evitar. — É a minha irmã?

Capítulo 18



LYRA

Um H entalhado no cristal. *Cinco e três, seis e dois. Um dardo dourado.* Lyra tomou o último gole da taça de champanhe. Grayson estava certo, tinha um gosto meio floral, um pouco amargo, um pouco doce. Como mel e rosas.

— Esqueça tudo, menos o dardo — disse Grayson, ao lado dela, no chão de mosaico.

— Isso é uma sugestão ou uma ordem? — retrucou Lyra.

— Você aceita ordens? — perguntou Grayson, com ironia.

— Não muito bem.

— E você acha que eu não me dei conta disso?

Lyra ergueu um dos ombros.

— Acho que sim.

— Então suponho que a lógica dite que fiz uma sugestão — disse Grayson.

Lyra pegou o dardo dourado.

— O desenho — disse ela, passando a unha pela haste do dardo, até parar na primeira marca que sentira lá no grande salão. — Anéis cortados por linhas diagonais.

Grayson examinou o próprio dardo com rapidez.

— Dez cortes diagonais, todos do mesmo tamanho, distribuídos ao redor da circunferência. Qual é o padrão?

Sempre tem um padrão, não tem? Lyra fechou os olhos, girando o dardo entre os dedos, sentindo as marcas… dez, como Grayson dissera.

— Você vive fazendo isso — comentou Grayson. — Fechando os olhos.

— Não sou uma pessoa visual. — Para Lyra, aquilo era um belo eufemismo. — Preciso sentir as coisas. — De olhos fechados, Lyra nem conseguia formar a imagem do rosto de Grayson, mas lembrava exatamente de como o corpo dele se *encaixava* no dela, do cheiro suave de cedro e folhas secas…

— Uma marca a cada quatro anéis — disse Lyra pausadamente, abrindo os olhos. — Esse é o padrão.

— Quatro anéis. Uma linha diagonal. — A voz de Grayson mudou de tom. — Marcas de contagem.

Girando o dardo nos dedos, Lyra viu que ele tinha razão. De qualquer ângulo, era possível ver o que pareciam ser aquelas marcas: quatro riscos com um quinto cortando na diagonal.

— Cinco, dez… — Ela parou de contar e foi direto para a resposta. — *Cinquenta*.

— Na mosca — disse Grayson, ao lado dela. — Em dardos, a única forma de marcar cinquenta pontos com um único arremesso é acertando o centro do alvo.

A adrenalina invadiu as veias de Lyra.

— Então estamos procurando uma mira? Ou um alvo?

— *Um alvo* — repetiu Grayson.

O coração de Lyra acelerou.

— O que você sabe, Hawthorne?

— Em que lugar da ilha a gente viu um alvo? — devolveu Grayson.

Lyra conteve o impulso de agarrá-lo pela camisa e exigir que simplesmente falasse.

— Já disse que não sou uma pessoa visual.

Grayson colocou o dardo de lado e pegou a taça de champanhe.

— A resposta está bem aqui, uma dica bem ao estilo dos Hawthorne. — Ele estendeu a mão para a de Lyra, que permitiu que ele unisse as duas, guiando os polegares num círculo lento ao redor do *H* entalhado no cristal.

Lyra dissera que precisava *sentir* as coisas. Ele a ouvira e, agora, de olhos bem abertos, ela estava sentindo demais.

— Um *H* dentro de um círculo costuma indicar um heliponto — disse Grayson.

Lyra pensou na chegada à Ilha Hawthorne. Não conseguia visualizar o heliponto em sua mente, mas se lembrava de pensar que Jameson Hawthorne havia pousado bem no centro dele.

Na mosca.

Capítulo 19



GRAYSON

Grayson se perguntava se era assim que Jameson e Avery haviam se sentido ao resolver os enigmas do velho. Uma pulsação de energia pairava no ar quando ele e Lyra pisaram no heliponto. Faixas de luz se acenderam ao longo das bordas do concreto.

Ali, bem no centro, estava o alvo de aterrissagem.

— Na mosca — disse Grayson. Ele e Lyra avançaram em sincronia perfeita. No meio do alvo, havia um círculo mais ou menos do comprimento do braço de Grayson, do ombro até a ponta dos dedos.

Na mosca. Grayson se ajoelhou e passou a mão pela superfície, sentindo o concreto sob as palmas, pressionando com os dedos, procurando por…

— Um trinco. — Grayson o encontrou e o puxou para cima. Eles ouviram um clique. Ele puxou, e a borda do alvo se ergueu o suficiente para que conseguisse enfiar os dedos por baixo. Firmando o corpo com as pernas, Grayson agarrou o concreto com mais força.

Lyra se aproximou e colocou as mãos ao lado das dele.

— No três? — disse ela.

A voz dela acabava com ele. *Ela* acabava com ele. Pela primeira vez na vida, Grayson entendia de verdade o que era estar com fome, fome de respostas, fome de *tudo*.

— Três — disse ele.

Eles usaram o peso do corpo, e o disco se moveu. Logo, haviam removido completamente a peça, revelando uma chapa circular de metal lá embaixo.

— Na mosca — murmurou Grayson. O metal era liso, sem nenhuma inscrição ou entalhe na superfície, exceto bem no meio, onde havia uma fenda.

Menos de cinco centímetros de largura, mas por pouco, notou Grayson. *E não mais que meio centímetro de altura.*

Grayson pressionou a mão contra o metal, apalpando ao redor da fenda. O mais próximo de uma lanterna que tinha era seu relógio, então encostou o punho no metal, depois abaixou a cabeça, tentando enxergar através da abertura o que quer que seus irmãos e Avery tivessem escondido ali embaixo.

— Sem dobradiças — salientou Lyra, depois de terminar a própria análise. — O metal não pode ser levantado nem movido. Está fechado.

Fechado. Depois de tantos anos jogando os jogos dos Hawthorne, Grayson sabia exatamente o que aquilo significava.

— Precisamos de uma chave.

— Uma chave — repetiu Lyra, e então os olhos dela se iluminaram, com uma eletricidade que Grayson sentiu até os ossos. — Grayson. *Para cada fechadura, uma chave.*

Ele olhou de volta para a fenda no metal, larga o bastante para enfiar a lâmina de uma espada.

Capítulo 20



ROHAN

Rohan sorriu na escuridão. Lyra e Grayson podiam ter chegado primeiro ao alvo no heliponto, mas isso agora não significava nada.

Eles precisam da espada. Rohan manteve a voz baixa.

— Distraia eles, Savvy. — Ele e Savannah estavam perto o suficiente para ter ouvido cada palavra dita por Grayson e Lyra… e longe o bastante da luz para não serem vistos. — Tenho uma espada para buscar.

E uma para roubar, se possível.

— Se você estivesse com a espada no corpo — retrucou Savannah, a voz abafada, o olhar fixo nos adversários —, isso não seria um problema.

Rohan abaixou o olhar, mais e mais e mais, até o ponto onde sabia que a corrente dela repousava, abraçando os quadris. No escuro, Rohan mal conseguia distinguir o corpo dela, mas sua memória era *excelente*.

— Cada um com suas manias, gata. Não sou do tipo que carrega peso à toa.

Rohan não se deu ao trabalho de explicar *como* atrasar o outro time. Ela era Savannah Grayson. Ia dar um jeito.



Rohan não tinha escondido a espada no quarto *dele*. Chegou ao quinto andar da mansão, na biblioteca com prateleiras circulares, em tempo recorde. Rohan sempre teve um ponto fraco por bibliotecas.

Também sempre teve um instinto infalível para perceber quando não estava sozinho.

— Estou um pouco ocupado no momento, sr. Hawthorne. — Rohan nem sequer olhou por cima do ombro. Havia uma arte em cultivar um ar de onisciência.

— E eu achando que você era do tipo que para pra cheirar as flores no meio do caminho — provocou Jameson.

Rohan agarrou uma das prateleiras de mogno na altura dos olhos e começou a escalar.

— Pergunte se eu já derrubei um homem feito usando nada além de uma rosa.

— Eu até perguntaria, mas você provavelmente mentiria — respondeu o Hawthorne que ele mais conhecia.

— É bem capaz mesmo — concordou Rohan. Quando chegou a uns três metros de altura, soltou uma das mãos da estante e, com um movimento só, inclinou uma fileira inteira de livros para a frente. Por trás deles, fechou os dedos em torno do cabo da espada.

— Se eu dissesse que alguém neste jogo representa uma ameaça… — Jameson não fez questão de disfarçar os passos enquanto se aproximava de Rohan. — O que você diria?

Rohan saltou para o chão, a espada longa em punho, e então se endireitou para encarar Jameson de frente.

— Sinceramente? Diria que as chances de ser eu são bem grandes.

— Você está jogando pelo Mercê. — Jameson não fez daquilo uma pergunta.

— Você parece bem certo disso — retrucou Rohan.

— Estou certo até demais… e sou melhor em matemática do que parece. Dois herdeiros possíveis. Um velho morrendo. Como *está* a duquesa?

Jameson Hawthorne e Avery Grambs tinham sido autorizados a entrar nos salões sagrados do Mercê do Diabo não como membros, mas como convidados. Mas isso bastou para que conhecessem a rival de Rohan ao trono.

A duquesa era, de fato, inesquecível.

No entanto, naquele momento, isso pouco importava.

— Você precisa de alguma coisa, sr. Hawthorne, e eu tenho um lugar onde preciso estar. — Se havia algo que Rohan identificava sem esforço

era o tipo de oportunidade que aparece quando alguém precisa de *ajuda*.
— O que exatamente você quer saber?

Informação era a moeda, e estava claro que Jameson não tinha vindo até ali, no meio do jogo, só para conversar com Rohan sobre a sucessão do Mercê do Diabo.

— Lyra Kane. — Foi tudo o que Jameson disse.

Rohan teve que admitir: não esperava por essa.

— Eis que a trama fica mais interessante.

— Consiga algo que eu possa usar para desclassificá-la e mandar Lyra Kane de volta para casa. — A voz de Jameson estava baixa de um jeito que fez Rohan pensar no quanto lhe custara dizer aquelas palavras.

Seu irmão não vai agradecer por isso. No labirinto que era a mente dele, Rohan sentiu os corredores se rearranjando. Havia uma sala em especial — mais um cofre, na verdade — onde Rohan guardava pedaços de informação que sabia que *teriam* grande importância, mesmo que ainda não soubesse por quê.

Esse pedido — e aquele tom na voz de Jameson — certamente se encaixavam ali.

— E se a srta. Kane não tiver feito nada de errado? — perguntou Rohan, testando o oponente. — E se ela não for a ameaça? — Rohan pensou em Savannah, mas não podia deixar que Jameson fizesse o mesmo, então ofereceu outro alvo às suspeitas de Jameson Hawthorne. — Brady Daniels.

— Ele está trabalhando com algum patrocinador? — Jameson rebateu na hora.

— Gostaria que eu descobrisse? — respondeu Rohan. — Supondo, é claro, que isso me traria alguma vantagem.

— Qualquer jogador desclassificado do jogo é um jogador a menos com quem você precisa se preocupar — observou Jameson, e abriu um sorriso irônico para Rohan. — Imagino que essa seja a parte em que você me diz que não é o tipo de pessoa que *se preocupa*.

— Essa é a parte em que eu digo que a especificidade é sua amiga. Se está preocupado com um patrocinador *em especial*… — Rohan se inclinou muito levemente em direção a Jameson. — Compartilhe os detalhes.

— Essa é a parte em que digo que *eu* não me preocupo.

Não está disposto a se abrir, Hawthorne? Rohan balançou preguiçosamente a espada longa que segurava até mantê-la ereta, bem entre os dois.

— Se não tiver mais nada a me dizer, então temo que *esta* seja a parte em que peço para que saia do meu caminho… com educação, é claro.

— É claro — respondeu Jameson, dando um passo para o lado.

Rohan passou por ele em direção à escada espiral.

— Se você perder — chamou Jameson —, Zella herdará automaticamente o Mercê?

Zella. A duquesa. Jameson devia achar que estava cutucando uma ferida, mas Rohan se recusava a pensar na aristocrata bem relacionada, completamente à vontade no meio da alta sociedade, que não teria a menor dificuldade em bancar os dez milhões de libras exigidos pelo Proprietário, caso Rohan não vencesse o Grande Jogo.

— Irrelevante — respondeu Rohan por cima do ombro, projetando a voz para que preenchesse o ambiente. — Você já devia saber, Jameson Hawthorne: eu não perco.

Capítulo 21



ROHAN

Rohan deixou de lado a ideia de procurar pelas outras espadas e voltou direto para o heliponto, mas considerou o pequeno atraso, que veio acompanhado de mudanças nos planos, mais do que valiosos. *Há algum tipo de ameaça, e Jameson Hawthorne acredita que gira em torno de Lyra Kane.*

— Demorou, hein. — Savannah o esperava na beira da plataforma de pouso, sozinha.

Rohan saltou para junto dela.

— Quanto tempo levou para o seu irmão perceber que você estava fingindo que estava machucada? — Foi um palpite quanto ao método que ela havia usado.

— Meio-irmão — corrigiu Savannah. — E levou o tempo necessário. Vejo que está com a espada.

Rohan girou o cabo entre os dedos.

— Quer que eu faça as honras? — perguntou. — Ou prefere você?

Savannah segurou o cabo logo acima da mão de Rohan. *Um toque mínimo de pele*. Ele deixou que ela pegasse a espada. Havia vantagens em deixar que os adversários vencessem batalhas que não importavam.

Enquanto Savannah caminhava até o centro exato do heliponto, Rohan foi atrás sem pressa, chegando a seu lado no instante em que ela segurou o cabo com as duas mãos e o encaixou na fenda de metal.

Rohan colocou as mãos por cima das dela e torceu a espada. Quase de imediato, o metal sob seus pés começou a ceder, se abrindo, as junções

ficando visíveis por apenas um segundo antes de o círculo inteiro se dobrar sobre si mesmo como cartas de baralho sendo reunidas num único maço.

Rohan saltou para um chão firme. Savannah fez o mesmo. A expectativa tinha um sabor adocicado, quase tão doce quanto o instante em que o olhar de Rohan pousou no único objeto no compartimento oculto que haviam acabado de revelar.

Um livro-razão, encadernado em couro. A mente de Rohan foi por um momento a outro livro, muito valioso, que seria seu assim que ganhasse o Mercê, mas no segundo em que pegou o livro-razão do Grande Jogo, voltou ao presente. Ao abri-lo, Rohan encontrou uma única página. *Uma tela, projetada para parecer papel*. Encostou o relógio na página.

Como num passe de mágica, seu nome surgiu em cursiva, como se tivesse sido escrito a próprio punho — um truque digital bem refinado, aquele. Savannah foi a próxima, e o nome dela apareceu logo abaixo do dele. Imediatamente, ela voltou a se mover, e Rohan entendeu o motivo.

Mais duas seções da plataforma haviam se erguido. *Mais dois compartimentos ocultos, revelados.* Um de Rohan. Um de Savannah. *Assine o livro*, pensou Rohan, *ganhe mais uma pista*.

Savannah se apossou de um dos compartimentos, e Rohan caminhou até o outro. Removendo a tampa de concreto, encarou a cavidade retangular ali dentro. Tinha cerca de trinta centímetros de profundidade e estava cheia de água. Através do líquido, Rohan pôde distinguir dois objetos no fundo: uma pulseira delicada e um pingente de metal. Rohan arregaçou a manga e enfiou o braço na água para pegá-los. No mesmo instante, uma voz soou, as palavras vindas de todos os lados.

— *De qualquer armadilha, liberte-se, para cada fechadura, uma chave.* — A voz era de Jameson. A frase foi repetida na voz de Avery quando Savannah retirou os objetos do fundo do seu compartimento. A inclinação do queixo de Savannah revelou o que ela achou *daquilo*.

Optando por não cutucá-la, Rohan voltou a atenção para o pingente. *Uma espada em miniatura.*

— Uma pulseira de pingentes e um pingente — resumiu Savannah, com sarcasmo.

Revirando aquilo na cabeça, Rohan se pôs de pé. Água escorria de sua mão sobre o heliponto. *Pingo. Pingo. Pingo*. O som — ou talvez a sensação — o agarrou como um punho apertando aos poucos e, por um instante,

Rohan se sentiu encharcado até os ossos, o ar muito mais frio que a noite de novembro cortando sua pele como mil lascas de gelo.

Reerguendo com força as barreiras da própria mente, Rohan forçou um sorriso preguiçoso no rosto.

— *De qualquer armadilha, liberte-se, para cada fechadura, uma chave.* — Ele gostava de citar aquelas palavras, porque, quando sentia algo de verdade, fosse prazer ou dor, tudo o que existia era o presente. — Repetição.

— Já sabemos que a inscrição na espada indicava que *ela era* uma chave — disse Savannah, voltando ao compartimento oculto. Ela jogou o livro-razão lá dentro, depois segurou o cabo da espada com as duas mãos e o girou no sentido anti-horário.

Como um baralho de cartas sendo espalhado mais uma vez, a placa de metal voltou a cobrir o compartimento, escondendo o livro-razão no exato momento em que Savannah puxou a *chave* da *fechadura*.

Fechaduras e chaves. Pingentes e espadas.

— Uma corrente — disse Rohan em voz alta, olhando da pulseira para a corrente que Savannah usava na cintura. — E uma corrente. — Talvez isso importasse. Talvez não. Sua mente tinha o hábito de seguir vários fluxos de pensamento ao mesmo tempo, como meia dúzia de locomotivas a todo vapor correndo em trilhos paralelos. — E esta não é a primeira vez que o jogo repete uma frase-chave.

— *De qualquer armadilha, liberte-se, para cada fechadura, uma chave* e… — Savannah se aproximou de Rohan. — *Toda história tem seu começo.*

Estava claro, só pela maneira como se movia, que ela seria perfeitamente capaz de causar um belo estrago com aquela espada.

— *Toda história tem seu começo* — repetiu Rohan, e de repente, sua mente chegou ao fim de uma das linhas. — Uma frase-chave, em mais de um sentido.

Rohan tirou a chave do quarto do bolso interno do paletó. Savannah puxou a sua. Os desenhos no topo das chaves eram idênticos, uma combinação de quatro símbolos: um losango, um coração, um trevo e o símbolo do infinito… ou, inclinado, o número *oito*.

Havia palavras em inglês gravadas no corpo da chave, de cada lado.

EVERY STORY HAS ITS BEGINNING... TAKE ONLY YOUR OWN KEY.

Toda história tem seu começo… Rohan traduziu, revirando as palavras em sua mente, *pegue apenas a sua chave.*

Após assinarem o livro-razão, haviam recebido uma pulseira e um pingente. Mas e se nenhuma dessas coisas fosse a próxima pista?

— A água. — Rohan se agachou ao lado do compartimento de onde havia retirado a pulseira e o pingente. — Há um motivo para ela estar aqui. — Ele fechou os olhos e inspirou fundo. O cheiro era sutil, mas perceptível. — Isto *não* é água.

Abriu os olhos a tempo de ver Savannah se agachar ao lado dele.

— Sou esplêndido, não sou? — perguntou Rohan.

— Você não quer que eu responda isso — retrucou Savannah com um sorriso no canto dos lábios, enquanto deixava a chave cair dentro do compartimento. No mesmo instante, o líquido começou a borbulhar e a mudar de cor.

— Uma reação química — observou Rohan. Esperou um minuto inteiro, então enfiou a mão no líquido e fechou os dedos em torno da chave de Savannah, puxando-a de volta. Algumas letras da frase gravada na frente da chave agora pareciam brilhar, quase fosforescentes.

EVERY STORY HAS ITS BEGINNING...

Rohan virou a chave e viu mais uma letra brilhante.

TAKE ONLY YOUR OWN KEY.

Virando a chave de um lado para o outro, concentrou-se nas letras.

V

I

I

I

L

A adrenalina era uma velha companheira de Rohan… assim como a vitória.

— Só para avisar, gata, estou prestes a ficar insuportável.

— Você já é insuportável — disse Savannah. Rohan podia sentir a presença dela ao seu lado, a luz da lua iluminando os dois como um calor suave sobre a pele.

Savannah agarrou o maxilar de Rohan, sem gentileza alguma, inclinando o rosto dele na direção do dela.

— Me diga, britânico, por que está prestes a ficar ainda mais insuportável do que o normal?

— Porque eu sei exatamente o que *V*, três *I*'s e um *L* formam. — Rohan deixou que a ideia se acomodasse e então continuou. — Um número finito de respostas. Eu sei exatamente para onde vamos agora. — Ele aproximou os lábios dos de Savannah e, desta vez, o sorriso que surgiu só poderia ser descrito como malicioso. — Você sabe?

Capítulo 22



GIGI

Não importava o que Gigi dissesse ou o quanto provocasse Slate, ele simplesmente não respondia se Savannah era ou não a jogadora de Eve no Grande Jogo. A mente de Gigi fervilhava com cada tentativa de arrancar uma resposta, porque a única maneira de imaginar a irmã gêmea — implacável e impecável — aliada a alguém era se Savannah *soubesse*.

A gêmea de Gigi não obedecia a ordens, nem mesmo as de Grayson, e Gigi tinha quase certeza de que Grayson seria capaz de mandar uma parede de tijolos se desfazer e florescer em margaridas, e a parede obedeceria.

— O que Eve contou para Savannah? — perguntou Gigi, a voz rouca de tanto falar, falar, falar… sem resposta alguma. Parou de rodeios. — Que nosso pai está morto? — Gigi colocou um pouco mais de energia na voz. — Que ele era um assassino? Que morreu tentando matar Avery Grambs?

Nunca tinha dito aquilo em voz alta antes, e no momento em que o fez, o SEGREDO passou a ser só um segredo. *Eu queria manter esse segredo.* Gigi não conseguiu conter o pensamento — nem as lágrimas que ameaçavam surgir. *Eu queria poder proteger Savannah para variar, em vez de ser sempre o contrário.*

Savannah, a filha preferida do pai.

Savannah, que não acreditava em perdão.

Savannah, a pessoa que Gigi mais amava no mundo.

— Só pra constar, eu fui contra tudo isso — disse Slate. Ele já tinha se enfiado tão fundo nas sombras que Gigi nem sabia mais onde Slate estava,

ou *se* ainda estava de pé. Tudo o que sabia era que ele finalmente tinha falado, e isso já bastava como confirmação.

Savannah sabia. Gigi puxou os joelhos contra o peito. Desde que se lembrava, sua especialidade era escolher a felicidade, escolher sorrir mesmo quando tudo estava errado. Ela tinha sido um bebê feliz, uma garotinha feliz, *feliz* até quando não estava.

— Eve mentiu pra ela? — A voz de Gigi saiu baixa. Ela tinha pensado, tinha pensado *de verdade*, que era ela quem estava se afastando de Savannah nos últimos meses, e que o resto era só distância. Savannah estava na faculdade. Gigi, não. Savannah estava seguindo em frente com a vida.

Gigi, não.

A voz de Slate veio de novo, através da escuridão, áspera, baixa e firme.

— Não há nada que você possa fazer, de qualquer forma.

Quer apostar?, pensou Gigi. O interrogatório tinha *acabado*. Ela estava cerca de oitenta por cento certa de onde ele estava, a pancada na cabeça só doía *um pouquinho*, e não havia momento melhor para um ataque surpresa do que o presente. Mas antes que Gigi pudesse pular, um zumbido cortou o ar. Levou um segundo para perceber que era o celular de Slate.

Quando ela percebeu, havia outro som. *Uma porta se abrindo.* Gigi se lançou na direção dela… mas não foi rápida o bastante. Quando aterrissou, Slate já estava do outro lado, e a porta havia se fechado.

Mais um som: o giro de uma chave na fechadura.

Deixando de lado toda e qualquer devastação emocional que pudesse ou não estar sentindo por causa de Savannah, Gigi colou o ouvido na fresta entre a porta e o batente.

— Fala. — Era assim, aparentemente, que Slate achava que se devia atender o telefone. Uma pausa, e então. — Não, *você* já falou sobre etiqueta ao telefone. Eu parei de ouvir. O que você quer?

Eve? Gigi se perguntou.

Do outro lado da porta, Slate voltou a falar.

— Sem novidades. — Outra pausa. — O que te faz pensar que eu não estou?

Não está o quê? Gigi se perguntou.

Dessa vez, a pausa foi mais longa. E então:

— Isso vai ser um problema, Eve. — Slate disse aquelas palavras como quem está acostumado a resolver problemas.

Problemas, pensou Gigi devagar, *como eu*. Apertou ainda mais o ouvido contra a porta, mas Slate devia ter se afastado, porque o que veio depois soou abafado.

O que ela está pedindo para você fazer? O que você está dizendo para ela? Gigi gostava de pensar que tivera espírito esportivo até ali. Não tinha entrado em pânico nem uma vez. Mas até os instintos de bom senso e sobrevivência de Gigi tinham um limite. Afastando-se da porta, aproveitou a ausência de Slate e pegou a coisa mais próxima que pudesse servir de arma: uma vela num castiçal de ferro antigo.

Gigi *queria* atear fogo em alguém ou em alguma coisa? Não, não queria. Mas *faria*, se precisasse?

Era bem provável.

Talvez.

Quem sabe.

Optando por essa última, Gigi fez a única coisa racional que lhe restava: colocou alguma distância entre ela e seu captor de olhos escuros e cabelos loiros. O único caminho era para cima. Vela na mão, Gigi subiu a escada de pedra. Os degraus tinham, no máximo, setenta centímetros de largura, sem corrimão. Mesmo com a vela, Gigi não conseguia enxergar mais do que um ou dois degraus adiante, mas isso não a impediu de continuar subindo.

Eventualmente, a escada virou noventa graus. Gigi seguiu. Lá embaixo, ouviu a porta se abrir e apressou o passo. Olhou para trás bem a tempo de ver um feixe de luz cortando a escuridão… a lanterna do celular de Slate.

No segundo em que ele percebeu onde ela estava, soltou um palavrão.

No flagra.

Gigi ouviu os passos dele se aproximando da escada e passou a correr, colando o corpo à parede. *Mais uma curva.*

Outra.

Slate estava ganhando terreno quando ela chegou ao topo. Uma escadinha pendia de um cômodo no andar de cima. Apertando o castiçal com mais força, Gigi subiu no primeiro degrau.

— Qual é o plano aqui, raio de sol? — chamou Slate.

Gigi era especialista em ignorar perguntas assim. Projetou o corpo para cima e entrou numa sala circular. No centro da sala havia… *Uma lanterna muito grande?* Gigi se aproximou para examinar melhor, depois olhou ao redor e viu que estava cercada por janelas. Do lado de fora, o céu noturno era de um preto aveludado, iluminado apenas por algumas estrelas e a lua crescente, luz suficiente para que Gigi visse o reflexo da lua na *água*.

De repente, entendeu onde estava.

— Um farol. — Os neurônios disparavam em velocidade máxima. Gigi olhou para a vela na mão, depois para a lanterna. *Se eu for incendiar alguma coisa…*

— Nem pense nisso — disse Slate, subindo para a sala.

— Por que alguém pode ver a luz? — retrucou Gigi, com o coração martelando no peito. — Literalmente um farol para seu covil do mal… e para a minha localização?

— Porque é óbvio que faz décadas que essa coisa não funciona — respondeu Slate. — Deve fazer mais de um século. Você poderia incendiar o lugar inteiro.

Ele desligou a lanterna do celular e enfiou o aparelho no bolso de trás, deixando os dois apenas à luz de vela. *E com as mãos livres.*

— Queimar coisas parece mais *a sua cara* — disse Gigi. — Ou você é contra incêndios na hora de resolver problemas? — Havia uma pontinha audível de esperança na voz dela.

— Eu não sou contra nada.

Gigi franziu a testa.

— Por que você está falando assim?

— Assim como? — Slate deu um passo em sua direção.

Gigi recuou um passo.

— Triste?

— Eu não fico triste.

— Essa foi a coisa mais triste que eu já ouvi.

— Ah, é? — O tom de Slate não mudou nem um pouco. — Você lembra que estava sendo monitorada durante o jogo, certo? Deixou bem claro para seus colegas de equipe que também não fica triste, nem quando devia.

Talvez eu fique, pensou Gigi. *Quando sair daqui, quando vir Savannah, quando conversar com ela… talvez eu fique triste.*

Slate deu mais um passo, e Gigi recuou até encostar na parede de janelas. Slate se aproximou. Parado bem na frente dela, ergueu a mão até o castiçal, cobrindo os dedos de Gigi com os seus antes que ela pudesse sequer tentar arremessá-lo contra o vidro.

— Tudo bem — disse Gigi. O coração ainda batia *forte*… mais forte agora. — Nenhum dos dois fica triste. É por isso que somos almas gêmeas platônicas do estilo síndrome de Estocolmo. E é por isso que você vai me deixar ir.

Slate tirou o castiçal dela — e a vela — e a olhou diretamente nos olhos.

— Quero que você saiba que ninguém está vindo te buscar. — A chama tremeluziu entre os dois. — Ninguém está procurando por você, ninguém está esperando um sinal, porque você não está *desaparecida*. Acontece que você roubou um barco e deixou um bilhete.

— Que barco? — perguntou na hora. — E que tipo de bilhete?

— O barco de Xander Hawthorne. E você deixou um recibo que vale um pacote de doce como pedido de desculpas.

— Doce de desculpas — Gigi arfou, horrorizada. Aquilo era *a cara dela*! — Seu cretino!

Slate deu de ombros.

— Um avanço em relação a "troglodita bombado".

— Não — rebateu Gigi, estreitando os olhos. — Não é.

— Agora, preciso que você desça a escada, e depois vai caminhar com muito cuidado pelos degraus, sempre perto da parede.

— Fique tranquilo. — Gigi ergueu o queixo. — Eu sou sempre, jamais cuidadosa.

Slate a observou.

— Não posso deixar que você se machuque sob minha responsabilidade, não é? — O alívio disparou dentro de Gigi, mas durou pouco, porque no momento seguinte, Slate a pegou e a jogou sobre o ombro.

— Me põe no chão!

— A brincadeira acabou — disse Slate, descendo a escada como se carregar uma vela *e* uma Gigi fosse nada. — Eu tenho trabalho a fazer.

Aquele troglodita bombado de cara emburrada carregou Gigi até o térreo.

— Só pra constar — disse Slate, ao colocá-la de volta no chão firme —, *eu* sempre tomo cuidado.

— Eu vou te bater agora — anunciou Gigi. — Com os punhos! *Punhos da fúria!*

— Fique à vontade, raio de sol. — Ele ficou parado, esperando.

Gigi não bateu nele.

— Eu não gosto de você — disse, em vez disso.

Os lábios de Slate se contraíram levemente.

— Nem deveria. — Ele indicou a manta de pele estendida no chão. — Se ajeita aí.

— Por quê? — perguntou Gigi.

— Não posso te deixar com uma chama acesa — respondeu Slate. — Nem deixar que tente subir aquelas escadas no escuro e acabe caindo e morrendo enquanto eu estiver fora.

— Fora? — repetiu Gigi.

— Tenho um trabalho a fazer.

A mente de Gigi voou até Eve, até Savannah, até a ilha.

— Então está me dando ordens para… o quê? Me deitar naquela manta incrivelmente macia? Tirar um cochilo enquanto você vai ajudar sua chefe a manipular minha irmã gêmea a fazer alguma coisa da qual provavelmente todos vamos nos arrepender?

— *Sinto* muito por isso. — Pela primeira vez, ele deu ênfase, ainda que mínima, a uma palavra específica: *sinto*.

Eu sinto muito por isso.

— Qual parte? — perguntou Gigi, a voz saindo um pouco áspera.

— A parte — respondeu Slate — em que eu vou ter que te amarrar.

Capítulo 23



LYRA

EVERY STORY HAS ITS BEGINNING... TAKE ONLY YOUR OWN KEY.

A energia percorreu o corpo de Lyra quando ela encarou a inscrição na chave. Resolver um enigma, conseguir a próxima pista, era como voar, como atravessar o fogo sem se queimar.

V, pensou Lyra, com o cérebro e o corpo vibrando. *I*, *I*, *I*, *L*. Ela olhou para Grayson.

— Essas letras não formam palavra nenhuma, nem mesmo em inglês. Poucas consoantes, *I*'s demais.

— Três deles — disse Grayson, pensativo. — Seu olhar subiu para encontrar o dela. — Mas temos que pensar que letras nem sempre são letras.

V, *I*, *I*, *I*, *L*.

Algo se encaixou no cérebro de Lyra.

— Algarismos romanos. *V* é cinco. *I* é um. *L* é cinquenta. Pode ser uma combinação. — A mente de Lyra voou até o segundo andar da mansão, até uma porta de mármore com um mostrador de vários níveis. — As letras podem ser agrupadas de jeitos diferentes para formar números distintos, mas se precisamos de três no total, o agrupamento mais óbvio é *V*, *I*-*I*-*I*, *L*. Cinco, três, cinquenta.

— Cinco e três — disse Grayson ao lado dela.

Como os dados, pensou Lyra.

— Agrupando de outro jeito, dá seis e dois — respondeu, e então pensou nas peças de dominó no chão do grande salão. — Ecos.

Grayson voltou a passos firmes até o alvo. Lyra observou enquanto ele agarrava o cabo da espada. Girou-a, trancando o livro-razão que ambos haviam assinado. Depois disso, retirou a espada como se fosse Excalibur sendo puxada da pedra, sem nem piscar.

— Sugiro que paremos um momento — disse ele para Lyra. — Uma pessoa pode perder horas em um jogo como este, correndo atrás de uma possibilidade que parece promissora, mas nove entre dez vezes, quando se chega na resposta certa…

— Você sabe — completou Lyra. Já havia dois nomes no livro quando chegaram. Savannah e Rohan estavam na frente, o que significava que Lyra e Grayson não podiam se dar ao luxo de perder horas.

Concedendo a si mesma o *momento* que Grayson havia sugerido, Lyra começou a andar pela borda externa do heliponto, passos longos e deliberados.

— Você pensa melhor em movimento — observou Grayson, ainda com a espada em mãos.

Ele estava certo, e isso fez Lyra se lembrar de algo mais que ele havia lhe dito:

Você nunca parou de dançar. Toda vez que você se move, você dança. Lyra parou no lado do heliponto voltado para o mar. Com o vento no rosto e Grayson Hawthorne às suas costas, fechou os olhos e *sentiu* as letras gravadas na chave de bronze com a ponta do polegar. Forçou-se a pensar apenas nas que estavam na pista.

V, I, I, I, L.

A mão esquerda de Lyra moveu sozinha, desenhando as letras ao lado do corpo — e então, de repente, ela sentiu uma sensação estranha e familiar, sentiu algo *fisicamente*, como dedos fantasmagóricos tocando seu rosto e seu pescoço.

Tem alguém observando.

Lyra abriu os olhos de repente. O heliponto estava iluminado, mas a lua se escondera atrás de uma nuvem, e o mundo além do círculo de luz era pura escuridão — a ilha, o oceano, tudo. Lyra tentou virar o rosto para olhar Grayson por cima do ombro, mas não conseguiu se mover. A cabeça e o corpo continuaram voltados para o mar, para a vastidão da noite.

A sensação permaneceu… *mais* do que permaneceu. Persistiu.

— Aonde você vai?

Lyra só percebeu que havia pulado do heliponto quando as palavras de Grayson chegaram aos seus ouvidos. Ele a seguiu, aterrissando ao seu lado. Sem nem olhar para ele, Lyra caminhou até a beira da luz projetada pelo heliponto, parando um passo antes da escuridão.

— Lyra?

Ela manteve o olhar fixo à frente, na água. *Tem algo lá fora. Alguém.*

— Você vai achar que é ridículo — disse Lyra, passando uma das mãos pelos cabelos com frustração.

— Vamos ver.

— Agora há pouco… eu senti alguma coisa. — Lyra virou o rosto para encará-lo e percebeu que ele se posicionara ligeiramente à frente dela, meio na sombra, meio na luz.

— Que tipo de coisa? — perguntou. Com a espada em punho, uma linha de sombra atravessando o rosto, Grayson Hawthorne parecia mais do que humano.

— Não é nada — respondeu Lyra.

— Que tipo de nada? — Grayson reformulou a pergunta levemente, mas a entonação permaneceu a mesma.

Lyra balançou a cabeça, mas respondeu mesmo assim.

— Como se alguém estivesse me observando. — *Estivesse*, percebeu. *Passado*. A sensação tinha ido embora.

Com um aceno breve, Grayson cravou a espada na areia pedregosa, soltou o cabo e tocou o mostrador do relógio.

— O que você está fazendo? — perguntou Lyra.

— Mandando uma mensagem. Não custa nada se meus irmãos e Avery pedirem para a segurança fazer uma ronda de barco pelo perímetro da ilha. Só por precaução.

— Não deve ser nada — insistiu Lyra. Não queria ser poupada por ninguém, muito menos por ele. — Se alguém *está* nos observando, deve ser só outro jogador.

— Talvez — admitiu Grayson. — Mas você sentiu alguma coisa *ali fora*. — Ele apontou na direção da água. — E os Hawthorne são criados para tratar o instinto como um aliado muito próximo. *Confiar… mas verificar.* — Mensagem para os organizadores enviada, ele abaixou as mãos ao lado do corpo.

Sem aviso, a luz do heliponto atrás deles se apagou.

Sensores de movimento, disse Lyra a si mesma. Na escuridão quase total, ela mudou levemente de posição. Grayson deve ter feito o mesmo, porque os ombros dos dois se tocaram. Um arrepio percorreu Lyra — e, desta vez, não foi exatamente desagradável.

Ao lado dela, ouviu o som inconfundível de um zíper sendo aberto. Grayson estava tirando o casaco.

Lyra estreitou os olhos.

— Nem pense nisso, Hawthorne.

— Um dia desses — disse Grayson ao lado dela, no escuro —, você vai me deixar te dar meu casaco.

Por enquanto, o corpo de Lyra se contentava com o toque do ombro dele contra o seu.

— A gente devia voltar pro jogo — disse ela. — Já perdemos tempo demais.

Como se o universo concordasse, a luz do heliponto atrás deles se acendeu de novo. *Sensores de movimento*, lembrou-se Lyra. *Temos companhia.* Ela girou o corpo para ver quem era, mas seu olhar parou num aglomerado de rochas grandes ao lado. Em cima de uma delas, tinha algo. *Branco e verde.*

Sentindo-se como se andasse por um sonho, *os pés descalços no asfalto*, Lyra foi avançando devagar. Olhou fixamente para a flor e, como se estivesse muito longe de si mesma, viu a própria mão pegá-la.

Um lírio-do-nilo.

Capítulo 24



GRAYSON

No instante em que Grayson percebeu o que Lyra segurava, ele pegou a espada e foi até ela, os olhos fixos na pessoa que ativara os sensores de movimento no heliponto: *Brady Daniels. Com a espada dele em mãos. Caminhando até o alvo.*

Grayson pousou a mão livre na nuca de Lyra.

— Tudo certo?

— Estou bem.

Ela não estava. Grayson sabia, mas algumas pessoas simplesmente não sabiam ser outra coisa. *Primeiro os bilhetes com o nome do pai. Agora a flor.* Alguém estava jogando com a mente dela, e de uma forma muito pessoal.

No heliponto, Brady cravou a espada na fenda de metal, até o punho. Pouco depois, já segurava o livro-razão nas mãos.

— Fique atrás de mim — disse Grayson a Lyra, enquanto voltava de um salto para o heliponto. Lyra não contestou, um sinal claro de que estava lutando contra a correnteza da memória.

— Você acha que foi ele? — perguntou Lyra, a voz abafada. — Quem estava nos observando.

E a flor? Grayson ainda não estava pronto para afirmar nada em nenhuma dessas possibilidades, mas não se arrependia nem por um segundo de ter avisado os irmãos e Avery sobre uma possível violação no perímetro. Esperava que agissem rápido, identificando ou descartando a presença de terceiros. Enquanto isso…

Grayson observava os movimentos de Brady. Intimidação física não era, em geral, uma tática comum no repertório dos Hawthorne, mas Grayson

estava disposto a abrir uma exceção. Ele atravessou o heliponto a passos firmes, parando a menos de um metro de Brady e sem dizer uma palavra.

— Grayson Hawthorne — disse Brady, com a voz grave e o tom calmo. — Sua reputação o precede.

— Algo útil — respondeu Grayson, seco. — Uma reputação. E a sua, me pergunto, qual é?

— Eu sou o erudito.

— E que tipo de jogo você está jogando, erudito?

Sem demonstrar incômodo, Brady encostou o relógio no livro.

— Estou jogando o mesmo jogo que os outros.

— Acho bem difícil — respondeu Grayson, sereno como sempre. — Diga que você não tem nenhum patrocinador, sr. Daniels — falou, com suavidade controlada. — Diga que está só seguindo pistas.

Brady não disse nada. Foi até o compartimento recém-revelado e tirou de lá o pingente e a pulseira. Ouviu a dica gravada e levou apenas dois segundos para jogar a chave no líquido.

Um verdadeiro erudito… ou então estava espionando todos desde o começo.

Assim que Brady recuperou a chave e leu as letras destacadas, finalmente voltou a atenção — e aquele olhar calmo feito lagoa — para Grayson.

— Não sou seu inimigo. Nem dela — disse Brady, desviando então os olhos castanhos e pensativos para Lyra. Grayson percebeu com exatidão o momento em que o erudito viu o lírio-do-nilo na mão dela. Seu olhar se demorou na flor pelo menos um segundo e meio a mais do que deveria.

— Estava dizendo? — respondeu Lyra.

— Isso faz parte do jogo? — perguntou Brady.

— Não — respondeu Grayson, firme. — Com toda certeza não faz. — Já tinha jogado jogos demais da família Hawthorne para saber disso. — Diga que você não sabe de onde veio essa flor.

— Eu não sei de onde veio essa flor. — Brady sustentou o olhar de Grayson por três segundos, depois desviou os olhos e ajustou os óculos. — Só sei que provavelmente é para mim.

Lyra passou por Grayson, e ele teve que reunir toda a sua força de vontade para não puxá-la de volta e se colocar novamente entre ela e Brady Daniels.

— Por que seria para você? — perguntou Lyra, erguendo a flor.

A mão esquerda do erudito foi até o bolso do casaco. Grayson se preparou para agir, se fosse preciso, mas tudo o que Brady tirou do bolso foi uma fotografia.

— Eu tenho uma teoria — disse Brady para Lyra — de que todos estão jogando este jogo por um motivo.

— Tipo vinte e seis milhões de dólares? — disse Lyra, seca.

— Dá pra fazer muita coisa com vinte e seis milhões de dólares — concordou Brady. Ele estendeu a foto para Lyra, que acabou pegando-a após alguns instantes. — A garota da foto — disse Brady em voz baixa. — O nome dela é Calla. Ela estaria na casa dos vinte e poucos anos agora.

Calla, como o lírio-do-nilo, *calla lily*, registrou Grayson, mas ele leu a frase de Brady nas entrelinhas. A linguagem tinha seu jeitinho de trair as pessoas. O nome dela *é*, mas *ela estaria*. Parte presente, parte condicional. Quem quer que fosse a garota da foto, Brady não a via há anos.

Quem quer que fosse essa *Calla*, Brady Daniels não tinha certeza de que ela ainda estava viva.

— Calla? — Lyra olhou para a flor na mão. — Qual era o sobrenome dela?

— Isso importa? — devolveu Brady.

O cérebro de Grayson era programado para buscar conexões, caçar camadas que mentes comuns não enxergavam. Uma terceira pessoa colocara Lyra nesse jogo, mas Avery tinha escolhido Brady pessoalmente. Se existia qualquer ligação entre a garota da foto de Brady e a flor que o pai de Lyra lhe deu na noite em que morreu, era uma coincidência bem grande.

Grande demais.

— Se essa flor era para você — disse Grayson, lançando as palavras com a precisão de quem sabe atirar facas —, de onde ela veio?

Quem a deixou naquela pedra?

Brady deu de ombros, quase imperceptivelmente.

— Aposto no Rohan. Tenho a impressão de que o britânico trabalha com informação e disfarce, não acha?

Grayson reconhecia uma tentativa de distração quando via uma. Brady não tinha mentido antes, mas estava mentindo agora.

— Você tem um patrocinador — disse Grayson.

— Eu não sou seu inimigo. — Brady falou agora diretamente para Lyra, em vez de para Grayson. — Não sou inimigo de ninguém. Sou um doutorando. Me interessa entender como os artefatos com que interagimos moldam quem somos. Gosto de livros. Gosto de estrelas. Gosto de números. E estou jogando este jogo por um motivo muito bom.

Na avaliação de Grayson, tudo aquilo era verdade. Mas não era a verdade que realmente importava. *Você tem um patrocinador e, seja lá quem for, você acha que foi ele quem deixou um lírio-do-nilo para você.*

— Não espero que acredite em mim, em nada — disse Brady a Lyra. — Mas talvez um gesto de boa-fé ajude?

O erudito inclinou a cabeça na direção dela e murmurou algo que Grayson não conseguiu ouvir.

O que você está dizendo para ela? Que tipo de jogada é essa, erudito?

Com um último olhar para Lyra, Brady seguiu até o fim do heliponto, do lado *oposto* ao mar. E então desapareceu.

Lyra esperou um pouco antes de se virar de volta para Grayson.

— Um gesto de boa-fé? — perguntou Grayson.

— Algarismos romanos — respondeu Lyra.

— Já tínhamos chegado a essa conclusão — protestou Grayson.

— Ele foi além. — Lyra pousou os olhos âmbar nos dele, e Grayson reconheceu o brilho no olhar dela. — E quando a resposta é certa… você sabe.

Capítulo 25



GRAYSON

O relógio no quarto andar da mansão era enorme, com algarismos romanos dourados bem visíveis no mostrador, e Grayson não pôde deixar de pensar que os irmãos e Avery tinham criado um jogo reluzente, cintilante.

Ao seu lado, Lyra ainda segurava o lírio-do-nilo. Percebendo o jeito como Grayson acabara de olhar para a flor, ela falou.

— Alguém me mandou até aqui, mas por que me distrair depois disso? — Lyra passou a flor da mão direita para a esquerda, depois pousou a palma da mão direita sobre o mostrador do relógio. — Primeiro os bilhetes com os nomes do meu pai, depois a flor, até aquela foto do Brady… de uma garota que supostamente se chama *Calla*.

— Uma coincidência e tanto. — Grayson ergueu a mão e se juntou a Lyra, tateando os algarismos romanos no relógio.

— E se o Brady e eu tivermos o mesmo patrocinador? E se essa pessoa estiver tentando *me fazer* lembrar da noite em que meu pai morreu?

Grayson pensou em como Lyra se descrevera como uma arma… uma bomba. Dada a intensidade da reação de Jameson só ao ouvir o nome de Alice, parecia claro que havia segredos prestes a explodir ali.

Segredos perigosos.

— O Grande Jogo. — Grayson virou o rosto e encontrou os olhos de Lyra. — Você ainda quer ganhar? — Sentiu-se o mais desprezível dos homens por fazer essa pergunta, por desviá-la do que importava, mas tentou se convencer de que não era manipulação se colocasse a decisão nas mãos dela.

Tudo o que ele tinha feito era perguntar se ela queria vencer.

— Já te contei do meu pai? — Lyra ainda encarava o relógio. — Não meu pai biológico… meu pai *de verdade*, o que me criou. — A voz de Lyra estava firme, firme até demais. — Ele é incrível. Eu sempre fui, desde que me entendo por gente, a filhinha do papai. E meu pai… *ele* nunca me tirou do jardim de infância para me levar a uma casa estranha, nunca me desejou *feliz aniversário* e, então, me transformou em testemunha de coisas que nenhuma criança deveria ver. — A voz de Lyra já não estava tão firme assim. — Meu *pai* sempre esteve presente. Minha mãe também. E eu sempre, *sempre*, soube que era amada.

Grayson nunca tivera pais; não de verdade, não daquele jeito, e o amor do velho era um outro tipo distinto de monstro. Ainda assim, Grayson sabia o que era *família*, o que significava. Por causa dos irmãos, ele *sempre* soube. E Lyra nunca lhe parecera tão bonita quanto agora, falando da dela.

— Tenho um irmãozinho, bem mais novo — continuou Lyra, e Grayson pôde ouvir o tom firme na voz dela, percebeu isso na inclinação do queixo. — E temos uma família enorme do lado do meu pai. Sempre fui uma Kane para eles. Desde o primeiro dia, desde o momento em que conheceram a minha mãe e a mim, nós éramos deles. — Ela fez uma pausa. — E o Recanto Sereno também. Está na família Kane há gerações. *Minha* família.

— Então sim — resumiu Grayson. — Ainda estamos no jogo. Você ainda quer ganhar.

Lyra deixou o lírio-do-nilo cair no chão.

— Os algarismos romanos parecem estar bem presos. Podemos tentar mover os ponteiros do relógio? — A expressão de concentração no rosto dela se intensificou. — Para oito e cinquenta.

Grayson entendeu o raciocínio dela na hora: *VIII*, *L*. Ergueu a mão e, juntos, moveram os ponteiros gigantes do relógio… e nada aconteceu.

— Estamos perto — disse Grayson. — Estou sentindo. — Ele fez tudo ao seu alcance para redirecionar a mente de volta ao jogo… e somente o jogo.

— Perto não basta. — Lyra inclinou o tronco de lado, levantando uma perna até que ela e o corpo ficassem paralelos ao chão.

— Uma mudança de perspectiva? — Grayson levou as mãos à cintura dela para apoiá-la, como se estivessem dançando… como no lustre, outra vez.

— O formato dos ponteiros — disse Lyra, e se antes a voz dela já estava intensa, agora vinha com uma força ainda maior. — Faça um *L*.

Às vezes, uma letra era um número e, às vezes, era uma *forma*.

Lyra se endireitou e girou o ponteiro dos minutos do relógio até formar um L de cabeça para baixo, com o ponteiro das horas ainda no oito.

VIII, L.

Ouviu-se um som como o de um ferrolho sendo destravado, e o mostrador do enorme relógio se abriu, revelando duas fileiras de gavetas metálicas.

No topo da gaveta superior, do lado direito, havia um livro-razão.

Grayson o pegou e o abriu. Dois nomes o encararam de volta, os primeiros jogadores a resolver aquele enigma.

Os jogadores que tinham chegado antes deles.

— Rohan e Savannah — disse Lyra. Ela olhou de canto de olho para Grayson. — O Brady não.

Brady Daniels sabia para onde ir depois do heliporto. Então onde ele *estava*? Grayson pensou de novo na garota da foto de Brady, aquela que o erudito claramente, de um jeito ou de outro, tinha perdido. *Calla.* Por um instante, os pensamentos de Grayson se voltaram para outra garota, uma que *ele* também perdeu, a primeira ferida, mas que já não era a mais profunda.

Ele estava mesmo aprendendo a deixar tudo fluir.

Ao lado dele, Lyra encostou o *smartwatch* na página. Seu nome apareceu no livro, escrito em letras elaboradas, como a terceira da lista. Grayson foi em seguida. Duas das gavetas metálicas se abriram. Dentro de cada uma havia uma caixa de prata e, em cima de cada caixa, um pingente em forma de relógio.

De pista em pista. Grayson olhou nos olhos de Lyra.

— Vamos em frente.

Capítulo 26



ROHAN

Rohan não perdeu tempo se acomodando na cama. Não era, em teoria, a cama dele… e, aliás, nem de Savannah.

— Preciso lembrar que poderíamos fazer isso no *seu* quarto? — perguntou Savannah, com frieza. — Ou no meu.

Ela ficou de costas para a porta do Brady, acima de tudo — ou, pelo menos, era isso que queria que Rohan acreditasse.

Ele se recostou na cabeceira da cama.

— E onde estaria a graça nisso?

Parte de dominar o tabuleiro era se posicionar com precisão… às vezes, literalmente. Brady Daniels e Lyra Kane podiam estar escondendo segredos, mas *Brady* não tinha um Hawthorne fazendo jogo duplo por ele. E, quando se tratava de eliminar os mais fracos, o sábio sempre começava pelo alvo mais vulnerável.

E era por isso que estavam ali.

Voltando a atenção para a próxima pista, Rohan colocou o objeto, uma caixa de música prateada, sobre o colo, as pernas longas esticadas até a ponta da cama. Savannah segurava uma caixa igual. Os dois já tinham analisado o conteúdo das caixinhas de música ali no corredor, mas em jogos como aquele, tudo merecia um segundo olhar.

E um terceiro.

E um quarto.

Rohan sempre pensava melhor em lugares onde não devia estar.

— Quem disse que isso aqui era para ser divertido? — Savannah permaneceu onde estava.

Não confia em si mesma para chegar mais perto dessa cama, né, gata?

Rohan abriu a caixinha de música com cuidado. Notas soltas preencheram o ar, uma de cada vez. Uma *valsa*. O interior da caixinha prateada era forrado com veludo roxo-escuro. Em vez da bailarina girando, como nas caixas de música comuns, havia ali uma flor esculpida em mármore branco e dourado.

A música que a caixa tocava mudou. Não era mais uma valsa, e sim um tango.

— Pode fingir que não está gostando — Rohan provocou Savannah. — Mas seu jeito te denuncia. — Rohan evitou olhar diretamente para ela. Em vez disso, pegou sua pulseira prateada e prendeu os dois pingentes, um depois do outro. *A espada*. *A chave*.

A música que vinha da caixa mudou mais uma vez, e a flor de mármore continuou girando, sem parar.

— Você deve sentir algum prazer em vencer o Grayson num jogo dos Hawthorne — disse Rohan. Até agora, ele e Savannah tinham assinado dois livros-razão, e nas duas vezes foram os primeiros.

— No basquete — comentou Savannah — existem dois tipos de jogador em quadra: o tipo que se empolga a cada cesta que faz e o tipo que só se importa em vencer.

— A senhorita tem um bom argumento — murmurou Rohan.

As pernas longas de Savannah deram um passo, afastando-se da porta… e se aproximando da cama.

— A senhorita está prestes a apresentar outro. — Ela fez um gesto com a cabeça em direção à caixa de música no colo de Rohan. — Essa música… é a mesma de antes. Da fase um.

Rohan prestou atenção. Ela tinha razão.

— *Clair de Lune* — disse ele. Depois de mais dez ou quinze segundos, a música mudou de novo, voltando para a valsa.

Tomando aquilo como um sinal, Savannah abriu a tampa da *própria* caixa, idêntica à de Rohan. A mesma sequência se seguiu, música após música.

— A flor — Savannah era o retrato da concentração —, a caixa. As músicas. — Ela olhou para a pulseira no punho. — Talvez os pingentes sirvam apenas para marcar nossas vitórias. Talvez tenham uma função mais

adiante no jogo, mas eu seria capaz de apostar uma bela grana que eles não são a pista agora.

Rohan não discordou. Quando a música voltou ao início mais uma vez, ele rolou para fora da cama, pousando sobre a ponta dos pés.

— O que você está fazendo? — perguntou Savannah.

— Escutando — respondeu Rohan. Sempre *escutava* melhor com as mãos ocupadas. Como duvidava que Savannah fosse apreciar seu toque naquele momento, Rohan começou a vasculhar o quarto de Brady.

A valsa tocava. Depois o tango. *Clair de Lune*.

Rohan entrou no banheiro de Brady. Conferiu as gavetas, o chuveiro, os azulejos no chão… e então viu um leve indício de algo escondido atrás do espelho. No instante em que Rohan ficou imóvel, Savannah atravessou o quarto e parou bem atrás dele. Seu olhar se prendeu ao espelho. Quando ela percebeu o que ele tinha visto, Rohan já havia tomado posse do objeto.

Uma fotografia. Na verdade… era a mesma que Rohan havia roubado antes. *Calla Thorp com seu arco.*

— Ele pegou de volta? — provocou Savannah, sarcástica. — Touché.

— Não. — Rohan abriu o zíper da jaqueta e tirou a foto de Calla Thorp que roubara na fogueira. Estava gasta, como se Brady Daniels a carregasse há anos.

A que estava escondida atrás do espelho parecia bem mais nova. Tinha apenas uma marca de dobra.

Savannah estendeu a mão.

— Posso ver?

Rohan assentiu, deixando que ela ficasse um momento com as duas fotografias. Savannah observou as imagens idênticas de Calla Thorp, e Rohan não pôde deixar de notar que, comparada a Savannah Grayson, Calla era de uma feição simples… exceto pelos olhos.

— Há algo especial nas histórias de amor trágicas, não é? — indagou Rohan, retomando as fotos.

Por um instante, Savannah pareceu prestes a brigar pelas imagens, mas, para a decepção suprema de Rohan, ela não o fez.

— Todas as histórias de amor são trágicas — afirmou ela.

Então ela se virou, ainda com a caixa de música na mão, e voltou determinada para o quarto. Rohan guardou as fotos e foi atrás dela,

passando pelo quarto de Brady até o corredor. Estava vazio e o relógio, reiniciado.

— Grayson e Lyra encontraram a pista — informou-a Rohan. Savannah não perguntou como ele sabia, e Rohan não explicou. Apenas observou enquanto ela avançava pelo corredor até a janela no final.

Assim que ela a abriu, Rohan soube o motivo.

— *Clair de Lune* — murmurou, parando ao lado dela. — Luz do luar.

Uma lua parcial iluminava o céu, e foi então que Rohan viu, lá embaixo, na praia, quase escondido na penumbra. Algo que não estava ali antes…

Um piano.

Capítulo 27



GIGI

Seda. Aquele sequestrador vil e canalha tinha amarrado Gigi com *seda*. Lenços? Pedaços de lençóis? Gigi não sabia. Será que Slate andava por aí carregando seda o tempo todo? Vai saber! Tudo que *Gigi* sabia era que o tecido era macio em seus punhos, que aquele brutamontes extremamente irritante tinha amarrado *atrás das costas*.

E tinha amarrado os tornozelos dela também.

— Como você ousa! Inacreditável, insuportável, absolutamente imperdoável! — A voz de Gigi ecoou na escuridão. Slate já tinha ido embora fazia tempo. Sem a luz da vela, o breu era total, e Gigi estava sozinha.

A porta tranca por fora, ele tinha dito, seco. *É melhor não fazer nenhuma besteira enquanto eu estiver fora*.

— Ah, não é? — Gigi não via problema nenhum em falar sozinha. — Porque eu tenho quase certeza de que vou fazer, sim! — Ela puxou os punhos contra as amarras. Por mais macio que fosse o tecido, não cedia nem um milímetro. Chutou as pernas com entusiasmo… e zero resultado.

— Chega — disse para si mesma. — Respire. — Já tinha escapado de situações piores só com a força da imaginação. Precisava ir para um lugar feliz na cabeça, e aí sim pensar numa estratégia. Mas, por algum motivo, enquanto tentava conjurar seu lugar feliz, em vez de coelhinhos e sorvete, o que veio foi Brady.

Lábios carnudos, queixo marcado, olhos castanhos aveludados por trás de óculos de aro grosso. Gigi pensou, só por um segundo, em teoria do caos, sistemas fechados, e aquela voz profunda e suave como correnteza de rio.

— Uma voz que *mentiu*. — Gigi lembrou a si mesma.

Pelo menos Slate era honesto sobre o que era: catorze marcas numa bainha de couro, catorze coisas horríveis que já tinha feito. Gigi preferia mil vezes isso a alguém que se esforçou pra *ganhar a confiança* dela… não que qualquer um dos dois estivesse exatamente *disponível*, claro. De qualquer forma, Gigi tinha preocupações maiores no momento do que seu histórico romântico lamentável e o gosto consistentemente desastroso para homens.

Savannah *sabia*. Gigi não sabia ao certo o que Eve havia dito sobre a morte do pai, mas sabia muito bem que a irmã não enxergava o mundo com muitos tons de cinza. Era ou excelência, ou fracasso. Ou era poder, ou era impotência.

Ou era verdade, ou era mentira.

Savannah sempre tinha sido a favorita do pai, a escolhida, a que *importava*. Tudo o que se esperava de Gigi era um sorriso, e tudo o que ela queria ao entrar no Grande Jogo, era provar para si mesma que era capaz de *mais*.

Em vez disso, foi enganada por um físico em recuperação, se deixou sequestrar de forma totalmente imprudente e desnecessária, e falhou miseravelmente em enxergar o que estava bem na sua frente. *Savannah*. Ela estava diferente. Há meses vinha agindo diferente, e agora Gigi entendia o motivo.

Com a imagem da irmã na cabeça, ela respirou fundo.

— Chega de drama. Eu vou sair daqui. — Gigi deu mais firmeza às palavras. — Passo um: soltar meus punhos.

Rolou o corpo até ficar sentada, depois se pôs de pé. Gigi não fazia a menor ideia de que direção estava seguindo, mas, numa sala redonda e praticamente vazia, isso pouco importava. Ela pulou. Depois de novo. E mais uma vez. Até que Gigi deu de cara com a parede.

— Certo, não foi a ideia mais tranquila — admitiu, fazendo uma careta.

A ferida na cabeça latejava, mas Gigi seguiu firme, encostando as costas na parede para poder tateá-la com as mãos amarradas. As pedras que formavam as paredes do farol eram irregulares, algumas se desfazendo, outras afiadas.

Afiadas era exatamente o que Gigi estava procurando.

Levou três minutos para encontrar uma pedra que servisse ao propósito.

— Olá, minha amiguinha pontuda — disse para a pedra, abrindo um sorrisão.

Quanto tempo alguém extremamente motivado levaria para cortar amarras de seda usando uma pedra superafiada?

Capítulo 28



LYRA

Na caixa de música, uma flor de mármore girava sem parar. *Mais um lírio-do-nilo*. Lyra ficou olhando, e logo já não ouvia mais a melodia, não enxergava mais o salão em mosaico onde ela e Grayson tinham ido decifrar a pista.

Feliz aniversário, Lyra. A lembrança da voz do pai ameaçava puxá-la para o fundo.

Lai-ra.

Lai-ra.

Lyra lutava para se manter no presente, como tinha conseguido fazer no heliponto, mas, dessa vez, a correnteza da memória não aceitava ser ignorada e cravou os dentes nela, arrastando-a para baixo… e de volta aos quatro anos de idade.

De volta à flor e ao colar de doces.

De volta ao tiro.

De volta ao sangue.

Pés descalços no asfalto. Correndo.

— Respire. — A voz de Grayson envolveu Lyra, impedindo que afundasse num flashback completo, mas ainda assim, os *sons* daquele dia…

Feliz aniversário, Lyra.

Lai-ra.

Lai-ra.

— Respire por mim, Lyra Catalina Kane. — Grayson disse seu nome do jeito certo. Do jeito mais Grayson Hawthorne possível, como uma

ordem… ou talvez uma oração.

— Eu estou respirando — retrucou Lyra, mas ainda assim não conseguia desviar os olhos da flor de mármore girando lentamente dentro da caixa.

— Você está respirando — confirmou Grayson, o peito subindo e descendo no mesmo ritmo que o dela.

Lyra conseguiu fechar os olhos, só por um segundo.

— Um *lírio-do-nilo*, Grayson. — Na mente dela, o som que veio foi o de um vento uivando, rugindo, e ela precisou cerrar os dentes. — Ainda acha que a outra não fazia parte do jogo?

A pergunta saiu com jeito de acusação. Lyra nem tinha intenção de soar assim, mas era difícil se livrar de velhos hábitos.

— Se o lírio no heliponto fosse parte do jogo, posso garantir que a flor teria sido entregue de uma forma bem mais sistemática. — Era uma das melhores e piores qualidades de Grayson; ele era sempre assim. Tão firme. Tão certo. — Os jogos Hawthorne não são aleatórios. Existe uma lógica inquestionável por trás de cada um, e eles não são cruéis.

Cruéis. Lyra olhou de novo para o lírio-do-nilo dentro da caixa de música prateada e reluzente. Levantou um dedo para tocar a flor de mármore.

— Mas isso aqui *foi* coisa deles. Os criadores do jogo. — Lyra já tinha pensado, antes, que alguém podia estar tentando *fazê-la* lembrar. Agora, precisava considerar a possibilidade: e se fosse um deles?

Um dos irmãos de Grayson… ou Avery?

— É só uma caixa de música — respondeu Grayson, pousando a mão de leve no ombro dela. — Só uma flor de pedra. Só uma pista em um jogo que você *vai* vencer.

— É um lírio-do-nilo — retrucou Lyra, empurrando o peito dele com uma das mãos, sem força. Ela não precisava de consolo agora. Precisava de respostas. — Eles sabem de alguma coisa… seus irmãos ou a Avery. Pelo menos um deles sabe.

Grayson deixou a mão cair ao lado do corpo e olhou para a mão de Lyra em seu peito.

— O que exatamente você acha que eles sabem? — perguntou, com gentileza. — Nunca contei a nenhum deles sobre nossas ligações, Lyra… sobre *você*. — Os traços do rosto de Grayson pareciam feitos para a

intensidade. Era um tipo estranho de calma. — Contei para o Xander, por alto, sobre a morte do seu pai, mas não porque eu estava procurando por ele. Contei para o Jameson sobre a charada, mas não onde a ouvi. — Grayson fez uma pausa. — Eu não contei de você para ninguém. Por mais de um ano, você foi meu segredo. Meu e de mais ninguém.

Tinha algo no jeito como Grayson Hawthorne dizia *meu* que fez uma parte de Lyra querer dizer *sim*… mas ela não disse.

— Existe uma diferença entre não mencionar uma coisa e esconder um segredo — disse ela.

— É um segredo quando se pensa nele. — Os lábios de Grayson raramente se abriam num sorriso de verdade; seu rosto anguloso se comunicava por meio de curvaturas quase imperceptíveis. — Mesmo que tente enterrar fundo, tem segredo que vive com você. Todo santo dia.

Lyra pensou na reação de Grayson quando ouvira a voz dela no dia anterior, quando percebeu quem ela era. Sentia os músculos do peito dele embaixo de sua mão. O coração batendo. Seria fácil aceitar tudo o que ele dizia, sem questionar.

Você foi meu segredo. Meu e de mais ninguém. Todo santo dia. Lyra abaixou a mão.

— Tem segredo que se grava nos ossos — disse ela. Lyra vivia com esse tipo de segredo. Havia anos. Era o que dividia sua vida em antes e depois.

E alguém envolvido naquele jogo *sabia de alguma coisa*.

Lyra encarou a caixa de música, a flor de mármore.

— A Odette desenhou um lírio-do-nilo ontem à noite. Eu nunca falei pra ela que meu pai me deu um, mas depois que lembrei do símbolo ômega, depois que ela me ouviu dizer *um Hawthorne fez isso*, ela desenhou um *lírio-do-nilo*. Alguém anônimo deixou um pra mim no heliponto. E agora tem outro na nossa pista atual. Isso não é coincidência. Não pode ser, Grayson. — Ela se virou, os olhos ardendo, direto para ele. — Você sequer acredita em coincidências?

Os olhos prateados e azulados de Grayson absorveram todo o fogo dela.

— Estou começando a acreditar em muitas coisas que, até dois dias atrás, eu não acreditava. — *Tão firme. Tão certo.* — E estou te pedindo que acredite *em mim* quando digo que meus irmãos e a Avery nunca fariam isso com você de propósito.

Os jogos Hawthorne não são cruéis. Lyra voltou a olhar para o lírio de mármore, e, de repente, era coisa demais, incluindo Grayson Hawthorne e o que quer que ele estivesse começando a acreditar.

Todo santo dia.

Meu e de mais ninguém.

— Você está a uns três segundos de sair correndo pela mansão no meio da noite — observou Grayson.

E não estava errado.

— Vai tentar me convencer de que é uma má ideia? — desafiou Lyra.

— Às vezes, forçar o corpo é a única forma de calar tudo por dentro — disse Grayson. — Mas você só corre porque não se permite dançar. E não pude deixar de notar que estamos em um salão de baile.

A mente de Lyra voltou para a noite anterior, para o baile de máscaras, para a dança com ele. Ela quase podia sentir o calor do corpo de Grayson, a palma da mão dele sobre a dela, mas, dentro da caixa de música prateada, o lírio-do-nilo girava, girava, girava.

— Não precisa ser comigo — disse Grayson. — Posso te deixar sozinha aqui e continuar resolvendo o enigma. Faça o que. — Não havia nenhuma segunda intenção naquelas palavras. Nenhum julgamento. — Às vezes precisamos ficar sozinhos.

Precisamos. Ele disse como se os dois fossem iguais. Como se não houvesse nada de errado em querer ficar sozinha.

Como se ela não estivesse nem um pouco destruída.

— Estarei no grande salão — completou Grayson, e Lyra fez o melhor que pôde para não olhar enquanto ele se afastava.

Às vezes precisamos ficar sozinhos. E agora ela estava. Sozinha num *salão de baile*… e seu corpo lembrava, provavelmente *sempre* lembraria, como era girar, saltar, desafiar a gravidade em cada detalhe que importava. Mas dançar… dançar de verdade, do jeito que ela dançava antes, exigia entrega. Deixar a música tomar conta. Se perder no movimento.

Para Lyra, o balé significava abrir mão do controle.

Em vez disso, ela começou a andar de um lado para o outro como uma leoa enjaulada, o som das notas da caixa de música ensurdecendo aos poucos no fundo, até que tudo o que Lyra conseguia ouvir era um sussurro vago na memória: a voz de uma mulher, palavras que ela não conseguia entender, por mais que tentasse.

A música continuava tocando, e o lírio de mármore continuava girando.

Isso não pode ser coincidência. Nada disso pode. A flor que ela havia encontrado no heliponto, a flor na caixa, a flor que Odette desenhara… tinha algum significado. Tudo isso tinha algum significado. *Eu estar aqui. Lírios-do-nilo. Ômega. Alice Hawthorne.* Lyra não conseguia se livrar da sensação de que, se conseguisse entender o que aquilo tudo queria dizer, por que aquela noite aconteceu, por que o pai tinha se matado daquele jeito, por que ele *a levou até lá*, talvez não precisasse mais ficar sozinha.

Talvez ela finalmente parasse de afastar as pessoas.

Talvez pudesse dançar.

Mas ela se recusou a entreter esse pensamento por mais tempo. Lyra parou de andar de um lado para o outro e se dirigiu até a cama no centro do salão. Subiu nela e olhou para o teto de mosaico, com seus azulejos formando um arco-íris escuro. Estendeu a mão em busca de um travesseiro… e sentiu outra coisa.

Um pedaço de papel. Lyra percebeu o que era um segundo tarde demais. Um segundo depois de já tê-lo pegado e começado a desdobrar. Na noite anterior, para ganhar uma pista no jogo, Grayson teve que desenhá-la. Ele tinha guardado o desenho. *Debaixo do travesseiro.*

Lyra terminou de desdobrá-lo e prendeu a respiração.

Não era só o jeito como ele tinha captado o vestido etéreo de baile, as linhas do pescoço, as curvas do corpo. *Nada escondido. Nada suavizado.* Não eram os lábios fartos nem o cabelo solto e um pouco rebelde, como se ela estivesse encarando o vento. Era o olhar. Eram os músculos que ele desenhou junto com as curvas. Era o modo que a desenhou como alguém prestes a dizer alguma coisa, como se ela fosse uma pessoa com algo a dizer.

Já era preocupante o bastante que Grayson a tivesse feito linda, mas ele também a desenhou *forte*.

E, de algum jeito, isso fez Lyra sentir — pela primeira vez em *três anos* — que talvez ela não precisasse ser forte o tempo todo.

Eu não estou bem. Lyra deixou que isso fosse verdade. Só por um momento, deixou ser verdade. Parou de lutar contra a lembrança do lírio-do-nilo, dos tiros, do sangue. Pensou em estar sozinha, quando criança, naquela casa com um cadáver *e* agora.

Deixou doer e respirou fundo. Estremeceu e, dessa vez, quando ouviu um sussurro distante na mente, aquela lembrança que nunca conseguia trazer à tona, ela não foi tão incompreensível assim.

Ela entendeu uma palavra, dita na voz de uma mulher: *Você…*

Capítulo 29



GRAYSON

No grande salão, as peças de dominó tinham sumido do piso de madeira reluzente, e um violino estava pousado bem no centro da mesa redonda. Grayson examinou o ambiente em busca do arco e o viu equilibrado no lambril elevado da parede. Pela experiência, ele sabia que isso não significava, necessariamente, que a chave para o enigma da caixa de música era a música.

Podia ser. Mas também podia não ser.

Os jogos Hawthorne eram cheios de armadilhas, tocas de coelho em que era possível se perder por horas. A pista podia muito bem estar na caixa. *Ou no lírio-do-nilo dentro dela.*

Por que essa flor, Jameson? Grayson não tinha mentido quando disse à Lyra que o que encontraram perto do heliponto com toda certeza não fazia parte do jogo, mas a escolha de um lírio-do-nilo para a caixa de música certamente *não* era coincidência. Ele tinha escolhido bem as palavras com Lyra: seus irmãos e Avery jamais fariam algo assim *de propósito*. Grayson apostaria cada centavo que tinha que aquilo era ideia do Jameson, e que Jameson não fazia ideia de que lírios-do-nilo tinham qualquer significado para Lyra.

Então, a verdadeira pergunta era por que *aquela* flor estava rondando o inconsciente do irmão, antes de mais nada. *Tem a ver com Alice.* Isso estava claro, assim como o fato de que Grayson teria de quebrar sua promessa. Tinha dado a Jameson até o fim do jogo para lidar com possíveis ameaças, mas, para Grayson, esse prazo acabara de mudar.

Ele não ia ficar assistindo de longe enquanto uma ameaça sem rosto brincava com Lyra. *Machucava* Lyra. Jameson claramente não estava dando conta… então Grayson daria.

Como se fosse combinado, o relógio dele vibrou com a resposta à mensagem que havia mandado aos criadores do jogo, pedindo uma varredura do perímetro.

(LITERAL) TUDO LIMPO. FOQUE NO JOGO.

A segunda parte era a cara de Jameson. *Foque no jogo*. Grayson vinha tentando convencer Lyra a fazer o mesmo… e pelo mesmo motivo. Resistiu à vontade de mandar outra mensagem aos criadores do jogo. O bom senso exigia atenção ao que se mandava por escrito.

Você tem até meia-noite, Jamie, pensou Grayson, *e só até lá.*

Por ora, Grayson pegou o violino e o arco. Então levou o violino ao queixo. De cor, começou a tocar a valsa da caixa de música. Em sua mente, formou-se uma imagem: Lyra dançando, girando e girando, os contornos do corpo em pura harmonia. Conforme continuava tocando, a valsa dando lugar a um tango, a mente de Grayson criou outra dança. Uma mais intensa.

Um tango a dois.

E então Lyra surgiu no vão da porta do grande salão, parecendo saída de um mito, os cabelos soltos e escuros, e a caixa de música prateada presa ao corpo como um buquê. Grayson parou de tocar.

— O que aconteceu? — Pelo olhar dela, ele sabia que algo tinha acontecido.

— Uma lembrança — disse Lyra. — Bem vaga. — Seus olhos cor de âmbar desviaram dos dele. — Por que… — Ela parou, depois tentou de novo. — Por que você me desenhou daquele jeito?

Grayson levou um segundo para entender do que ela estava falando. O que ela tinha encontrado.

— Era parte do jogo — disse ele.

— Não. — Lyra balançou a cabeça. — Eu não perguntei por que você me desenhou. Perguntei por que me desenhou *daquele jeito*. — A voz dela falhou no fim da frase.

Grayson não entendeu muito bem a pergunta. Não era do tipo que usava de licença poética.

— Só desenhei o que vejo.

Lyra virou de costas para ele, a cabeça se movendo mais uma vez, o cabelo escuro ondulando pelas costas.

— Você é impossível — disparou. — E eu… — A voz dela mudou de um jeito que Grayson nem soube descrever. — Eu não estou bem.

Grayson não sabia se ela tinha ou não se permitido dançar, mas era óbvio que alguma coisa ali tinha mudado.

— Libertador, de certa forma, não é? — perguntou ele baixinho. — Deixar vir tudo.

— *Nem tudo*. — Ela ainda estava segurando.

Então não dançou, concluiu Grayson.

Grayson caminhou na direção dela, mas antes que pudesse chegar perto demais, Lyra se virou outra vez.

— A gente devia voltar para o jogo. — Lyra olhou para o violino na mão esquerda dele… e o arco na direita. — Posso pegar seu arco emprestado?

Sem saber nem de longe o que ela pretendia, Grayson abaixou o violino e lhe entregou o arco. Lyra se ajoelhou com elegância no chão, colocou a caixa de música ao lado e abriu a tampa. A expressão no rosto dela era difícil de decifrar. Ela fincou a ponta do arco no veludo do interior da caixa e começou a rasgar o tecido.

— Um palpite, imagino? — perguntou Grayson.

O veludo começou a ceder sob o ataque dela.

— Talvez eu só esteja com vontade de arriscar — disse Lyra. — Ou de fazer um estrago. — Ela largou o arco e segurou a borda rasgada do tecido.

Arriscar. Fazer estrago. Grayson não pôde evitar o pensamento de que, para Lyra, *ele* também parecia um risco, sem sombra de dúvidas. E os dois juntos…

O tipo certo de desastre esperando para acontecer.

Veio mais um *rasgo*.

— Achei — disse Lyra, arrancando o resto do forro de veludo da caixa de música.

Grayson se aproximou e olhou para dentro da caixa prateada, para o que Lyra tinha encontrado debaixo do tecido — a recompensa pelo *risco*, o resultado do *estrago* que tinha causado.

Um símbolo, gravado no metal.



— Infinito — disse Lyra, traçando o desenho com a ponta do dedo, antes de erguer os olhos e encarar Grayson outra vez. — Ou oito.

Capítulo 30



ROHAN

— Já procuramos por tempo demais. Não há nenhum compartimento secreto no piano. Nenhum símbolo. Nenhuma pista. — Savannah ergueu uma sobrancelha, como se desafiasse Rohan a contradizê-la. Ele não o fez. Não havia nada escondido dentro, fora ou ao redor do piano… só o instrumento em si, um banco, a praia e fios de luzes extras que se acenderam no instante em que levantaram a tampa do piano.

Rohan deslizou para o banco, os dedos roçando de leve nas teclas.

— Abra a caixa de música — disse a Savannah. — A minha ou a sua.

Um piano como aquele, de cauda, um Steinway, pelo que parecia, existia para ser tocado, e Rohan suspeitava que esse fosse justamente o ponto.

Savannah abriu a caixa de música. Rohan ouviu a melodia e começou a tocar. Ia dizendo em voz alta as notas enquanto tocava:

— *Ré, Mi, Ré, Dó…*

O som inconfundível do zíper da jaqueta de Savannah fez Rohan parar. Ele virou o rosto e viu Savannah com uma caneta permanente na mão, a qual ela destampou enquanto tirava a jaqueta branca. Sem hesitar, escreveu no braço nu as notas que ele acabara de recitar, com uma caligrafia perfeita e provocante.

Ré, Mi, Ré, Dó.

Aquela caneta, com certeza, *não* fazia parte do jogo.

— Cuidado, gata — advertiu Rohan. — Nunca se sabe quem está observando.

Tinham recebido ordens claras de não levar nada para a ilha.

— Depois que invadi o seu quarto esta manhã, invadi o da Gigi. A caneta era dela. — Estava claro para Rohan que dizer o nome da irmã custava algo a Savannah, mas ela fingiu com perfeição que não. — Imagino que minha irmã tenha encontrado uma brecha. Ela sempre encontra. E, pelo visto, os criadores do jogo permitiram.

De onde estava, Savannah olhou para Rohan, sentado no banco.

— Me diga de novo para tomar cuidado, como se eu fizesse algo além de tomar cuidado, e vou fazer você sentir o tamanho da minha irritação.

— Te garanto, gata, que *sempre* sinto o tamanho da sua irritação. — Rohan se levantou, fechou a caixa de música dela e a abriu de novo, fazendo a sequência de músicas recomeçar do início. Sentou-se novamente e entrou na melodia no exato ponto em que havia parado.

Continuou dizendo as notas em voz alta. E Savannah continuou escrevendo no braço.

No meio do tango, Rohan fechou a caixa mais uma vez… para provocá-la, e para que ela tivesse tempo de acompanhar.

— Uma pessoa cuidadosa de verdade — ressaltou ele — não estaria aqui, se estivesse no seu lugar.

Ninguém com um mínimo de prudência se colocaria contra os Hawthorne. Ou contra a herdeira deles.

— Vai me dizer que você não sabe a diferença entre ter cuidado e ser cautelosa? — Savannah acrescentou mais algumas notas, mais tinta preta na pele branca como porcelana, e ela mesma abriu a caixa de novo.

Enquanto esperava a melodia voltar até onde tinham parado, Rohan respondeu à pergunta retórica.

— Cautela é hesitação. E disso você não tem nada.

O que são distrações, Rohan?

Ele voltou a tocar e se forçou a continuar até que, enfim, chegaram a *Clair de Lune*. Rohan fechou a caixa. Não precisava dela. Não para essa música. Rohan tocou de cor, direto, e à medida que as notas surgiam, pedaços da melodia se destacavam para ele, enquanto Savannah ia anotando mais letras no braço fino, descendo até o lado interno do pulso.

Ré, Lá, Sol, Lá…

Mi, Mi, Fá…

Ré, Dó…

Si.

Rohan afastou os dedos das teclas.

— Me surpreende que você não toque — disse ele, com um leve gesto de cabeça em direção ao Steinway.

— E o que te faz ter tanta certeza de que eu não toco?

Rohan se levantou, tirando dela a vantagem da altura.

— Eu até poderia te contar, mas qual seria a graça nisso? — Ele se aproximou dela, lutando contra a vontade de passar os dedos pelas notas no braço dela. — Falando em cautela — disse, deixando o olhar fazer o trabalho por ele —, Jameson Hawthorne veio falar comigo.

Savannah não precisava saber dos detalhes, mas, para o que Rohan tinha em mente, era importante que ela tomasse cuidado.

— Jameson está preocupado… e isso não é nada comum. Parece que os criadores do jogo desconfiam que há forças maiores envolvidas. Algum tipo de ameaça. — Rohan desviou o olhar para o rosto de Savannah, e ela, por sua vez, olhou para o oceano… o pouco que conseguiam enxergar sob aquela luz suave.

— Isso te incomoda? Estar aqui fora à noite? — perguntou Savannah. — Tão perto da água? — Ela tinha mudado de assunto… de propósito.

— Te incomoda — rebateu Rohan — usar uma caneta que era da sua irmã?

Savannah não disse uma palavra sobre Gigi. Rohan também não esperava que dissesse. Mas no contorno do silêncio dela, ele encontrou a resposta.

— Você ama a Gigi, bastante.

Savannah manteve o olhar fixo no mar.

— Eu era a favorita do nosso pai — disse. — E a Gigi era a minha.

Era. Rohan deixou o verbo girar na cabeça. *Gigi sabe exatamente como seu pai morreu, não sabe, gata? E não te contou*. Rohan não pôde deixar de pensar que algumas pessoas não sentiam dor.

Algumas pessoas a transformavam em outra coisa.

— Nunca aprendi a nadar muito bem — comentou Rohan, numa troca justa. Uma verdade por outra verdade. — Mas dou conta, mais ou menos.

Ele deixou o olhar deslizar do rosto de Savannah até o braço, até o pulso. Então ergueu a mão e passou dois dedos, quase sem tocar, sobre o lugar onde sentia os batimentos dela.

— É agora que as garras aparecem? — perguntou Rohan.

— As garras estão sempre à mostra — retrucou Savannah, arqueando uma sobrancelha. — Como você deve se lembrar.

— Minha memória é excelente — disse ele, passando os dedos mais uma vez pelo pulso dela.

Savannah ergueu o queixo.

— Quero as fotos. A que você roubou do Brady Daniels e a que encontramos no quarto dele.

— Um jeito de desviar a atenção, caso os criadores do jogo comecem a suspeitar de você? — arriscou Rohan. — Uma foto, dá pra dizer que é só apego emocional. Duas idênticas, por outro lado… — Ele deixou a frase no ar, carregada de intenção.

— Duas já querem dizer outra coisa — concordou Savannah. — Posso ficar com elas ou não? — Ela ainda não tinha tirado o pulso da mão dele. Rohan ainda sentia os batimentos dela.

Ele resolveu ceder — por motivos estratégicos, é claro. Entregou as fotos.

— Só para avisar, gata, eu vou roubar as fotos de volta.

— Pode tentar à vontade — disse Savannah, virando-se e começando a se afastar. — Espero que tenha decorado a sequência no meu braço — gritou por cima do ombro. — Já passou da hora de cada um tentar resolver esse enigma por conta própria.

— Pode ficar tranquila — respondeu Rohan. — Conheço cada pedacinho dela. — *Cada pedacinho de você.* — Quem descobrir primeiro faz o outro se humilhar.

Distrações eram fraqueza, mas motivação? Motivação valia ouro.

Capítulo 31



GIGI

No fim das contas, cortar amarras de seda com uma pedra afiada levava *um bom tempo*, mesmo para alguém altamente motivado. Mas existiam dois tipos de otimistas no mundo: os que tinham esperança e os que insistiam feito loucos.

Gigi era do segundo tipo. Depois de muito, muito tempo, um rasgo pequeno virou um maior, que logo virou uma faixa de seda caindo no chão.

— Viva!

Apesar do otimismo, Gigi não tinha pensado muito além do primeiro passo do plano. O segundo passo era óbvio: soltar os tornozelos, o que ela fez. Mas o terceiro…

Gigi tateou até a porta e tentou se jogar contra ela algumas vezes. *Nada feito*. Mudou de estratégia. Levou uns bons cinco minutos rastejando no escuro, passando as mãos pelo chão de madeira até encontrar o castiçal de ferro. Mesmo sem enxergar nada, estava 99% certa de que conseguiria subir as escadas de pedra se se mantivesse colada à parede e fosse com calma. E quando chegasse lá em cima…

Será que era tão difícil assim, para uma pessoa tão motivada e com um belo pedaço de ferro em mãos, quebrar umas janelas?

Capítulo 32



LYRA

Lyra fitava a ilha lá de cima. Ver a Ilha Hawthorne de um ponto de vista aéreo em busca de algum símbolo de infinito tinha sido ideia de Grayson. Usar o galpão de barcos para isso fora ideia de Lyra. Eles já tinham vasculhado a mansão atrás de qualquer coisa que tivesse o símbolo do infinito — a *lemniscata*, como Grayson chamava. Viram que não era possível acessar telhado da mansão.

Por isso, foram para o estaleiro.

Por isso, os dois estavam a pelo menos doze metros de altura.

O topo da estrutura se iluminou no segundo em que pisaram ali, igualzinho ao heliporto.

— A gente pode estar procurando qualquer coisa — disse Grayson, enquanto encaravam a noite. — Árvores plantadas no formato de uma lemniscata, espelhos no chão, um padrão na grama.

— Tá um breu danado — rebateu Lyra. — Falta menos de uma hora para a meia-noite.

— Sim. — Grayson Hawthorne e os *sim* dele. — Tenta usar os binóculos. — Ele olhou soslaio para ela, com um sorrisinho de canto. — Só uma sugestão.

— Não vai ser mais fácil se eu presumir que tudo que você diz é sugestão, de agora em diante? — Lyra pegou os binóculos.

— Se for uma ordem — respondeu Grayson —, você vai saber.

Ela olhou firme para ele.

— Idem. — Ao levantar os binóculos até os olhos, Lyra sentiu Grayson se mover ao lado dela, e, em vez de tentar ignorar a consciência que seu

corpo tinha do dele, Lyra acolheu a sensação.

— Nada — informou ela. — Continua um breu. — Ao abaixar os binóculos, pensou na antiga dona daqueles óculos cravejados de diamantes. Olhou para Grayson e soube que ele pensava na mesma coisa. — Você está pensando na Odette.

— Odette — retrucou Grayson, mantendo o olhar no de Lyra — não é a única em quem estou pensando.

— Eu sei. — Algumas horas antes, Lyra teria ignorado aquela confissão ou fingido não entender. Mas depois daquele desenho, não dava mais pra fingir. — Eu não dancei quando estava sozinha no salão. — Lyra sentiu que precisava dizer alguma verdade para ele. Nem sabia ao certo por quê. — Não consegui me permitir.

— Eu sei — respondeu Grayson.

Lyra não estava acostumada a ser lida por ninguém.

— Agora é sua vez — disse, voltando o olhar pra ilha.

— Minha vez do quê? — perguntou Grayson.

— Sua vez de me contar alguma coisa que eu já saiba.

— Você não cai. — Ele indicou com a cabeça a beirada do telhado. Ela estava mais próxima do que ele.

— Eu se…

Grayson não deixou ela terminar.

— Você não cai — repetiu, com uma intensidade nas palavras que ela sentiu na pele. — Eu caio. — Ficou claro para Lyra que ele não estava falando de equilíbrio. — Eu caio, Lyra.

Primeiro o beijo, depois o desenho, e agora aquilo. E tudo que Lyra conseguiu dizer foi:

— Por quê?

— Por que o quê? — devolveu Grayson.

Por que alguém como você ficaria caidinho por mim? Ele era Grayson Hawthorne. Tinha o mundo inteiro na palma da mão. Mas Lyra não ia dizer aquilo em voz alta, nem morta.

— Por que ver de cima? — mudou de assunto. — Por que você tem tanta certeza de que a escuridão não vai ser um problema?

Grayson a observou por um momento antes de responder:

— Ecos. Daqueles que acontecem de jogo em jogo. Num dos últimos jogos do velho, tinha uma pista que só dava pra ser vista de cima. Jameson

e Avery participaram daquele jogo e são os idealizadores deste. O infinito, ou o número oito, é outro eco dessa mesma sequência.

Eco atrás de eco. Lyra se perguntou se aquele era mesmo intencional. E então percebeu:

— E se a flor na caixinha de música for outro eco de um dos jogos da infância de vocês? — A mente de Lyra fervilhava enquanto se aproximava cada vez mais da beirada do telhado. — Pode nem ter sido de propósito.

Eles já sabiam que Tobias Hawthorne tinha descoberto que a esposa ainda estava viva. O que mais o bilionário podia ter descoberto?

— E se o seu avô escondeu *alguma coisa* num desses jogos? — insistiu Lyra. — A respeito de Alice.

Alice e lírios-do-nilo.

A noite estava silenciosa, exceto pelas ondas quebrando lá embaixo.

— *O tipo certo de desastre esperando para acontecer* — disse Lyra. — E se era isso que a Odette queria dizer? Você e eu. Minha memória e a sua. — Ela deu mais um passo à frente, era preciso se mover, era preciso pensar. Agora estava bem na beirada do telhado, e de repente, as palavras de Grayson voltaram à cabeça dela, assombrando como tantas outras que ele já tinha dito.

Você não cai. Eu caio. Eu caio, Lyra.

Um clarão apareceu à distância. *De algum lugar perto das ruínas.* A princípio, Lyra achou que tinha imaginado, mas então veio outro, não muito longe do primeiro.

— Você viu isso? — perguntou Lyra.

— Vi — confirmou Grayson. — Quer apostar quanto que os flashes vão continuar e formar uma lemniscata? Um de nós deveria ficar aqui acompanhando o padrão e o outro ir investigar a origem.

— E quando você diz que *um de nós* deveria ir investigar… — provocou Lyra.

— Deixa que eu exploro — respondeu Grayson.

— Só pra deixar claro, você quer que eu fique aqui na luz enquanto você vai se aventurar no escuro sozinho pra conferir isso?

— Alguém precisa observar o padrão.

— Esse alguém podia ser você — apontou Lyra. — E eu podia ir me aventurar.

Outro clarão, dessa vez, mais perto da floresta do que das ruínas.

— Não discuta. Por favor.

Foi o *por favor* que selou. Lyra soltou o ar com força.

— Tá bom, mas se prepare pra uma chuva de sarcasmo quando voltar… e nada de seguir pro próximo enigma sem mim se encontrar alguma coisa.

— Eu vou explorar — prometeu Grayson, com um leve sorriso no canto da boca. — E só isso.

Ele sumiu escada abaixo, e Lyra voltou os olhos para a ilha, mantendo a vigilância. Um último clarão de luz e depois, nada. Por minutos, *nada*… até que Lyra ouviu passos no deque lá embaixo.

Passos que não eram de Grayson. Passos… *subindo*.

Lyra teve tempo de recuar dois passos antes de outra pessoa surgir no topo do telhado. *Não era uma jogadora. Nem uma das criadoras do jogo.* Não devia ser mais do que três ou quatro anos mais velha que Lyra, e havia algo estranhamente familiar nela. Os cabelos eram de um tom claro demais para ser ruivo, o rosto em formato de coração, algumas sardas espalhadas… e nenhuma arma que Lyra pudesse ver.

— Olá, Lyra. — Olhos verdes percorreram o corpo de Lyra de cima a baixo, avaliando. Lyra retribuiu o olhar, lembrando a si mesma que aparências enganam.

— Quem é você, criatura? — indagou Lyra. — E como entrou na ilha?

— Não foi fácil com o aumento da segurança, mas tive ajuda. Quanto a quem eu sou… — A intrusa sorriu de forma insinuante. — Meu nome é Eve, e é por minha causa que você está aqui.

Eve. O nome não significava nada para Lyra. Sua mente começou a se agitar, mas ela se forçou a desacelerar, agarrando-se a cada gota de calma que ainda tinha.

— Foi você quem me colocou no jogo? Você que me mandou o convite?

— De nada.

Os olhos de Lyra se estreitaram.

— As luzes…

— Uma distração — respondeu Eve. — Meu colega e eu seguimos você e o Grayson até aqui, e digamos apenas que eu conheço a mente de Grayson Hawthorne. Sabia que ele interpretaria os flashes como parte do jogo… ou como uma ameaça. Se achasse que era uma ameaça, ele iria. Se

achasse que fazia parte do jogo, talvez vocês dois fossem, mas acabariam se separando de qualquer jeito.

— Deixa eu adivinhar — disse Lyra, seca. — Você e seu colega dariam um jeitinho nisso também?

— Ele é bem útil, o meu colega — respondeu Eve. — Tem um conjunto bem eclético de habilidades. Mas não é isso que você quer perguntar pra sua patrocinadora. É?

Lyra lançou um olhar para a escada, mas Eve a bloqueava e, mesmo que não estivesse, Lyra não podia virar as costas e sair.

— O que o seu colega vai fazer com o Grayson? — exigiu Lyra.

— Absolutamente nada. Grayson nem vai saber que meu sentinela está lá.

Lyra deu um passo à frente.

— O que você quer comigo? Por que me mandou pra cá?

— Achei que o bilhete que acompanhava meu presente pra você tinha sido bem claro. Eu te mandei aquele convite porque você merece isso… por tudo que a família Hawthorne tirou de você, por tudo que você sofreu, você *merece* isso. — Eve sorriu de novo, dessa vez com doçura. — E achei que nossos interesses podiam coincidir.

Lyra não gostou do som daquilo.

— Que interesses?

— Você vai fazer algo pra mim, Lyra.

— Duvido muito.

Eve fez uma expressão quase magoada.

— Mas eu sou amiga do Grayson… ou pelo menos, já fui. Pelo que parece, agora você é *amiga* dele.

Grayson. Lyra tentou processar aquilo. *Então isso é por causa de Grayson?*

— Então você é… o quê? A ex maluca?

— Gosto mais de pensar em mim como o caminho não trilhado — retrucou Eve. — Mas o que importa é que, uma vez, eu vi uma Lista de um bilionário. *Com L maiúsculo*. Inimigos. Pessoas que o grande Tobias Hawthorne tinha prejudicado, pessoas que ele tinha destruído ou traído, indivíduos misteriosos que se mataram por causa dele… deu pra sacar.

— Meu pai. — Lyra cortou a enrolação. Grayson já tinha mencionado a Lista do avô, mas também tinha dito outra coisa para Lyra. — Grayson me

contou que o arquivo que Tobias Hawthorne mantinha sobre ele estava repleto de informações falsas. Becos sem saída.

— Ah, é? — respondeu Eve. — Que sorte, então, que além de uma boa quantia de dinheiro, eu herdei os arquivos de outro homem. Arquivos que detalhavam não só os rivais e adversários desse homem muito rico, mas também as redes que cercavam todos eles: os aliados e amigos de um lado, e os inimigos do outro. Dá pra entender por que você chamou minha atenção.

Lyra tinha começado aquele jogo *odiando* Grayson Hawthorne — e toda a família Hawthorne.

— Basta dizer que meu arquivo sobre seu pai é bem mais completo que o que Tobias Hawthorne tinha. — Eve deu um tempo para que Lyra absorvesse aquilo. — Vamos jogar um jogo, pode ser? Eu deixo você me fazer três perguntas sobre o conteúdo do arquivo do seu pai… pode perguntar o que quiser, e eu vou responder com honestidade, mesmo que não seja uma resposta completa. Em troca, tudo o que você tem que me dar é a oportunidade de te fazer uma proposta.

Não vou aceitar acordo nenhum. Mas o jogo de Eve… esse, Lyra jogaria.

— O que seu arquivo diz sobre *ômega*?

— Nada. — Eve inclinou a cabeça. — O que é *ômega*?

O instinto de Lyra dizia que Eve não estava fingindo, que a palavra *ômega* de fato não soava familiar para ela. Lyra pensou um segundo e se concentrou em uma pergunta mais promissora. — O que seu arquivo diz sobre lírios-do-nilo?

— Só que Tobias Hawthorne mandou alguns pro enterro do seu pai. — Eve deu de ombros. — Um tanto sentimental, se quer saber. Você ainda tem uma pergunta.

Tobias Hawthorne sabia de algo. O coração de Lyra acelerou. *Ele mandou* lírios-do-nilo *por um motivo*. O bilionário morto era alguém cujas ações tinham sempre um propósito, e Lyra duvidava que ele enviasse flores a funerais por puro *sentimentalismo*.

Deixando essa linha de pensamento de lado, Lyra refletiu sobre o fato de que Eve oferecia respostas verdadeiras, mas não necessariamente completas. Ainda assim, quando Lyra perguntou sobre os lírios-do-nilo, Eve respondeu que seu arquivo continha *apenas* uma informação sobre o assunto. Lyra não confiava nem um pouco na sua suposta patrocinadora,

mas seu instinto dizia de novo que Eve estava falando a verdade, que realmente não sabia mais nada sobre os lírios.

Nem que o pai de Lyra tinha dado um pra ela na noite em que morreu. Nenhum detalhe adicional sobre o significado daquela flor específica.

Então por que me mandar uma? Lyra não ia desperdiçar a última pergunta nisso.

— Estou esperando — declarou Eve.

Faça valer a pena. Lyra foi direto ao ponto.

— O que o seu arquivo sobre meu pai diz a respeito da esposa morta de Tobias Hawthorne?

— Alice Hawthorne? — Se Eve sabia que Alice estava viva, não deixou transparecer. — Não diz nada. — Eve encarou Lyra com olhos que pareciam perfurar.

Ela não estava esperando por essa pergunta. Na verdade, parecia que Eve agora tentava adivinhar o que *Lyra* sabia… mas logo se recuperou.

— Quase me sinto mal pelas perguntas que você não fez — disse Eve, por fim. — Então, por generosidade, vou te oferecer uma coisa… uma prova de que você quer o arquivo que tenho. Seu pai usou dezenas de sobrenomes. O homem que fez minha Lista reduziu a três as possibilidades para o nome verdadeiro dele.

Lyra não queria que aquilo significasse nada. Era uma coisa tão pequena… um sobrenome. Mas depois que o Grande Jogo terminasse, um nome seria pelo menos um ponto de partida.

Um nome talvez dissesse algo que ela nunca soube sobre si mesma.

— Estou ouvindo — disse Lyra, com a garganta apertada.

— Drakos. Reyes. Aquila.

Lyra arquivou os nomes na mente, recusando-se a deixar que significassem demais.

— Agora é minha vez — declarou Eve. — Eis aqui minha proposta, Lyra: perca este jogo e garanta que Grayson Hawthorne também perca, e eu vou te dar dois milhões e meio de dólares e o arquivo completo sobre seu pai.

Dois milhões e meio de dólares eram mais do que o suficiente para salvar o Recanto Sereno. Eram mais do que o suficiente para Lyra. Ponto. E aquele arquivo…

A mandíbula de Lyra se contraiu.

— Por que você quer que eu perca?

— Isso importa?

Talvez não. Então Lyra se concentrou no que de fato importava.

— Por que eu aceitaria qualquer acordo vindo de você? Por que acreditaria em algo do que você diz, se está enganando a minha mente desde que cheguei aqui? Os nomes do meu pai em bilhetes autodestrutivos. Me mandando aquela flor.

Seguiu-se um silêncio longo e cortante.

— Eu nunca te mandei flor nenhuma — disse Eve. — Mas aposto que era um lírio-do-nilo.

— Você está mentindo — retrucou Lyra, ainda que não acreditasse nisso de verdade.

— Admito — disse Eve —, você despertou meu interesse, mas não posso contar que esse nosso pequeno interlúdio dure muito mais. Fiz questão de espalhar aqueles bilhetes com os nomes do seu pai para te lembrar do que você perdeu, do que a família Hawthorne te tirou. E você pode confiar na minha oferta porque não tenho motivo nenhum para não cumpri-la. Dois milhões e meio de dólares não fazem diferença para mim. Aquele arquivo não faz diferença para mim.

— Qual é a pegadinha? — Lyra se recusava a acreditar que não houvesse uma.

— Bem, suponho que tenha mais uma coisinha — disse Eve, enquanto caminhava de volta para a escada. — Se quiser o dinheiro e o arquivo, também vai precisar partir o coração de Grayson Hawthorne.

Capítulo 33



GRAYSON

Grayson voltou ao lado sudeste da ilha e encontrou Lyra exatamente onde a havia deixado: no topo do galpão de barcos, perigosamente perto da beirada, no típico estilo Hawthorne. Mesmo à distância, Grayson percebeu a postura de Lyra, a amplitude de sua base, a inclinação da cabeça.

Grayson saberia que era ela mesmo que tudo o que pudesse ver fosse o contorno de seu corpo. Acelerando o passo, ele percorreu depressa a distância até o galpão de barcos e subiu pela escada para se juntar a Lyra no telhado.

Grayson cumprimentou sua parceira no crime com uma pergunta:

— O que você viu?

Lyra continuou de costas para ele, os olhos fixos na ilha.

— Mais um clarão depois que você saiu. Nenhuma lemniscata. Nenhum padrão discernível.

Grayson foi até ela, bem na beirada.

— Vai me perguntar o que eu descobri?

— Se você tivesse descoberto alguma coisa — respondeu Lyra —, eu saberia.

A sensação de ser *conhecido* não era exatamente estranha para Grayson. Os irmãos o conheciam. Avery também. Mas ele nunca fora uma pessoa fácil de decifrar.

— Então — disse Grayson, juntando-se a Lyra para encararem a noite —, onde isso nos deixa?

— Não sei. — Quanto mais tarde ficava, mais baixa era a voz de Lyra e, naquele registro mais grave, havia mais camadas no tom dela do que

Grayson conseguia contar. — Você nunca me disse o que achou da possibilidade de o lírio-do-nilo no porta-joias ser um eco — disse Lyra, por fim. — Não uma coincidência, mas não necessariamente intencional.

Lyra estava chegando perto demais da verdade para o gosto de Grayson. *Um eco… mas não de um dos jogos do velho. De outra coisa*. O quê, Grayson não sabia dizer.

— Não me recordo de nenhuma pista assim em qualquer jogo que eu tenha jogado — disse Grayson, uma verdade que ele *podia* oferecer. Algo dentro dele o impeliu a dizer mais. — Dou minha palavra — disse ele, devagar — de que, se a meia-noite nos colocar cara a cara com os criadores do jogo, vou *perguntar* para os meus irmãos e para a Avery sobre a flor.

Estava claro que Lyra não ia largar o osso, e prometer *perguntar* não era o mesmo que prometer contar a resposta.

— Mas se você quer ganhar o jogo — continuou Grayson, modulando a voz para atravessar a noite —, não podemos continuar girando em círculos no mesmo lugar.

Lyra se virou lentamente para encará-lo.

— Também não podemos continuar girando um ao redor do outro.

Grayson deveria ter esperado por isso. Dissera a ela que estava se apaixonando. Sabendo que ela podia fugir, dissera mesmo assim. *E agora…*

Agora, Lyra Kane estava puxando a frente da camisa dele. Estava puxando-o para si.

— O que aconteceu enquanto eu estive fora? — murmurou Grayson.

Os olhos de Lyra brilhavam sob a luz da lua.

— Talvez eu só esteja com vontade de causar um pouco mais de estrago. — Ela avançou de repente, e Grayson segurou seu rosto quando os lábios dela se chocaram contra os seus.

Um instante depois, suas mãos já estavam enterradas nos cabelos dela.

Grayson soubera desde o primeiro beijo que *haveria* um segundo, mas não esperava que ela fizesse isso. *Ali. Naquele instante.* Grayson se afastou o suficiente para soprar quatro palavras.

— Fique longe da beirada. — Ele se moveu, e ela se moveu junto.

— Não gosto que me deem ordens — disse Lyra, com os lábios roçando nos dele a cada palavra.

— Eu sei — respondeu Grayson.

Eles se beijaram de novo, e Grayson se permitiu sentir tudo. O frio do ar noturno. A pele dela. O tipo certo de desastre esperando para acontecer.

A última coisa que Grayson queria era *parar* de beijá-la, era pôr qualquer espaço entre eles, mas seu senso de honra o lembrou do motivo de estar ali. Comprometera-se a levar a fase dois até o fim por *ela*, e, por mais que tivesse desviado a atenção de Lyra para o jogo por motivos próprios, Grayson devia a ela a decência de focar o enigma.

A meia-noite se aproximava rapidamente. O relógio estava correndo.

Separar-se, mesmo que por um fio de distância, era uma doce e torturante dor.

— Se quisermos vencer — murmurou Grayson. *Nós,* não só ela. — Pela sua família. Pelo Recanto Sereno. Precisamos jogar. Todo o resto pode esperar.

Até isso.

Lyra o encarou por um longo tempo, apenas *olhou* para ele, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. E então, voltou a fitar a ilha.

— Então vamos jogar.

Capítulo 34



ROHAN

Rohan estava parado à beira do mar, onda após onda quebrando na areia, chegando a poucos centímetros de seus pés. A escuridão, a água… era como pressionar um hematoma. *Nunca aprendi a nadar muito bem*, ele dissera a Savannah.

A dor tinha sua utilidade, uma espécie de clareza mental que vinha ao dominá-la.

Agarrando-se a essa clareza com ambas as mãos, Rohan forçou a entrada no labirinto de sua mente, vasculhando informações. O enigma da caixa de música; as letras rabiscadas no braço de Savannah; duas fotografias pertencentes a Brady Daniels; Jameson Hawthorne enxergando Lyra Kane como uma ameaça.

De volta à realidade, uma onda maior estourou. Rohan recusou-se a desviar quando a água subiu e cobriu seus pés. Nos corredores do labirinto, uma lembrança indesejada veio à sua mente.

Uma mulher cantarolando. Calor e segurança. E então, a voz de um homem: *Dê ele pra mim.* Rohan podia ter combatido a lembrança, podia tê-la silenciado, mas não o fez. Era, afinal, apenas mais um hematoma.

Por favor, ele podia ouvir a mulher dizer.

E então o homem: *Nós dois sabemos que você vai acabar me dando ele de qualquer jeito. E se me enfrentar de novo, se me desobedecer mais uma vez, vai ser muito pior quando isso acontecer.*

O som de passos trouxe Rohan de volta ao presente. Preparado para lutar e pronto para vencer, ele se virou e lá estava ela: Savannah Grayson, gloriosa mesmo na escuridão.

— Você é bom de súplica, britânico?

— Nem de longe tão bom quanto sou em esfregar minhas vitórias na cara dos outros — respondeu Rohan. — Por quê?

— Porque você vai querer implorar.

Descobriu alguma coisa, foi, gata? E viera até ele com isso, como uma parceira de verdade faria. Rohan deu um passo na direção dela.

— Me diga, Savvy, que tipo de súplica você tinha em mente?

Algum tempo depois, Rohan entrou no grande salão. *Nada de dominós*. O piso de madeira reluzente estava praticamente vazio. Rohan notou um violino e um arco, ambos encostados com cuidado na parede, mas Savannah os ignorou completamente ao atravessar o cômodo em direção à lareira de granito preto. Um fogo agora ardia dentro dela… a primeira vez que fora aceso, até onde Rohan sabia, desde o início do jogo.

— Tem algum interruptor? — perguntou Rohan. — Ou foi ativado remotamente?

Savannah não se deu ao trabalho de responder.

— Tentei aquecer a caixa de música primeiro, sem sucesso. O mesmo com a pulseira, os pingentes, os dados e o cadeado da minha corrente.

— E então… — Rohan caminhou até ela, parando ao lado das chamas crepitantes. — Você tentou as fotos do Brady.

— Tentei? — retrucou Savannah.

Tentou.

Enquanto Rohan observava, Savannah aproximou uma das fotos de Calla Thorp — a mais gasta, aquela que Rohan suspeitava que Brady carregava há anos — do fogo. À medida que o papel esquentava, letras começaram a surgir no verso, formando uma mensagem em caligrafia feminina.

Faça exatamente o que eu disser.

— Me ocorre — murmurou Rohan — que há mais de um tipo de patrocinador.

Brady Daniels fora convidado para o jogo pela própria herdeira dos Hawthorne. Isso significava que qualquer possível patrocinador teria tido pouquíssimo tempo para abordá-lo e apresentar seu caso. No jogo do ano anterior, os recursos tinham feito diferença. Patrocinadores tinham algo a oferecer. Mas este ano?

Este ano, recursos externos só haviam sido úteis na busca inicial pelos bilhetes curingas. Considerando que Brady *não era* um curinga, seu patrocinador devia ter jogado de outro jeito.

— E a outra foto? — incentivou Rohan.

Savannah aproximou a outra imagem, menos desgastada, das chamas. Letra por letra, uma segunda mensagem apareceu.

O jogo precisa continuar. Garanta que ele continue.

Antes que Rohan pudesse refletir sobre aquilo, seu relógio vibrou.

— Meia-noite — disse Savannah ao lado dele.

Uma mensagem apareceu nos relógios, enviada pelos criadores do jogo.

— *Vista seu smoking e sua máscara…* — leu Rohan em voz alta.

Savannah levantou os olhos do próprio relógio e completou a frase:

— *Esteja no cais em quinze minutos.*

Capítulo 35



ROHAN

No quarto de Rohan, uma nova parede havia se aberto, revelando um armário com um tipo muito diferente de armadura. *Trajes de gala*. Rohan deixou os dedos deslizarem pelo smoking como quem passaria a mão suavemente sobre a superfície de um lago ou piscina. Parou quando sentiu um tecido da mesma tonalidade roxo-escura do veludo que forrava as caixas de música.

Para Rohan, o tom era familiar, evocando uma tinta especial.

Tinta. Rohan sentiu a lembrança emergir, como água subindo pelos tornozelos, depois pelos joelhos, depois pelas coxas. *Tinta roxo-escura, um livro e uma pena*. Desta vez, ele tentou resistir — e perdeu. A lembrança o puxou para baixo mesmo assim, por completo, corpo e alma.

"Afiada, não é?"

Rohan tinha cinco anos, e o homem à sua frente era um estranho, um estranho que estendia uma pena de metal na direção de Rohan.

"As bordas vão te cortar… se você deixar." O homem sorriu. "Mas você não vai permitir, não é, Rohan?" O sorriso do homem ficou mais largo, ainda que não se refletisse em seus olhos. "Vai deixar que te machuquem?"

Por mais que Rohan fosse pequeno, podia entender que o homem diante dele não falava apenas das bordas afiadas daquela pena. Ele falava de pessoas.

As pessoas vão te machucar, se você deixar.

Rohan nada disse, encarando o homem com raiva, desafiando-o, para depois olhar com a mesma intensidade para o livro que o homem colocara à sua frente. O livro era grande. Era antigo. E era por causa dele, Rohan sabia

por puro instinto, que a pena de metal e a pequena tigela prateada com um líquido roxo-escuro que lhe lembrava sangue na noite estavam ali.

"Ah. Quer saber o que tem neste livro. Uma excelente pergunta. Veja bem, Rohan, para entrar na Mercê do Diabo, é preciso pagar. O preço é mais alto que dinheiro, mais alto que sangue. Não me olhe assim, menino. Não é sua alma que eu quero." O homem girou a pena de metal entre os dedos, um certo brilho cortante no olhar. "Segredos", disse ele. "É isso que este livro contém. Segredos horríveis. Você tem um desses, não tem, meu rapaz?"

Rohan olhou para o líquido roxo na tigela e pensou em sangue.

"Você sabe escrever?", perguntou o homem. "Ou prefere que eu escreva seu segredo por você?"

Rohan ergueu os olhos do livro, encarando o homem com fúria.

"E seu nome?", insistiu o homem. "Ou só a letra R*? Você sabe escrever um* R*, Rohan?"*

Cerrando os lábios, a voz soando como uma lembrança distante e a raiva queimando dentro de si, Rohan assentiu.

"Muito bem, então." O homem mergulhou a ponta da pena de metal na tinta roxo-escura. "E se eu dissesse que posso transformá-lo no tipo de pessoa que nunca mais precisa se machucar? No tipo que nunca mais precisa sentir medo. No tipo que é temido e adorado, como só os que têm verdadeiro poder conseguem ser. E se eu dissesse que posso torná-lo mais do que a soma de suas partes?"

O livro foi aberto. O homem pousou a ponta da pena sobre a página.

"Em troca disso, você me daria seu segredo, Rohan? Me contaria o que fez?"

Com cada músculo do pequeno corpo tenso, Rohan assentiu.

"Então tudo certo", o homem se abaixou. "Sussurre para mim seu segredo mais horrível. Me diga o que você fez esta noite, Rohan, e eu lhe darei o mundo."

Rohan não falava havia tanto tempo que nem sabia se ainda conseguia. Mas queria ser como aquele homem. Queria ser quem segurava a pena, quem detinha o livro.

Queria tudo.

Rohan cerrou os dentes e agarrou com força o smoking roxo. Não ia recuar diante da cor, nem da lembrança.

— Onde você estava agora há pouco? — Savannah apareceu atrás dele, sempre mais perceptiva do que deveria e, pelo que parece, bastante disposta a invadir o quarto dele.

— Maquinando — respondeu Rohan com leveza, enquanto tirava o smoking do cabide. — Sua destruição, principalmente, com um toque de… outras coisas. — Ele se virou e deixou o olhar percorrer o braço dela, onde Savannah havia escrito as anotações da caixa de música, e então se permitiu apreciar o vestido dela.

Era de um azul tão claro quanto os olhos prateados dela. Mais claro, até, a ponto de, à primeira vista, causar confusão em alguém menos atento, que poderia achar que ela vestia branco. Ia até logo abaixo da panturrilha. Milhares de minúsculas joias pontilhavam sua superfície, captando a luz que vinha de cima, e o padrão dos bordados e miçangas lembrava flocos de neve com contornos pontudos e tão duros quanto lâminas.

O caimento daquele vestido não escondia nada e garantiu que a única lembrança capaz de puxar Rohan de volta ao labirinto da própria mente, agora, fosse a da noite anterior.

— Não acredito em você. — Ela ergueu uma sobrancelha, claramente o desafiando.

— Melhor não acreditar — concordou Rohan. — Nunca, na verdade.

Savannah o observou com intensidade palpável no olhar, e então fez sua próxima jogada.

— Suponho que você já tenha deduzido que minha irmã sabe o que aconteceu com nosso pai.

Rohan não estava à espera daquilo.

— Suponho que eu tenha mesmo.

— Grayson contou pra ela… ou ela descobriu sozinha. Pouco importa. Gigi descobriu a verdade e deixou que eu continuasse achando que ele estava desaparecido. — Savannah ergueu o queixo, a tensão no pescoço e na mandíbula tão deslumbrante para Rohan quanto o vestido. — Que ele tinha *ido embora*.

Rohan reconheceu a estratégia dela: Savannah Grayson estava mostrando *a própria* verdade para exigir a dele. Um movimento arriscado, sem dúvida, mas ela tinha conseguido a atenção dele.

Toda a atenção dele.

— Não me surpreende saber que Grayson seja leal a outras coisas. Mas a Gigi? — Savannah olhou fixamente para Rohan. — Ela era tudo pra mim.

Dadas as diferenças entre as irmãs, era fácil esquecer que eram gêmeas. Gigi, com aquele jeito aberto e doce, provavelmente *sempre* tinha sido o porto seguro de Savannah.

— E agora não é mais — disse Rohan.

— Passei a vida tentando ser boa o bastante pro meu pai. — A voz de Savannah era como gelo afiado, cortante. — Ele queria que eu fosse imbatível dentro da quadra e fora dela, e eu fui. Mas, à medida que fui crescendo, descobri novas formas de decepcioná-lo. Ele queria que eu fosse feminina, simpática, bonita. Forte, mas não *forte demais*.

Rohan pensou no cabelo tão comprido de Savannah, antes de ele cortá-lo. Pensou na sensação de pegar a faca e arrancar tudo, na forma como ela o olhou enquanto ele fazia aquilo.

— Eu devia ser perfeita — explicou Savannah. — E deviam *gostar* de mim, e meu pai nunca parou pra pensar que talvez fosse impossível pra uma mulher, ou pra uma garota, ser as duas coisas ao mesmo tempo. — Savannah foi entrando no quarto e tirou o cabide com o smoking da mão de Rohan, como se estivesse arrancando a última barreira protetora entre os dois. — Gigi bastava para nosso pai, do jeitinho que ela era… mas eu não. Nunca bastei. Então, se ele foi *embora*… estava claro que estava deixando para trás a pessoa por quem não valia a pena ficar. Eu.

— Só que seu pai não foi *embora* — respondeu Rohan, pra que ela não precisasse dizer. — E sua irmã gêmea deixou que você continuasse acreditando que ele tinha ido.

— A Gigi era tudo pra mim — falou Savannah, a voz falhando… só uma vez. — E agora não é mais. — Ela jogou o smoking roxo na cama e deu mais um passo na direção dele. — Onde é que você estava agora há pouco, Rohan?

Ele já sabia que essa pergunta viria. Tinha reconhecido a estratégia de Savannah desde quando ela tinha começado a falar. E, ainda assim, Rohan se pegou *com vontade* de responder, de dar a Savannah Grayson uma parte do que ela tinha acabado de lhe dar.

— No dia em que cheguei ao Mercê.

O que são distrações, Rohan? Essa lição veio depois, mas nunca deixou de ecoar dentro dele.

— Crianças não costumam ir para no Mercê do Diabo por *bons motivos* — explicou Rohan.

— Águas profundas. — Savannah encontrou o olhar dele. — Um breu total. Você não sabia nadar, e não era a primeira vez.

Mantenha os amigos por perto, pensou Rohan, *e os inimigos, mais perto ainda.* No fim, ele e Savannah Grayson seriam inimigos.

— Da última vez — contou Rohan — amarraram pedras nos meus tornozelos. — Ou tentaram. Rohan tirou a camisa, decidido a não dizer mais nada. — Tenho um smoking pra vestir, gata, e você já estava de saída.

O olhar de Savannah desceu até o abdômen dele.

— A não ser… — disse Rohan, pousando as mãos no cós das calças. — Que queira me ajudar.

Capítulo 36



GIGI

As janelas, como se constatou, eram à prova de tempestade.

— Fala sério — bufou Gigi —, quem põe janelas modernas, à prova de tempestade, em um farol abandonado? — Era loucura! Felizmente, a loucura era uma velha conhecida de Gigi.

Se na primeira tentativa você não conseguir, bata mais forte e se recuse a parar! Lá pela quadringentésima vez, a filosofia de Gigi deu resultado. Uma das rachaduras no vidro se partiu completamente.

— *A vitória!* — Pá! — *É!* — Pá! — *Minha!* — Gigi acolheu o estilhaçar do vidro à prova de tempestade com os braços abertos. De modo figurativo… ou quase. De qualquer forma, ela conseguiu não se cortar.

Nem Gigi era otimista o suficiente para tentar descer dezoito metros na escuridão total, então passou para a próxima etapa do seu plano: berrar.

Gigi berrou como se tivesse nascido gritando, como se estivesse treinando para se tornar uma berradora profissional, como se estivesse mantendo sozinha a arte de gritar a plenos pulmões. Ela berrou como se sua vida dependesse disso.

Afinal, quanto tempo poderia levar para uma pessoa com pulmões realmente impressionantes, gritando com o diafragma, ser…

Ela ouviu o som de uma tranca sendo aberta, e a porta do farol se escancarou lá embaixo.

Uau, isso foi rápido! Gigi se aproximou da escada e desceu o suficiente para ver o feixe de uma lanterna cortar o ar empoeirado do andar térreo.

— Malditas crianças. — Baseada naquela voz, Gigi deduziu que a pessoa que acabara de falar era homem, um tanto velho e também para lá

de rabugento.

Mas quem era ela para exigir mais de seus salvadores?

— Sou eu! — berrou Gigi. — Aqui em cima! Eu sou as *malditas crianças*.

Ela começou a descer as escadas, mais rápido do que provavelmente era sensato.

— Eu devia atirar em você.

Gigi diminuiu o ritmo até parar quando o feixe da lanterna a encontrou, e percebeu que seu salvador estava, de fato, segurando uma espingarda.

— Por favor, não faça isso?

A espingarda estava na mão esquerda dele, pendendo ao lado do corpo. Isso era um bom sinal. Certo?

— Você vai quebrar o maldito pescoço descendo essas escadas tão rápido.

Gigi interpretou a preocupação do novo amigo com os ossos dela como algo muito positivo e retomou a descida, desta vez ligeiramente mais devagar.

— Eu vou ficar bem — avisou ela. — Meus ossos são flexíveis, e o importante é que eu fui sequestrada e você está aqui para me resgatar.

Gigi estava acostumada a deixar as pessoas confusas. É digno de elogio que seu salvador não tenha ficado confuso por muito tempo.

— Eu não estou resgatando ninguém.

Gigi fez mais uma curva. Só faltavam dez degraus até o chão — e até a porta agora aberta.

— Você está, com toda certeza — informou ela ao homem com a arma. — E está fazendo um excelente trabalho. Veja só como você recebeu bem a notícia do sequestro! Se há uma qualidade que procuro num salvador, é uma essa aspereza tão sólida. — Gigi desceu do último degrau de pedra e abriu um sorriso. — Também gostei da sua barba.

Aquilo não provocou qualquer reação nele. Em defesa de Gigi, era uma barba bastante generosa.

— E, para ser sincera — acrescentou Gigi —, a arma também não atrapalha. — Se Slate *voltasse* antes que ela conseguisse sair dali, o barbudo armado poderia de fato se mostrar muito útil.

— Eu preciso atirar em alguém? — resmungou ele.

Gigi decidiu que seria prudente interpretar a pergunta literalmente.

— O idiota emburrado em questão *me amarrou*, mas eu acredito na redenção, então vou ser otimista e dizer que não.

O Homem Barbudo Cativante moveu o feixe da lanterna para o chão do farol. Ele parou quando encontrou as amarras de seda que Gigi havia se livrado com grande maestria.

— Alguém te sequestrou e te amarrou? — A voz do HBC soava, se não indignada, pelo menos bastante irritada.

— Sim, alguém fez isso mesmo! — respondeu Gigi. — Posso usar seu celular?

— Não tenho.

Gigi piscou. Várias vezes.

— Você… não… tem… celular? — Ela fez uma pausa. — Tipo, com você ou…

— Não gosto de celulares.

Bem, isso respondia à questão.

— Quer saber? — disse Gigi, passando por ele rumo à porta aberta. — Acho ótimo pra você. — Ela saiu do farol direto para o frio de novembro, escuridão total e a doce, doce liberdade. — Agora, se puder me apontar a direção da civilização, eu desapareço do seu caminho. E da sua barba.

— Civilização?

— Preciso de um celular — explicou Gigi. — Ou de um jeito de chegar até a Ilha Hawthorne.

— É melhor você ficar longe daquele lugar. — A barba não ajudava em nada a minimizar a cara feia do homem.

— Eu estava lá agora pouco — garantiu Gigi ao novo amigo. — Pelo Grande Jogo. — Ela tinha plena consciência de que o local do jogo deste ano era secreto, mas quem o sujeito que odiava celulares iria informar? Ele não parecia fazer a mínima ideia do que ela estava falando. — Competição mundialmente famosa? — explicou Gigi. — Detalhes muito sigilosos este ano? Organizada pela herdeira dos Hawthorne, Avery Grambs?

Aquilo provocou uma reação.

— Avery. — Ele franziu a testa. — A filha da Hannah?

Gigi não sabia nada sobre a mãe da Avery, mas o nome *Hannah* lhe soava familiar.

— Talvez?

Seu salvador deu um passo à frente dela.

— Nesse caso, é melhor mesmo não ir pra cidade.

— Concordo — disse Gigi, assentindo. — Quero voltar para a Ilha Hawthorne. Mas, só por referência, para que lado fica a cidade mesmo?

Seu amigo barbudo apontou com a lanterna.

— Excelente! — disse Gigi. — Mudando de assunto, mas nem tanto, eu preciso de um barco. Você tem um barco?

Ele fez cara feia para ela.

— Você tem!

— Não vou levar ninguém para aquela ilha maldita.

— Nesse caso — disse Gigi solenemente — não me resta escolha a não ser ir para a cidade. — Ela deu dois passos antes que o velho a interceptasse. Gigi deu um tapinha no ombro dele. — Acredite, estou muito grata mesmo pelo corajoso resgate, foi nota dez, mas preciso de uma carona até a Ilha Hawthorne, e se você não estiver a fim de me dar uma, e nem tem um celular, eu vou para a cidade. De qualquer forma, preciso sair daqui antes que uma certa pessoa volte.

— Uma certa pessoa. Que sequestrou você. E em quem eu *não* devo atirar?

Gigi deu um tapinha no outro ombro dele.

— Correto!

— Malditas crianças.

— Foi muito bom conhecer você também — respondeu Gigi. — Tenha uma boa noite! — Ela conseguiu dar cinco passos além dele dessa vez, e então o Homem Barbudo Cativante falou de novo.

Ela conseguiu passar por ele cinco passos dessa vez, e então o Homem com a Barba Encantadoramente Vasta falou novamente.

— Tá bom — resmungou ele. — Eu te levo pra ilha ao amanhecer.

Capítulo 37



LYRA

Uma dúzia de vestidos de baile pendia do armário secreto, cada um mais deslumbrante que o outro. Lyra ficou ali parada, encarando-os, sem conseguir silenciar o coro que martelava dentro da cabeça. *Que se dane a Eve e o acordo dela. Eu preciso contar pra ele.* Só que não era tão simples assim.

O dinheiro.

O arquivo.

Era tudo que Lyra podia ter sonhado ao entrar nesse jogo: a chance de salvar o Recanto Sereno, um começo para conseguir as respostas que queria.

Eu não vou aceitar droga nenhuma de acordo. Lyra olhou fixamente para o vestido bem no centro. Era azul, coberto por um véu dourado, a saia ampla e fluida, passando do azul-marinho a um cinza escuro e tempestuoso perto da barra. Lyra estendeu a mão para tocar o tecido dourado translúcido que escorria como água pela saia. Mesmo no cabide, o vestido parecia estar em movimento. Era o tipo de vestido de gala que merecia um nome. *O céu noturno.*

O tipo de vestido que uma garota que chamou a atenção de Grayson Hawthorne *deveria* usar.

Eu já devia ter contado pra ele.

Lyra afastou a mão do *Céu noturno* e se obrigou a prestar atenção nos outros vestidos. Um era prateado, com camadas de tule branco que pareciam ter saído de dentro da neblina. Outro era de um vermelho intenso e escuro, com costuras pretas tão intrincadas que Lyra achou que

poderia ser hipnotizada só de olhar. Havia um verde-floresta, um azul pálido prateado, lavanda, índigo, turquesa cintilante.

Preto. Lyra parou diante do vestido preto. Comparado aos outros, o design era simples, discreto. Um corpete ajustado, uma saia de chiffon solta e fluida que ia até a metade da panturrilha. *Mais vestido de noite do que de baile*, pensou Lyra. *Mais versátil. Prático.*

Decidida, Lyra tirou o cabide do suporte e então percebeu, de repente, que o vestido não era inteiramente preto. À medida que o chiffon se movia, cores começavam a se revelar na saia, o negro obsidiana dava lugar a um cinza-arroxeado, a um rosa quente e a um âmbar dourado. Lyra ficou imóvel, e o vestido, ao parar também, voltou a parecer apenas preto. Só preto, com as cores verdadeiras do chiffon levíssimo visíveis apenas em movimento. Lyra não pôde evitar pensar que aquele vestido, assim como o *Céu noturno*, também merecia um nome.

O poente mais escuro.

Não havia opções normais ali. Tentando não deixar que isso pesasse na escolha, Lyra tirou a armadura e colocou o vestido, contorcendo os braços para fechar o zíper nas costas. Enquanto fazia isso, a voz de Eve rastejou de volta pela sua mente.

Drakos, sussurrou. *Reyes. Aquila.*

Três nomes, e nenhum deles importava tanto para Lyra quanto o Recanto Sereno. *Concentre-se no jogo*, ela disse a si mesma. Se recusasse o acordo da Eve, vencer seria a única opção.

Se?

Cerrando o maxilar, Lyra olhou de novo para o armário, para o fim do cabideiro. *Bolsas de luxo.* Ela escolheu uma com alça longa. Assim como o vestido, a bolsa era preta, feita de um couro que parecia de crocodilo, com pequenos brilhos incrustados. *Ouro branco. Diamantes.* O mais importante é que era grande o bastante para guardar a caixinha de música, a pulseira de pingentes e os dados.

Depois de guardar tudo na bolsa, Lyra seguiu para o banheiro. A cada passo, as cores escondidas na saia de chiffon voltavam a surgir. A cada passo, Lyra repetia para si mesma que sabia exatamente quem era e o que precisava fazer.

Ninguém vai me manipular. Lyra encarou o próprio reflexo no espelho do banheiro, ignorando o jeito como o vestido realçava suas curvas e

focando o rosto familiar que a observava de volta. *Olhos cor de âmbar. Lábios carnudos. Pele bronzeada*. Lyra nunca parecera muito com a mãe. E também não soava como ela.

Você tem uma alma doce e generosa, Lyra Catalina Kane. A lembrança daquela frase fez com que os dedos dela se fechassem em direção às palmas.

Uma alma doce e generosa teria contado a verdade a Grayson *antes* de beijá-lo. Uma pessoa inteligente teria relatado tudo aos organizadores do jogo enquanto Eve e o *colega* dela ainda estavam na ilha.

A não ser que essa pessoa inteligente estivesse considerando aceitar o acordo.

Eu não estou. Sustentando o próprio olhar no espelho, Lyra sabia exatamente o que o pai diria… sobre o Recanto Sereno, sobre pactos com o diabo, sobre viver a vida de um jeito que permitisse se encarar no espelho à noite.

Eu não sou a arma de ninguém. Lyra obrigou-se a pensar as palavras. *Eu não sou o peão de ninguém.* E ela *ia* contar a verdade para Grayson. Sobre Eve.

Eve, que lhe oferecera milhões para perder um jogo e partir o coração de um Hawthorne.

Uma batida soou à porta do quarto.

Lyra desviou o olhar do espelho, e seu olhar pousou sobre a máscara de baile primorosamente trabalhada que ela recebera na noite anterior; era dela, haviam garantido, para sempre. Colocando a máscara, Lyra se observou no espelho mais uma vez. Em seguida, pegou os binóculos de ópera de Odette e os prendeu na alça transversal da bolsa cravejada de diamantes.

Eu não sou a arma de ninguém.

Eu não sou o peão de ninguém.

E vou contar para ele.

Lyra se aproximou da porta. Ela conseguia sentir Grayson do outro lado mesmo com a madeira maciça entre os dois e, de repente, pensou que o fato de ele saber que Eve a tinha mandado poderia mudar tudo.

O jeito como ele me vê. O jeito como ele me olha.

Era óbvio que Grayson tinha um passado com Eve.

Outra batida.

Lyra se forçou a sair do transe e abriu a porta. E lá estava ele, com a mesma máscara preta simples da noite anterior, um contraste gritante com o cabelo loiro platinado. Desta vez, usava um smoking branco. Impecavelmente ajustado, com uma camisa de seda preta por baixo.

Só de olhar para ele, Lyra se lembrava, com o corpo todo, de ter saído do tempo com o primeiro beijo e de ter provado a si mesma, com o segundo, que não era marionete de ninguém, que fosse lá o que fosse aquilo entre ela e Grayson Hawthorne, era deles. Só deles.

Grayson observou Lyra vestida com *O poente mais escuro* e estendeu a mão.

Lyra a aceitou e não disse uma palavra. *Ainda não*, disse a si mesma. *Mas em breve*. Lyra sabia qual era a sensação de ver tudo mudar num instante, sabia o que era ter um *antes* e um *depois*.

Quando contasse a verdade, talvez passasse a ficar sozinha nesse jogo.

— Vamos até o cais? — Grayson perguntou, e então sorriu… um daqueles raros sorrisos verdadeiros de Grayson Hawthorne, do tipo capaz de pôr o mundo de joelhos.

Eu tenho que contar. Vou contar, mesmo que isso me destrua. Em breve.

Capítulo 38



LYRA

Havia um barco esperando no cais.

Lyra subiu a bordo, de vestido de baile e tudo.

— Sem piloto — observou, quando Grayson a acompanhou.

— Sem piloto — repetiu uma voz — e sem chave.

Não foi o Grayson. Lyra virou a cabeça depressa e viu Brady Daniels parado bem no meio do cais. Ela não tinha percebido que Brady estava ali, não tinha notado a presença dele.

Ficou se perguntando até onde ele tinha conseguido chegar no jogo.

— Sem piloto — repetiu uma voz britânica — e sem chave. *Isso sim* é um dilema.

Rohan pisou no cais e entrou na luz fraca projetada pelo barco, e Lyra notou que o smoking dele era de um roxo profundo, em contraste com o preto tradicional de Brady, e que a máscara de Rohan era a menos simétrica das duas.

— Só é um dilema para alguns de nós — disse Savannah, passando por Rohan e olhando diretamente para Grayson. — Onde está? — perguntou ao irmão. — A chave do barco.

Lyra teve tempo de registrar a cor do vestido de Savannah, *branco*, e o fato de haver algo escrito no braço dela com tinta preta, mas isso foi tudo antes que Grayson respondesse à pergunta da irmã se inclinando sobre a borda do barco e mais um pouco, até alcançar a lateral do cais.

Em segundos, Grayson tinha a chave do barco, com chaveiro e tudo. Lyra focalizou o chaveiro, analisando seu formato. Não foi a única.

— Isso é um narval dando carona para um axolote? — perguntou Brady, franzindo a testa.

— Deixa eu adivinhar — disse Lyra, encarando Grayson através das máscaras. — Esse barco é do Xander.

Grayson não perdeu tempo para colocar a chave na ignição.

— Em teoria — respondeu ele para Lyra — é o barco reserva do Xander.

Grayson girou a chave e, quando terminou, os cinco jogadores já estavam a bordo. O painel do barco se acendeu com dois pontos piscando no que parecia ser um tipo de grade.

Rohan se sentou na parte de trás do barco, as pernas esticadas, os braços abertos.

— Quem quer apostar que isso aí é outro mapa?

Grayson afastou o barco da borda do cais e acelerou, avançando mar adentro no Pacífico. Não demorou para Lyra confirmar que, no painel, um dos pontos se movia na direção do outro, rastreando o progresso do barco em mar aberto — e rumo ao destino deles.

Foram exatos dez minutos até que ele surgiu.

Um iate. Por mais que Lyra soubesse, em teoria, que Avery Grambs era bilionária, nada a teria preparado para o que via. O iate só aumentava de tamanho conforme se aproximavam. *Dois terços de um campo de futebol? Quatro andares.* Cada um dos quatro conveses do iate mergulhado num brilho dourado e quase irreal. Luzes LED azuis contornavam a parte inferior do iate, deixando o oceano à noite ainda mais escuro.

— Nada mal — opinou Rohan. — Para um centro de comando.

Lyra supôs que fazia sentido, dado o local do jogo, que os organizadores tivessem escolhido um barco como quartel-general, mas aquilo não era só um simples *barco*. Era um iate para fazer inveja para todos os outros iates.

Quando o barco se aproximou, Lyra viu Avery Grambs parada no convés mais baixo, com um vestido dourado e uma máscara combinando. Só quando atracaram e Lyra pisou na parte de trás do iate é que percebeu: o desenho no vestido de Avery, os arabescos minuciosos…

Todos formavam o mesmo símbolo familiar. *Infinito.*

— Em algum lugar deste iate — anunciou a herdeira Hawthorne —, vocês vão encontrar uma ou duas pistas para os enigmas em que estão trabalhando.

— Enigmas, no plural — observou Rohan. — Imagino que alguém já tenha resolvido a caixa de música.

Claramente, não era ele… nem Savannah. Lyra e Grayson também não tinham resolvido. Isso deixava apenas um jogador, aquele que tinha *dado* uma resposta a Lyra naquele jogo. *Brady.*

— Também fiquem à vontade para comer, jogar e descansar enquanto estiverem aqui — chamou uma voz lá de cima. — Se precisarem.

Lyra olhou para o alto. Uma figura mascarada estava em pé sobre a grade metálica do convés superior. *Jameson Hawthorne.*

— E assim, num estalar de dedos… — Rohan estalou os dedos. — O erudito desaparece.

Lyra olhou em volta. E de fato, Brady já não estava em lugar algum.

— Depois de hoje à noite — disse Avery aos jogadores que restavam —, vocês não vão nos ver de novo até o fim do jogo. Nada de vestidos de gala. Nada de máscaras. Nada de festas. Só enigma atrás de enigma até o fim.

— Até — gritou Jameson lá de cima — termos um vencedor. — Havia um tom na voz de Jameson que Lyra não conseguiu decifrar e, desta vez, quando olhou para cima, ele estava olhando diretamente para ela… e só para ela. Ao contrário dos outros, ele não usava máscara.

E não estava sorrindo.

Lyra desviou o olhar de Jameson, e Savannah Grayson olhou para ela. *Ele sempre vai escolher eles,* Lyra podia praticamente ouvi-la dizer. *Vai escolher ela.*

Ao lado de Lyra, Grayson olhava para Avery naquele vestido com o símbolo do infinito.

Não estou pedindo que ele me escolha, Lyra pensou com força, mas mesmo assim não conseguiu afastar a sensação de pavor revirando o estômago só de pensar no que viria.

Do outro lado de Lyra, Savannah se virou para Rohan e escancarou os dentes num sorriso brilhante de socialite.

— O jogo começou.

Capítulo 39



LYRA

Tenho que contar pra ele, Lyra pensou. Avery e os outros jogadores já tinham ido embora. Agora, só restavam Lyra e Grayson no convés mais baixo.

— Ali — disse Grayson. — Dois andares acima.

Conta pra ele. A voz na cabeça de Lyra era teimosa como o diabo, mas ela a ignorou… não pra sempre. Só por agora. Ela queria, talvez até *precisasse*, de mais um momento, mais uma lembrança desse *antes*.

Ela olhou pra cima, seguindo o olhar de Grayson.

— O que você está vendo?

Os lábios dele se curvaram.

— Consegue subir com esse vestido?

Lyra fingiu que não havia um aperto no estômago, nem um nó de ansiedade na garganta.

— Eu consigo fazer qualquer coisa com esse vestido.

No convés do terceiro andar não havia nada, mas logo ao lado dele, no interior do iate, havia um lounge. A sala era ampla e redonda, cercada por portas em arco. O carpete era vermelho-escuro e macio, e espalhadas pelo cômodo, havia mesas de jogo.

Pôquer.

Dados.

Roleta.

Grayson avançou em direção à mesa de pôquer. Sobre ela havia uma pilha de fichas como Lyra jamais tinha visto.

— Feitas de um meteorito — explicou Grayson, pegando uma das fichas. — Revestidas com rubis birmaneses e safiras do Sri Lanka.

— Deixa eu adivinhar — disse Lyra, seca. — O baralho correspondente é feito de platina maciça e incrustado com fragmentos do túmulo de Cleópatra.

— O sarcasmo combina com você — respondeu Grayson, devolvendo a ficha à mesa. — Mas me sinto na obrigação de apontar que não há cartas nessa mesa… nem em nenhuma outra.

A única coisa sobre a mesa de pôquer, além das fichas, eram três máscaras de baile — uma turquesa, uma roxa, uma preta, todas divinas. Lyra olhou para as outras mesas de jogo e viu mais máscaras.

Opções, imaginou, para quem quisesse trocar.

Cruzando da mesa de pôquer até a roleta, Lyra pegou a máscara que estava ao lado.

— O sarcasmo pode até combinar comigo, mas essa máscara… — Ela passou o dedo pela superfície. — Combina com você.

A máscara em questão era de um dourado mais opaco, como o metal de uma couraça de cavaleiro real, desgastada, trincada. Arcos de bronze bem polido marcavam a área em volta dos olhos, os desenhos eram irregulares, e a assimetria da máscara parecia ao mesmo tempo inquietante e hipnótica.

Num movimento fluido, Grayson tirou a máscara preta e pegou a assimétrica.

— Roleta — comentou, enquanto colocava a nova máscara — é o único jogo desta sala que a gente realmente poderia jogar.

Ele estendeu a mão para pegar a pequena bola prateada, e Lyra, por instinto, girou a roleta, afastando todos os outros pensamentos que queriam vir à tona.

De algum modo, ela não se surpreendeu quando a bola caiu no número oito.

— Você viu as lemniscatas no vestido da Avery? — disse Lyra, e logo se xingou mentalmente, porque sempre fora óbvio pra ela, antes mesmo de ter conhecido Grayson, que ele enxergava tudo quando se tratava de Avery Grambs.

— Me pergunta — sugeriu Grayson, com sua característica voz baixa e constante.

— Perguntar o quê? — retrucou Lyra. — O que o símbolo significa? O que estamos deixando passar?

— Me pergunta — repetiu ele calmamente — sobre a Avery.

Lyra balançou a cabeça.

— Isso não é da minha conta.

— Discordo. — Grayson pegou a bolinha da roleta e, sob o olhar atento de Lyra, começou a girá-la devagar pela palma da mão. — Meu avô tinha uma coleção de relógios — disse ele. — Peças extraordinárias, maravilhas da relojoaria, cada uma um quebra-cabeça por si só. Havia um relógio em especial, entre todos, que eu e meus irmãos cobiçávamos. O mostrador trazia uma minúscula roleta mecânica, protegida por uma cúpula de cristal.

Seguiu-se uma pausa longa, densa, enquanto Grayson se inclinava para rolar a bola de novo e girar a roleta mais uma vez. A bolinha caiu no número oito de novo.

Grayson encarou a roleta por alguns segundos e, então, por trás daquela máscara dourada rachada, levantou os olhos até os dela.

— O velho não deixou esse relógio pra nenhum de nós. A coleção inteira, junto com todo o resto, foi para uma estranha.

— Pra Avery — concluiu Lyra. Ela engoliu em seco. — Mas você a acolheu. Você e seus irmãos…

— Eu não fui tão receptivo assim — comentou Grayson, com um leve sarcasmo — no começo. — Depois de mais uma pausa sugestiva, ele voltou a falar. — Meus irmãos e eu fomos criados quase que exclusivamente pelo velho. Nossa mãe era tudo, menos confiável. Nossos pais eram ausentes, a maioria por escolha. O meu pai, por exemplo, contratou um investigador particular pra tirar fotos minhas desde o dia em que nasci. Ele sabia da minha existência melhor do que ninguém, mas durante toda minha vida nunca tentou me conhecer, nunca demonstrou o menor desejo de me ver. — Era assustador ver a constância na voz de Grayson, a estabilidade quase artificial. — Não consigo te dar uma explicação completa do que a Avery é pra mim e pros meus irmãos, mas sei que não preciso te explicar que família não é só aquela de sangue. — A voz de Grayson baixou um pouco mais, suave no volume, mais áspera no tom.

— *Família* é saber que você morreria por alguém, e que, sem sombra de dúvida, essa pessoa também morreria por você. É saber que, por mais perdido que você se sinta, por mais sombrias que as coisas se tornem, ainda assim, lá no fundo, você *sabe* que existe um lugar e pessoas a quem você pertence.

Aquelas palavras doeram no fundo da alma de Lyra.

— Avery é sua família. — Lyra podia entender isso, e só de dizer aquelas palavras em voz alta, o alerta de Savannah perdeu metade do peso.

A vida não era uma competição por quem é mais amado.

Não era assim que o amor funcionava.

Grayson olhou para Lyra por trás da nova máscara.

— E já que estamos falando da minha família — disse ele, levando a mão até o rosto dela —, eu te fiz uma promessa. Tenho irmãos pra encontrar, e você tem uma pista pra procurar.

Conta pra ele.

Na casa do barco, quando Lyra beijou Grayson, não foi porque tinha cedido ao que quer que existisse entre os dois. Naquele momento, o beijo foi uma forma de retomar o controle, de provar a si mesma que Eve tinha apostado no peão errado.

Mas ali, naquele momento, nos últimos instantes do *antes*, Lyra queria mais do que isso. Queria algo real. Queria se permitir, mesmo que só por um segundo.

Ela *o queria*, mesmo que não durasse.

— Grayson? — O nome dele parecia familiar nos lábios dela. — Antes de você ir… tá um pouco frio. — Lyra ergueu o queixo e olhou pra ele. Só *olhou*. — Me empresta seu paletó?

Lá estava aquele sorriso de novo, o que fazia o mundo se ajoelhar. Grayson desabotoou o paletó do smoking. Tirou a peça e colocou sobre os ombros dela.

Tinha o cheiro dele. *Cedro e folhas secas.*

Grayson levou a mão ao rosto de Lyra, e Lyra se permitiu se entregar ao gesto, se permitiu olhar apenas para ele.

— Posso te beijar, Lyra Kane? — Aquela pergunta. Aquela voz. *Grayson Hawthorne*.

— Me beije — disse Lyra —, uma última vez.

— Te garanto — respondeu Grayson — que não será a última. — Ele aproximou os lábios dos dela, devagar, e dessa vez, quando se beijaram, não foi algo fora do tempo. Não era desespero, nem descoberta, nem uma tentativa de provar coisa alguma. Aquele beijo era bruto e intenso, melancólico e brutal, e cada osso no corpo de Lyra dizia a mesma coisa.

Aquilo não era um erro.

E quando acabou, quando os lábios deles finalmente se separaram, Lyra não hesitou nem por um segundo.

— Tem uma coisa que eu preciso te contar. — Com um *antes* daqueles, ela quase podia acreditar num tipo diferente de *depois*. — Eu sei quem me colocou no jogo.

Capítulo 40



GRAYSON

Eve. Grayson não conseguia acreditar que não tinha percebido antes. Ele sabia muito bem que Eve havia recebido acesso temporário à Lista do velho. E *é claro* que estava se metendo no Grande Jogo. É claro que escolheria a dedo uma jogadora que acreditava odiar os Hawthorne.

Será que Eve tinha percebido que Lyra o procurara, que Grayson a tinha buscado? Pouco importava. Eve não conseguia deixá-los em paz… nenhum deles, mas acima de tudo, *ele*. Eve já tinha conseguido tirar Grayson do sério antes. Mas não morava mais ali.

Essa era a questão quando se aprendia a deixar todos os pensamentos e sentimentos virem… uma vez feito isso, eles também estavam livres para *ir*.

E Grayson se permitiu, mesmo depois de Lyra contar o que Eve lhe oferecera, viver aquele momento. O frio da noite era ainda mais intenso no mar, mas Lyra estava quente. *A pele dela. A respiração no ar*. E ela tinha deixado que ele lhe emprestasse o paletó. Tinha deixado que cuidasse dela.

Eu te disse, Jamie. A Lyra não é uma ameaça. Ela não é a Eve.

— Eu devia ter te contado antes — acrescentou Lyra. — Devia ter contado *na hora*.

Eve tinha oferecido tudo o que ela mais queria; informação sobre o pai, dinheiro suficiente pra salvar a casa da família e mais, e ainda assim Lyra se recriminava por ter levado menos de uma hora e meia pra contar, pra confiar *nele*.

— A Eve tem um talento especial pra manipular as pessoas — disse Grayson. — Você foi muito bem.

Levaram três ou quatro segundos até que ela acreditasse nas palavras dele.

— Ela não sabia da flor no heliponto, Grayson. Foi Eve quem me colocou no jogo, mas aquele lírio não foi obra dela.

As peças do quebra-cabeça se moveram na mente de Grayson, e ele pensou em Brady Daniels e na Calla *dele*. Na insistência de Jameson para que o nome *Alice Hawthorne* nem fosse pronunciado. No lírio-do-nilo de mármore dentro da caixa de música.

— Vamos descobrir tudo isso — disse ele a Lyra.

— Eu vou procurar pistas pelo iate… e lemniscatas — informou Lyra, jogando o cabelo escuro para trás dos ombros. — Você vai conversar com seus irmãos e com a Avery.

— Isso foi uma sugestão — indagou Grayson — ou uma ordem?

Lyra ergueu uma sobrancelha.

— Você obedece a ordens?

— Suas? — Grayson lançou um olhar para ela. — Com certeza.

Capítulo 41



GRAYSON

Uma escada em espiral preta e prateada levou Grayson do terceiro ao quarto andar do iate. O último andar era só um deque, o mais próximo de um *telhado* que se podia ter num barco.

Jameson estava exatamente onde Grayson esperava encontrá-lo: parado na beirada, apoiado na grade, mas, dessa vez, não em cima dela.

— Precisamos conversar — disse Grayson.

— Ameaçador — respondeu Jameson, sem se virar, com aquele tom de *nada arriscado, nada ganho*, de *testar os limites*, que Grayson conhecia bem demais. — Pretende me explicar por que pediu que vasculhássemos o perímetro da ilha?

— Isso também — respondeu Grayson. — E tenho perguntas.

— Não, Gray. Você não tem.

Essas palavras serviram de lembrete: Jameson *não estava* testando limites naquele momento. Estava fugindo, assustado, e Grayson precisava saber o motivo. Não conseguiria proteger Lyra, muito menos dar a ela o que ela precisava, sem informações. Então disse a única coisa que garantiria a atenção total e imediata do irmão.

— Eu sei quem colocou a Lyra no jogo.

Jameson se virou num estalo para encarar Grayson.

— Não liguem pra mim, garotos. — Nash entrou em cena, passou por Grayson com passos preguiçosos e se posicionou a certa distância dos dois. — Só estou aqui caso alguém precise levar uma surra.

Grayson não conseguiu evitar.

— Como tá sendo *lidar* com o Nash? — perguntou a Jameson.

Jameson não mordeu a isca.

— O que você sabe, Gray?

Grayson foi direto ao ponto.

— Eve.

Jameson piscou.

— Eve? — repetiu Nash. Pelo visto, ele não estava ali *só* para bater em alguém.

— Ela conseguiu chegar à ilha — disse Grayson. — E, aliás, suas medidas de segurança atuais deixam muito a desejar. Pode demitir quem quer que o Oren tenha encarregado de vigiar os arredores.

Grayson sabia, sem precisar perguntar, que Oren não estava vigiando pessoalmente o mar ao redor da Ilha Hawthorne 24h por dia. O chefe de segurança de Avery jamais desviaria a atenção dela por tanto tempo. E Grayson tinha fortes suspeitas de que Jameson não avisara ninguém da equipe de segurança sobre a existência de uma ameaça.

O que levanta a dúvida do porquê.

— Por que a *Eve* se daria ao trabalho de encontrar um bilhete curinga só pra mandar pra Lyra e colocá-la no Grande Jogo? — pressionou Jameson.

Você achava que era outra pessoa. Grayson não disse isso em voz alta… ainda.

— Ao que parece, o bisavô da Eve também mantinha arquivos. Inclusive alguns sobre os inimigos do nosso avô. Você tem uma chance pra adivinhar quem tem esses arquivos agora.

Jameson nem se deu ao trabalho de adivinhar.

— O que exatamente a Eve sabe?

— Sobre o que quer que você esteja escondendo? — respondeu Grayson. — Nada. Pelo que a Lyra conseguiu perceber, a Eve não sabe nada sobre… — Grayson quase disse *Alice*, mas se conteve. — …assuntos que você se recusa a discutir.

Grayson reconheceu o brilho nos olhos de Jameson. Era o olhar típico de um Hawthorne, filtrando possibilidades, recalculando variáveis em tempo real.

— Vamos discutir esses assuntos agora — ordenou Grayson.

— Não — retrucou Jameson, virando-se de volta para a grade. — Não vamos.

— Jamie? — chamou Nash, com uma falsa suavidade na voz. — Sobe aí de novo pra ver o que vai acontecer.

Bastou um olhar a Nash para Grayson perceber que Jameson tinha passado a segunda fase no limite, em todos os sentidos. Grayson olhou para o irmão, apenas um pouco mais novo, e tomou uma decisão executiva. Revidar, afinal, era justo.

— Jamie? *Onã Lefa.*

Jameson não subiu no parapeito. Ele pulou direto.

Quando Grayson e Nash chegaram à grade, Jameson já tinha se lançado num salto livre.

— *Filho da…* — Nash parou de falar quando Jameson aterrissou firme no convés inferior.

— Depois de você — disse Grayson a Nash.

A perseguição tinha começado. Logo ficou claro que Jameson não estava tentando evitá-los, mas sim conduzindo-os pelas entranhas do iate, descendo andar por andar, sala por sala, até abrir a porta de uma cabine.

A suíte dele, Grayson notou. *E de Avery.* Parecia algo saído de um hotel de luxo da família Hawthorne. Janelas panorâmicas teriam oferecido uma bela vista durante o dia, mas à noite, só havia escuridão quando se olhava para o mar. Mesmo assim, Jameson apertou um botão na parede, e telas desceram, cobrindo os vidros.

Privacidade.

No mesmo instante, a porta da suíte se escancarou.

— Perdi alguma coisa? — perguntou Xander.

Grayson nem precisou olhar para Jameson para saber que ele com toda certeza não queria o irmão mais novo presente.

— Xan? — chamou Nash, arrastando a voz. — Dá um minuto pra gente.

— Estou sentindo que minha presença talvez esteja intensificando uma situação já emocionalmente delicada — disse Xander, com as mãos levantadas, as palmas viradas para cima. — Mas acho que todos podemos concordar que eu quero muito ver isso.

Jameson o fuzilou com o olhar e apontou para a porta.

— Charadas Mal-Humoradas? — Xander fingiu interpretar errado. — Adoro Charadas Mal-Humoradas!

— O Gray invocou o Onã Lefa — informou Nash.

— O *Grayson* invocou alguma coisa? — Xander ergueu as sobrancelhas. — O mesmo Grayson Hawthorne que um dia declarou que o rito sagrado de Onã Lefa tinha expirado quando fez dez anos?

— Xander. — Avery entrou na suíte e no embate, ainda usando o vestido dourado com o símbolo do infinito.

— Senhorita — respondeu Xander, fazendo uma reverência exagerada.

Avery o encarou.

— Por favor?

Isso, mais até do que o comportamento de Jameson, fez os dentes de Grayson rangerem. *Seja lá o que esteja acontecendo aqui… ela sabe.* Avery tinha mais juízo do que Jameson, mas também não era de se intimidar fácil.

— Xan — falou Nash, lançando um olhar firme ao mais novo. — Eu cuido deles. — Xander era o grande mediador. Aquilo era Nash dizendo que tudo ia ficar bem. — E — acrescentou Nash — tem bolinhos na cozinha.

— Jogo sujo — disse Xander a Nash. — E só pra constar: quero fotos, no plural, de qualquer luta livre que venha a acontecer. — Com isso, Xander se retirou. O ar pareceu mudar quando ele saiu, parte da tensão se dissipando, ainda que pouca.

Como Grayson dissera a Lyra, morreria pelos irmãos — todos eles, qualquer um deles —, mas Xander era o caçula, e era o *Xander*. Seja lá o que *estivesse* acontecendo, aquilo não ia atingi-lo. *Nem a Libby. Nem a Avery. Nem a Lyra.*

Embora fosse óbvio que as duas últimas já estivessem atoladas até o pescoço *nisso.*

— A Eve está interferindo no jogo — disse Grayson a Avery, atualizando-a. — Foi ela quem mandou a carta pra Lyra, e eu sei disso porque, de algum jeito, a Eve entrou na Ilha Hawthorne esta noite e foi atrás da Lyra. E apesar do que a Eve ofereceu, que foram milhões, aliás, a Lyra me contou. — Ele olhou para Jameson. — Porque a Lyra *não é uma ameaça*.

Jameson abriu a boca para retrucar, mas se lembrou. Onã Lefa.

— Não estou dizendo que *não* exista uma ameaça — continuou Grayson. — Mas os bilhetes nas árvores e a presença da Lyra no jogo… isso foi a Eve. E considerando que Eve conseguiu entrar na Ilha

Hawthorne de alguma forma, é bem provável que o blecaute de ontem à noite também tenha sido obra dela.

— Qual é o objetivo final da Eve? — perguntou Avery, porque Jameson não podia.

— Não foi por causa da Eve que eu invoquei Onã Lefa. — Grayson dirigiu as palavras diretamente a Jameson. — Você não quer nem que eu diga o nome *Alice Hawthorne*, mas na noite em que o pai biológico da Lyra se matou, ele disse três coisas pra ela. Desejou feliz aniversário. Disse que *um Hawthorne fez isso*. E depois falou uma frase que continha um enigma disfarçado por um código de deleção, cuja resposta era *ômega*.

Jameson deu um passo pesado em direção a Grayson. Ficava cada vez mais claro como essa invocação específica de Onã Lefa iria terminar.

Grayson não se deixou intimidar. Não seria a primeira vez que brigava com Jameson e era bem provável que não fosse a última. Ele tinha feito uma promessa à Lyra.

— O pai da Lyra também deu a ela duas coisas naquela noite. Um colar de doces com apenas três doces. E uma flor… um lírio-do-nilo.

Jameson não se mexeu, mas havia um lampejo de reconhecimento no olhar. *Você está pensando no enigma da caixa de música. Ótimo.*

— A Lyra está começando a ver aquela noite como um jogo, no mesmo estilo dos que o velho armava pra gente — continuou Grayson. — Uma série de enigmas, embora não sequenciais, neste caso. Ela já resolveu três dos quatro: *Um Hawthorne fez isso.* Alice. *O que faz uma aposta começar? Não é isso.* Ômega, não o começo do alfabeto, mas o fim. O colar de doces… o que parece importar ali é o número três. A propósito, Nash, alguém está vigiando a Odette Morales?

— Um certo advogado disse que a srta. Morales sumiu do mapa.

Grayson se perguntou de quem, exatamente, Odette estava se escondendo. *Não da gente… ou não só da gente.*

— Sabe o que a srta. Morales disse para Lyra e para mim, Jamie? — Grayson voltou a encarar o irmão calado, sentindo a energia frenética e sombria praticamente vibrando sob a pele de Jameson. — Ela disse que sempre há *três*.

— Três o quê? — perguntou Nash.

— Não sei — disse Grayson, seco, sem desviar os olhos de Jameson, que acabara de dar mais um passo na direção dele.

Avery se colocou no caminho de Jameson e depois se virou para Grayson.

— Gray. — Os olhos cor de avelã que ele conhecia bem demais se fixaram nos seus. — Você precisa parar.

Assim como Jameson, Avery claramente não queria que Grayson sequer mencionasse o assunto, muito menos que fizesse perguntas. Mas, gostando ou não, Avery Kylie Grambs agora era uma Hawthorne em tudo que importava.

— Avery? — Agora foi Grayson quem manteve o olhar firme no dela. — *Onã Lefa*.

Ela abriu a boca e depois fechou de novo. E Grayson voltou ao assunto.

— Dos enigmas que o pai da Lyra deixou pra ela naquela noite — disse aos dois —, só falta o lírio. Ainda não sabemos o significado, mas hoje mais cedo, alguém deixou uma flor nova, posicionada com cuidado sobre uma pedra, ao lado do heliponto. — Grayson olhou de um para o outro. — Vejo que estive certo ao presumir que *aquela* flor não era parte do jogo. Diz a Eve que isso também não foi coisa dela. Lyra acredita, e eu acredito na Lyra.

Grayson percebia, só de olhar por cima do ombro de Avery, que se ela não estivesse entre eles, Jameson já teria avançado pra agarrá-lo pela gola da camisa de seda preta. O irmão de Grayson não queria saber daquela conversa, nem um pouco.

Isso *ia* acabar em briga.

Grayson aceitou e seguiu em frente.

— Dá para entender por que a Lyra pode estar cheia de dúvidas sobre o enigma da caixa de música, Jamie. Você sabe de alguma coisa. Ela sabe que você sabe. E eu não consigo protegê-la se *eu* não souber exatamente do que estou tentando protegê-la.

Jameson avançou e Avery girou o corpo, colocando as mãos espalmadas no peito dele, impedindo o movimento. Jameson parou no mesmo instante ao sentir o toque dela, e Avery lançou um olhar a Grayson por cima do ombro, uma pergunta silenciosa. *Já acabou?*

Ele não tinha acabado.

— A Lyra não é o problema aqui, Jameson. Ela não é a ameaça. *Você* é. — Grayson deixou aquilo assentar. — Seus segredos. Seja lá no que *você* e a Avery se meteram.

Os olhos de Jameson arderam. Grayson se virou para Nash.

— Estou errado?

— E se eu dissesse que sim, você acreditaria? — Nash devolveu, calmo como sempre. — Você está caidinho por essa garota, Gray.

— Me diz que eu tô errado — insistiu Grayson.

Nash balançou a cabeça, depois direcionou as palavras a Jameson:

— Ele não está errado, Jamie. Nenhum de nós consegue proteger você e a Avery de ameaças que nem conseguimos ver chegando.

Grayson deixou o peso dessas palavras pairar no ambiente, depois firmou a postura e encarou Jameson.

— Eu pago pra ver.

Jameson afastou com cuidado as mãos de Avery do próprio peito. Baixou-as para o lado do corpo dela, contornou-a com delicadeza… e *partiu pra cima*.

Grayson nem se deu ao trabalho de firmar os pés. Girou o corpo pouco antes do impacto. Jameson previu o movimento. Grayson imaginou que ele preveria. Ainda assim, os dois foram parar no ar. Essa era a questão de brigar com alguém que você conhecia quase tão bem quanto a si mesmo, alguém com quem você era praticamente parelho: ninguém saía ileso desse tipo de confronto — a não ser que tivesse lama envolvida. E Grayson sabia muito bem que aquele truque só funcionava uma vez.

Jameson o esmagou contra a parede.

— Eu te disse pra nem dizer esse nome.

— *Alice. Hawthorne* — rebateu Grayson, rompendo o agarrão e trocando as posições dos dois. — Quando foi que eu te dei a impressão de que aceito ordens, irmãozinho? — Grayson travou os braços ao redor dos de Jameson, prendendo-os contra o corpo dele.

Jameson explodiu, lançando Grayson longe.

— Você me prometeu até o fim do jogo, Gray.

Enquanto Jameson avançava de novo, Grayson viu uma brecha… não era grande. *Mas era grande o bastante.* Ele avançou, aproveitando o impulso de Jameson contra ele, mas assim que Grayson conseguiu jogar o irmão no chão, alguém fez o mesmo com ele, varrendo o chão debaixo de seus pés.

Avery.

— Bela execução — comentou Nash. Então puxou Grayson e Jameson de volta para a vertical. — E já chega, todos vocês. — Nash soltou os dois.

— Agora desembucha, Jamie.

Quando Nash deixava trazia seu palavreado típico, era sinal de que o assunto era sério.

— Contar qualquer coisa pra vocês pode colocar a Libby em risco. — Jameson foi direto no ponto fraco. — É isso que você quer?

— Deixa que eu me preocupo com a Lib — respondeu Nash. — Se alguém for atrás dela e dos bebês, vai ter que passar por mim. E, pessoalmente, acho que as chances deles não são boas. — Nash tirou o chapéu de caubói e o colocou sobre a cômoda. — E a *própria* Libby ia acabar com a sua raça se soubesse que você usou essa cartada.

— Você não precisa saber — disse Jameson entredentes.

Grayson balançou a cabeça. Aquilo não ia acabar bem… pra Jameson.

— Desiste de uma vez. — Jameson já não olhava mais para Nash. Encarava Grayson. — Dela. Disso.

Lyra. Jameson estava pedindo para ele desistir de Lyra Kane.

— Não.

— Vamos cancelar o jogo — ameaçou Jameson, como se Grayson não tivesse respondido. — A interferência da Eve nos dá um bom motivo pra isso.

— Você pode cancelar o jogo — respondeu Grayson, com calma. — Mas eu te garanto que a primeira coisa que a Lyra vai fazer é pegar tudo que descobriu aqui e começar a buscar por respostas. Ela é incansável, Jamie. E extremamente inteligente. — Grayson sentiu um aperto na garganta. — E ela importa. Pra mim, ela *importa*. Então você vai me contar tudo que sabe.

— Eu não vou contar nada. — Jameson estava no meio de outro golpe quando Nash, claramente no limite, interceptou e o lançou sobre a cama.

Grayson avançou até a beirada, encarando o irmão. *Fala, Jamie.*

A mandíbula de Jameson seguia cerrada.

Fala. Grayson o encarava de cima, com uma promessa nos olhos. Raras vezes algum deles causara dano real ao outro, mas até o controle de Grayson tinha seus limites.

De repente, Avery se colocou entre os dois. Algo em seu olhar fez Grayson se lembrar que ele encerrara o Onã Lefa de Jameson, mas não o dela.

— Avery, eu pago pra ver.

— Eu não vou brigar com você. — Ela manteve o olhar firme no dele por mais um segundo, depois se virou para Jameson. Grayson pôde sentir a conversa silenciosa entre os dois antes que Avery voltasse a falar, num tom baixo e bruto. — Ele voltou naquela noite sangrando e cheirando a fumaça. Tinha cinzas na pele. Um corte no pescoço.

A fúria disparou nas veias de Grayson. Ninguém machucava sua família e saía impune.

— Continue.

Avery estendeu a mão e tocou o ombro de Jameson. Depois de um momento, ele se levantou devagar.

— Praga — disse ele, num sussurro oco. — Mais de um ano e meio atrás. Quer a versão curta, Gray? Uma cidade de passagens secretas. Um mapa que o velho deixou pra trás. Eu segui o mapa.

Claro que seguiu.

— E? — Grayson perguntou em voz baixa.

Jameson fechou os olhos.

— Eu não sei. — A tensão se espalhou visivelmente pela testa dele, irregular e cheia de dor. — Não exatamente. Eu fui drogado. Minhas lembranças daquela noite estão cheias de falhas. Tem alguns *momentos*… — Jameson parou de falar.

Grayson pôs a mão no ombro do irmão.

— *Fogo* — Jameson conseguiu dizer por fim. — *Vozes*. E a sensação de que eu ia morrer. De que eles iam me matar.

— Eles? — Grayson reagiu de imediato. Mas tudo em que conseguia pensar era: *sempre há três*.

— Eu não sei, Gray. — A frustração marcava cada linha do rosto de Jameson quando ele abriu os olhos. — Eu me lembro de acordar num jardim no alto de um prédio. Tomei chá com uma mulher morta. Ela me chamou de *querido rapaz* e deixou muito claro que precisava continuar morta. — Jameson engoliu em seco. — Ameaças foram feitas. Minhas instruções foram claras: *não contar a ninguém*.

Sem dizer uma palavra, Avery envolveu Jameson nos braços. A mão de Grayson ainda estava no ombro do irmão. Por um momento, os três ficaram ali, respirando como um só. Então Nash se aproximou e plantou a mão ao lado da de Grayson, nas costas de Jameson.

— Você contou pra Avery — disse Grayson, constatando o óbvio.

— Ele acabou contando, mas nunca fomos atrás disso — explicou Avery. — Nunca fomos atrás de respostas, nunca fomos atrás *dela*.

Alice. Era claro que o que estava acontecendo ia muito além de uma única mulher. Grayson não gostava nem um pouco disso.

— E a flor? — ele perguntou para Jameson. — O lírio na caixa de música?

— *Eu não sei* — respondeu Jameson. — Eu já disse. Lembro de vozes. Fumaça. O preço do trigo. *Fogo*. E ameaças. Só isso, Grayson.

Só isso, uma ova. Em algum nível, consciente ou não, Jameson sabia mais.

— Você não está sozinho nisso agora — disse Nash, firme. Ele colocou a outra mão no ombro de Avery — Nenhum de vocês. Mas precisamos perguntar isso: e o outro lírio, o tal *calla lily*? Aquele que o Grayson e a Lyra encontraram?

— O Brady pareceu achar que era pra ele — indicou Grayson. — Fez parecer que achava que tinha sido o Rohan, mas meu palpite é outro… deve ter sido o patrocinador dele.

— Fui eu quem escolheu o Brady — declarou Avery, com a testa franzida. — Dei a ele o bilhete pro jogo. Por que precisaria de um patrocinador?

— O que você sabe sobre a garota? — perguntou Grayson. — *Calla* alguma coisa.

— Desaparecida — respondeu Avery. — Presume-se que esteja morta. — Foi então que a ficha dela caiu. — O nome dela…

O silêncio cobriu a sala como um véu. Todos ali tinham cabeça para enigmas.

Todos estavam tentando entender esse.

— E se a patrocinadora do Brady for a Alice? — Jameson se afastou dos outros. — Se a Alice chegou até o Brady de alguma forma, se ela está aqui, se está *observando*… não podemos dar nenhuma pista de que sabemos. Nenhum de vocês devia saber nada disso.

— Não podemos cancelar o jogo — concluiu Avery. — Temos que continuar como se tudo estivesse normal. Como se estivesse tudo bem.

— Por que a nossa avó se importaria com o Grande Jogo? — perguntou Grayson. — Ou com Brady Daniels?

— Por que ela se importaria com o preço do trigo? — rebateu Jameson.

Grayson ficou remoendo a pergunta.

— *Eles* — disse por fim. — Por que *eles* se importariam?

Dessa vez, o silêncio durou ainda mais. Por fim, Avery se virou para Nash.

— Você vai embora, não vai? — disse. — Vai atrás da Libby.

— Vou atrás da Libby — confirmou Nash. — E vou incluir o Oren antes disso. Ele precisa saber que há uma ameaça. Podemos dizer que tem relação com o que aconteceu em Praga sem dar os detalhes… isso já deve dar uma ideia da gravidade. Os homens dele podem vasculhar cada canto da Ilha Hawthorne enquanto os jogadores estão aqui no iate. Reforçar a segurança…

— Você não pode contar nada ao Oren — disse Jameson. — Nada do que eu falei pode sair desta sala.

— Você já *conheceu* o chefe de segurança da Avery? — retrucou Nash. — E pergunta relacionada: como você quer que John Oren te mate quando descobrir que havia uma ameaça clara e iminente contra todos nós, *contra a Avery,* e você não disse uma palavra?

Jameson ficou um instante em silêncio, digerindo aquilo.

— Pode ser que você tenha razão — disse com pesar. — Mas o nome da Alice não deve ser mencionado. Nem para o Oren, nem pra mais ninguém.

— A gente não sabe se é ela — apontou Avery. — Não com certeza. — Seus olhos cor de avelã se voltaram para Grayson. — Mas de qualquer forma, você precisa fazer controle de danos, Gray. Com a Lyra. Precisa mantê-la fora disso.

Lyra. Grayson a imaginou usando o paletó dele.

— Mantenha o foco dela no jogo — disse Jameson. — Isso vai nos dar um tempo pra descobrir como lidar com ela.

Grayson quase disse que não existia isso de *lidar* com Lyra Kane, mas se a Alice representava mesmo uma ameaça *como essa,* pelo bem da Lyra e da família dele…

Talvez eu tenha que tentar.

Capítulo 42



ROHAN

Rohan tinha que admitir: havia jeitos piores de passar a noite do que explorando um iate com Savannah Grayson. Um cinema, um spa, vários bares, cada um com um tema em tom de joia diferente e mesmo assim, nenhum deles brilhava como o vestido de Savannah. Mesmo na luz mais fraca, ele parecia emitir um brilho quase sobrenatural, como flocos de neve ao luar, como milhares de espelhos perolados, cada um menor que a ponta de uma pena.

E mesmo na luz mais fraca, Savannah Grayson tinha seus sinais: uma certa tensão nos músculos longos e definidos dos braços, a distância de seu passo, os impassíveis lábios rosados.

Toda vez que você vê Avery Grambs, o luto volta e você se fecha.

Rohan não comentou nada sobre a mudança que notara nela assim que pisaram no iate, e, em troca, Savannah não disse uma palavra sobre o que ele havia lhe contado, lá no quarto. Em vez disso, os dois se concentraram de forma absoluta, intensa e impiedosa no jogo.

Nas pistas. Pelo menos duas delas, escondidas em algum lugar daquele navio.

Juntos, Rohan e Savannah saíram da parte interna do iate e foram até um dos conveses.

— Agora isso — disse Rohan, avançando com um sorriso — é alguma coisa.

Alguma coisa no sentido de algo digno de se ver, e *alguma coisa* digna de esconder uma pista. Embutido no convés havia um ofurô grande,

claramente em funcionamento, e ao lado dele, uma piscina transbordando de gelo.

Rohan foi direto para a piscina. Entre centenas de milhares de cubos de gelo, havia garrafas de champanhe, dezenas delas. Com passos longos e poderosos, Savannah passou direto por Rohan e assumiu posição entre o ofurô e a piscina. À luz tênue, mas quente, do iate, Rohan pôde ver o vapor subindo da superfície do ofurô como fumaça na noite.

Rohan se agachou, passou a mão sobre o gelo e agarrou o gargalo de uma das garrafas de champanhe.

— Vou fazer as honras. — Ele pegou a garrafa e se lembrou das taças de champanhe que tinham recebido no início do jogo.

Quando se deu conta, Savannah já estava com uma taça na mão. *Como?* O olhar de Rohan foi até a bolsinha branca com miçangas pendurada no pulso dela. Um movimento ousado, transportar algo tão frágil assim. Savannah teve sorte de não ter quebrado.

E ele também.

— E aí? — provocou Savannah. — Vai abrir esse champanhe ou vai ficar encarando o rótulo?

O rótulo estava em branco. Rohan tirou a rolha e deu um gole direto da garrafa.

— Saúde, Savvy.

Savannah lançou um olhar fulminante para Rohan, o que só fez com que ele quisesse provocá-la ainda mais, e então ela se abaixou para pegar uma garrafa. Ao se preparar para abri-la, mirou a rolha no peito de Rohan.

— Como uma bala no coração — disse Rohan, num murmúrio baixo e vibrante. — E caso esteja se perguntando, gata? Sim, isso é um desafio.

E sim, era um convite.

Savannah estourou a garrafa. Rohan pegou a rolha no ar.

— Exibido — retrucou Savannah.

— Sempre — respondeu Rohan, indo até o ofurô. Ele se agachou e mergulhou a garrafa de champanhe na água quente. Com os olhos nos dela, puxou a garrafa de volta. — Voilà.

O rótulo já não estava em branco.

— O símbolo do infinito — disse Savannah. — Igual ao vestido dela.

Ainda sem dizer o nome da herdeira, Rohan notou. Ele se perguntou se Savannah se dava conta de que não era Avery quem ela mais odiava. Não

de verdade. Era *Grayson* quem ela tinha deixado entrar.

A família era capaz de causar feridas que o resto do mundo jamais conseguiria igualar.

— Infinito como o vestido — repetiu Rohan — e como um dos símbolos na cabeça das chaves dos nossos quartos.

Rohan enfiou a mão no bolso do casaco e puxou a chave em questão. Ela já tinha sido usada no jogo, mas era melhor prevenir. Pressionou o símbolo de lemniscata na cabeça da chave — ou, visto de outro jeito, o número oito.

Nada aconteceu.

Tentou mergulhar a chave no ofurô, como tinha feito com a garrafa. Quando isso também não deu resultado, tirou a chave e derramou champanhe por cima.

— Nada — comentou Rohan, dessa vez em voz alta. Deu outro gole na garrafa. — Uma pena desperdiçar.

— Pena — repetiu Savannah, servindo-se de uma taça de champanhe. Em seguida, se juntou a Rohan na borda do ofurô. Tirou os saltos com um chute leve, sentou e puxou o vestido para cima, revelando as pernas até os joelhos. Lançou um olhar a Rohan, mergulhou as pernas na água quente e levou a taça aos lábios.

Rohan a segurou pelo punho, com um toque leve.

— Olha.

Letras fosforescentes haviam surgido na taça, uma de cada lado do *H* lapidado no cristal. Um *N*, um *I* e um *G* à esquerda. Um *T* solitário à direita.

— *Night* — disse Rohan. *Infinito. Noite*. — Uns safados, não são? — falou para Savannah, livrando-se dos sapatos e das meias e começando a arregaçar as calças do smoking púrpura. — Primeiro afogam a gente em detalhes, escondendo a pista real no meio do quebra-cabeça, e depois nos dão dicas suficientes pra fazer o mesmo.

— Mais de um enigma — disse Savannah, com uma calma que impressionava. — Mais de uma pista.

— A não ser, é claro, que elas sejam feitas para combinarem entre si — retrucou Rohan, sentando-se e mergulhando as pernas no ofurô. O choque do calor não o incomodou. — *Infinito. Noite*. Noite infinita.

— Exceto que esta noite não é infinita — rebateu Savannah. — Faltam o quê, quatro ou cinco horas até o amanhecer?

A cada minuto que passava, os dois se aproximavam do fim do jogo, do momento em que a vitória de um exigiria a destruição completa do outro.

— Estamos perdendo — disse Savannah. O tom deixava claro que ela não podia e não ia aceitar isso.

— Brady está pelo menos um enigma à nossa frente — concordou Rohan. — Talvez dois. Vai saber se as pistas que encontramos não são do quebra-cabeça dele, e não do nosso.

Savannah olhou para sua taça.

— Como é que ele passou na nossa frente?

A pergunta podia muito bem ser retórica, mas Rohan sabia o valor de considerar todas as possíveis respostas, até para perguntas retóricas.

— Pelo desempenho dele no Grande Jogo do ano passado — observou —, Brady Daniels é especialmente bom com enigmas que envolvem simbologia, mitologia e *música*.

Savannah lançou um olhar para a escrita em seu braço. Rohan ergueu a mão, *quase* encostando na pele dela. Analisando o código, moveu os dedos devagar pelo braço de Savannah, sem nunca tocá-la de fato, sem tocar na tinta, mas deixando que ela sentisse o fantasma do toque.

— Posso? — perguntou Rohan.

— Se é necessário — respondeu Savannah.

Ah, é muito necessário, Savvy. Dessa vez, Rohan começou pela parte mais baixa do braço dela e foi subindo, letra por letra. O toque leve, os dedos dançando entre as linhas da escrita, absorvendo cada pedaço do enigma, cada nota musical, começando por uma valsa e terminando em *Clair de Lune*.

Na metade, a respiração de Savannah falhou por um segundo.

Ah, você gosta disso, não é, gata?

Ao chegar nos três quartos, Rohan se permitiu imaginar Savannah Grayson tirando o vestido e entrando no ofurô.

Quando chegou ao fim da tarefa, inclinou-se, aproximou o rosto do dela e falou direto em seu ouvido.

— *Ré, Lá, Sol, Lá* — murmurou. Um trecho de *Clair de Lune*. — *Mi, Mi, Fá.* — Outro.

— Dá para formar palavras. *Falar* — disse Savannah, com a voz bem mais baixa e rouca do que o habitual. — *Solar. Relar.*

Rohan deixou o toque se demorar sobre a última nota.

— Tem notas demais nas três músicas pra esse enigma ser tão simples quanto soletrar uma palavra.

Savannah levou a mão ao braço, passando os dedos por letra após letra, o olhar fixo em Rohan.

— Nosso próximo passo parece claro, não parece?

Ela cheirava levemente a jasmim e baunilha.

— Por que você não me *esclarece* esse passo, gata? — Ele acrescentou o apelido só para ver os olhos dela faiscarem.

— Está claro — disse Savannah, com acidez — que Brady Daniels já resolveu esse enigma. E igualmente claro é o fato de que ele está sem aliados neste jogo. E nós temos vantagem sobre ele.

Rohan pensou nas mensagens invisíveis no verso das fotos de Calla Thorp.

— Prova de comunicação com a patrocinadora dele. Podemos tirá-lo do jogo.

— Ou — murmurou Savannah — podemos usá-lo.

Ele levou os dedos até a clavícula dela, traçando com leveza de um ombro ao outro.

— O que exatamente você está sugerindo, Savvy?

Savannah segurou o rosto dele com firmeza, forçando-o a inclinar a cabeça para trás, expondo o pescoço.

— Estou sugerindo — disse, baixando a boca para falar direto no ouvido *dele* — que eu convença Brady Daniels de que minha lealdade é… flexível.

Os lábios dela roçaram uma artéria em seu pescoço, e Rohan se perguntou se ela conseguia ver seus batimentos ali, senti-los.

— Sua lealdade *é* flexível — apontou ele. — Mas se você conseguir extrair alguma coisa útil do Brady Daniels antes de o eliminarmos, se conseguir manter ele na linha e continuar tirando vantagem… — Não havia tanto cabelo assim para agarrar, mas Rohan deu um jeito, puxando de leve para inclinar a cabeça *dela* para trás. — Que assim seja.

Capítulo 43



GIGI

Foi preciso um esforço enorme, mas, no fim das contas, o resgatador mal-humorado de Gigi acabou cedendo e dizendo seu nome. Agora, o novo parceiro dela, *Jackson*, dormia numa cadeira ao lado da sua mesa de cozinha improvisada para uma pessoa só, a espingarda ao alcance da mão, a cadeira virada para a porta de metal da sua casinha minúscula que, Gigi tinha que admitir, uma pessoa menos otimista poderia muito bem chamar de *barraco*.

Uma pessoa menos otimista também poderia se preocupar com o fato de que o tal barraco estava em plena vista do farol, mas Gigi era especialista em ver o lado bom das coisas.

Tipo: Jackson tinha cedido a cama para ela — ou, tecnicamente, o colchão. Que cavalheirismo! Que barba!

E para ser sincera, Homens Rabugentos Que Odiavam Todo Mundo meio que eram a especialidade de Gigi. Além disso, era madrugada. Mesmo que de algum jeito ela conseguisse chegar até a cidade, tudo estaria fechado. E mesmo que conseguisse um celular, Gigi só sabia três números de cabeça: o do Grayson, o da mãe e o da Savannah. Dois dos três estavam *no* jogo, sem celular, e o terceiro estava no Arizona, o que significava que a única opção real dela na cidade teria sido ir à polícia, e isso não a levaria até a Ilha Hawthorne.

Não a levaria até Savannah.

Então o jeito era esperar amanhecer. Infelizmente, tudo que Gigi podia fazer era ficar deitada pensando no quanto Savannah devia estar sofrendo e

nas mil maneiras que a irmã com certeza encontraria para fingir que não estava.

Um assobio do vento. A madeira rangendo. Os sons tiraram Gigi de seus pensamentos. *Slate?* Gigi olhou para Jackson… e para a arma dele. *Seria bem feito pro senhor Sinto Muito Por Isso,* ela pensou. *Mas…*

Gigi se sentou e foi devagar até a porta. Ela não queria que Slate *morresse*. Só queria que ele ficasse… devidamente arrependido.

Durante o que pareceu uma eternidade, Gigi ficou do lado de dentro da porta de metal, escutando, mas não havia som algum. Nem vento. Nem madeira rangendo.

Finalmente, ela girou a trava e abriu a porta só um palmo. Não havia ninguém ali… mas havia alguma coisa no chão. Com a luz fraca do banheiro atrás dela, Gigi não conseguiu ver direito o que era, mas isso não a impediu de se abaixar para olhar melhor.

Uma flor. Gigi balançou a cabeça. Era só uma flor.

Capítulo 44



LYRA

Lyra tentou ser metódica na forma como vasculhava o iate, mas ainda assim era um *iate*. Talvez algumas pessoas fossem feitas para festas em alto-mar e bailes de máscaras ao luar, mas para Lyra, a sensação era de ter caído direto no País das Maravilhas.

Fichas de pôquer feitas de meteorito.

Um barco tão imenso que tinha o próprio cinema.

Bares, no plural, abastecidos com garrafas ornamentadas, a maioria parecendo custar pelo menos o mesmo que a máscara cravejada de diamantes que Lyra usava.

Toda aquela opulência fez Lyra se perguntar o que Grayson pensaria se ela o levasse ao Recanto Sereno. Ela se perguntou se ele sabia subir em árvores, se Grayson Hawthorne já tinha ralado o joelho ou sujado de lama um tapete.

Ela se perguntou como seria o impecável Grayson todo coberto de barro.

Empurrando mais uma porta, Lyra se viu cercada. Levou um momento até perceber que as paredes, o teto e o chão eram todos revestidos de espelhos. Não havia mais nada no cômodo… só os espelhos.

Ao cruzar a soleira e deixar a porta se fechar atrás de si, Lyra girou sobre os próprios pés, absorvendo a visão de 360 graus. Ao girar, o tecido de chiffon do vestido se abriu em leque, revelando todo o arco-íris escuro de cores. *O poente mais escuro*. A máscara no rosto de Lyra cintilava, seus lábios e o contorno do maxilar sendo as únicas partes do rosto não parcialmente cobertas.

Ela ainda usava o paletó de Grayson.

Olhe com os dedos, disse para si mesma, *não com os olhos*. Foi até o canto do cômodo e começou a percorrer o perímetro com os dedos, tocando de leve a parede espelhada para não deixar marcas.

Antes mesmo de alcançar a primeira emenda no vidro, uma parte da parede à sua frente se abriu como uma porta, e Rohan entrou. Em contraste com o paletó branco nos ombros de Lyra, o smoking de Rohan era de um tom intenso de roxo-escuro.

— É um iate alugado — declarou ele, com um sotaque absurdamente aristocrático. — Mas conseguiram achar um com algumas portas secretas. Bem estilo Hawthorne.

— E o que te faz ter tanta certeza de que o iate é alugado? — retrucou Lyra.

— Eu até poderia te contar, mas… — Rohan deixou a frase no ar e cruzou o cômodo em diagonal, colocando a mão espalmada em outra seção de espelho. — Não quero — completou, empurrando e revelando mais uma porta secreta.

Quase no mesmo instante, uma rajada visível de calor atingiu a sala. *Vapor*.

— Parece que achei a sauna — anunciou Rohan. De olho no casaco de Grayson nos ombros de Lyra, Rohan tirou o próprio paletó.

— Se importa se eu tirar a camisa também? — Ele não se incomodou com os botões; puxou a peça por sobre a cabeça, revelando a barriga trincada.

Lyra revirou os olhos.

— Já estava de saída.

— Pode ir — concordou Rohan, largando a porta espelhada, que se fechou e desapareceu de novo na parede, trancando o vapor lá dentro. — Ou pode ficar e me perguntar o que eu sei.

Alguma coisa na expressão afiada como lâmina e nos olhos castanhos insondáveis de Rohan fez com que Lyra achasse que ele realmente sabia de alguma coisa.

— Perguntar o que você sabe — repetiu ela, sem emoção — sobre o jogo?

Rohan sorriu.

— Depende da sua definição de *jogo*.

Lyra cruzou os braços, completamente imune ao papo dele e ao peitoral à mostra.

— O que você sabe?

O olhar de Rohan encontrou o dela, e algo em seu rosto mudou sutilmente, a pose se desfazendo como palavras apagadas na areia.

— Jameson Hawthorne quer você fora do Grande Jogo. Ele me incumbiu de encontrar algo que permitisse te desclassificar.

Lyra queria acreditar que aquilo era só mais um dos jogos mentais de Rohan com os adversários, mas não conseguia parar de pensar no jeito como Jameson a olhara do alto do convés, mais cedo. Aquele Jameson estava muito distante do que a havia recebido no jogo.

— E por que Jameson Hawthorne faria isso? — respondeu Lyra, canalizando Grayson em seu tom; puro controle, sem entregar nada.

Rohan deu de ombros com elegância.

— Eu estava esperando que você me dissesse.

Lyra analisou Rohan, o tamanho das pupilas, a curvatura do sorriso, e a avaliação de Brady durante a fogueira lhe veio à mente.

— Dividir para conquistar — disse Lyra. — Uma estratégia previsível.

Rohan sorriu outra vez.

— Está funcionando?

— Você está mentindo? — devolveu Lyra, imitando o tom dele, mas não o sorriso.

— Não estou. — Rohan sustentou o olhar por mais um segundo, depois voltou a atenção à porta espelhada. — A sauna me chama.

Dessa vez, Lyra saiu de verdade. Ela tinha uma pista a encontrar… ainda que Jameson Hawthorne de fato a quisesse fora do jogo.

Capítulo 45



GRAYSON

Grayson precisava resolver mais uma coisa antes de poder voltar para Lyra. E era por isso que estava ali. Ele bateu na moldura da porta aberta de um escritório ostensivo, anunciando sua presença para a mulher com um terno de corte impecável atrás da mesa.

— Você. — Alisa Ortega cumprimentou Grayson com uma única palavra e um olhar estreito.

Ela era a advogada de Avery; na prática, mais uma faz-tudo, mas muito antes de ser qualquer uma dessas coisas, tinha sido uma garota crescendo ao redor dos Hawthorne, a filha única do conselheiro jurídico mais confiável de Tobias Hawthorne. Grayson era a pedra no sapato de Alisa desde mais ou menos na época em que começou a usar terno.

Pouca gente podia se gabar de ter sido babá dos três irmãos mais novos da família Hawthorne.

— Saudações — disse Grayson secamente.

— Você e seus irmãos não passam de encrenca — respondeu Alisa, fechando o laptop. — E não vou nem começar a falar das suas irmãs.

— O que a Savannah fez? — perguntou Grayson.

— Sem dúvida fez alguma coisa — respondeu Alisa —, mas…

— Falando da Savannah, ela é que não estava — disse Xander, espremendo-se para passar por Grayson, com um bolinho em cada mão. Grayson conhecia bem o irmão para saber que Xander provavelmente o tinha seguido até ali.

Com ou sem bolinho, o mais novo dos Hawthorne não tinha desistido de descobrir o que estava acontecendo.

É melhor que você não saiba, Xan. E, no momento, Grayson tinha outras prioridades.

— Gigi. — Voltou-se para Alisa. — Já rastrearam onde ela está?

— Encontrada, ela não foi — disse Xander solenemente. — Um perdido na Alisa e na equipe dela, a jovem aventureira deu.

— Dê uma de Yoda comigo de novo — disse Alisa a Xander — e todos os doces deste barco vão desaparecer misteriosamente. E quanto ao *seu* boletim… — Alisa voltou a encarar Grayson. — Encontramos o barco que a Gigi pegou emprestado, a uns cinquenta quilômetros da costa.

— E por *barco* — acrescentou Xander, solícito — você quer dizer o *meu* barco. — Ele olhou para Grayson. — Fui a última pessoa a ver a Gigi antes de ela zarpar, e posso informar que ela tinha um Plano Gigi. *P* maiúsculo com *G* maiúsculo. Com certeza estava tramando alguma coisa.

— E você não impediu? — Grayson estreitou os olhos para o irmão.

— A Gigi não precisava que eu impedisse de nada. — Xander deu uma mordida delicada em cada bolinho. — Ela precisava de um carinho e de uma conversa motivacional. Teve até saga viking envolvida.

— Vocês dois não deviam ficar juntos sem supervisão — murmurou Grayson, e então se voltou para Alisa. — Quem está procurando por ela? — Dado o tamanho da ameaça em potencial lá fora, ele queria a irmã localizada. *Agora.*

— Duas das minhas equipes e um contratado temporário — respondeu Alisa, sem parecer gostar muito de ter seus métodos questionados.

— Pergunta quem é o contratado — sugeriu Xander, balançando as sobrancelhas. E antes que Grayson perguntasse, ele mesmo respondeu. — Knox Landry.

Grayson não estava esperando por aquilo. Knox tinha participado do Grande Jogo, na equipe da Gigi.

— Ainda que os encantos do sr. Landry sejam limitados — disse Alisa —, ele consegue se infiltrar até entre os locais mais barra-pesada da costa. Pode acabar se metendo em uma ou duas brigas de bar, mas eu apostaria nele para encontrar a Gigi primeiro. E ele se ofereceu.

Grayson não pôde deixar de pensar que Gigi tinha um jeito todo próprio de conquistar as pessoas. Incansavelmente.

— Se ofereceu talvez seja um pouco generoso — observou Grayson. — Você está pagando. — Alisa o havia chamado de contratado, afinal.

— De *Dona Advogada*, Knox Landry a chama — disse Xander. — Às turras, eles vivem.

Alisa apontou para Xander.

— Fora.

Xander sorriu, mas ao sair, ainda jogou para Grayson:

— Se há uma ameaça, a Alisa precisa saber.

O rosto impassível de Alisa não deixou transparecer nenhuma reação àquela declaração. Assim como Oren, ela cuidava de Avery e, na verdade, de todos eles. Em outra vida, se as coisas tivessem sido diferentes entre ela e Nash, talvez seu sobrenome fosse Hawthorne.

Não que ela fosse aceitar usar o sobrenome de Nash. Grayson tentou apagar o incêndio que Xander acabara de acender com tanto prazer.

— Não posso confirmar nem negar — disse a Alisa — que exista uma situação.

Fique alerta, ele telegrafou em silêncio. *Tenha cuidado. E encontre a Gigi.*

Alisa assentiu com firmeza.

— Entendido. Eu vou encontrar sua irmã, Grayson. Mais alguma coisa?

Grayson ainda não estava pronto para parar de ser um incômodo na vida de Alisa.

— Odette Morales — disse. — Pelo que soube, está difícil localizá-la.

Grayson lançou *um olhar* a Alisa, sem dizer mais nada.

Com Alisa Ortega, ele não precisava.

Capítulo 46



GRAYSON

Grayson encontrou Lyra exatamente onde a havia deixado. À mesa de roleta, como se pertencesse àquele lugar. A máscara cravejada de diamantes prendia os cabelos escuros, agora mais embaraçados do que quando Grayson a deixara. Ele se perguntou se os nós formados eram culpa do vento, da maresia ou simplesmente do modo como Lyra Kane se movia, como se não houvesse limites para o que seu corpo podia fazer.

Os dedos de Grayson coçaram para desembaraçar o cabelo dela, mas ele tinha mais controle do que isso. *Na maior parte do tempo, pelo menos.*

— Eu não fiquei só parada esperando — disse Lyra, e Grayson percebeu, com um segundo de atraso, que ela segurava a bolinha da roleta na mão, rolando-a de um lado para o outro com os dedos. — Vasculhei o barco.

Havia algo diferente em Lyra, a mais leve das mudanças.

— Em teoria — disse Grayson, indo para o lado oposto da roleta, só para não perder o controle — é um navio.

— Em teoria — Lyra encarava a roleta — é um iate.

— Superiate — corrigiu Grayson, com um leve sorriso. — Em teoria.

Lyra ergueu o olhar para encará-lo.

— Você acha que sabe tudo.

— Eu sei que alguma coisa te perturbou enquanto procurava pistas. — Grayson não ofereceu nenhuma prova da afirmação que acabara de fazer e não fez nenhuma pergunta que denunciasse que era apenas um palpite bem calculado.

— Não encontrei nada — respondeu Lyra, e se Grayson fosse outro tipo de pessoa, talvez acreditasse que o vazio da busca era o que a tinha abalado. Mas a tensão era visível na forma como ela se apoiava na mesa, rolando a bolinha na palma da mão. *Algo te perturbou. Algo mais.*

— Olha só. — Lyra jogou a bolinha e girou a roleta. — Ela sempre para no oito.

Ela estava tentando distraí-lo. Grayson só não sabia o motivo.

— O que seus irmãos e a Avery disseram sobre o lírio na caixinha de música?

Grayson havia sido treinado desde cedo a nunca hesitar, nunca demonstrar fraqueza.

— Jameson disse que rosas são supervalorizadas, girassóis e margaridas são, e eu cito, o *equivalente floral de um golden retriever sob efeito de estimulantes*, e que tulipas o fazem lembrar por que foi banido de Amsterdã. — Grayson, como todo Hawthorne, era um excelente mentiroso. Girou de novo a roleta, pegando a bolinha. — Daí o lírio.

— Um *calla lily*, lírio-do-nilo — corrigiu Lyra, sem largar o osso. A máscara que usava deveria suavizar o impacto dos olhos cor de âmbar em Grayson, mas não suavizava.

— Xander — disse Grayson, impassível — afirma que as *callas lily* são mais gostosas que os lírios normais.

— Mais gostosas? — repetiu Lyra. — Seu irmão sai por aí mordendo flores?

— Ele fez isso por umas semanas, quando tinha sete anos — confirmou Grayson. — Pelo bem da ciência. Não acabou bem. — *Isso* era verdade.

Lyra deu uma risada pelo nariz.

— É estranho que isso faça sentido.

Claro que fazia. O segredo para mentir bem era saber usar a verdade com precisão cirúrgica.

— Nenhum de nós se lembra de nenhum lírio-do-nilo em qualquer um dos jogos do velho. — *Também era verdade.* — Mas isso não garante que não havia.

— Mas *é* um beco sem saída. — Lyra ficou quieta por um momento. Olhou para o lado, e Grayson foi atingido pela sensação de que havia camadas naquele instante: o momento dela. O dele. O dos dois. Ele

decidiu viver na mais simples das camadas, aquela em que nada era mentira. Aquela em que eles realmente podiam se concentrar no jogo.

— O que fazemos — perguntou para Lyra — com o número *oito*?

Devagar, Lyra virou o rosto na direção dele. A máscara cravejada de diamantes apenas destacava seus lábios. Ela abriu a boca, e Grayson foi atingido, de repente, pela certeza de que qualquer coisa que ela pedisse naquele instante, ele não seria capaz de negar, por mais perigosa que fosse.

Então, ele não deixou que ela pedisse.

— Lyra. — Grayson colocou intensidade na voz. — *Infinito. Oito*.

Grayson não tinha a resposta, mas fazer parecer que tinha tido uma revelação lhe daria tempo; não muito, talvez um minuto, mas os Hawthorne já tinham jogado com chances piores.

Lyra era competitiva demais para não morder a isca.

— O quê? — exigiu.

Grayson precisava enrolá-la tempo suficiente para bolar uma revelação convincente.

— Um dos recursos mais recorrentes nos jogos do meu avô era o uso de chaves. — Mais uma verdade. — Havia um enigma em especial que era um rito de passagem lá em casa. Recebíamos um chaveiro imenso, com chaves cada vez mais elaboradas. A cabeça de cada uma dessas chaves tinha um símbolo diferente. O desafio era simples. Só uma delas abria a porta da frente da Casa Hawthorne. O velho cronometrava quanto tempo cada um de nós levava para encontrar a certa.

— E? — Lyra contornou a mesa até o lado dele.

Ele havia conseguido fazê-la acreditar que tivera algum tipo de revelação e, agora, precisava revelar algo. Deixou a mente trabalhar como a do velho trabalhava, pensando em quatro dimensões, enquanto seguia ganhando tempo.

— E o truque era — continuou Grayson — que, embora o topo das chaves fosse diferente, a parte que entrava na fechadura era igual em todas, menos uma.

— E essa era a que abria a porta — concluiu Lyra, esperando que ele chegasse ao ponto. Só de olhar o rosto dela, já dava para ver que sua mente não parava, girando em busca da mesma resposta que Grayson ainda não tinha.

Infinito. Oito.

— O velho gostava de esconder lições dentro dos jogos — disse Grayson, já ciente de que a distração estava com os segundos contados. — A lição das chaves era dupla. Primeiro que duas coisas, ou pessoas, que pareciam muito diferentes por fora podiam ser exatamente iguais por dentro.

Lyra baixou os olhos, e Grayson se perguntou se ela estava pensando nos dois. A respiração dela vacilou por um instante, e Grayson sentiu aquele único suspiro em cada parte vazia dentro dele.

— E segundo — continuou ele, levando a mão até o cabelo dela, finalmente cedendo ao impulso de começar a desembaraçá-lo — que quase todos os problemas são uma questão de perspectiva.

Tocá-la parecia certo. Mesmo sendo só a mão dele e o cabelo dela. Mesmo sem sentir a maciez da pele dela. Ainda assim, parecia *certo* — e assim ele ganhava um pouco mais de tempo.

Grayson sabia que era um canalha por fazer aquilo com ela, o mesmo *babaca* que ela já o acusara de ser tantas vezes. Mas Lyra, à sua maneira, era destemida, incansável na busca pela verdade, e não se importaria com o fato de que Alice Hawthorne era perigosa.

Ele se importava. Com ela. Com Avery e os irmãos. Com Libby e os bebês.

Grayson Hawthorne sempre, *sempre*, se importara demais.

— Uma questão de perspectiva — repetiu Lyra. E então, de repente, olhou para a roleta… e de volta para ele. — Você está dizendo que talvez o símbolo não seja infinito *nem* o número oito?

Faça ela se concentrar no jogo. Grayson tomou a mão de Lyra na dele e desenhou o símbolo na palma: um laço, depois o outro.



— Eu vejo — disse Lyra. — Não literalmente, mas… — Ela olhou ao redor, para as mesas de jogo, para as máscaras largadas sobre elas.

E então, Grayson viu também. Lyra Kane era notável. Perigosa no melhor sentido, e estava certa.

— E se não for um símbolo? — murmurou Grayson, erguendo a mão para o rosto dela e sentindo o metal delicado e as joias da máscara sob os dedos. — E se for um desenho muito rudimentar?

— E se — disse Lyra, em voz baixa — for uma máscara?

Capítulo 47



ROHAN

Rohan não se importava em suar... nem em esperar. O vapor costumava subir até o teto, mas, quando em quantidade suficiente, também se agarrava aos espelhos, embaçando-os, exceto onde havia algum tipo de revestimento invisível.

Do tipo resistente à água.

Quatro paredes espelhadas cercavam Rohan, e agora, em cada uma delas, mais ou menos na altura dos olhos, havia um símbolo do infinito. Havia alguma variação na colocação exata dos símbolos. *Altura dos olhos para pessoas diferentes.* Rohan se aproximou do espelho com o símbolo posicionado na altura mais próxima da sua. O símbolo do infinito se sobrepunha à sua imagem borrada, bem sobre seu rosto, tornando a forma evidente.

Uma máscara sobre a máscara.

— Inteligente — disse Rohan, a voz ecoando pelo ambiente espelhado, pelo vapor cada vez mais denso no ar. Com o paletó e a camisa no braço esquerdo, Rohan ergueu a mão direita até a própria máscara, aquela que recebera no início do Grande Jogo.

Um objeto com um uso específico… como a espada, como a chave. Rohan virou a máscara assimétrica de metal nas mãos e saiu para o corredor, inspecionando o verso.

E lá estava, gravado em letras minúsculas. *Uma pista*. Duas palavras, sem mistério ou ambiguidade.

Tempo rítmico

A valsa, o tango e *Clair de Lune*. Três músicas, três tempos rítmicos diferentes. *Três-quatro, quatro-quatro, nove-oito.* Como que ele não tinha visto isso após tocar o piano?

Como que não *ouviu* nem sentiu?

Assim como todo enigma bem construído, a resposta era simples… mais simples, em muitos níveis, do que a própria pista.

Trinta e quatro, quarenta e quatro, noventa e oito. Três números. Rohan teria sabido exatamente para onde ir com aquilo, mesmo se o lírio na caixa de música não fosse feito de mármore branco, cortado por veios dourados… a mesma pedra de uma certa porta, com cara de cofre.

— Nada mal — murmurou Rohan.

— Estou lisonjeado — disse Jameson, surgindo no fim do corredor. Ele passou os olhos pelo peito nu de Rohan ao dobrar a esquina. — Coloque as roupas.

— Não é uma frase que escuto com frequência. — Rohan não fez menção de vestir o paletó nem a camisa azul-marinho que usava por baixo. — Lyra Kane sabe que você me colocou atrás dela — contou a Jameson.

— Como ela saberia disso? — Jameson era ótimo em fingir desinteresse.

Rohan deu de ombros, os ombros nus, como se nada importasse.

— Eu contei.

Jameson avançou pelo corredor, com passos pesados, na direção de Rohan.

— Por que caral…

— … você queria tirar ela do jogo desde o começo? — interrompeu Rohan. — Boa pergunta, concordo. — Ele examinou Jameson de cima a baixo, medindo-o rápida e precisamente, como já fizera tantas vezes num ringue. — Alguma coisa te deixou abalado, sr. Hawthorne, e me ocorreu que pode ser um *segredo*.

Rohan estava andando numa corda bamba, mas passara a vida inteira fazendo isso e, se havia algo que aprendera, era que nunca fazia mal garantir para si mesmo um plano B. Ele *ia* vencer o Grande Jogo e, com isso, ganhar o Mercê. Mas, se o pior acontecesse, havia potencial *ali*.

No que quer que estivesse desestabilizando Jameson Hawthorne. No segredo dele.

Aliás, havia potencial mesmo que Rohan vencesse. O Proprietário do Mercê do Diabo trabalhava com segredos.

— Você leu o que eu escrevi? — exigiu Jameson.

Você jogou meu jogo uma vez, Jameson Hawthorne. E, para entrar, escolheu um segredo, anotou-o, concordou em abrir mão dele se fosse derrotado.

— O Proprietário jamais teria permitido isso — garantiu Rohan. — Seu segredo está seguro… de mim.

— Eu não estava em sã consciência — disse Jameson. — Naquela época.

— E quem nunca foi um pouco imprudente? — respondeu Rohan. Observou Jameson por um instante. — Isso não sai da sua mente, não é? — perguntou. — O meu jogo. O Mercê. — Rohan foi pescando no labirinto, puxando detalhes armazenados, mesmo que nunca anotados de fato. — Não pude deixar de notar certas semelhanças. Um símbolo de infinito, como o incrustado no piso do átrio do Mercê do Diabo. Livros-razão de couro. — Rohan vestiu o paletó do smoking, sem se preocupar com a camisa. — Este tom exato de roxo é a cor da tinta com que você escreveu aquele segredo horrível que eu não sei qual é.

Mesmo que soubesse o segredo de Jameson, Rohan não poderia usá-lo. Era uma das regras do desafio que lhe fora proposto. Nenhuma informação obtida durante seu tempo no Mercê podia ser usada. Mas o fato de Jameson Hawthorne *ter* um segredo… bom, isso já era uma área obscura.

Afinal, todo mundo tinha segredos.

— A caixinha de música — prosseguiu Rohan — e as chaves, claro, elementos tirados direto do meu jogo pro seu.

— Você não inventou as chaves — rebateu Jameson, mas Rohan tinha um faro infalível para saber quando acertava em cheio. E tinha quase certeza de que, até aquele instante, Jameson ainda não tinha percebido o quanto daquele jogo podia ser rastreado até o Mercê, até *Rohan*.

— Você tem um segredo — reiterou Rohan, e o sotaque refinado deu lugar a algo com mais peso — e *alguma coisa* te abalou. — Rohan usou a camisa descartada para enxugar o suor do rosto e do pescoço, os olhos sempre grudados nos de Jameson. — Se, depois que o jogo acabar, você

decidir que precisa de ajuda com alguma dessas coisas… existe alguma possibilidade de que eu possa ser comprado.

E lá estava: a rede. O plano B. Uma oferta de um cavalheiro para outro.

— Você precisa de dinheiro — disse Jameson, seco. Ele não parecia disposto a aceitar a oferta de Rohan. *Ainda*.

— Preciso — confirmou Rohan — e *você* está correndo contra o relógio, porque quando esse jogo acabar, quando eu vencer… não vou mais precisar.

Capítulo 48

ROHAN

Armado com a solução do enigma da caixinha de música e envolto na sensação familiar de estar começando a puxar os fios certos, Rohan decidiu que era hora de verificar como Savannah estava… não que ela fosse agradecer por isso.

Mas, bem, ela não precisava saber.

Rohan deixou o interior do iate, seguiu até o lado estibordo e começou a escalar por fora, parando apenas quando alcançou o topo. Em pé no ponto mais alto da embarcação, escaneou os arredores, sem se importar com a noite. Qualquer luz era suficiente para quem passara tanto tempo na escuridão quanto Rohan.

E Savannah brilhava.

Rohan a viu na proa do navio, sentada na pista de pouso do helicóptero, as pernas pendendo da beirada. Ela não estava sozinha. *Muito bem, gata.* Rohan começou a descer. Ele até podia ter aprovado o plano de Savannah de oferecer sua lealdade *flexível* a Brady Daniels para tirar o máximo proveito dele, mas nunca prometera confiar nela.

Confiar nas pessoas era sempre um erro.

Em menos de um minuto, Rohan já havia descido pela lateral do iate até *além* do deque inferior. Quando criança, houvera dias em que os treinos para fortalecer o aperto de mão faziam os músculos dos dedos e palmas da mão de Rohan se contraírem tanto que suas mãos se transformavam em garras. Mas hoje em dia, ele podia escalar qualquer coisa… vertical ou não.

Usando ornamentos elevados na lateral do iate como apoio, Rohan se movia com rapidez. Tão próximo do mar que podia sentir o respingar de cada onda, ele se retirou para aquele lugar dentro de si que ficava além da dor, além do pensamento, além da sensação.

Só parou de se mover quando estava perto o suficiente para ouvir.

— … trair seu parceiro atual? — A voz de Brady Daniels era grave, agradável.

Já a de Savannah era clara e aguda, cortando o ar como uma lâmina cravejada de diamantes.

— *Parceiro* é um exagero. Rohan sabe muito bem que nossos interesses só se alinham até certo ponto.

Rohan sorriu. *Aí está você, garota do inverno.*

— E esse ponto seria… — incentivou Brady.

— Questão de debate interno. Neste momento, eu poderia ser convencida de muitas coisas, e devo dizer, sr. Daniels, que você me parece do tipo que venceria uma discussão.

— São os óculos — respondeu Brady.

Rohan se perguntou se ele estava encarando Savannah por trás das lentes, mas daquele ângulo, não conseguia ver nada, só ouvir.

— No primeiro dia da competição — comentou Brady com leveza — você disse à sua irmã que não se pode confiar em ninguém neste jogo. Avisou à Gigi que eu não era amigo dela.

— E eu estava errada?

— Não estava. — E ficou por isso mesmo.

Rohan se perguntou o que o erudito pensava de Savannah Grayson. Era óbvio que desconfiava dela, mas será que fazia ideia do que ela era capaz de fazer?

Rohan mesmo não fazia… no começo. *Faz sua jogada, Savvy*, pensou ele. *A qualquer momento agora, gata.*

— Gigi não sabia, no primeiro dia, que você estava neste jogo por causa da Calla. — Savannah deu ao nome o peso que ele merecia. — Quem ela era para você?

— Alguém que conheci — respondeu Brady, em voz baixa — há muito tempo.

— É fã de contos de fadas, sr. Daniels?

— De alguns. — Brady Daniels fez uma pausa do tipo que deixava Rohan com a impressão de que ele estava estudando Savannah como se ela fosse uma carta escrita à mão, ou um vaso de barro rachado, ou uma peça de arte inestimável. — *Les Fées*, por exemplo.

— *As Fadas* — traduziu Savannah.

— Você fala francês.

— Isso foi uma pergunta? — rebateu Savannah, com altivez.

— Não foi. *Les Fées* é um conto também conhecido como *Diamantes e Sapos*. Você conhece a história, Savannah?

— Vamos fingir — respondeu Savannah — que não.

Ela não tinha em si a capacidade de admitir que *não* sabia algo. E se *soubesse*… bem, sempre havia vantagem em fazer o oponente falar. *Eu te vejo, garota do inverno.*

— É a história de duas irmãs — disse Brady. — Uma bondosa, outra cruel.

Um tanto brutal. Rohan não achava que o erudito era capaz disso.

— Continue — disse Savannah.

— A irmã mais nova, a bondosa, oferece uma bebida a uma velha pobre, e em troca, recebe uma bênção mágica. Cada vez que fala, diamantes e joias caem de seus lábios como gotas de chuva do céu.

— Imagino que a irmã mais velha e cruel tenha sido testada, falhado e recebido uma maldição com sapos? — Savannah foi direto ao ponto. Ela era a primogênita, a irmã mais velha de uma irmã *muito bondosa*.

— Sapos — confirmou Brady. — E cobras.

— E claro que se presume — concluiu Savannah — que é melhor ser a menina que cospe diamantes do que a que cospe cobras.

Rohan podia imaginá-la sacudindo a cabeça de um jeito que faria a trança cantar, nos tempos em que o cabelo loiro-platinado ainda descia até a cintura.

— Mas quanto você quer apostar, sr. Daniels — continuou Savannah, uma pontada de raiva provocante se fazendo perceber em sua voz —, que ninguém jamais voltou a ouvir nenhuma das duas garotas?

Se Brady Daniels estava tentando entender quem era Savannah Grayson… pois bem, agora ele sabia.

— É isso que você quer? — perguntou Brady. — Ser ouvida?

Era *exatamente* o que ela queria… perto demais, Rohan suspeitava, para o gosto de Savannah. Ela queria vencer o Grande Jogo para poder contar ao mundo que seu pai estava morto, apontar o dedo para a herdeira Hawthorne ao vivo, com hordas de pessoas assistindo.

Ou, pelo menos, esse era o plano conforme ela o descrevera para ele.

— Eu quero vencer. — Savannah era muito boa em esconder uma verdade contando outra. — E é óbvio que você quer o mesmo. — Savannah fez então sua próxima jogada. — *Faça exatamente o que eu disser. O jogo precisa continuar. Garanta que ele continue*. Alguém está guiando você. E, se quer saber, parece alguém um tanto ameaçador.

Ah, como Rohan queria poder ver a expressão de Brady agora. *Boa jogada, Savvy.*

— Rohan sabe? — perguntou Brady, por fim.

— Do seu patrocinador? De como seu patrocinador está se comunicando com você? — perguntou Savannah. — Não. Está interessado em ter uma aliada neste jogo, sr. Daniels? Porque eu não vou perguntar de novo.

— Estou ouvindo — disse Brady, e Rohan soube que ele não escolhera essas palavras por acaso.

— Eu fico em silêncio sobre as fotografias, sobre seu patrocinador e quaisquer regras que você possa ou não ter quebrado. Eu te ajudo no jogo, e você me ajuda também… até o fim.

— Imagino que os termos do seu acordo com Rohan sejam parecidos — afirmou Brady —, e que você vá continuar trabalhando com ele também, colocando nós dois um contra o outro quando for conveniente.

— Por que será que homens conseguem fazer com que o simples fato de uma mulher agir de acordo com *os próprios interesses* soe como um pecado capital? Estou te fazendo uma oferta, sr. Daniels. Se não *lhe convém*, então, por favor, recuse.

Uma onda forte atingiu o casco do iate, encharcando o smoking de Rohan. Por mais concentrado que estivesse, ele não deveria nem ter sentido aquilo, do mesmo modo que não sentia a dor de manter a posição, agarrado à lateral do iate.

Mas a água estava gelada, e o mar, abaixo dele, era negro como veludo, e ele nunca aprendera a nadar muito bem.

Agora não.

— Antes de fecharmos um acordo — a voz de Brady chegou a Rohan como se viesse de muito longe — você devia me perguntar o que *eu* tenho a oferecer, srta. Grayson.

Rohan ficou atento à voz de Savannah, ouvindo como se sua vida e sua sanidade dependessem disso.

— O que *você* tem a oferecer? — perguntou Savannah. — Ou o que o seu patrocinador tem?

A dor começou a se espalhar pelos músculos de Rohan, que se contraíam em cãibras… mas dor era algo *bom*. Dor mantinha as lembranças afastadas, mesmo quando ameaçava soltar suas mãos do casco. Ainda assim, Rohan se recusava a entrar, se recusava a se mover.

— Meu patrocinador sabe onde o corpo está enterrado — informou Brady. Rohan presumiu que ele estivesse falando do corpo de Calla Thorp. E ainda assim… Brady já usara o tempo *presente* ao se referir a ela.

— O corpo? — repetiu Savannah, fria.

— O do seu pai. — A voz de Brady era calma demais. — Meu patrocinador sabe como e onde os restos dele foram descartados. *Provas*, Savannah, do que aconteceu com seu pai, e você não precisa ser minha aliada para receber essa informação. Não precisa me ajudar a vencer. Tudo que você precisa fazer é encontrar uma forma de tirar Rohan do jogo.

Capítulo 49



GIGI

— Sorria, querida.

Gigi piscou. Várias vezes. Em algum nível, ela sabia que estava sonhando. Tinha que estar.

— Pai? — O pai de Gigi estava morto, mas também estava *bem ali*. Ele estendeu a mão e tocou os cabelos dela.

— Aí está minha menina feliz.

— Não me leve a mal — disse Gigi ao pai —, mas você está… um pouco menos do que vivo.

Sheffield Grayson lançou a Gigi um olhar indulgente.

— Você não precisa se preocupar com isso.

— Claro — disse Gigi, com o coração apertando. — Porque eu não sou a que se preocupa. Eu não sou a gêmea séria, a que pensa demais… ou que simplesmente pensa, né? — Ela engoliu em seco. — Eu não sou a que vence.

Por que ela estava discutindo isso com ele?

— E você — disse Gigi baixinho — é um assassino. — Ele estava morto, e morreu fazendo coisas horríveis… mas também estava *bem ali*, e dessa vez, quando o pai de Gigi a olhou, não havia nada de indulgente em sua expressão.

Havia um aviso.

— Sorria, Juliet.

— Juliet. — Outra voz soou atrás dela, e Gigi se virou. Num piscar de olhos, o pai desapareceu e ali estava outro rosto familiar. *Maxilar marcado, pele marrom, olhos que não perdiam nada.*

— Brady. — Por um instante, quando viu Brady Daniels, Gigi esqueceu como as coisas haviam terminado entre eles. — Me diz uma coisa sobre a teoria do caos? — pediu.

— Não é teoria do caos. — A voz era mais familiar do que deveria ser, aquela voz calma no meio da tempestade. Só quando ele deu um passo à frente é que Gigi se lembrou de tudo.

E foi então que viu a faca.

— Não é a teoria do caos — repetiu Gigi, com a garganta se fechando a cada palavra.

— Um sistema fechado — disse Brady, cravando a faca no peito dela. — Nada entra, nada sai.

Apoiou o corpo dela no chão com gentileza.

— Pela Calla — sussurrou.

— Eu tentei te avisar, Felícia. — De repente, não era mais Brady ajoelhado ao lado de Gigi. Era Knox. — Eu te avisei que os jogadores deste jogo iam te devorar viva.

O sangue se espalhava ao redor da faca cravada no peito de Gigi.

— Eu não estou sangrando até morrer — ela insistiu —, isso é só… uma esfoliação extrema da região peitoral.

Knox segurou o cabo da faca — *a faca de Slate*, Gigi percebeu — e a puxou do peito dela.

— Então levante-se — rosnou ele — e *lute*.

Gigi acordou num sobressalto, deitada de costas no que podia muito bem ser o colchão menos confortável da história da humanidade. Sentou-se, os olhos indo direto para a cadeira de Jackson. *Vazia*.

Jackson não estava lá. Nem a espingarda. Gigi escutou. Levou só dois segundos para confirmar: *Ele se foi*. Ela se virou na cama. O olhar foi direto para a flor que encontrara na noite anterior.

Um lírio-do-nilo, a *calla lily*.

A voz de Brady no sonho ecoou em sua mente — *Pela Calla* — e Gigi sacudiu a cabeça, literalmente.

— Chega, subconsciente — decretou. — Está de castigo.

Gigi saiu da cama e foi na ponta dos pés até a porta de metal do abrigo de Jackson. Seu amigo barbudo provavelmente só tinha saído para preparar o barco que os levaria até a Ilha Hawthorne. Com certeza ele não a teria largado ali. Sem celular. Perto demais do farol para o gosto dela.

— Tá tudo bem — disse Gigi para si mesma. Abriu uma fresta da porta de metal e espiou lá fora. *Estava amanhecendo*. O sol não tinha nascido, mas o céu já ganhava um tom alaranjado sobrenatural, um contraste marcante com o roxo aveludado do céu que restava da noite.

Gigi abriu um pouco mais a porta. Daquele ponto, conseguia *ver* o farol. Se perguntou se Slate tinha voltado durante a noite para descobrir que ela tinha sumido. Se ele tinha procurado por ela.

Se perguntou o que ele estava fazendo agora.

E então pensou no sonho, na faca no peito, e Gigi *parou* de se perguntar. Fechou a porta de metal e girou a tranca. Jackson ia voltar. Ele ia levá-la até a Ilha Hawthorne.

Até Savannah.

Tudo que ela precisava fazer era esperar.

Gigi não era boa em esperar. Quando voltou a abrir a porta, o sol acabara de surgir no horizonte oeste. Conferiu o farol de novo. *Ainda nada.*

— Se eu fosse um barco — disse em voz alta —, onde eu estaria?

Gigi analisou os arredores. A relva crescia entre as rochas e alguns trechos pareciam um pouco mais pisoteados que o resto.

Um caminho.

Levava para longe do farol, na direção oposta à da cidade. Mas como estavam bem na costa, o trajeto podia muito bem contornar e levá-la de volta à água.

Para um barco. Gigi hesitou, o que era ou um sinal de amadurecimento ou um sinal claro de que estava fora de sintonia. Difícil saber qual. Mas Savannah estava lá fora. Savannah estava *sofrendo*, e Gigi precisava chegar até sua irmã antes que Savannah fizesse algo que não pudesse desfazer.

— Rumo ao barco! — declarou Gigi, e seguiu pela trilha batida. O caminho *acabou* por se curvar de volta em direção ao mar… e a um pequeno cais, com exatamente um barco, que parecia ter sido construído nos anos 1970.

Faz sentido.

— Jackson? — chamou. Ela revistou o barco, primeiro por cima, depois lá embaixo e… *nada.* Nenhum sinal de Jackson.

Gigi deu um longo suspiro.

— Quão difícil pode ser — disse em voz alta — para uma pessoa com um conjunto de habilidades *altamente* eclético fazer ligação direta num barco?

Com uma promessa silenciosa de mandar doces de desculpa para Jackson depois, Gigi deu meia volta e disparou para fora da cabine… e deu de cara com um peitoral. Masculino. *Camiseta preta, músculos duros.*

Com uma oração mental ao Santo Padroeiro das Garotas Caóticas, Gigi calculou o melhor ângulo para enfiar o joelho em certas partes sensíveis, caso fosse necessário.

Ergueu o queixo, tentando ganhar tempo.

— Eu fugi.

Os lábios de Slate se contraíram levemente.

— Percebi.

— Sai da minha frente, Cicatriz na Sobrancelha. Eu vou até minha irmã, e você não pode me impedir. Observe o olhar ameaçador no meu rosto enquanto digo: vou odiar muito ter que te machucar.

Slate deu de ombros.

— Pode me machucar, se quiser.

Gigi estreitou os olhos. Ela cerrou o punho, impulsionou o braço para trás… e então deu uma joelhada bem no meio das partes baixas dele. Com vontade. Ponto para distração!

Gigi conseguiu dar uns quatro passos antes de Slate reaparecer na frente dela. Pelo jeito, danos testiculares não afetavam sua velocidade.

— Vamos lá, raio de sol.

Gigi gostou de imaginar que o rosnado na voz dele estava um pouquinho mais agudo do que o normal.

— Não é nada pessoal — disse ela. — Eu tenho uma irmã para salvar, e você tem umas partes íntimas pra botar no gelo. A gente pode sair ganhando aqui!

Slate não achou graça nenhuma.

— Você sabe dirigir um barco de pesca? Ou qualquer barco velho, pra começo de conversa?

Gigi cruzou os braços.

— Posso aprender. O oceano é um ótimo professor.

— Você é um perigo pra si mesma.

— Obrigada. — Gigi tentou passar por ele e bateu no peito dele de novo.

Slate a segurou pelos ombros e a colocou de pé.

— Não era um elogio.

— Me solta ou vou gritar — retrucou Gigi. — E preciso te avisar, Slate: minha habilidade de berro é lendária.

— Mattias. — Sob o cabelo loiro caído sobre o rosto, a expressão nos olhos dele mudou, só um pouco. — Meu primeiro nome. É *Mattias*.

Gigi não queria lembrar que, quando ele lhe dissera o nome *Slate*, tinha dito que era ao mesmo tempo verdadeiro e falso. Também não queria perguntar:

— Slate é seu sobrenome?

— Slater, na verdade.

Mattias Slater. Havia algo naquele momento… o nascer do sol, a névoa salgada do mar grudando na pele deles, as mãos dele nos ombros dela, o fato de que ele acabara de revelar seu nome, que ameaçava abalar a determinação de Gigi.

— Mattias — disse ela, em voz baixa. E então abriu a boca e gritou. Desvairadamente. Alto. Direto na cara borrada dele.

Espera. Borrada? As mãos desfocadas de Mattias Slater escorregaram dos ombros dela. O tempo desacelerou. A cabeça de Gigi latejava, e no segundo seguinte ela já não sentia mais o próprio rosto. Caiu com um baque surdo.

Slate caiu de joelhos ao lado dela.

Deitada no chão de madeira do barco, Gigi percebeu tarde demais: *a névoa*. A visão começou a escurecer nos cantos, e a última coisa que Gigi viu antes de o mundo virar escuridão total — *sério? de novo?* — foi um par de botas de couro pisando no barco de Jackson.

Eram vermelhas.

Capítulo 50



LYRA

O nascer do sol no Pacífico era uma visão de tirar o fôlego. Com Grayson ao seu lado, Lyra estava na proa do iate, com a sensação de que o céu havia sido rasgado ao meio. Ela olhou para a máscara cravejada de diamantes em suas mãos, para as palavras gravadas em letras pequenas no verso.

Tempo rítmico

Mais um enigma resolvido. Lyra se perguntou quantos dos outros jogadores, além dela e de Grayson, tinham olhado *a parte de trás* das máscaras. Depois se perguntou o que os outros competidores tinham achado no iate, se é que acharam alguma coisa. *Disseram que havia pistas para enigmas, no plural*. A mente de Lyra foi primeiro até Brady e o enigma em que ele estava envolvido. Depois até Savannah e Rohan.

Rohan. As coisas que ele dissera ainda a corroíam por dentro. E ela sabia que era esse o intuito; Rohan *quis* que a afirmação de que Jameson Hawthorne tinha colocado um alvo nas costas dela causasse estragos. Para ela. Para Grayson. Para a forma como os dois vinham jogando o Grande Jogo. *Juntos*.

Mas isso não significava que não era verdade.

— O que foi? — perguntou Grayson ao lado dela.

Lyra passou um dedo pela borda da máscara. Era mais fácil esconder o que sentia quando estava usando-a. Mas, a essa altura, ela já não tinha parado de se esconder? Ela apostara nele, no que havia entre os dois, no

momento que se permitira soltar, no momento que confiara a ele o segredo sobre Eve.

Ou se confia em alguém ou não se confia.

— Rohan me disse que Jameson pediu que ele encontrasse um motivo para que os organizadores pudessem me tirar do jogo. — Lyra desviou os olhos do céu rasgado e olhou para Grayson. — Jameson faria isso? *Fez* isso?

— O mais provável? — Os olhos de Grayson escureceram ligeiramente. — Sim. — Os músculos de seu maxilar se contraíram, e o efeito se espalhou pelo rosto todo, as maçãs do rosto mais salientes, o arco das sobrancelhas mais definido. — Mas posso garantir que isso não será um problema daqui pra frente.

— Porque você não vai deixar que seja? — deduziu Lyra, olhando a expressão dele.

— Porque Jameson agora sabe que quem te enviou o convite foi a Eve. — Grayson virou a cabeça na direção dela. — E a Eve não representa uma ameaça.

Lyra leu nas entrelinhas.

— E quem seu irmão achava que tinha me mandado antes?

— Há um motivo para meu avô manter uma Lista e há um motivo para que a *Lista* seja escrita com *L* maiúsculo. Minha família tem um número bastante significativo de inimigos. Para Jameson, talvez nem importasse quem exatamente tinha te enviado. Só o fato de alguém ter mandado, e de que os motivos dessa pessoa eram, na melhor das hipóteses, suspeitos.

— Mas a Eve não é uma ameaça? — Lyra tinha quase certeza de que Eve discordaria bastante disso.

— A Eve é uma variável conhecida — explicou Grayson. — E posso te garantir que sua posição neste jogo está segura. Você já provou seu valor mais do que o suficiente, e eu não permitiria…

As palavras de Grayson foram cortadas por um estrondo rítmico. Lyra se virou a tempo de ver um helicóptero na proa do iate começando a ganhar força, as hélices girando cada vez mais rápido.

— Nash — informou Grayson, erguendo a voz o suficiente para ser ouvido. — Meu irmão tem um compromisso esta manhã.

— Está tudo bem? — gritou Lyra enquanto o helicóptero decolava.

— Nash e a esposa estão esperando gêmeas. — Grayson baixou o tom conforme o helicóptero se afastava no céu. — Meninas.

Lyra se permitiu apenas um momento para imaginar Grayson como tio de duas menininhas.

— Estão todas bem? A esposa de Nash e as bebês?

— Elas estão ótimas, mas cá entre nós, Nash sempre foi um tanto protetor.

— Estamos falando do mesmo Nash Hawthorne? — perguntou Lyra. — Chapéu de caubói. Dessa altura.

Os cantos dos lábios de Grayson se curvaram de leve.

— Confia em mim.

Confio. Lyra devia achar isso desconfortável, mas ao fixar os olhos no nascer do sol sobre o oceano, com Grayson ao lado fazendo o mesmo, os dois caíram num silêncio confortável, mais confortável do que devia ser, até ser interrompido pelo som conhecido das hélices de um helicóptero.

Já de volta? Lyra ergueu os olhos. No céu, um helicóptero *diferente* se aproximava do iate, vindo pousar no heliponto.

— Quantos helicópteros sua família *tem*? — gritou ela.

Antes que Grayson pudesse responder, a voz de Xander ecoou pelos alto-falantes espalhados pelo iate.

— Jogadores! Sua carruagem chegou. Dirijam-se à proa do navio. E se me permitem algumas palavras finais…

Xander fez uma pausa dramática, e Lyra pensou no fato de que não haveria outro momento como aquele. Nenhuma outra pausa. Nada mais de festas. Nem vestidos de baile. Nem máscaras. Só pista atrás de pista… até o fim.

— Vida longa. Prosperidade. Bebam água. — A voz de Xander ecoou pela proa enquanto o helicóptero pousava. — Façam boas escolhas. A gente se vê na linha de chegada. Xander Hawthorne, câmbio, desligo.

Um por um, os outros jogadores começaram a se reunir na frente do iate. As hélices do helicóptero pararam de girar e a porta do piloto se abriu. Um homem desceu. Vestia um jeans surrado. A barba cobria a metade inferior do rosto, um tom de castanho mais escuro que o cabelo, que trazia um leve toque avermelhado, mais mogno que ruivo.

Ela *sentiu* Grayson registrar a presença dele.

— Quem é? — perguntou Lyra em voz baixa.

— Aquele — respondeu Grayson — é Toby Hawthorne.

Capítulo 51



GRAYSON

Era um feito e tanto sentir-se o maior mentiroso do mundo enquanto encarava um homem que havia fingido estar morto por vinte anos. Mas Grayson sempre foi exagerado quando se tratava de conquistas, embora, tecnicamente, ele tivesse respondido a todas as perguntas de Lyra com o mínimo possível de mentiras. Cada verdade disfarçada escorrera mais fácil que a anterior.

O velho teria aprovado. Grayson deixou que esse pensamento irritante viesse, enquanto observava a imagem viva do homônimo de seu avô, seu único filho: Toby Hawthorne. Toby Blake, agora, para o resto do mundo. Para Grayson, o tio misterioso teria sido pouco mais que um estranho se não fosse por Avery e pelo fato de que Toby a amava como a uma filha, porque amara a mãe de Avery daquele jeito eterno, infinito, tipicamente Hawthorne.

Que raios ele está fazendo aqui?

— Está faltando um assento lá atrás — gritou Toby, com o olhar cravado em Grayson. — Você pode vir na cabine comigo.

Grayson esperou até que o helicóptero estivesse de volta ao ar para falar.

— Imagino que a Avery tenha te ligado.

Graças aos fones que ele e Toby usavam, as palavras de Grayson chegaram direto aos ouvidos do outro homem. Uma divisória separava a cabine da parte de trás do helicóptero, mais uma garantia de que ninguém mais ouviria a conversa.

— Foi o Nash, na verdade — respondeu Toby, lançando um olhar na direção de Grayson enquanto puxava o helicóptero para o alto com a mesma naturalidade de quem dirige um carro. — Seu irmão parecia achar que a supervisão extra de um adulto cairia bem para vocês, embora não tenha me dito o motivo.

Superprotetor, pensou Grayson.

— Tenho 22 anos — disse. — Não preciso de *supervisão de um adulto*.

— Eu lembro dos meus 22 — disse Toby, manobrando o helicóptero em um arco amplo, voltando em direção à Ilha Hawthorne. — Passei a maior parte dos meus 22 trabalhando em um pesqueiro na Tailândia. Odeio barcos. Odeio o mar. — A voz de Toby era rouca de um jeito que sugeria que não era usada com muita frequência. — Suponho que dá para dizer que eu estava tentando odiar os 22 tanto quanto odiava a mim mesmo. — Os olhos de Toby deslizaram para Grayson. — Você acabou de resistir à vontade de dizer que os Hawthorne não *tentam*.

Grayson teve que admitir: ele não estava errado.

— Meu pai deixou marcas profundas em vocês, garotos — comentou Toby, e Grayson pensou mais uma vez em como fora fácil erguer um muro mental ao redor de tudo o que *não queria* que Lyra soubesse. Ele ruminou o desconforto desse pensamento até que começasse a se dissipar… e então mudou de assunto.

— O Nash também te contou que a Eve está interferindo no jogo? — perguntou Grayson.

— Contou. — A testa de Toby se franziu e depois relaxou, com o ar de quem já passara muito mais tempo que Grayson aprendendo a deixar as coisas virem. — Eu achei de verdade que estava avançando com ela, mas a única versão de mim que a Eve quer é a que não tem absolutamente nada a ver com a Avery.

Eve era filha de Toby, mas Avery era filha de Hannah, e isso significava que Avery jamais seria *nada* para aquele homem. Toby estava lá na noite em que Avery nasceu. Ele a amava muito antes de ela sequer saber que ele existia, e Grayson sabia que, quando Eve olhava para Avery, via tudo o que deveria ter sido dela. Toby. A fortuna dos Hawthorne. Aceitação como parte da família. Um amor épico, imortal.

— A Avery é o alvo da Eve. — Assim que Grayson verbalizou o óbvio, foi como derrubar uma fileira de dominós em sua mente.

Se Eve queria que Lyra perdesse, isso sugeria que queria que outro jogador vencesse. Os suspeitos eram poucos, e os que podiam representar uma ameaça para Avery, ainda mais. E Grayson sabia, com certeza, que Eve tinha tudo de que precisava para manipular uma jogadora em particular.

Ele já devia ter percebido antes, todos deveriam ter percebido, se não estivessem tão concentrados em Alice, *naquela* ameaça.

— Savannah. — Grayson queria estar errado. — Minha irmã. Filha de Sheffield Grayson — acrescentou, para situar Toby. — É ela que a Eve está tentando usar.

— *Droga, Eve* — murmurou Toby. A voz não era de raiva, mas de aspereza. Do lado de fora da cabine, a Ilha Hawthorne apareceu no horizonte. Toby virou o helicóptero num arco ainda mais largo do que o necessário. — Seria capaz de apostar muito dinheiro que Eve convenceu sua irmã de que foi a Avery quem matou seu pai.

Grayson conseguia ver tudo agora, não só o plano da Eve, mas a dor de Savannah, a fúria dela. Ele absorveu tudo o que sabia sobre o Grande Jogo e viu imediatamente para onde aquilo estava indo.

— Você vai contar tudo pro Jameson e pra Avery — disse Grayson, certo de que os dois seriam capazes de deduzir o resto, assim como ele havia feito. — E pra Alisa Ortega.

— E eu também vou encontrar a Eve — disse Toby — e tentar botar algum juízo na cabeça da minha filha. Enquanto isso… — A voz de Toby engrossou. — Você vai dizer à sua irmã que fui *eu*. Que fui eu quem matou Sheffield Grayson. Que fui *eu* quem puxou o gatilho.

— Mas não foi você — apontou Grayson.

— Nem a Avery. — Toby não hesitou. — E a verdade de fato seria muito mais difícil pra sua irmã engolir. Se a Savannah precisa de um Hawthorne como alvo, que seja eu, droga.

Eles já estavam próximos o suficiente da ilha para ver a casa — e a parte da floresta ainda queimada, mesmo depois de tantos anos, devastada por um incêndio que um Toby ainda adolescente basicamente havia iniciado.

— Eu dei à Avery minha permissão pra realizar o jogo aqui — disse Toby, com os olhos cravados nas cicatrizes da ilha. — Eu não tenho direito de me vitimizar pelos meus próprios pecados. E *isso*, o Grande Jogo, criar

enigmas, oferecer uma experiência inesquecível para as pessoas… é importante para a Avery. Filha da Hannah. *Nossa* menina. E Kaylie, a irmã da Hannah que morreu no incêndio, teria aprovado.

Havia emoção demais na voz de Toby para que Grayson não sentisse uma pontada dela também. E foi por isso que teve que perguntar:

— Você se arrepende de ter ficado longe delas por todos aqueles anos? Da Avery. Da Hannah.

— Eu tinha meus motivos. E agora minha Hannah igual para a frente e para trás se foi, de qualquer forma, e eu me arrependo disso todo santo dia. — Toby iniciou a descida. — Talvez, se eu tivesse aprendido a amar de outro jeito, pudesse ter amado ela melhor. — Ele olhou mais uma vez para Grayson quando o helicóptero tocou o chão. — Mas não poderia tê-la amado mais. Eu protegi a Hannah e a Avery da única forma que sabia.

— Do velho — concluiu Grayson, e agora era a voz dele que engrossava. — Dos inimigos dele. De tudo o que significa ser um Hawthorne.

Toby tirou as mãos dos controles, mas não desligou os motores.

— O Nash não chegou a dizer diretamente que havia uma ameaça, mas deixou claro que a Eve não era o único motivo pra eu estar aqui.

Grayson não respondeu. O silêncio também era uma forma de dizer sim.

— Você não vai me contar os detalhes. Tudo bem. — Toby apertou um botão e desligou o helicóptero. — Tudo o que precisa me dizer, sobrinho, é se a tal ameaça começa com a letra *A*.

Capítulo 52



ROHAN

Tinha um jogo que Rohan gostava de jogar, um jogo que já tinha se provado útil em mais de uma ocasião, chamado *Quem vai te trair primeiro?* Desde que se tornara o Factótum, costumava ser ele quem lançava a pergunta para a pessoa que tinha na mira, deixando-a se perguntar se já havia sido traída… e por quem.

Mas muito antes de conquistar seu lugar como segundo em comando no Mercê, Rohan já era mestre em jogar *Quem vai te trair primeiro?* sozinho. Desta vez, havia apenas uma candidata, apenas uma jogadora nesse jogo que *poderia* traí-lo.

E Rohan sabia, desde o início, que ela o faria.

As únicas perguntas eram *quando* e *como*. Savannah não dissera uma única palavra a Brady durante o voo de helicóptero, nem dera a Rohan qualquer indicação de que agora era leal a outro jogador. Mas com uma mulher como Savannah Grayson, não haveria sinais, nenhum aviso. De todo modo, Rohan não tinha a menor intenção de ser pego desprevenido.

No iate, ele contara a ela o que havia encontrado na máscara — não exatamente um teste, mas um empurrão.

Tudo o que Savannah precisava fazer era usar o que ele lhe dera e seguir em frente, e Rohan saberia: a aliança deles tinha chegado ao fim… mais cedo do que o previsto, sim, mas Rohan ainda pretendia saborear cada tentativa dela de destruí-lo.

Me tira do jogo, gata. Se conseguir.

As portas do helicóptero destravaram. Savannah foi a primeira a se lançar do assento, chegando à porta antes dos outros. Ela lançou um olhar

para Brady.

— Se quiser que eu considere sua proposta — disse, fazendo um gesto com a cabeça em direção a Lyra Kane —, atrase-a.

Um segundo depois, Savannah já estava fora.

— Anda logo, britânico.

Savannah pedira que Brady bloqueasse *Lyra*, não Rohan. *Mantendo a ilusão de que ainda somos um time, Savvy?* Rohan saltou do helicóptero e foi atrás dela no mesmo instante; suas pernas e passadas eram ainda mais longas que as de Savannah.

— Seu irmão não vai deixar ninguém atrasar Lyra Kane por muito tempo — disse Rohan, já lado a lado com ela.

— Não precisamos de muito — rebateu Savannah. — Mesmo que eles tenham conseguido decifrar a caixa de música, tudo que precisamos é de tempo suficiente para chegar ao segundo andar e inserir a combinação.

Rohan passou por ela.

— Me siga, gata.

Savannah acelerou e passou por ele. Era fácil até demais provocar a fera. Rohan poderia ter aumentado ainda mais o passo, mas o vestido dela já a atrasava o suficiente para que ele pudesse deixá-la para trás com facilidade.

E não era isso que ele queria.

Em poucos minutos, chegaram à varanda da mansão, depois ao saguão, depois à escada. O instinto de Rohan, aquela espécie de sexto sentido para os arredores, lhe dizia que Grayson e Lyra não estavam muito atrás, mas ele e Savannah chegaram primeiro à porta de mármore. Assim como haviam vencido Grayson Hawthorne e Lyra Kane em cada etapa até ali.

Era pra sermos nós. Uma voz se infiltrou na mente de Rohan, serpenteando pelos corredores do labirinto. *No fim deste jogo, depois de esmagarmos a concorrência, era pra sermos nós.*

Seria delicioso ser traído do jeito certo.

Ser traído do jeito errado? Bem, ao menos ele poderia prever. Ao menos fora lembrado de que afeto era só outra forma de fraqueza.

— Trinta e quatro — disse Rohan, ajustando o primeiro disco. *A valsa.*

Savannah se aproximou, assumindo o segundo disco.

— Quarenta e quatro. — *O tango.*

— E noventa e oito — completou Rohan. Para *Clair de Lune*.

Houve um clique, e a porta de mármore se abriu. Rohan se forçou a segurar o passo: outro teste, outra armadilha para Savannah. Ela passou por ele. Mas *não* tentou fechar a porta de mármore em sua cara.

Isso respondia ao *quando*, pelo menos vagamente. *Ainda não*. Ainda tinham uma valsa para dançar, um pequeno tango mortal, e mais. Rohan seguiu Savannah porta adentro e a fechou, no exato momento em que ouviu passos de duas pessoas alcançarem o topo da escadaria.

Savannah praticamente empurrou Rohan com o ombro para o lado e girou o ferrolho dourado.

— Eles não vão entrar aqui — disse Savannah, em tom cortês, o suor e a satisfação visíveis no rosto anguloso. — Pelo menos, não até a gente sair.

— A vitória é doce, não é? — Rohan manteve o olhar no dela por um segundo a mais do que devia, depois se virou para analisar o ambiente.

As paredes da sala eram feitas do mesmo mármore da porta. As emendas mal podiam ser vistas, mas Rohan as mapeou mesmo assim — várias em uma parede, uma grande em outra.

No teto de mármore, números vermelhos apareceram. Um relógio digital.

Contagem regressiva. *Cinco minutos.*

— O que acontece em cinco minutos? — perguntou Savannah.

Rohan olhou para o ferrolho dourado.

— Meu palpite é que teremos companhia. — Se houvesse algo no cômodo, ele teria usado para bloquear a porta, mas o único item que Rohan conseguia ver era o livro-razão.

Ele deixou que Savannah o pegasse, deixou que ela assinasse… logo abaixo de Brady.

À esquerda de Rohan, a parede com a emenda larga se abriu. Atrás dela havia uma série de prateleiras flutuantes, cada uma com o nome de um jogador. A prateleira de Brady já estava vazia. Uma regra familiar estava gravada acima das prateleiras. *PEGUE APENAS O SEU.*

Engraçado como os criadores do jogo gostavam de jogo limpo, sendo tão ricos e poderosos.

Rohan assinou o livro sem perder tempo e foi até sua prateleira. Havia dois itens sobre ela. Pegou o primeiro: um pingente, uma nota musical, dessa vez.

— Estamos montando uma bela coleção — comentou, prendendo-o à pulseira, junto dos outros.

Os pingentes seriam importantes em algum momento, ou a pulseira seria. Rohan tinha tanta certeza disso quanto da *futura* traição de Savannah.

Pegou o segundo item. Uma bolsa de couro gasta.

— E como o sr. Daniels respondeu à sua proposta de aliança? — perguntou Rohan, com a mesma naturalidade que faria se não tivesse testemunhado a cena.

Minta pra mim, Savannah Grayson.

— Contraproposta — respondeu Savannah, com uma única palavra. Uma palavra verdadeira, por sinal.

— Que tipo de contraproposta? — perguntou Rohan. Ele abriu a bolsa de couro e retirou uma bússola, muito antiga, pelo que parecia.

— Uma que eu ainda não decidi se vou aceitar.

Mais verdade? Talvez. Mas Rohan não tinha o hábito de viver de *talvez*. Ele abriu a bússola e leu as palavras inscritas no verso da tampa.

Uma charada.

— Só isso? — disse Savannah ao lado dele, examinando sua própria bússola. — Sem interrogatório?

— Nem sonharia em fazer isso, gata.

— Mentiroso.

— Todos somos mentirosos, Savvy — respondeu Rohan, relendo a inscrição na bússola. — Saber disso. *Viver* isso… — Ele olhou para o cronômetro no teto. — Esse é o verdadeiro Grande Jogo.

Capítulo 53



GIGI

Quando Gigi recobrou a consciência, o mundo dançava diante dos seus olhos. Ela gostava de se considerar uma pessoa que valorizava o bom e velho uso da fita adesiva. O que Gigi não apreciava, no entanto, era *estar* toda enrolada em fita adesiva. Ela piscou. Várias vezes.

A primeira coisa que entrou em foco foi Slate.

A cabeça dele estava caída para a frente. O cabelo loiro-mel cobria seu rosto, ocultando totalmente os traços, mas Gigi reconheceria aquele peitoral — e as tatuagens — em qualquer lugar. Demorou mais para que a memória voltasse, para que ela percebesse…

Aconteceu de novo. Sério! Quem é que conseguia ser sequestrada *duas* vezes em menos de 24h?

Gigi respondeu em voz alta à própria pergunta:

— Euzinha.

Ela teria apontado os dois polegares para si mesma, mas os braços estavam presos atrás das costas com fita adesiva. Pelo lado bom, sua boca funcionava, e a sensibilidade no corpo estava voltando. O tronco estava preso a uma cadeira de metal, mas as pernas estavam livres. Já as de Slate tinham sido amarradas.

Bem feito, pensou Gigi, satisfeita, até que outra lembrança surgiu em sua mente… o nome dele. *Mattias.*

— Eu vou matar ele. — A voz que disse isso era feminina… e não era a de Gigi.

Desde que havia acordado, o mundo dela estava bem limitado: Slate, ela mesma, a fita e nada mais. Mas num piscar de olhos, sua visão se

ampliou, e Gigi pôde ver o resto do cômodo. Parecia um espaço de meditação: cores suaves, algumas plantas, almofadas no chão e fontes com bordas infinitas em cada parede. Era, numa palavra, sereno.

E Slate e Gigi não eram as únicas pessoas ali… e, diga-se de passagem, não eram os únicos amarrados a cadeiras com fita adesiva.

— Slate. Acorde. — A terceira pessoa no cômodo tinha um cabelo loiro acobreado e era no máximo alguns anos mais velha que Gigi. Assim como Slate, os tornozelos não-tão-ruivos da mulher também estavam amarrados.

Gigi estava começando a se sentir pessoalmente ofendida por estar com as pernas soltas.

— Oi! — disse à colega de cativeiro. Teria acenado, mas… fita adesiva, mãos. — Eu sou a Gigi, e odeio ser portadora de más notícias, mas o Slate e os músculos dele estão apagados.

— Eu tô acordado — gemeu o próprio. Ainda caído na cadeira. O cabelo continuava cobrindo o rosto. Ele soava como se tivesse sido atropelado por um trem.

— Há controvérsias — acusou Gigi.

— O que *ela* está fazendo aqui, Slate? — perguntou a ruiva.

— Nossa, que gentil — comentou Gigi. — Sério, você foi sequestrada e sua primeira reclamação é sobre a companhia? Quero que saiba que eu sou excelente em ser sequestrada!

— Você é péssima em ser sequestrada — retrucou Slate. Agora sua voz já soava um pouco mais humana. — Vocês viram alguma coisa?

— Antes de me apagarem? — A ruiva parecia bem indignada. — Não. A verdadeira pergunta é por que você não estava comigo para impedir isso.

Porque, Gigi se deu conta, ele estava *comigo*.

— Botas vermelhas — disse Gigi em voz alta. Seus companheiros olharam para ela como se tivesse acabado de dizer que passava o tempo alimentando macacos com jujuba. Estava claro que precisava explicar melhor. — No barco do Jackson, bem antes de tudo escurecer, eu vi umas botas. Vermelhas.

— Vou me arrepender de perguntar isso — comentou Slate —, mas quem é Jackson?

— Velhinho. Amigo novo. Dono do barco. Tem uma barba impressionante e *não* me amarrou, então é meu favorito no momento —

disse Gigi. Foi então que se deu conta do que acabara de dizer e percebeu algo mais.

Algo para lá de óbvio.

Ela virou a cabeça para encarar a terceira pessoa na sala.

— Eve? — Gigi geralmente acreditava em reabilitação, não em vingança, mas estava disposta a abrir uma exceção.

— O que você tá fazendo? — perguntou Slate.

Gigi usou os pés livres para arrastar a cadeira mais uma vez, um pouco mais perto de Eve.

— Atacando — respondeu.

— Você não tem como atacar ninguém — retrucou Slate. — Você está presa a uma cadeira com fita adesiva.

Gigi lançou um olhar para ele. *Mais um empurrão com os pés*.

— Vai vendo.

Eve, ou não percebendo ou não se importando com o próprio destino iminente, ignorou Gigi e deu uma ordem a Slate.

— Tira a gente daqui.

— Tá vendo alguma porta nesse cômodo, Eve?

Com essa pergunta, Gigi parou de se arrastar. Ela examinou o ambiente, os olhos correndo de parede em parede. Slate tinha razão. Não havia portas visíveis.

— Eu te disse que havia algo errado com o Grande Jogo — disse Slate, agora dirigindo-se a Eve. — Eu te disse que era melhor a gente ficar fora disso.

A gente. Gigi sempre foi muito sensível ao uso dessas palavras — efeito colateral de ser gêmea, de ter nascido como parte de um par.

— Você não me contou — disse Eve, a voz ficando um pouco mais baixa — sobre ela.

— Ele me sequestrou — disse Gigi, prestativa. — Levando tudo em consideração, foi um sequestro decente. Três estrelas e meia.

Eve olhou de Slate para Gigi e de volta para Slate.

— Ela tá brincando?

— Impossível saber — respondeu Slate, com uma expressão impecavelmente neutra.

Mesmo amarrada, Eve conseguiu jogar o cabelo para o lado.

— Você está demitido — disse ela a Slate.

— Não estou demitido — respondeu ele. — Sou tudo o que você tem.

Gigi se perguntou se estava imaginando a leve suavidade na voz de Slate. Achava que não. *Tudo o que ela tem.*

— Ah — escapou de Gigi em voz alta, sem querer. — Entendi.

— Você não entendeu nada, raio de sol.

— *Raio de sol?* — repetiu Eve, incrédula.

Gigi voltou a arrastar a cadeira.

— Olha, tem gente que escolhe ser feliz, e tem gente que escolhe ser uma doninha arrogante com padrões morais questionáveis. Cada um com seu gosto. Agora, se puder mover *sua* cadeira um pouco pra direita…

— Gigi — chamou Slate, usando o nome verdadeiro dela, o que fez Gigi hesitar por um segundo. — A gente derruba depois. Primeiro, o plano. Precisamos sair daqui antes que quem nos trancou volte.

Capítulo 54



LYRA

Lyra não conseguia ouvir nada através da porta de mármore. Não fazia ideia do que Rohan e Savannah estavam fazendo do outro lado. Só sabia que Grayson tinha mudado desde o instante em que desceu do helicóptero. Era aquele olhar que ele só tinha quando mergulhava num tipo específico de pensamento — feições lisas como vidro, olhos fixos num ponto à frente. Quanto menores as pupilas, mais azul e menos cinza ficavam as íris.

— Você está calado — comentou Lyra. — Foi alguma coisa que o seu tio disse?

— É raro que eu o enxergue desse jeito — respondeu Grayson. — Como meu *tio*. Toby passou a maior parte da minha vida dado como morto.

Lyra não se conteve.

— Tal mãe, tal filho. — E se perguntou se algum Hawthorne algum dia ficava morto de verdade. — Mas ele te disse alguma coisa, isso é óbvio.

Grayson passou a mão pela beirada da porta do cofre, tateando atrás de algum ponto fraco. Por um instante, Lyra achou que ele fosse ignorar a provocação, mas ele falou.

— Toby é o pai da Eve — explicou Grayson por fim. — E também é o mais próximo que a Avery já teve de um.

Lyra pensou no mistério que tinha cativado o mundo inteiro: o bilionário Tobias Hawthorne deixando toda sua fortuna para uma adolescente aleatória de Connecticut.

— Deixa eu adivinhar — indagou Lyra. — É complicado?

— Em certas famílias, complicado é o padrão.

Um baque surdo ecoou atrás da porta de mármore, seguido do estalo audível de uma trava se soltando. Lyra chegou antes de Grayson ao disco do cofre, por uma fração de segundo.

Dessa vez, quando digitaram a combinação, a porta se abriu.

Rohan estava segurando o livro-razão. Lyra cravou os olhos nele. *Tenta alguma gracinha de novo. Vai.*

Rohan estendeu o livro e lançou aquele sorriso de cafajeste charmoso. Sem dar bola, Lyra pegou o livro e varreu o resto da sala com o olhar.

— A gente precisa conversar — Grayson disse à irmã.

— Vou ver se consigo te encaixar na agenda depois que ganhar isso aqui — retrucou Savannah, já se esgueirando por ele. Para surpresa de Lyra, Grayson a segurou pelo braço.

— Eu disse que *a gente precisa conversar*, Savannah.

— Eu sugeriria que soltasse o braço dela — falou Rohan. — E logo.

Grayson ignorou o aviso. Savannah também, enquanto enrolava os dedos em torno do pulso de Grayson.

— Tenho coisas melhores pra fazer agora — disparou ela, seca — do que bancar a irmãzinha carente do seu teatrinho de irmão mais velho.

Grayson soltou Savannah e, embora a expressão em seu rosto esculpido em pedra mal tenha mudado, Lyra não conseguia se livrar da sensação de que, por dentro, ele estava sofrendo.

— Quando foi que eu te dei a impressão — perguntou Grayson à irmã — de que isso era um *teatrinho*?

Savannah foi a primeira a desviar o olhar e saiu sem dizer mais nada a Grayson. Rohan foi atrás, mas antes lançou a Lyra um último olhar carregado de significado.

— Ele conseguiu escapar no papo, foi? — provocou Rohan. — Hawthornes e suas línguas afiadas, eu suponho.

E então Rohan também desapareceu.

Grayson foi até a porta de mármore, encostou as duas mãos nela e empurrou até fechá-la, os músculos sob a camisa de seda se contraíram de um jeito que deixou claro para Lyra que ele tinha usado mais força do que precisava. Em seguida, Grayson girou o ferrolho, e um cronômetro apareceu no teto.

Cinco minutos. Contagem regressiva. Lyra abriu o livro-razão. Como esperado, eram os dois últimos a assinar, o que significava que não havia

nenhum motivo relacionado ao jogo para Grayson ter fechado a porta. Quando ela encostou o relógio no livro, uma parede atrás deles se abriu, revelando uma parte oculta da sala que Rohan e Savannah, sem dúvida, já tinham explorado.

Enquanto atravessava o cômodo, Lyra juntou as peças; a interação entre Grayson e a irmã, a tensão nos músculos dele agora, o silêncio concentrado depois de falar com Toby. *Com o pai de Eve*. E então, como outro enigma, charada ou código sendo resolvido, Lyra entendeu tudo.

— Por que a Eve quer que a Savannah ganhe o Grande Jogo? — perguntou. No silêncio do cofre, Lyra ouvia a respiração de Grayson, e a dela entrou no mesmo ritmo. — Grayson?

— Você é assustadora, Lyra Kane.

Ela estendeu o livro-razão para ele.

— Vou interpretar isso como elogio.

Grayson encostou o relógio na página.

— Nenhum Hawthorne jamais ficou caidinho por uma mulher que não o assustasse de vez em quando.

As palavras ecoaram na cabeça de Lyra. *Você não cai. Eu caio.*

— Eu não estou errada, estou? — perguntou Lyra. — Sobre a Savannah. — O motivo mais óbvio para Eve querer que Lyra perdesse o jogo era aumentar as chances de outro jogador ganhar. — Talvez, se eu tivesse sido tão hostil à família Hawthorne quanto a Eve esperava, ela teria me colocado pra ajudar sua irmã, mas…

— É possível — Grayson admitiu — que eu tenha escondido um segredo da Savannah, um que tentei poupá-la de saber. E que acabou deixando-a vulnerável à Eve.

E aquilo, Lyra percebeu na hora, era tudo o que Grayson ia dizer sobre o assunto. Ela se lembrou do que ele tinha falado antes, de Eve, de Avery. *É complicado.* A partir daquilo, e da forma como Grayson tinha falado com a irmã, Lyra concluiu que as motivações de Savannah pra jogar o Grande Jogo não eram exatamente puras.

Ela tem um plano.

— Grayson? — A voz baixa de Lyra ecoou pelo cômodo de mármore. — Você precisa que sua irmã perca esse jogo?

— Seria o ideal.

— Nesse caso… — Lyra estendeu a mão para a estante com o nome dela e pegou os objetos no topo. De dentro da bolsinha de couro, puxou uma bússola antiga, de bronze, como a chave do quarto. Abriu o estojo e leu a inscrição gravada ali dentro… a próxima pista.

NÃO SE OLHA.
NÃO JULGUE.
NÃO PULA.
O QUE VOCÊ QUER É O NÚMERO TRÊS.
NÃO COLOQUE.
NÃO CONTE.
NÃO POR DENTRO,
MAS POR FORA.

As palavras martelavam na cabeça de Lyra. Antes, ela estava jogando por ela mesma, pelo Recanto Sereno. Agora, jogava por Grayson também. A única maneira de garantir que Savannah perdesse era ganhando.

Enquanto Grayson pegava a própria bússola, Lyra se virou, absorvendo cada detalhe do salão vazio, e uma sensação estranha se apoderou dela, algo entre expectativa e certeza absoluta, como um déjà-vu, como se ela *soubesse* o que ia acontecer antes mesmo de pensar.

Ela tirou o paletó de smoking de Grayson e atirou para ele, depois pegou o binóculo de ópera pendurado na corrente da bolsa.

Capítulo 55



GRAYSON

Grayson vestiu o paletó do smoking enquanto Lyra erguia os binóculos de ópera de Odette até os olhos. Ela era mesmo assustadora, Lyra Kane — o jeito como tinha decifrado o que a conversa dele com Savannah significava, como tinha percebido o impacto que falar com Toby causara nele, mesmo quando o mundo todo não via nada além da máscara inquebrável de Grayson. *Por mais assustadora que você possa ser, Lyra Kane, tem tanta coisa que você não sabe.*

Tantas coisas que ele não podia contar.

Como se tivesse sido convocado, o relógio no punho de Grayson vibrou. Ele havia mandado uma mensagem para os irmãos logo após o que Toby dissera no helicóptero. Quatro palavras, vagas o bastante:

TOBY SABE DE ALGO.

A resposta que acabara de chegar era quase tão enigmática quanto.

SOBRE A EVE?

O *ou* implícito no fim da pergunta pairava no ar sem precisar ser dito.

— Grayson — chamou Lyra ao lado dele. — Tem algo escrito nessa parede.

Aproveitando o fato de que ela ainda tinha os binóculos no rosto — que não podia *vê-lo* —, Grayson digitou uma resposta curta, de apenas três letras: *NÃO.*

Ele confiou que Jameson e Avery, ao menos, saberiam ler nas entrelinhas:

Não sobre Eve. Sobre Alice. O que exatamente Toby sabia, Grayson ainda não tinha descoberto, mas o instinto de Grayson Hawthorne dizia

que, fosse o que fosse, Toby sabia fazia muito tempo.

Grayson afastou aquele pensamento à força e se aproximou de Lyra. Precisava manter o rumo: manter Lyra focada no jogo, tentar falar com Savannah assim que conseguisse tirá-la de perto de Rohan, e confiar que Avery arrancaria alguma coisa de Toby.

— Posso? — perguntou Grayson.

Lyra entregou os binóculos, e ele os usou para examinar a parede. Havia mesmo algo escrito ali — um tipo de pista, ele apostaria. Mas, infelizmente, a caligrafia revelada pelos binóculos não era nem de longe tão nítida quanto a da bússola. Algumas letras estavam visíveis na parede, junto de símbolos desconexos. *Ou fragmentos de letras.*

— Tinta invisível. — Grayson abaixou os binóculos e se aproximou da parede. Havia diversas divisões. *Quadrados*, Grayson se deu conta. As juntas dividiam o mármore em vinte quadrados, *quatro por cinco*. Grayson reconheceu na hora esse truque específico.

— Procura por um quadrado solto — disse ele a Lyra. — Um deles vai sair.

Alguns segundos se passaram enquanto procuravam.

— Aqui — chamou Lyra. — É esse.

Grayson se agachou ao lado dela e ajudou a tirar o pedaço de mármore, fino o bastante para não pesar *demais*. Com essa peça fora, ele empurrou uma das outras para o lado e confirmou suas suspeitas.

— É um quebra-cabeça — disse Grayson a Lyra. — Desliza os quadrados, coloca na ordem certa, e a dica do enigma aparece.

Eles se puseram a trabalhar. Levou tempo. A contagem regressiva acima chegou a zero. O trinco se abriu, mas não havia ninguém esperando do outro lado da porta do cofre. *Fomos os últimos a chegar nessa pista*. Isso incomodou Grayson, mas, ao ver a dica se formando na parede, ele soube: não ficariam para trás por muito tempo.

Lyra ficou encarregada de finalizar, espiando pelos binóculos de ópera uma última vez e lendo em voz alta:

— *Ações valem mais do que palavras.*

Capítulo 56



ROHAN

— Não se olha. — A voz de Savannah resistia ao vento no alto do penhasco. A fogueira da noite anterior ainda deixava rastros quase invisíveis lá embaixo, na praia. — *Não julgue. Não pula.*

— *O que você quer é o número três* — completou Rohan, observando como Savannah Grayson se movia pelo terreno rochoso, indiferente à beirada do precipício tão próxima.

Tinha sido Rohan quem sugerira que continuassem a discussão sobre aquele enigma do lado de fora da casa, longe de ouvidos curiosos.

Sem testemunhas. Certos tipos de armadilhas funcionavam melhor assim.

— *Não coloque* — prosseguiu Rohan, a voz aveludada, carregada de intenção. — *Não conte. Não por dentro…*

— *Mas por fora* — retomou Savannah, exatamente como Rohan sabia que faria.

Havia uma arte em guiar as pessoas por meio das brechas que você dava.

A questão era: quantas brechas ele teria que dar até que Savannah o traísse?

— Muitos usos da palavra *não* — observou Rohan, e então lançou a isca. — Parece até que os criadores do jogo adoram dizer o que a gente *não* pode fazer.

Mencionar os criadores do jogo não foi um deslize, foi calculado para provocar Savannah, acender a raiva dela, fazê-la se lembrar de todos os motivos que tinha para usá-lo e descartá-lo. Mas Savannah Grayson era

treinada na arte de viver uma mentira, sabia enterrar raiva e más intenções tão fundo que, para o resto do mundo, pareciam apenas uma camada tênue de geada.

Ela não era fácil de manipular.

— *Não conte* sugeriria que não estamos lidando com um enigma numérico — disse Savannah com a voz firme. — E ainda assim, o que queremos é o *número três*.

Lá embaixo, as ondas quebravam contra pedras gigantes. Rohan apreciava o fato de que até mesmo as águas mais furiosas e indomadas acabavam *domadas* por aquelas rochas, reduzidas a um vaivém inofensivo na areia.

Seria uma pena, em certo sentido, tornar Savannah Grayson inofensiva.

— *Não se olha* pode indicar que também não é um enigma visual — continuou Savannah, virando o rosto da água para a ilha atrás deles.

— *Não por dentro.* — Rohan caminhou até parar atrás de Savannah, bem atrás dela, perto o bastante da beirada para que, se quisesse, Savannah pudesse simplesmente empurrá-lo penhasco abaixo. — Em outras palavras: não interno, não dentro de uma barreira, não contido sob a superfície.

Rohan deu mais um passo, com uma despreocupação ensaiada, ficando a um braço de distância. *Eu pareço vulnerável pra você, Savvy?*

— *Por fora* — continuou ele — é uma dessas expressões úteis com mais de um sentido. De certa forma, pode significar de fato *de fora, algo externo, não contido.* — Rohan se perguntou se ela captava o desafio sutil na voz dele, a insinuação de que certas pessoas simplesmente não se deixam conter. — Mas *por fora* também pode indicar não saber de algo. — De todos os papéis que já tinha assumido ao longo dos anos, Rohan tinha um certo apreço especial pelo de vigarista. — Como se fosse uma ausência de conhecimento.

Savannah se virou, e Rohan percebeu o instante exato em que ela registrou o quão perto ele estava da borda. *Vai, Savvy.* Ela o conhecia o bastante para saber que ele se agarraria na borda. *Não seria um dano permanente.*

— Você finge ter tão pouco autocontrole — disse Savannah, com a voz lisa como vidro —, mas nós dois sabemos você é *o controle em pessoa*, britânico. Você é um plano meticuloso em carne, osso e movimento.

— Culpado — disse Rohan, dando de ombros com uma displicência encantadora. — Até meus esquemas têm esquemas.

E os dela também.

Savannah envolveu o braço dele, acima do cotovelo, e o puxou *para longe* da borda.

— Seria bem inconveniente — disse Savannah, com ironia — se você caísse. — Ela soltou a mão que o segurava. — Então. — Ergueu o queixo. — Se não podemos *olhar*, *julgar*, *ver* ou *contar*… o que sobra?

— Pensar — respondeu Rohan, permitindo-se fazer exatamente isso. — Fazer conexões. Preencher as lacunas. — *Talvez esteja na hora de preencher algumas das minhas também.* — Descobriu algo sobre o patrocinador do Brady?

Aquela pergunta, claro, não tinha nada a ver com descobrir algo sobre *Brady Daniels*. Era só mais um teste. Até onde ela iria? Quanto estaria disposta a revelar?

Quanto tempo ainda tinham?

— Noite. — Algumas pessoas mudavam de assunto. Savannah Grayson destruía o anterior e plantava outro no lugar.

— Fugindo da pergunta, gata?

— Na verdade, estou *pensando*. Disseram que havia pistas para vários enigmas no iate. Sabemos que o Brady estava pelo menos um passo à frente do resto. E se a dica da taça de champanhe fosse pra *esse* enigma?

— Noite — repetiu Rohan, decidindo que, por ora, já tinha feito testes suficientes. Agora era hora de se concentrar de verdade no enigma.

NÃO SE OLHA.
NÃO JULGUE.
NÃO PULA.
O QUE VOCÊ QUER É O NÚMERO TRÊS.
NÃO COLOQUE.
NÃO CONTE.
NÃO POR DENTRO,
MAS POR FORA.

— Você não enxerga à noite — disse Rohan em voz alta, num tom quase de ronronar —, a não ser à luz da lua. — Com o cérebro tão agitado quanto o mar ao vento, Rohan deixou que a pulsação das possibilidades afastasse todo o resto. — Ainda temos isso aqui. — Ele tirou um par de dados de vidro do bolso. — E aquilo ali. — Rohan fez um gesto com a cabeça para a corrente de platina que Savannah voltara a usar na cintura desde que trocaram a roupa de gala pela armadura.

Savannah estreitou os olhos claros, olhos de luar, se Rohan sequer conhecera.

— Esses dados são meus, não seus — disse Savannah, estendendo a mão.

Rohan deixou que ela pegasse os dados de volta.

— Uma vez ladrãozinho, sempre ladrãozinho — comentou ele. — No amor e na guerra, vale tudo, Savvy.

— E isso aqui é o quê? — devolveu Savannah, com uma frieza na voz que só perdia para o *tom desafiador* por trás da pergunta. — Amor ou guerra?

Rohan inclinou a cabeça e murmurou:

— Guerra, é claro.

— Bom… — Savannah deu de ombros com uma leveza mortal. — Quem não tem remédio, suponho.

Quem não tem remédio. Era uma frase que Rohan já tinha usado mais de uma vez dentro da própria mente, mas tinha quase certeza de que nunca a dissera em voz alta para ela.

— Eu prefiro o provérbio completo: *o que não tem remédio, remediado está.*

Rohan se inclinou, os lábios perigosamente perto dos dela, repetindo pra si mesmo que aquilo era só para manter a ilusão de que nada entre eles tinha mudado.

Você vai me usar. Eu vou te usar. Vale tudo.

— Isso quer dizer — continuou Rohan, num sussurro feito pra ser tanto *sentido* quanto ouvido — que, pra alcançar um fim necessário, às vezes a gente tem que fazer coisas que… talvez preferisse não fazer.

Quem não tem remédio. Rohan encostou os lábios nos dela. A intenção era dar um beijo leve, provocador, mas Savannah Grayson não era o tipo de

pessoa que se deixa provocar e, ao que tudo indicava, não era feita para beijos *leves*.

Pelo menos, não com ele.

Havia mais de uma maneira para uma garota como Savannah Grayson ir direto na jugular. E então, de repente, as mãos dela estavam em seu peito. De repente, ela o empurrava para trás, mas não em direção ao penhasco. E não longe a ponto de precisar soltar a frente da camisa dele.

— *O que não tem remédio, remediado está* — disse Savannah. — *No amor e na guerra, vale tudo.*

Rohan levou um segundo, e apenas um segundo para entender o que ela estava dizendo.

— Provérbios. Expressões.

— A cavalo dado *não se olha* os dentes. — Savannah soltou a camisa dele e deixou as mãos caírem ao lado do corpo. — *Não julgue* o livro pela capa.

— Macaco velho *não pula* em galho seco. *Não coloque* a carroça na frente dos bois. — Rohan ergueu o rosto para o sol da manhã, porque a alternativa seria admirar como *ela* ficava iluminada por aquela mesma luz. — *Não conte* com o ovo no rabo da galinha.

— *O que você quer* — Savannah citou — *é o número…*

— *Três*. A terceira linha. — Adrenalina era uma velha conhecida de Rohan, assim como o risco. E permitir que aquilo continuasse entre eles *era* um risco.

Um risco magnífico.

— *Macaco velho não pula em galho seco* — disse Savannah. — Essa é a terceira linha da charada. E se devemos prestar atenção no que está *por fora* disso tudo… — Seu lábio superior roçou rapidamente o inferior, não exatamente uma pausa, mas um instante mínimo de vitória. — No que está ausente…

— Nesta ilha? O que falta é a floresta, depois do incêndio… — brincou.

Savannah, ainda perto dele, arregalou os olhos. Rohan olhou no fundo dos olhos dela quando entendeu o que chamou sua atenção.

— A floresta — murmurou Rohan, os lábios quase tocando os dela. — Os galhos.

Eles realmente formavam uma ótima equipe.

Ela vai trair você, alertou uma voz muito parecida com a do Proprietário. Se distrações eram fraquezas, *confiança* era algo muito pior.

— Que parte da floresta você acha que estamos buscando? — perguntou Savannah.

Rohan adorava um desafio.

— A mais externa? — sugeriu ele. — *Não por dentro, mas por fora.* — Um duplo sentido, talvez?

— Qual parte externa? — insistiu Savannah.

Rohan retrucou:

— Você que me diga, gata.

— Esta é a Ilha Hawthorne. — O olhar de Savannah endureceu como areia derretida virando vidro. — Eles são Hawthornes. Destroem tudo o que tocam.

Rohan sorriu.

— Então estamos mesmo falando da parte queimada da floresta.

Capítulo 57



GIGI

As unhas de Gigi eram curtinhas, roídas até o toco, enquanto as de Eve eram longas e afiadas, unhas realmente apropriadas para uma vilã. A chefe de Slate, inclusive, já havia quebrado uma tentando rasgar a fita adesiva nos pulsos de Gigi, depois que Gigi conseguira encostar as cadeiras delas de costas uma para a outra.

Gigi ainda estava planejando a morte de Eve no futuro? Sim, com toda certeza. Mas Gigi era perfeitamente capaz de estabelecer prioridades.

— Seria mais fácil — comentou Eve com Slate, num tom amável que poderia enganar, enquanto tentava mais uma vez — com uma faca.

— Eu já te disse — respondeu Slate —, quem nos trouxe aqui levou minha faca.

Gigi não pôde deixar de notar como os dois discutiam feito irmãos… ou ex-namorados. Ela ainda não tinha certeza.

— Aquela faca era minha amiga — anunciou Gigi, deprimida.

— Com toda certeza não era — rebateu Slate.

De costas para Eve, Gigi estava de frente para Slate. A poucos passos dele, conseguia distinguir perfeitamente a cor dos seus olhos, um castanho tão escuro que as pupilas quase desapareciam nas íris. Pela primeira vez, o cabelo loiro-escuro não caía sobre seu rosto, revelando a fina cicatriz na sobrancelha.

— Você não sabe nada sobre aquela faca. — Essa tinha vindo de Eve, que quebrou outra unha e soltou um palavrão.

— Uso criativo dos palavrões — elogiou Gigi. — E sei, sim. — Ela fixou o olhar nos olhos de Mattias Slater. — Catorze marcas na bainha —

disse Gigi baixinho. — Catorze coisas horríveis. E quase sempre, as pessoas são mais perigosas quando suas intenções são boas.

Eve parou o que estava fazendo. Ficou absolutamente imóvel por uns três ou quatro segundos.

— Você contou pra ela? — perguntou para Slate, retomando o ataque à fita adesiva com uma raiva quase vingativa. — Do seu pai?

A fita adesiva cedeu, um pouco no começo, mas logo o suficiente para que Gigi pudesse começar a soltar os pulsos.

— O que tem seu pai? — perguntou Gigi a Slate.

Mattias Slater fechou os olhos.

— Quietas — ordenou.

— Vou tentar não levar isso para o lado pessoal — declarou Gigi, mas quando Slate abriu os olhos e encontrou os dela, ela percebeu: ele não estava evitando a pergunta.

Ele tinha ouvido alguma coisa.

Gigi prestou atenção, mas não conseguia ouvir nada além do som suave de água caindo das fontes infinitas. Então uma daquelas fontes — e a parede atrás dela — se abriu, e Gigi soube exatamente o que Slate ouvira.

Passos. Saltos em piso de madeira. *Botas vermelhas*. Gigi encarou aquelas botas e, então, ergueu o olhar. Era a única dos três posicionada de maneira a ver claramente a figura encapuzada que caminhava até eles, vestida com uma longa capa vermelha. O capuz projetava uma sombra no rosto da mulher, e Gigi *tinha certeza*, de alguma forma, que era uma mulher, mas mesmo que não o escondesse…

Havia um tecido vermelho cobrindo seu rosto. Era de presumir que a sequestradora podia enxergar, mas isso não ajudava Gigi a saber com quem estava lidando. *Luvas vermelhas nas mãos*.

O tom exato do vermelho era profundo, da cor de sangue seco. *Luvas vermelho-sangue*. *Capa vermelho-sangue*. *Capuz vermelho-sangue*. *Botas vermelho-sangue*.

A figura encapuzada passou por Slate até Gigi, que soltou freneticamente os punhos da fita adesiva, bem a tempo de ver o brilho de uma faca.

Essa faca não é minha amiga. Gigi levantou as mãos para proteger o rosto, mas não foi atacada. Sem dizer uma palavra, a mulher de vermelho cortou a fita ao redor do torso de Gigi, libertando-a da cadeira de metal.

Gigi ficou em pé num salto e olhou para Slate e Eve, ainda amarrados — braços, pernas e troncos — às cadeiras.

— Sério. *Devo* me sentir ofendida?

— Juliet Grayson. — Por um momento, foi tudo o que a mulher de vermelho disse, só o nome verdadeiro de Gigi, e então continuou: — Evelyn Blake. Mattias Slater.

Gigi firmou-se na ponta dos pés. *Ela pode ter uma faca*, pensou, *mas eu tenho o elemento-surpresa*. Ninguém esperava um ataque ao estilo demônio-da-tasmânia, praticamente nunca.

— Raio de sol? *Não* — advertiu Slate incisivamente.

— Eu recomendaria ouvir o sr. Slater — disse a mulher encapuzada. — Pelo menos nesse caso. — Havia um leve de sotaque na voz cuidadosamente articulada da sequestradora. — Não pretendo fazer mal a nenhum de vocês.

— Cética — rebateu Gigi. — Eu. Muito.

— O ceticismo é uma faca de dois gumes — respondeu a mulher de vermelho, a longa capa esvoaçando ao redor dos tornozelos enquanto ela avançava para libertar Eve também. — Tudo que vale a pena fazer exige acreditar… pelo menos em si mesmo.

— Eu acredito em mim mesma — disse Gigi. *Acredito que aprendi a derrubar pessoas com ninguém menos que o próprio Xander Hawthorne, e…*

— Não — disseram Slate *e* Eve em uníssono desta vez. No instante em que foi libertada, Eve se pôs de pé, posicionando-se diante de Gigi.

— Para que fique claro, srta. Blake — a mulher de vermelho falou a Eve —, foi você quem tornou tudo isto necessário. Eu prefiro métodos mais sutis, mas você? Um elefante numa loja de cristais. Age pela emoção e não tem controle algum. Preciso que o Grande Jogo continue. Sua interferência explícita com os jogadores põe isso em risco. Não me deixou outra escolha a não ser removê-la do tabuleiro.

O Grande Jogo. Ouvir aquilo da boca de sua captora encapuzada, de alguma forma, abriu uma porta na mente de Gigi, ao passo que cada detalhe começava a se encaixar.

— Você é a patrocinadora do Brady.

Fora Brady quem pedira a Gigi para não contar aos criadores do jogo sobre o dispositivo que ela encontrara na primeira fase. Ele dissera que precisava que o jogo continuasse.

Brady jogava como se a vida de Calla dependesse disso.

E certa vez, durante o jogo, ele chamara Gigi de *Juliet*.

A mulher de vermelho não negou.

— Eu sou muitas coisas. Por enquanto, sou apenas a pessoa que veio verificar se vocês três não sofreram danos por terem sido nocauteados e, tendo verificado isso, sou a pessoa que vai deixá-los aqui nesta sala, onde permanecerão em segurança até o fim do jogo. Acreditem em mim quando digo que isso é para o bem de vocês tanto quanto é para o meu.

— Até parece.

Nos diga o que você acha de verdade, Slate, pensou Gigi. Mas em voz alta não conseguiu evitar.

— Então o que você está dizendo é que tudo que está fazendo é nos manter aqui, seguros e fora do caminho, até conseguir o que quer com o Grande Jogo? — Gigi lançou um olhar para Slate. — Ora, ora, ora, veja como o jogo virou.

— Você ainda está sequestrada — informou-a Slate. — O jogo não virou completamente.

— Você está amarrado numa cadeira — ressaltou Gigi. — E eu não. Todo resto é apenas semântica. — Voltou-se para a misteriosa sequestradora. — Falando nisso, por que *eu* fui sequestrada mesmo? Foi um caso de hora errada, lugar errado? Associação infeliz com gente duvidosa?

Quem respondeu foi Slate:

— Você estava indo para a ilha.

— Exatamente — concordou a mulher de vermelho. — E eu precisava de uma isca.

Isca. Aquela palavra, dita com tanta calma, fez um arrepio percorrer as costas de Gigi. *Que tipo de isca?*

A sequestradora caminhou de volta até a parede por onde entrara.

— Antes que tenham grandes ideias, saibam que esta porta só abre com controle remoto. Não serão capazes de abri-la com força bruta. Para o bem dele, eu deixaria o garoto preso. Não vão querer que ele esteja solto quando meu alvo morder a isca. Ela não reage nada bem àqueles que julga ameaçadores.

Ela? Antes que Gigi pudesse sequer fazer essa pergunta em voz alta, a mulher de vermelho já havia desaparecido.

Capítulo 58



LYRA

Quando Lyra pensava na floresta da Ilha Hawthorne, vinha à sua mente árvores imponentes e perenes, algumas vivas, outras carbonizadas pelo incêndio de tempos atrás, mas ela não conseguia visualizá-las e, quanto às outras árvores da floresta, as que tinham folhas em vez de agulhas verde-escuras, Lyra não se lembrava muito bem delas. Talvez fosse por isso que as árvores gigantescas na borda norte da floresta, com dezenas de galhos despontando de troncos robustos como raios de uma bicicleta e a luz atravessando suas ramificações, lhe causaram uma sensação quase física, enquanto ela e Grayson entravam na mata.

— Talvez estejamos procurando uma árvore específica — observou Grayson. — Algo pendurado num galho ou entalhado na casca.

— Ou… — Lyra ergueu o olhar para a copa das árvores — Algo que só possa ser visto do alto? — *Ecos*. Ela se voltou para a árvore mais próxima, totalmente pronta para escalá-la e satisfeita por terem voltado a vestir as armaduras.

— Espere. — Grayson baixou o olhar para o objeto que acabara de tirar do bolso da jaqueta. *A bússola*. Lyra observou enquanto ele a abria.

— Não está funcionando — confirmou Grayson. — Por enquanto.

O polegar dele percorreu cuidadosamente cada centímetro da superfície de bronze da bússola numa busca metódica. Então, pressionou com força o mostrador. Um clique soou e a agulha começou a girar, apontando não de volta para a casa, mas para dentro da floresta.

— O norte não fica para lá — comentou Lyra.

— Não — respondeu Grayson, seu olhar se encontrando com o dela mais uma vez. — Não fica.

A seta da bússola apontava o caminho, para dentro da floresta viva, margeando a linha exata onde o fogo havia parado.

Ali. Os apoios fixados na árvore eram um sinal óbvio. Pareciam pertencer a uma parede de escalada. Lyra agarrou-se a um deles e firmou o pé em outro. Do outro lado do imponente pinheiro Douglas, Grayson fez o mesmo.

O primeiro galho ficava pelo menos seis metros acima deles.

Em silêncio, começaram a subir.

Os apoios terminaram antes que alcançassem os galhos, e por um momento Lyra e Grayson também pararam.

— Nenhum livro-razão — observou Lyra. — E nada que possa ser a próxima pista. — Ela inclinou a cabeça para trás, levantando os olhos. — Continuamos subindo?

Grayson ficou totalmente imóvel.

— Espere um instante.

Um instante para considerar. Um instante para absorver tudo aquilo. Havia adrenalina suficiente pulsando nas veias de Lyra para aguçar seus sentidos enquanto apreciava a vista: a floresta *e* as árvores banhadas de sol… e não exatamente vazias.

Rohan e Savannah estavam a cerca de cem metros, do outro lado da divisão, a armadura branca de Savannah destacando-se contra as árvores escurecidas. Lyra *sentiu* o momento em que Grayson registrou a presença da irmã.

— Você está sofrendo. — Lyra não estava disposta a pegar leve com ele agora. — Seja qual for o segredo que você estava tentando esconder da sua irmã… *pare, simples assim*.

— Parar com o quê? — Grayson pronunciou as palavras com certa secura. — Eu já falhei. Eve cuidou disso.

Não importava o quanto Grayson Hawthorne estivesse acostumado a cometer erros de forma deliberada, esse, fosse qual fosse, obviamente não era o tipo de erro que ele poderia aceitar em si mesmo.

— Pare — repetiu Lyra — de tentar protegê-la. — Lyra tinha a sensação de que poderia estar dizendo à chuva para não cair, mas continuou mesmo assim. — Não sei o que Eve contou à Savannah, nem o que as duas pretendem fazer agora, mas sei como é descobrir que mentiram para você de um jeito que arranca o chão sob seus pés e faz sua existência inteira desmoronar. — Os pais de Lyra, sem dúvida, também acreditavam que a estavam protegendo. — Eu consigo entender por que meus pais fizeram o que fizeram, deixaram lembranças reprimidas *continuarem* reprimidas. Sei que eles tentavam me dar a chance de crescer livre daquele trauma, mas…

— Uma hora a conta chega — murmurou Grayson. — O cérebro humano é algo milagroso, mas não consegue manter nada guardado para sempre. A conta sempre chega. Reprimir algo, empurrar para debaixo do tapete, se recusar a sentir só significa que você vai pagar por isso de novo, e de novo, e de novo.

Um nó apertou a garganta de Lyra quando Rohan e Savannah se aproximaram ainda mais.

— Me pergunte se eu me senti *protegida* quando descobri a verdade.

Grayson respirou audivelmente.

— Nosso pai é um assassino. Meu, da Savannah e da Gigi. — Lyra não tinha pedido pelos segredos *dele*, mas ali estava ele, oferecendo-os como se fosse penitência. — Era disso que eu estava tentando proteger a Savannah. Você se lembra de ter visto algo no noticiário alguns anos atrás sobre uma bomba em um dos jatos da Avery?

Aquela história tinha saído em toda parte. Lyra se lembrava.

— Você não precisa me contar isso. — A voz dela, embora baixa e suave, ecoou entre as árvores.

— Foi meu pai quem plantou aquela bomba. Ele perdeu alguém no incêndio da Ilha Hawthorne, anos atrás. Considerava meu tio Toby responsável pelo que aconteceu, e acreditava que Avery era filha do Toby. Foi tudo muito *olho por olho*. — Os músculos do maxilar de Grayson se retesaram. — Avery entrou em coma, mas sobreviveu à explosão. Dois dos seguranças dela não tiveram a mesma sorte.

Lyra apertou com mais força o apoio onde estava segurando com a mão direita, enquanto a esquerda lentamente contornava o tronco, aproximando-se de Grayson.

— Você não precisava ter me contado isso.

— Eu quis contar. — Ele aproximou mais a mão da dela. — Às vezes eu penso — prosseguiu ele, num tom um pouco mais distante — no que posso ter herdado do meu pai. Será que herdei o senso distorcido de justiça dele? A capacidade que ele tinha de desligar a moralidade em busca dos próprios objetivos?

— Você não é nada parecido com ele. — As palavras de Lyra saíram com mais intensidade do que ela pretendia.

— Você deve estar certa. De todos os meus irmãos, eu sempre fui o que era completamente Hawthorne. — Grayson fez uma pausa. — Às vezes também me pergunto o que isso diz a meu respeito.

Lyra podia sentir a mente dele girando novamente e sabia, *tinha certeza*, que não havia nada que pudesse dizer para impedir aquilo.

— Não há nada aqui em cima — anunciou Grayson, por fim. — E estamos prestes a ter companhia.

Rohan e Savannah não estavam a mais de vinte metros agora, bússolas nas mãos, mas, quando Lyra e Grayson começaram a descer da árvore, Lyra percebeu movimento nas sombras da árvore imensa mais próxima e compreendeu: *já temos companhia*.

Quando os pés de Lyra tocaram o chão, Brady Daniels encontrou seu olhar, escondido nas sombras. Então, devagar, com toda intenção, ele desviou os olhos para baixo, para a base da árvore.

Lyra passou o pé sobre a grama e a terra, percebendo que algo fora enterrado ali, no solo da floresta. Lyra não começou a cavar imediatamente, não com Rohan e Savannah se aproximando, mas não conseguiu deixar de pensar que Grayson estava certo sobre o que havia dito antes, quando mencionou lidar com a conta.

Nada permanecia enterrado para sempre.

Capítulo 59



GRAYSON

Grayson não tivera a intenção de contar a Lyra sobre seu pai, mas sabia exatamente por que fizera isso. Ele quisera dar algo verdadeiro a ela, algo *real*, revelar um segredo, mesmo que não fosse aquele que ele vinha escondendo, entre mentiras e quase-verdades, desde a noite da fogueira.

O segredo que ainda guardava.

Lyra não poderia ter sido mais clara ou explícita: ela não queria esse tipo de proteção. Nem dele. Nem de ninguém. Mas *ela* não era a única pessoa que Grayson tentava proteger. Alice havia ameaçado Jameson em Praga. Pelo comportamento de Jameson, era praticamente certo que a mulher tivesse ameaçado Avery também.

Lyra Kane queria, talvez até *precisasse*, da verdade das pessoas que amava. E Grayson não podia lhe dar isso.

Sabendo que pagaria o preço por aquilo mais tarde, Grayson afastou esse pensamento, pois Savannah e Rohan haviam *chegado*.

Savannah olhou uma única vez para os apoios na árvore e começou a subir. Grayson imaginou que Rohan fosse segui-la, mas em vez disso, Rohan se posicionou ao pé da árvore, inclinou levemente a cabeça e fixou o olhar em Lyra.

— Já descobriu por quê? — perguntou a ela. Grayson lançou a Rohan um olhar frígido, mas aparentemente o britânico nunca encontrara uma advertência que não ignorasse por completo. — Por que seu irmão está tão convencido de que a srta. Kane é um risco — esclareceu Rohan, para que Grayson ouvisse, e então, sem esperar resposta, voltou os olhos para a copa

da árvore. — Acho que certas pessoas simplesmente não sabem quando parar.

Grayson deixou-se levar pela provocação e olhou para cima. Savannah não havia parado onde os apoios terminavam, como ele e Lyra tinham feito. Agora, estava escalando sem apoios, sem galhos, e sem qualquer intenção de parar.

Por mais que odiasse deixar Lyra com Rohan, Grayson sabia perfeitamente que Rohan tinha avaliado Savannah com impressionante precisão. A irmã de Grayson não iria parar.

Nem no primeiro galho.

Nem em nenhum deles.

Não pararia até encontrar um livro-razão.

— Esta árvore tem mais de trinta metros — disse Grayson, sombrio.

Lyra olhou nos olhos dele. *Vá*. Era Lyra dizendo a Grayson que, quando se tratava de lidar com Rohan, ela sabia muito bem como se cuidar.

Grayson confiou nas palavras silenciosas de Lyra e começou a subir — rápido e firme, da maneira que só alguém que fora treinado a não hesitar conseguiria fazer. Mesmo com aquele ritmo, levou algum tempo até alcançar Savannah.

Doze metros acima do solo.

— Eu não preciso da sua ajuda — disse Savannah entredentes. — Nunca precisei.

Os dentes a denunciavam. Savannah estava sentindo dor, uma dor física. *O ligamento do joelho.*

— Não tem nada aqui em cima — falou Grayson para ela. — Não importa o quanto você suba, não vai encontrar nenhum livro-razão.

— Você não sabe disso.

— Meus irmãos e Avery não fariam ninguém subir até aqui.

— E você espera que eu confie em você? — Savannah sabia exatamente como usar cada arqueada irônica das sobrancelhas. — Confie *neles*.

Ela bem que poderia estar usando uma armadura literal junto com a roupa fornecida para o jogo. Grayson não alimentava nenhuma esperança de que qualquer coisa que dissesse pudesse atravessar essa armadura, mas precisava tentar.

— Eu sei que você está trabalhando com a Eve. Ela está te manipulando, Savannah.

— Eu pareço ser ingênua? — Savannah não demonstrava qualquer fraqueza, mas aquele joelho, aquele joelho preocupava Grayson.

— Não vou deixar você machucar Avery. E nem se machucar. Não há nada aqui em cima, Savannah.

— *Você não sabe disso* — repetiu sua irmã, com uma intensidade na voz que ele reconheceu perfeitamente.

— Eu sei que você está sofrendo, e não é só por causa do seu ligamento. — Grayson não queria ter aquela conversa a quinze metros do chão, mas ou Savannah o escutaria ou começaria a descer. Qualquer uma das duas opções já seria uma vitória. — Nosso pai mandou plantar uma bomba no jato da Avery. Dois homens morreram por causa disso e, quando Avery não estava entre as vítimas, ele a sequestrou. Fez dela sua refém. Apontou uma arma para ela com a intenção de atirar na frente do Toby Hawthorne, como vingança pela morte do nosso primo Colin.

As palavras de Toby no helicóptero ecoaram na mente de Grayson. *Diga à sua irmã que fui eu*. Mas aquilo também não era verdade, e Grayson não conseguiu se forçar a mentir mais uma vez para Savannah.

— Não. Ele não foi um assassino. Ele não sequestrou ninguém. — A voz de Savannah estremeceu, e sua perna também. — E ele não era *nosso* pai, Grayson. Era o meu pai.

— Mesmo que isso seja verdade, Savannah, não foi Avery quem atirou nele, e quem puxou o gatilho só fez isso para salvar a vida dela.

— Você está mentindo.

— Não estou.

— Você acha que faria diferença se eu acreditasse em você? — perguntou Savannah. — Se o único crime de Avery tivesse sido encobrir tudo, você acha que isso me custaria menos?

— O encobrimento foi obra do Toby, e ele é pai da Eve. Ela tem mais de uma razão para te colocar contra Avery. — Grayson fez exatamente o que Toby o havia orientado a fazer. Deu a Savannah um alvo entre os Hawthorne, e fez isso usando a verdade.

— Quanto tempo *você* levou para descobrir o que realmente aconteceu? — perguntou Savannah, num tom calmo demais para a altura

em que estavam ou para o assunto daquela conversa. — Ou será que Avery te contou a verdade na mesma hora, por que você merecia saber?

Se estivessem numa luta de esgrima, ela teria acertado um golpe perfeito. Avery *havia contado* para ele. Ela não escondera aquilo dele, como todos eles haviam escondido de Savannah.

— Eu sei quando foi que a Gigi descobriu. — A voz de Savannah ecoou pelos galhos à volta deles. — Analisando agora, posso dizer até o dia. A hora.

— Estávamos tentando te proteger — disse Grayson, as palavras de Lyra ecoando em sua mente: *Me pergunte se eu me senti* protegida.

— *Nós* — repetiu Savannah, apertando o tronco da árvore com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Você e a Gigi.

Ela começou a descer. Grayson acompanhou o ritmo dela, pronto para segurá-la caso vacilasse.

Savannah não vacilou.

— Eu só vou dizer isso uma vez. Não importa quais mentiras Eve tenha me contado. Não importa se você está dizendo a verdade agora. Por que essa conversa? Nós dois sabemos que não é mais para *me* proteger. Tudo que você está tentando fazer agora é me tornar cúmplice.

Outro golpe certeiro. Grayson havia visto de perto o que manter aquele segredo tinha feito com Gigi.

— E a minha mãe? — Savannah claramente não tinha a menor intenção de aliviar. Acácia Grayson era a coisa mais próxima que Grayson tinha de uma mãe de verdade. Ela tinha o coração aberto de Gigi e a determinação impenetrável de Savannah. — Vocês chegaram a pensar nela? O mundo inteiro deveria simplesmente seguir acreditando que Sheffield Grayson está vivo e passando seus dias feliz e livre de impostos nas Maldivas?

Grayson se obrigou a suportar cada pontinha da fúria da irmã sem dizer uma palavra sequer.

— Nós estávamos bem — disse Savannah, as palavras saindo como se arrancadas de uma parte dela que já estava morta. — Minha mãe. Gigi. Eu. Antes de você chegar, era eu quem mantinha tudo funcionando, e *estávamos bem*. E agora, não existe mais *nós*. — A respiração de Savannah estava audível agora, carregada de dor… de todos os tipos. — E o pior de tudo — continuou ela, a voz excepcionalmente áspera — é que a Gigi

escolheu você, mas se fosse preciso escolher, você não a escolheria. Você escolheria seus irmãos e Avery. *Eles* são sua família, do mesmo jeito que a Gigi era a minha.

Era.

— A Gigi ainda é sua família — disse Grayson ao alcançarem os apoios para as mãos. — E, goste ou não, você também é minha.

Savannah nem sequer olhou para ele.

— A única coisa que eu sou — falou, no mesmo tom áspero de antes — é sozinha.

Capítulo 60



ROHAN

Rohan notou o instante exato em que Grayson e Savannah retornaram aos apoios superiores da parede de escalada, e o instante exato em que Savannah mudou de rumo outra vez. A mente de Rohan resolveu rapidamente aquela questão, e ele voltou a atenção para Lyra Kane, que não era bem um livro aberto.

O bom é que Rohan era especialista em abrir até as conchas mais resistentes.

— Você sabe, não sabe? — perguntou ele. Desta vez, Rohan não estava se referindo a Jameson Hawthorne, nem mesmo tentando manipulá-la… muito. Ele ergueu os olhos para Grayson e Savannah acima deles. — Ele também sabe.

Ambos tinham ciência de que as intenções de Savannah nesse jogo estavam longe de serem puras. Grayson certamente sabia o motivo. E Lyra…

Rohan a estudou abertamente, sem disfarces, permitindo que ela sentisse seu olhar.

— Você dá sinais — informou ele. Rohan deixou as palavras ecoarem por um instante. Uma pessoa podia, sem saber, revelar muito naquele breve segundo em que percebia que o próprio rosto já havia mostrado bem mais do que deveria. — Tudo está na direção dos olhos — continuou Rohan. — Para onde vão… e para onde não vão.

Os dela foram para baixo. Rohan se ajoelhou, e antes mesmo que seu joelho tocasse o chão da floresta, Lyra já estava lá, agachada, sua graça característica superando até a dele.

— Uma floresta é mais do que suas árvores — observou Rohan, pressionando os dedos na grama. — Esta floresta, por exemplo, é terra e pedras e capim silvestre… e *isto*.

Havia algo ali, escondido logo abaixo da terra, mal coberto.

Com um único movimento, Rohan limpou terra o bastante para que pudessem ver o topo de uma placa prateada… e as duas primeiras palavras.

Sempre… e logo abaixo. *Nunca*.

Sem dizer uma palavra, Lyra Kane começou a desenterrar a placa, indiferente à terra que se acumulava sob suas unhas… e indiferente a Rohan ou, pelo menos, fingindo muito bem.

— É uma pena, de verdade — disse Rohan, que nunca resistia à tentação de dar mais um pequeno empurrão mental —, que a família Hawthorne veja você menos como uma pessoa, muito capaz, aliás, na minha opinião, e mais como uma *ameaça*.

Lyra sequer ergueu os olhos do que fazia, e Rohan decidiu ajudá-la a remover o restante da terra. Palavras encaravam os dois… mais um enigma.

SEMPRE
ONTEM
DEPOIS
E VOCÊ
NUNCA
OS DOIS
INICIE
TENTE
E LOGO

— Uma pista — observou Rohan. — Mas ainda sem o livro-razão. — Ele ergueu o olhar para a árvore a tempo de ver Grayson Hawthorne descendo rapidamente. Lyra percebeu o mesmo e ficou de pé, e, enquanto ela se distraía, Rohan deslizou os dedos pela lateral da placa, limpando a terra conforme avançava. Com a placa livre e à mostra, tentou discretamente arrancá-la do chão. *Firmemente presa, pelo menos por*

enquanto. Rohan continuou percorrendo os dedos ao redor do metal até ser recompensado ao encontrar uma fresta, minúscula.

Circular. Um buraco, com talvez um centímetro de diâmetro. Rohan levantou-se sem dar nenhum sinal de que havia descoberto algo, no exato instante em que Grayson Hawthorne tocou o chão.

— Savannah não vai descer enquanto eu não for embora — disse Grayson a Lyra.

Rohan percebeu algo se passar entre os dois enquanto Grayson se agachava para avaliar a placa. Rohan já conseguia ver como aquilo terminaria. Logo, Grayson usaria o relógio para informar aos criadores do jogo as intenções de Savannah, se é que já não havia feito isso. Sendo indivíduos inteligentes, Avery Grambs e Jameson Hawthorne certamente tomariam precauções em relação ao anúncio do vencedor deste ano, caso Savannah prevalecesse e ganhasse o jogo.

Com seu plano inicial frustrado, a Savannah Grayson que Rohan conhecia encontraria outra maneira de conseguir o que queria. Rohan lembrou-se exatamente do que Brady Daniels tinha lhe oferecido. *Um corpo. Prova.*

A lógica ditava que Savannah já não precisava vencer o jogo. Bastava que tirasse Rohan da jogada.

Afastando esse pensamento, Rohan acompanhou os movimentos de Grayson enquanto o Hawthorne ficava de pé após ter estudado minuciosamente a superfície da placa — *mas não*, Rohan percebeu com alguma satisfação, *as laterais*. Não aquele pequeno buraco.

Tão pequeno, na verdade, pensou Rohan, as palavras pouco mais que um sussurro na sua mente, *que mal chega ao tamanho da ponta de um dardo.*

Um dardo dourado. Rohan sabia, sem precisar apalpar os bolsos, que havia esquecido o dele — consequência de ter trocado de roupa, consequência do fato de ter acreditado que o dardo já cumprira seu propósito neste jogo, como pista inicial que os levara até ali.

Admita. Essa voz era do Proprietário. *Você perdeu o foco. Ela roubou-o de você, e você permitiu*.

Rohan pensou brevemente naquele beijo à beira do penhasco, nada leve, sem provocações, livre de inibições — e piedade. Soubera, ao beijar Savannah Grayson, que ela o trairia. E agora, graças a Grayson e seu novo

conhecimento, a proposta de Brady para Savannah passara de tentadora a irrecusável.

Rohan repassou o cenário em sua mente, em todas as gloriosas variações possíveis. Grayson e Lyra se afastariam para ponderar as palavras da placa. Savannah desceria para ler pessoalmente. E se Rohan a deixasse sozinha… Bem, era bem provável que Brady Daniels estivesse por ali em algum lugar.

Observando.

Esperando.

Savannah aceitaria a proposta dele agora, se já não tivesse aceitado. Bastava que Rohan fosse buscar seu dardo e deixasse que acontecesse.

Capítulo 61



ROHAN

A casa parecia estar totalmente vazia na parte norte. Rohan quebrou a própria regra e entrou pela porta da frente, sem nem tentar disfarçar o som dos próprios passos. A escada em espiral já estava esperando por ele, e ele subiu até o corredor do quarto andar.

Meu quarto. A porta. Estava aberta. Rohan escorregou para o silêncio com a mesma facilidade que outra pessoa vestiria uma camisa diferente. Aquele silêncio, que para muitos era estranho, mas para ele nem um pouco, continuou enquanto ele avançava pelo corredor e empurrava a porta só um pouco mais…

Brady Daniels, pelo que parece, não estava na floresta. Não estava observando. Não estava esperando. Não, Brady Daniels estava ali, em pé diante do paletó abandonado de Rohan… e segurando um dardo dourado.

— Presumo que seja o meu? — Rohan anunciou sua presença. Ele observou como Brady segurava o dardo, o jeito como os dedos marrons do erudito apertavam com força o cabo dourado.

Rohan estava acostumado a escapar de apertos.

— Pode tentar pegar se quiser — disse Brady, mantendo aquele tom aparentemente tranquilo, mas ele não estava usando a jaqueta da *armadura*, e não havia no mundo um par de óculos com armação grossa o suficiente para esconder o fato de que, com os braços musculosos à mostra e o abdômen visível pela regata escura, Brady Daniels não parecia nem um pouco erudito.

Ele não parecia nem um pouco *inofensivo*.

Os músculos de Rohan eram longos e enxutos; os de Brady, sólidos e definidos, a ponto de dar pra ver claramente, ao longo dos braços, onde um terminava e o outro começava. Enquanto a pele de Rohan não tinha uma cicatriz sequer, Brady tinha várias, além de uma tatuagem por dentro do braço esquerdo: uma espiral preta com inscrições. Os ombros eram tão largos quanto os de Rohan. *Mas eu tenho mais envergadura*.

Não que aquilo fosse uma disputa.

— Os organizadores do jogo não iam gostar de violência — comentou Rohan, se aproximando mais um pouco, sem pressa. — A gente podia até ser expulso.

— A gente — repetiu Brady. — Ou só *você*, se eu me recusasse a revidar. Tenho fama de pacifista.

O erudito estava parado ali, esperando Rohan atacar.

Você ia gostar, né? Se eu fizesse o trabalho sujo da Savannah por ela?

— Só por curiosidade — disse Rohan —, como exatamente eu fui parar na sua mira… ou na do seu patrocinador? — Não havia acusação nenhuma na pergunta de Rohan. Ele e Brady Daniels eram só dois cavalheiros, bem-educados, batendo um papo.

— Meio egocêntrico da sua parte — comentou Brady — presumir que estou mirando só em você. — A mão dele não afrouxou nem por um segundo no dardo dourado. Rohan se perguntou, por um instante, onde estaria a jaqueta de Brady.

E então o olhar dele desceu para as linhas e o caimento exato da parte de baixo da armadura do alvo.

— Ser egocêntrico não é crime — declarou Rohan. — Na verdade, é quase um distintivo de honra. E convenhamos: com alguém que se coloca sempre em primeiro lugar, você sempre sabe exatamente onde está pisando. O problema são os que entregam o coração pra um ou outro. O amor gera desespero, e o desespero é uma companhia bem perigosa, não acha, sr. Daniels?

Rohan quase conseguia ver Brady processando o que havia por trás daquelas palavras — e de toda aquela conversa. *Sim, eu sei que você fez uma proposta à Savannah. E sim, eu sei das mensagens do seu patrocinador.*

— Meus pensamentos são só meus — respondeu Brady, sem morder a isca. — Assim como o seu dardo.

E, com isso, Brady tentou passar por Rohan, que se moveu sutilmente de lado, só o bastante pra garantir que os ombros se chocassem — um contato firme, executado com tanta naturalidade que, pra qualquer um olhando de fora, Brady pareceria o agressor.

Rohan fingiu que ia se *defender*, mas não fez nada. Estava ocupado demais pegando algo que Brady mantinha escondido na cintura, o objeto que Rohan tinha reparado nos contornos e no caimento da armadura restante.

Outra fotografia.

Rohan esperou Brady sair antes de ir até o banheiro e subir no balcão da pia. Ficou de pé, erguendo a fotografia até a luz do teto. Essa demorou mais pra reagir ao calor do que as outras, com o fogo, mas no fim, as palavras, a mensagem, se revelaram.

Um de três. Está na hora.

Capítulo 62



GIGI

— Vamos jogar um jogo? — perguntou Gigi. — O nome é Verdade ou Mentira.

Eve encarou Gigi por um instante.

— Tô dentro.

— Não — resmungou Slate —, não está não.

— Você só está rabugento assim porque ainda está preso na cadeira — respondeu Gigi. — Você ouviu a mulher sinistra de capa vermelha: é pro seu próprio bem. — Ela deixou de lado qualquer resquício de nervosismo por ser a *isca* da vez e forçou um sorriso. — Ora, ora, ora…

— … como o jogo virou — completou Slate. — Já acabou, raio de sol? Porque eu sou sua melhor defesa contra o que quer que entre por aquela porta a qualquer momento. De vocês duas.

— Então *agora* você quer me proteger? — perguntou Eve. — Ah, perdão, nos proteger.

Gigi teve a clara impressão de que Eve não gostava muito de dividir.

— Verdade ou Mentira — disse Gigi. — Vocês dois têm aquele tipo de relação chefe-funcionário em que, de vez em quando, se pegam.

Silêncio. Um silêncio completo e absoluto. E então veio o som da parede se abrindo.

Gigi se virou com tudo e viu uma figura de vermelho. *A mulher*. Ela tinha voltado. Com a capa esvoaçando, ela atravessou a sala, as botas vermelhas não fazendo o menor ruído.

— Juliet Grayson. Evelyn Blake. Mattias Slater.

A voz dela. Aquela voz. Soava…

A mulher parou diante de Slate e ergueu uma mão enluvada de vermelho até o rosto dele. Slate não recuou, nem piscou, enquanto ela deslizava os dedos enluvados pela pele dele.

Sem aviso nenhum, Slate desabou.

— Slate! — Eve se lançou na direção dele, se colocando à frente, segurando a cabeça dele e procurando pelos batimentos no pescoço.

Gigi continuou parada, congelada. Observando cada detalhe. *Passos silenciosos… mas antes, eles faziam barulho. E a voz dela…*

— Quem é você? — perguntou Gigi. *Não era a mesma voz de antes. Nem a mesma mulher.*

— Eu não sou ninguém — respondeu a mulher — por escolha.

Gigi finalmente conseguiu fazer as pernas se mexerem. Correu até ficar ao lado de Eve.

— Não foi ela que trouxe a gente pra cá — sussurrou Gigi.

— Não — disse Eve, sem nem se preocupar em baixar a voz. — Não foi.

Foi ela quem mordeu a isca. Gigi lançou um olhar rápido para Slate.

— Ele está…

— Ileso. — Quem respondeu foi a mulher de vermelho, mas, dessa vez, Gigi não conseguiu mais vê-la do mesmo jeito. *A Mulher de Vermelho*. Não só uma descrição. Um título. Um nome. *Ninguém por escolha*.

— Quem é você? — repetiu Eve, transformando a pergunta de Gigi numa acusação.

— Tão exigente. Tão certa de si. — A voz da Mulher de Vermelho tinha uma neutralidade assustadora, e Gigi se lembrou de como ela havia deixado Slate inconsciente com um único toque.

— E você é quem mesmo? — Gigi não via problema nenhum em se repetir.

— Sou aquela que tem o direito de usar esta capa — disse a Mulher de Vermelho. — Diferente da impostora que te capturou, eu não estou fingindo. Não sou uma farsante. *Eu* sou o Lírio. *Eu* sou alguém que observa. — Ela ergueu a mão até o véu vermelho no rosto e, com um único gesto, puxou o tecido que cobria os olhos… e só os olhos. — E tenho perguntas para vocês duas.

Capítulo 63



LYRA

Lyra e Grayson corriam pela ilha, lado a lado. Faltava alguma coisa. Isso não podia estar mais claro. *O livro-razão, para começo de conversa*, pensou Lyra. Enquanto ela e Grayson corriam, os corpos entraram num ritmo constante, cadenciado, e mesmo quando os pés não tocavam o chão exatamente ao mesmo tempo, Lyra sentia o corpo de Grayson como uma extensão do seu… e os pensamentos dele, uma extensão disso.

A conversa dele com Savannah não tinha sido boa. *Precisamos vencer o jogo… tanto por ele tanto quanto por mim*. Quando chegaram à costa leste e começaram a contornar o caminho de volta, Lyra deixou que as palavras do último enigma voltassem à sua mente.

Sempre
Ontem
Depois
E você
Nunca
Os dois
Inicie
Tente
E logo

— Esse número dois — ela pensou em voz alta. *Dois, dois, dois…*

— Mais um enigma com número. E algumas repetições de sons, talvez? — O olhar de Grayson permaneceu fixo no caminho por onde corriam.

Lyra percorreu mentalmente o restante do enigma, tentando encontrar algum significado nas repetições.

Lyra acelerou o passo, e Grayson fez o mesmo. O vento estava feroz naquele dia, daquele tipo que vinha de todos os lados, um pouco caótico, impossível de ignorar. O rosto dela começava a arder e o corpo doía, um lembrete de que tinham passado a noite inteira acordados, um lembrete de que, mais cedo ou mais tarde, ela chegaria à exaustão.

Ao lado dela, Grayson parecia alguém que nem sabia o significado de exaustão. Ele corria num ritmo constante, cada passada do mesmo tamanho da anterior.

— O que importa é que ainda não resolvemos o outro enigma.

— Nada de livro-razão — disse Lyra, dando voz ao que já tinha pensado antes. — A gente deixou passar alguma coisa. — Ela deixou a dor nos músculos afiar sua concentração.

Quando deram a volta e a linha das árvores apareceu de novo, Grayson contornou a borda, seguindo para o sul. Lyra o acompanhou e voltou ao começo da pista.

Sempre

Ontem

Depois

— Tempo — disse ela em voz alta. — Esse é o padrão das três primeiras linhas.

— *Sempre. Ontem. Depois.* — Grayson entendeu na hora. — *Tempo* pode indicar um relógio. Uma ampulheta.

— Nossos relógios? — sugeriu Lyra, mas logo se adiantou à resposta dele. — Forçado demais. — Mais à frente, a luz bateu em duas pedras gigantes na beira da floresta, de um jeito *preciso*. — Você viu aquilo? — perguntou Lyra a Grayson.

Passaram pela primeira rocha e diminuíram o ritmo até parar, observando o espaço entre as duas pedras — e o que havia além.

— Uma escadaria de pedra — disse Lyra, e logo balançou a cabeça. — Como é que eu não vi isso? Corri a ilha inteira várias vezes. Eu devia ter visto.

— Há uma diferença entre ver e perceber — comentou Grayson. — Nossas mentes tendem a preencher lacunas. Às vezes a gente vê coisas que não estão ali, e às vezes, você olha direto pra algo e ainda assim não enxerga.

Enquanto Lyra olhava para a escadaria de pedra, foi tomada por uma sensação ruim — não era a mesma de estar sendo observada, mas a preencheu com a mesma certeza visceral, como se o corpo estivesse percebendo algo que a mente ainda não via. Impulsionada pela vontade de descobrir o que era, ela desceu o primeiro degrau da escada de pedra. Depois o segundo. No terceiro, fechou os olhos. Grayson veio logo atrás.

O corpo dele. O dela. Degrau por degrau.

De olhos fechados, Lyra sentia a conexão entre os dois ainda mais forte, mas isso não serviu pra afastar aquela sensação insistente de que havia *alguma coisa…*

— *Pare.* — A voz de Grayson cortou o ar como uma foice.

Os olhos de Lyra se abriram num estalo, e ela congelou a tempo de ver a cobra.

Capítulo 64



GRAYSON

— Não se mexa. — Grayson pousou uma mão na nuca de Lyra. A cobra estava ao alcance de um bote. A cabeça era triangular… e estava erguida. Se Grayson achasse que podia resolver a ameaça sem colocar Lyra em risco, ele teria feito isso. Mas qualquer movimento em direção à serpente, por mais preciso ou suave que fosse, podia provocar o ataque.

Até mesmo a velocidade de um Hawthorne era limitada.

Então Grayson ficou ali *com* Lyra, concentrado em fazê-la permanecer imóvel. E, a cada respiração que davam juntos, Grayson via os rostos daqueles que já tinha falhado em proteger:

A primeira garota de quem gostou, de bruços na areia. *Morta.*

Avery, sangrando e inconsciente no asfalto. *O mundo em chamas*. Nos instantes depois da explosão provocada pela bomba do pai, Grayson sequer conseguiu correr até ela.

Durante muito tempo, não conseguiu correr para ninguém, para lugar nenhum.

Emily, morta. Avery, sangrando. Mas Lyra estava ali e a cobra estava deslizando degraus abaixo, afastando-se.

Lyra estava *bem*.

Com esforço, Grayson tirou a mão da nuca dela.

— Você parou quando eu mandei.

— Não pareceu uma *sugestão*. — Lyra fez uma pausa. — E confio em você. — Ela ainda estava absolutamente imóvel, *imóvel demais*, e tudo em que Grayson conseguia pensar era: *Você não deveria*.

Ele sabia, desde a conversa na árvore, ele *sabia* o quanto ela detestava ser deixada no escuro, o quanto odiava esse tipo de proteção. E mesmo assim, ali estava ele, fazendo exatamente o que os pais dela tinham feito, mentindo sem mentir, decidindo por ela quais riscos valiam ou não a pena.

De certa forma, Grayson sabia que não tinha esse direito, mas também sabia que não sobreviveria se algo acontecesse com ela, não depois de tudo o que já tinha perdido, não quando ela podia ser a Libby dele, não quando a realidade de Lyra Kane era mais do que ele jamais teria ousado sonhar, nos dias em que só conhecia a garota que falava com ele ao telefone.

Grayson desceu para o degrau de Lyra, e depois mais um, tomando a dianteira, e Lyra deixou. Nenhum desastre aconteceu, mas Grayson percorreu o resto da escadaria de pedra com o corpo sempre à frente do dela, protegendo-a o máximo que podia.

Emily, morta na praia. Avery, sangrando no asfalto.

— Grayson? — A voz de Lyra sempre tivera algo só dela: carregada de camadas, densa como mel, e sempre flertando com um lado mais rouco… *crua, real e forte.*

Grayson engoliu em seco e se obrigou a falar.

— Sobre a pista…

— Você não estava pensando em pista nenhuma. — O tom de Lyra deixava claro que ela não *permitiria* que ele se esquivasse.

Grayson pisou na praia rochosa e encarou o mar. Se virasse à esquerda, ele e Lyra acabariam dando a volta até a casa dos barcos. Mas ele virou à direita, por uma faixa estreita de areia que contornava a ilha. Seguindo por ali, acabariam sob as ruínas da antiga casa.

Quando a maré subisse, havia uma boa chance de que aquele caminho fosse desaparecer.

— Meus pensamentos estão sombrios, Lyra. — Ele seguia pela trilha estreita, mas larga o bastante para que ela pudesse caminhar ao lado dele. — Minha mente tem um talento especial para imaginar, nos mínimos detalhes, todas as formas como eu poderia falhar em proteger quem é importante pra mim.

O degrau de pedra. A cobra. Se ele tivesse demorado um *segundo* a mais…

— Porque você já falhou antes — disse Lyra em voz baixa, perceptiva demais pro próprio bem… ou pro dele.

Grayson lançou um olhar na direção dela.

— Você sempre vai direto ao ponto, né?

A mão dela insistiu até se encaixar na dele, teimosa, enquanto continuavam andando.

— Com quem você falhou? Não está pensando só na Savannah.

Não. *Não estou*. Grayson detestava a ideia de admitir aquilo em voz alta. Ele tinha superado. *Trabalhado duro* para superar, para aceitar que não tinha tido controle nenhum sobre Emily… tão selvagem, leve, desesperada por sentir alguma coisa, que nunca o amou de verdade, mas que tinha sido a primeira em tantas coisas.

— Teve uma garota — disse Grayson, sem saber ao certo por que estava contando aquilo pra Lyra, por que *precisava* contar. — Conheci ela a vida inteira. A gente não combinava muito, em termos de personalidade, mas sempre pareceu que a Emily estava no meu sangue. — Ele soltou o ar devagar. — Ela tinha um talento especial pra mexer com a gente. — Com ele *e* com Jamie. A voz de Grayson ficou mais dura quando continuou. — Ela morreu. Pulando de um penhasco. Fui eu quem a levou até lá.

— Emily — disse Lyra. Grayson quase podia vê-la tentando alcançar a memória que aquele nome evocava.

— Você leu o artigo.

Grayson não especificou qual artigo. Alisa tinha feito um bom trabalho abafando a história, mas por mais eficiente que fosse em conter danos, só podia ir até certo ponto.

— Não consigo visualizá-la — comentou Lyra, com a expressão concentrada. — Mas…

— Ela se parecia muito com a Eve. — Grayson costumava ser mais discreto que isso. Há alguma ligação ali.

— Você quer falar disso? — perguntou Lyra.

— Sou filosoficamente e moralmente contra falar ou pensar na Eve — disse Grayson, cerrando o maxilar.

Lyra ficou em silêncio por um longo momento.

— Você vai ficar bem?

Em toda a sua vida, quase ninguém havia feito essa pergunta a Grayson, se é que alguém já tinha feito. Ele cultivara uma imagem de invulnerabilidade. *Estar bem* não era algo a que os Hawthorne aspiravam… especialmente ele.

Engoliu em seco.

— Estou bem.

— Onde foi que já ouvi isso antes? — perguntou Lyra.

Ele mesmo tinha dito a ela que não precisava *estar* bem. Tinha dito que o preço de fingir estar bem quando não estava era alto demais.

— Talvez alguns de nós — disse Lyra — precisem quebrar para poder se recompor.

Alguns de nós. Grayson permitiu-se olhar para ela — não apenas de relance, dessa vez. Absorveu os traços de seu rosto, a firmeza de seus olhos cor de âmbar, dourados sob o sol.

— Você entende — disse ele, baixinho — por que eu estou sempre te puxando para longe dos penhascos.

Grayson sabia, embora ela não soubesse, que ele não estava falando só de penhascos. *Alice. O lírio. Ômega e três*. A cobra na escadaria não era a única no caminho. E ele *não podia* contar para ela.

Fisicamente… *não podia*.

— Eu entendo — disse Lyra.

Você não entenderia, se soubesse. Grayson desviou o olhar do dela quando dobraram uma curva, e o universo lhe presenteou com a distração perfeita… para ele e para ela. Na base da falésia onde fora construída a primeira mansão da Ilha Hawthorne, havia uma abertura. Um emaranhado de cipós pendia das rochas ao redor, quase escondendo a entrada, mas o olhar de Grayson se fixou nela com precisão cirúrgica.

Uma caverna. Ele afastou devagar a mão da de Lyra, até que estivessem se tocando apenas nas pontas dos dedos. Os dedos dela se curvaram instintivamente, segurando os dele quando Grayson a conduziu em direção à abertura. Ele empurrou os cipós para o lado. A caverna além era pequena, não mais de trinta centímetros mais alta que ele, e com uns dois a três metros de profundidade. Cordões de luzes delicadas pendiam logo depois dos cipós. E mais adiante…

Lyra passou à frente; nunca se deixava conter por muito tempo. Abaixou-se sob as luzes, a testa franzida ao ver o único objeto dentro da caverna.

— Uma cama?

— Uma cama que, pelo estado impecável e pelo fluxo da maré, foi quase com certeza colocada aqui enquanto estávamos no iate. — Grayson

a examinou: uma peça antiga, de ferro forjado. O colchão estava arrumado, cobertor, travesseiros, tudo no lugar.

Uma cama… ou uma pista? No instante em que viu aquilo, Grayson começou a rir, a contragosto, apesar de tudo.

— *Sempre* — ele disse em voz alta. — *Ontem. Depois. E você. Nunca. Os dois.* — O poema, ele apostaria que foi ideia de Avery. Mas a cama? Isso era típico de Jameson. — *Inicie. Tente. E logo.*

— Você sabe de alguma coisa — acusou Lyra. — Acabou de resolver o mistério.

— Talvez.

— Então desembucha, babaca — disse Lyra, com um leve sorriso, passando a mão de leve pelo ferro trabalhado da cama. — E nada de charadinhas desta vez.

— Ah, mas veja bem, isso *não* é uma charada, meu bem — disse Grayson, dando a volta até o outro lado da cama, claramente se divertindo mais do que devia. Os olhos cor de âmbar de Lyra encontraram os dele, e Grayson continuou. — É um código. Um código bem simples.

Capítulo 65



ROHAN

Rohan voltou para a árvore e encontrou Savannah à sua base. Ela não disse nada a respeito de sua conversa com Grayson e, em troca, Rohan não comentou uma palavra sobre a mais recente mensagem invisível que revelara no verso de mais uma fotografia idêntica de Calla Thorp.

Um de três. Está na hora. As palavras ecoavam na mente de Rohan, seu significado tentadoramente obscuro. A última frase, pelo menos, era um sentimento que Rohan compartilhava.

Já estava mais do que na hora. *Hora de ir atrás do meu sangue, Savannah Grayson. Literalmente, metaforicamente… escolha do freguês.*

— Seu irmão sabe que você está aprontando alguma coisa. — Rohan duvidava que ela ainda precisasse desse empurrão final, dadas as circunstâncias, mas deu mesmo assim. — E o que ele sabe, os criadores do jogo com certeza vão saber também. Um tanto inconveniente pra você que tenham equipado nossos relógios com comunicação.

Savannah não respondeu ao que ele acabara de dizer, nem sequer o corrigiu com um *meio-irmão*. Em vez disso, seguiu como se Rohan não tivesse dito nada.

— O que você acha que as palavras da placa querem dizer?

Sob a armadura branca, cada linha do corpo dela estava visível aos olhos atentos de Rohan. Nenhum sinal, dessa vez.

Nada além de foco.

Nada além *dela*.

Rohan recusou o desafio que ela acabara de lançar.

— Então seu plano continua o mesmo? Jogar pra ganhar e torcer pra que certas precauções ainda não tenham sido tomadas, caso você consiga?

— Meu plano — disse Savannah, encontrando o olhar dele com aqueles olhos frios — não é nem nunca foi da sua conta. A placa, britânico.

— Tem um buraco na lateral. — Rohan lhe deu aquela informação de propósito. — Mais ou menos do tamanho da ponta de um dardo dourado. O meu parece ter sumido.

Tudo o que ela precisava fazer pra ganhar vantagem era fingir que também não tinha o dela. Distrai-lo. Mandá-lo numa busca sem sentido. E Rohan, em troca, fingiria que o tecido branco que moldava o corpo dela não entregava exatamente em que bolso estava o dardo.

— Que descuido o seu — retrucou Savannah. — Por sorte, eu nunca sou descuidada. — E retirou o dardo.

No quesito fingimento, ela era impecável.

Ela se agachou, passando a mão no contorno da placa até encontrar o buraco de que ele falava. Rohan deixou que seus dedos se juntassem aos dela, pele contra pele, bem antes de ela atingir o ponto exato. E lá estava… *um buraco minúsculo, uma pausa na respiração dela.*

Savannah afastou a mão de Rohan o suficiente para enfiar a ponta do dardo dourado no buraco — um encaixe perfeito.

Mas nada aconteceu.

— Posso? — perguntou Rohan, já esperando a resposta dela: *Não pode*.

Savannah Grayson, no entanto, teve a audácia absoluta de entregar o dardo a ele, colocando-o em sua mão com um pouco mais de força do que o necessário, mas entregando mesmo assim. Não importava quantas brechas Rohan lhe desse, ela parecia decidida a fazer tudo do próprio jeito — traí-lo no *próprio* tempo, à *própria* maneira.

Rohan se levantou, forçando-se a continuar olhando para *ela*, que estava vestida de branco, enquanto tentava bolar uma distração que lhe permitisse ficar com o dardo.

— E agora? — disse Savannah, e ele reconheceu na voz dela aquela intensidade de sempre, nada *fraca*, nem de longe.

E agora, Rohan?, perguntou o Proprietário em sua mente.

Rohan escondeu o dardo na manga ao se virar.

— Vem comigo.

Capítulo 66



ROHAN

— Por que estamos aqui? — perguntou Savannah, a voz pairando no ar úmido como um presságio do que estava por vir.

Aqui eram as ruínas da outrora grandiosa mansão Hawthorne, agora praticamente reduzida a cinzas. Rohan sempre teve um fraco por tudo que era destruído e dilacerado, mas não foi por isso que levou Savannah até ali.

— Este lugar é um marco óbvio — comentou Rohan. — Uma peça-chave do tabuleiro, ainda não usada. — *Assim como você ainda não me usou de verdade nem me descartou.*

— Por que estamos aqui, britânico? — Savannah Grayson não era do tipo que gostava de repetir perguntas. — O livro está na floresta, em algum lugar perto da árvore. Tem que estar.

— O que você diria se eu te contasse que estamos dando tempo para Brady Daniels fazer a próxima jogada dele? — Agora que Brady estava com o dardo de Rohan, era só questão de tempo até ele aparecer na árvore. Já tinha percebido que os dardos eram necessários. — Vamos ver o que *ele* descobre.

— Já te dei a impressão de que dependo das descobertas dos outros? — A arrogância caía bem em Savannah Grayson. O mundo ao redor era preto e cinza, exceto onde o verde crescia em excesso, selvagem, em contraste com o controle frio da sua oponente.

Arrume uma desculpa pra me deixar. Vá até Brady. Aceite o acordo dele. Rohan sempre teve paciência infinita em jogos de espera, cada jogada determinada apenas por estratégia. Mas dessa vez, estava cansado de esperar.

Se não for agora, Savvy, então quando?

— Se Brady ainda não se mostrou útil… — Rohan se virou devagar, fazendo questão de observar as ruínas. — Então talvez devêssemos tirá-lo do jogo. Estou agora com uma terceira fotografia.

Savannah absorveu aquilo em silêncio. *Você não quer que ele seja desclassificado, quer, gata? Depois que ele sair do jogo, talvez aquela proposta não valha mais.*

— O que dizia a terceira mensagem? — perguntou Savannah.

Rohan lhe deu uma versão resumida:

— *Está na hora*. — E olhou para Savannah. — Tendo a concordar. Três fotografias e ao menos duas delas devem ter sido recebidas durante o jogo. — Rohan deu de ombros. — Já eliminei concorrentes com menos do que isso. E Jameson Hawthorne está mais do que inclinado a acreditar em mim.

— Você está trabalhando para o Jameson. Para *eles*.

E lá estava. A raiva dela. A fraqueza. Os Hawthorne e Avery Grambs.

— Assim como você, Savvy, eu só trabalho pra mim mesmo.

— Você quer tanto acreditar nisso, não é? — provocou Savannah, e as curvas do corpo dela disseram muito mais.

Diziam que ela estava pronta pra briga. Com fome de uma. E Rohan realmente odiava decepcionar.

— Talvez — disse ele, a voz baixa, envolvente, como se o som a cercasse — os criadores do jogo desclassifiquem vocês dois. Brady, por se comunicar com o patrocinador. E você, porque descobriram o seu.

Vai. Lute. Me veja como a ameaça que eu sou.

— Não há nada que me ligue a qualquer *patrocinador* além de suposição. — Savannah podia muito bem ter declarado que não era do tipo que piscava primeiro.

— Tem tanta certeza assim — disse Rohan, com suavidade perigosa — de que Avery Grambs e os irmãos Hawthorne vão se importar com a existência ou não de suposições? Ou será que só vão se importar em eliminar uma ameaça?

Aceite o acordo do erudito, ele pensou. *Me traia. Me machuque. Faça o seu pior, Savannah Grayson.* A dor só machuca de verdade quando é um imprevisto. A dor só machuca quando você se *importa*.

— É assim que vai ser? — Savannah diminuiu o espaço entre os dois num piscar de olhos, reduzindo-o a nada. Diante dele, corpo a corpo, face a face, ela estava longe de ser distante, fria.

— É esse o seu plano? Quando nossa aliança chegar ao fim, quando a concorrência tiver sido eliminada… vamos nos enfrentar como combinamos, ou você espera me derrubar da forma mais covarde?

Rohan se inclinou, o bastante para falar direto no ouvido dela, os lábios quase roçando a pele.

— Não vou dar spoilers.

Savannah o encarou por um segundo ou dois e então deu um passo pra trás.

— Por que estamos aqui, Rohan? — Havia outro peso na voz dela agora, algo mais grave, mais cortante… e ela usou o nome dele. — O que estamos fazendo?

Estava claro: Savannah não estava mais falando das ruínas. Aquilo entre eles tinha peso, tinha um centro gravitacional que os mantinha juntos como se houvesse um cabo grosso, do tamanho de um punho, unindo o centro dele ao dela. E Rohan estava ali, brandindo uma faca. Vinha cortando fibra por fibra com cada provocação, e, *droga*…

Por que ainda não tinha arrebentado? Por que ela ainda não tinha? *Faça sua jogada, gata. Faça agora.*

— Você sabe que lugar é esse? — perguntou Savannah, com aquela voz de socialite, a máscara correspondente descendo sobre o rosto enquanto passava os dedos com unhas bem-feitas por uma lareira de pedra que ainda resistia de pé. — Pra mim? — Savannah Grayson não era do tipo que dava muito tempo pra resposta. — Meu primo Colin morreu nesse incêndio. Morreu *aqui*, antes mesmo de eu nascer.

— Colin Anders Wright. — Rohan sabia os nomes das vítimas do incêndio, mas sua pesquisa sobre a família Hawthorne só ia até certo ponto.

— Meu pai o criou como filho — contou Savannah, a voz alta e clara marcada por uma firmeza de ferro. — Amou como um filho… mais do que jamais poderia amar uma filha. — A mais breve das pausas. E então: — Gigi se parece com Colin. Nosso pai a adorou por isso desde o dia em que nasceu. Eu era diferente. Não tinha nada do filho que ele perdeu. Nunca fui uma criança fácil de amar. Mas *eu* joguei o jogo.

O jogo tipo basquete… ou no sentido de ser exatamente o que seu pai queria, esperava e exigia que você fosse? Rohan sentiu-se sendo tragado pelo labirinto, pela sala da mente que era toda, completamente, só *dela*.

Cuidado, garoto, disse a voz do Proprietário, o aviso percorrendo o corpo de Rohan como corrente elétrica num fio.

— Acabou? — perguntou Rohan.

— Às vezes eu penso — disse Savannah Grayson calmamente — em como teria sido se Colin não tivesse morrido. Se Toby Hawthorne não tivesse achado que era uma boa ideia brincar com fogo.

— Toby. — Rohan sentiu as últimas peças do quebra-cabeça se encaixando. — Seu pai culpava Toby Hawthorne pela morte do Colin?

Alguma coisa na forma como ela estava ali parada, com as mãos soltas ao lado do corpo, fazia Rohan imaginá-las segurando lâminas.

— Grayson — disse ela, a voz baixa — quer que eu acredite que meu pai achava que Avery era filha do Toby, que meu pai foi atrás *dela*… em busca de vingança.

— Mas você não acredita nisso? — insistiu Rohan, invadindo outra vez o espaço dela.

Dessa vez, Savannah não recuou.

— Eu não acho que isso importe. O que quer que tenha acontecido com meu pai, da forma que tiver acontecido, Avery Grambs e os dela… encobriram.

Havia perigo em entender alguém bem demais. Mas o perigo maior era que Savannah Grayson estava deixando que ele a entendesse.

Deixando que ele entrasse.

Deixando que ele a visse sangrar.

Você nunca foi suficiente, foi, gata? Pra ninguém. Nem pro seu pai. Nem mesmo pra Gigi, no fim.

Com qualquer outra pessoa, Rohan teria usado aquela intimidade a seu favor. Teria segurado o rosto dela entre as mãos, passado o polegar com delicadeza por aquelas maçãs do rosto bem marcadas como se limpasse uma lágrima imaginária. Se fosse qualquer outra, ele teria feito com que ela acreditasse que estavam juntos naquilo, pra que, quando *traísse sua confiança*, ela não pudesse prever.

Mas tocar Savannah Grayson, *fingir* que sentia algo por ela… Rohan não podia se arriscar. Não podia arriscar *isso*, fosse o que fosse, nem mais

um segundo.

Pegue a faca e corte o cabo.

— Vencer não vai te dar o que você quer agora.

A voz de Savannah baixou de novo.

— E você tem tanta certeza assim de que sabe o que eu quero?

Ela não estava deixando pra lá. Droga, *por que* ela não estava deixando pra lá?

— Eu te conheço — afirmou Rohan. — E isso basta. — Ela perseguia seus próprios objetivos com a mesma impiedade que ele. *Igualzinha a ele.* — Somos parecidos demais, eu e você. Melhor não confiar em nenhum de nós, na verdade. — O sotaque britânico dele mudou de tom, menos aristocrático, com um sarcasmo sombrio. — Nunca se sabe quando a chavinha vai virar.

Savannah o encarava como Helena de Troia, olhando de cima um campo de batalha que sua beleza semeara.

— Então acabou, é isso? — disse ela, a voz perigosamente neutra. — Isso? Nós?

Nós.

— Eu não disse isso. — Rohan disse a si mesmo que ainda estava jogando com ela, que estava tentando se não apegar… não ia permitir isso, já ela *ia* traí-lo.

— Você não está dizendo nada. — A neutralidade de Savannah começou a escorrer, como água pingando de uma estalactite pontuda ao sol. — Uma imagem vale mais que mil palavras, Rohan, e você não passa de conversa fiada e de duplo sentido, apelidinhos vazios e nunca me dizer nada de verdade.

— Isso não é verdade. — Rohan sentiu, tanto quanto ouviu, o tom perigosamente baixo de sua voz. — Eu te avisei desde o começo, gata: *eu quero mais.*

Ele contou a Savannah Grayson sobre o Mercê do Diabo. Contou sobre as águas escuras e afogamento. Sobre a criança que um dia fora.

Mas não mais.

— Então é isso mesmo, não é? — Savannah estava calma demais.

— Fim da linha — concordou Rohan. — Faça o seu pior, gata.

— Pode acreditar — disse Savannah. — Eu vou. — A sua expressão era dura como vidro. Ela se virou e foi embora.

E, num estalo, Rohan virou a chavinha.

Capítulo 67



GIGI

Gigi encarou a Mulher de Vermelho... seus olhos. *Um olho azul. Um olho castanho.* Gigi conhecia aquele olhar. Ela já tinha visto esses olhos antes, em uma foto que pertencia à Brady Daniels.

Enquanto a mulher de capa interrogava as duas sobre o Grande Jogo, sobre os jogadores, sobre os criadores do jogo, tudo o que Gigi conseguia pensar era na cicatriz triangular na base da nuca de Knox Landry, a que a garota que ele amava tinha deixado quando *foi embora*.

Ele a chamava de *um adeus de Calla Thorp*.

— Você deve saber mais alguma coisa sobre ela.

Gigi piscou. Tinha desassociado do presente por um instante.

— Quem?

Eve olhou incrédula para ela.

— Lyra Kane. — Aparentemente, Eve não achava que aquele era um bom momento para se desligar do mundo, mas a cabeça de Gigi era um turbilhão de memórias, hipóteses e revelações.

Calla Thorp. Não desaparecida. Aqui. Viva.

— Ou podemos voltar a falar do seu irmão — Calla… a Mulher de Vermelho, o Lírio, a Observadora, sugeriu para Gigi. — Ou do irmão *dele*.

Gigi engoliu em seco.

— Grayson tem três irmãos.

— Três — repetiu Calla. — É um número de certa importância. Me diga por quê, e eu deixo vocês irem… todos vocês.

Gigi olhou para Slate. *Ainda desacordado*. Se estivesse desperto, provavelmente teria dito pra ela simplesmente responder à pergunta, mas o

número três não significava nada para Gigi… e aqueles olhos, sim.

— Você é… *ela* — afirmou Gigi. Algumas pessoas se impõem como figuras maiores que a vida, mesmo que você nunca tenha conhecido, mesmo que só tenha ouvido o nome. — Calla. — O coração de Gigi se torceu no peito. — O Brady acha que está jogando pela sua vida. Ele acha que você foi *levada*.

— Eu não sou Calla. — A voz que respondeu era fria, estranhamente dissociada. — Calla não existe mais, e eu não sou ninguém, por escolha.

— Você fugiu — disse Gigi, a mente girando. — Foi o que o Knox disse. Você fugiu e avisou para que ele não te seguisse. — Gigi levou a mão direita até a base do pescoço, logo acima da clavícula. — Ele tem uma cicatriz aqui. E o Brady… o Brady *ama* você.

Pra Brady, nunca houve ninguém além de *Calla*.

— Brady Daniels ama uma lembrança. Ama um sonho. — Não-Calla estendeu uma das mãos enluvadas até o queixo de Gigi. — Posso te assegurar, Juliet Grayson, que eu sou bem real. E não sou *ninguém*.

Ninguém, por escolha. Gigi engoliu em seco mais uma vez.

— Você é quem observa. Você é o Lírio. *Calla*. — Os olhos dela se arregalaram. — Foi você que deixou aquela flor pra mim.

A Mulher de Vermelho não negou.

— Há uma ordem nas coisas. Regras. Avisos precisam, às vezes, ser entregues quando se está observando certo tipo de pessoa.

— Que tipo? — exigiu Eve. — E o que você quer dizer com *avisos*?

— Eu não estou — Calla, que não era *ninguém,* respondeu para Eve — falando com você.

— Talvez devesse estar. — Eve se colocou de novo na frente de Gigi, protegendo-a. — Ômega. — Deixou aquela palavra, aquela única palavra, pairar no ar. — Lírios-do-nilo, *calla lily.* — Eve pausou de novo. — Alice Hawthorne. A Lyra me perguntou sobre todas essas coisas.

Calla ficou em silêncio por um instante, e Gigi teve a sensação mais estranha, mais arrepiante, de que por trás do véu, a Mulher de Vermelho estava sorrindo.

— Evelyn Blake… ou prefere Laughlin? Shane? Hawthorne? — A Mulher inclinou a cabeça de lado. — De qualquer forma, Eve, você não decepciona.

Com isso, a Mulher de Vermelho — *Não-Calla, o Lírio, a Observadora* — virou-se para ir embora, como se Eve tivesse dado a ela o que queria, o que tentava tirar de Gigi.

— Você não pode nos deixar aqui — gritou Eve.

— Eu posso fazer muitas coisas. A minha é uma lei maior.

Gigi conseguiu destravar as cordas vocais.

— *Calla*…

— Calla — respondeu a Mulher de Vermelho, naquele tom assustadoramente calmo — era uma garota de dezessete anos, ingênua e protegida, apaixonada. Ela também era a única bisneta de Helena Thorp, e isso importava muito, a tal ponto que não importava para Helena o fato de que Calla, entre todos os bisnetos, era a única que não tinha sangue Thorp. Calla não sabia, enquanto crescia, que o pai dela não era, na verdade, de fato seu, mas Orion Thorp sabia desde o dia em que ela nasceu. Os olhos de Calla deixavam sua verdadeira paternidade óbvia demais, entende. Pra um homem como Orion, um insulto assim, uma traição assim, era imperdoável… mas dar à família a primeira *filha* em três gerações fez de Orion o herdeiro dos Thorp. E *isso* importava mais do que qualquer insulto ou traição.

Gigi sentia-se zonza enquanto tentava acompanhar aquilo, qualquer parte daquilo.

— Afinal de contas — continuou a Não-Calla —, não é como se o tal pai da Calla não tivesse um filho biológico.

— Eu não entendi — disse Gigi.

— E não era pra entender.

— Por que você está nos contando isso? — perguntou Eve.

— Eu não sou Calla Thorp. Calla Thorp não existe mais. — A parede se abriu. — E graças à querida, querida Eve, o tempo de *observar* acabou.

Capítulo 68



LYRA

Não é uma charada. *É um código. Um código bem simples.* Lyra demorou para perceber, para enxergar as letras do poema como *letras soltas*, e não como parte de um todo. Assim que parou de buscar sentido nas palavras da inscrição e se obrigou a procurar a resposta mais *simples*, ela apareceu.

SEMPRE
ONTEM
DEPOIS
E VOCÊ
NUNCA
OS DOIS
INICIE
TENTE
E LOGO

A primeira letra de cada uma daquelas linhas formavam uma mensagem, uma explicação de porque ela e Grayson não haviam conseguido encontrar o livro de registros na árvore. O truque estava ali, *escancarado*.

SÓ DE NOITE

— Lugar certo — disse Lyra —, hora errada. A gente só pode seguir em frente, e pode encontrar o livro e a próxima pista, à noite. — Ela lançou um olhar de Grayson para a cama entre os dois, uma peça antiga e belíssima, posicionada numa caverna rasa e úmida que provavelmente seria tomada pela água assim que a maré subisse. — Por isso a cama.

Noite. Cama.

— Estamos todos no limite — comentou Grayson. — E, portanto, o jogo inclui uma pausa programada.

O cérebro de Lyra disparou.

— Depois de uma noite naquele iate…

— Que garantiu que todos os jogadores encontrassem a árvore durante o dia — completou Grayson.

Estávamos na caixa de música. Brady estava um enigma à frente — a bússola. Provavelmente não resolveu antes da meia-noite.

— A maré vai subir de novo — informou Grayson, apoiando a mão na cabeceira de ferro forjado. — *Essa* cama é só de enfeite.

— Mas a gente precisa dormir — comentou Lyra, olhando para a cama, atraída por ela… e por ele. Ela ergueu os olhos até alcançar os dele. — A gente precisa dormir, e precisa comer.

Afinal, eles eram humanos.

— Precisamos — disse Grayson, a voz ecoando pela caverna — voltar pra casa.

De volta à casa, encontraram comida e comeram até se saciar.

— E agora — disse Grayson —, a gente dorme.

Lyra olhou para ele.

— Você fala como se fosse uma coisa tão simples.

— Controle do corpo. Controle da mente — respondeu Grayson, retribuindo o olhar de Lyra. Ele fez uma breve pausa. — Dormir *deveria* ser algo simples.

Mas também não é pra você. Lyra entendeu, apesar das palavras de Grayson. Pensou naquele momento com a cobra, no jeito como ele ficou depois; pensou em Savannah e Eve, em Alice, em ômega, em tudo o mais.

— Deveria — repetiu Lyra —, mas não é.

— Com frequência, é nas coisas simples que eu fracasso.

Lyra voltou a pensar em Grayson Hawthorne tendo que treinar pra errar. Pensou na garota que ele perdeu, a que se culpava por ter perdido. E então pensou nela mesma: quatro anos de idade, tornada parte do suicídio do pai. A única testemunha. A única sobrevivente.

E se perguntou se o sono algum dia era simples para os que sobrevivem.

— Grayson — a voz de Lyra saiu rouca —, você gostaria de fracassar junto comigo?

Capítulo 69



LYRA

Eles acabaram no "quarto" de Grayson, o salão de baile, com chão de mosaico, paredes e teto decorados, e uma única cama king-size bem no centro. A espada deles estava aos pés da cama. Grayson a pegou, puxou o edredom de lado e então olhou para Lyra.

— Você primeiro — disse ela.

Grayson colocou a espada no chão de mosaico, depois se levantou de novo e se deitou na cama. Com a respiração presa na garganta, Lyra deitou-se ao lado dele.

Grayson se apoiou em um dos braços e olhou para ela. Levou a mão até a têmpora dela, até o cabelo.

— Posso?

Lyra não sabia ao certo o que ele estava pedindo, mas assentiu mesmo assim. E Grayson começou a passar os dedos lentamente por entre os fios grossos e embaraçados dela, espalhando o cabelo sobre o travesseiro em que repousava a cabeça.

Quando parou, Grayson ficou ali, apoiado, olhando para ela por um tempo que pareceu infinito.

— Você não vai conseguir dormir desse jeito — disse Lyra. *E eu também não.* — Deita direito.

Grayson obedeceu, as costas contra o colchão, o rosto ainda voltado para o dela.

Lyra levou uma mão até a têmpora *dele*.

— Feche os olhos — ordenou.

— Eu que deveria cuidar de você — respondeu Grayson.

— Ah, é? — retrucou Lyra. Naquele ritmo, nenhum dos dois ia conseguir dormir. — Quanto tempo falta até anoitecer? — perguntou Lyra.

Grayson nem precisou olhar o relógio.

— Pouco mais de seis horas.

Eles precisavam dormir. Lyra sabia disso. Mas o corpo dela decididamente não concordava.

— Como você costuma fazer para dormir? — perguntou ela, olhando nos olhos dele, pensando em gelo ártico e no brilho prateado das espadas. — Quando consegue, quando dá certo… como você desliga?

— O mundo? — indagou Grayson.

— Ser Grayson Hawthorne — explicou Lyra.

O peito dele subiu e desceu, e os dedos dela quase doeram de vontade de tocá-lo, o tipo de impulso que talvez não conseguisse negar, se ele não tivesse respondido à pergunta.

— Eu me imagino boiando de costas numa piscina.

Lyra se deitou de bruços. Havia talvez dois centímetros entre os ombros deles. Ela fechou os olhos.

— Boiando numa piscina. — Ela quase podia sentir. — À noite.

— Um céu sem lua acima — completou Grayson. Pelo tom da voz, ela sabia: ele também fechara os olhos.

Ele respirava.

Ela respirava.

— Nada além de preto — continuou Grayson.

— Respirações profundas, os pulmões se enchendo pra manter você flutuando. — Lyra *podia* sentir agora, o corpo dela e o dele, flutuando lado a lado. *Silêncio*.

E então, não havia nada além de preto.



O lírio-do-nilo.

O colar de doces.

— Um Hawthorne fez isso.

Ele tem uma arma. Lyra não conseguia respirar, mas também não acordou. Afundou ainda mais no sonho, mais e mais e mais, até não restar

qualquer traço de consciência de que *era* um sonho.

— O que faz uma aposta começar? Não é isso. — Ela consegue ouvir o homem, mas não o vê. Silêncio, e então… um tiro.

Ela leva as mãos aos ouvidos. Ela já é crescidinha. Não vai chorar. Não vai.

Outro tiro.

Silêncio. Ela tira as mãos dos ouvidos. A flor cai no chão. Ela torce e torce o elástico do colar de doce entre os dedos até doer, então ouve algo parecido com o ranger de uma porta.

De repente, seus pés começam a subir as escadas. Quieta, *pensa. Ela não pode fazer barulho. Tira os sapatos.*

Sobe as escadas. Um degrau. Depois outro. O pé afunda em algo pegajoso, quente e vermelho. É vermelho e está nela, e escorre escada abaixo.

As paredes também estão vermelhas. Não se deve desenhar nas paredes.

Um som agudo e abafado. Vem dela. É ela quem está fazendo aquele som, enquanto vê algo no alto da escada.

Não é algo.

O rosto dele… ele não tem rosto. Ela não consegue gritar. Não consegue se mover. Tudo está vermelho. Tudo.

E então, uma voz atrás dela, uma voz de mulher.

— Pobrezinha.

Lyra se vira. No pé da escada, olhando para ela, está uma figura vestida toda de preto.

Capa preta.

Capuz preto.

Véu preto.

Botas pretas, subindo os degraus.

Luvas pretas tocando o rosto dela, com delicadeza.

— Você é uma garotinha quieta.

Ela não consegue gritar. O corpo treme, treme e…

— Você não deveria estar aqui, pequena.

Sangue nos pés. O homem não tem rosto. E ela não deveria estar ali. Ela treme mais.

— Você não deveria estar aqui. — Um dedo enluvado enxuga suas lágrimas. — Mas quem pode dizer que você esteve?

Um farfalhar de tecido.

Algo é pressionado contra seus lábios. Ela bebe. Está bebendo alguma coisa.

E então… pés descalços no asfalto. Está do lado de fora. Está correndo. E está sozinha.

Lyra acordou congelada dentro do próprio corpo, como se os ossos, o sangue nas veias e o ar nos pulmões tivessem virado gelo. *Havia outra pessoa ali*. Lyra tentou visualizar o rosto da mulher de preto — tentou e *falhou*, porque seu cérebro simplesmente não funcionava assim.

Mas *podia* ouvir a voz: *Você não deveria estar aqui. Mas quem pode dizer que você esteve?*

Lyra talvez não conseguisse ver nada, mas podia lembrar: a capa, o capuz, as botas. *Tudo preto.* Respirar doía. Mesmo assim, Lyra conseguiu virar de lado.

Grayson estava ali, a centímetros de distância, e ele era bonito, muito mais do que qualquer homem dormindo tinha direito de ser. *Cílios longos. Maçãs do rosto marcadas. Lábios carnudos*. O cabelo caía no rosto dele… não só um ou dois fios, mas o suficiente para ela passar os dedos.

E foi o que fez, com um toque leve. Ele não se mexeu. Lyra quase odiou a ideia de acordá-lo, mas precisava.

Pobrezinha. Ela ouvia aquela voz com tanta clareza agora.

— Grayson. — A voz saiu mais baixa do que ela queria. — Grayson, acorda.

Ele dormia pesado.

— Eu preciso de você.

E, num instante, os olhos de Grayson estavam abertos e fixos nela.

— O sonho? — Ele entendeu de imediato. Sentou-se, puxando-a para perto. Lyra queria mais do que tudo apoiar a cabeça no ombro dele e sentir seu cheiro. *Cedro. Folhas secas*. Mas não fez isso.

Não podia.

— Não foi só o sonho — disse ela. As palavras arranhavam a garganta. — Foi mais longe dessa vez. — Dizer aquilo em voz alta fez seu coração martelar, como um prego sendo cravado, ou um trilho de trem. — Eu vi mais. — Ela fechou os olhos. Sabia que não adiantava. — *Eu vi*, e agora não consigo ver nada, mas me lembro da voz dela. — A garganta de Lyra ardia. — Lembro o que ela disse.

— *Quem?*

Lyra abriu os olhos, encarando os de Grayson Hawthorne.

— Eu nunca soube como me encontraram… a polícia, ou meus pais, ou quem quer que tenha me tirado daquela casa. — Ela nunca conseguiu perguntar, não sem admitir à família o que lembrava. — Eu estava sozinha com o corpo do meu pai. Com sangue nos pés… *sangue nos pés e sozinha.* — Lyra puxou o ar com força. — E então eu não estava mais.

As mãos de Grayson tocaram o rosto de Lyra. Ele segurou o maxilar, sustentando a cabeça, os dedos massageando suavemente a nuca. Movimentos pequenos, constantes. Ele estava ali. E não exigia nada dela.

Isso, mais do que qualquer outra coisa, deu força a Lyra para continuar.

— Ela usava uma capa preta, o capuz levantado. — Lyra apertou os lábios. — O rosto coberto por um véu. Disse que eu não devia estar lá. E então… foi como se estivesse encobrindo minha presença, encobrindo o fato de que eu *estava* lá. Ela me deu alguma coisa pra beber, me enfiou goela abaixo.

— Eu estou com você. — Ele ainda só tocava o rosto e o pescoço dela, mas Lyra sentia a presença dele em cada centímetro do corpo, como âncora feita de prata e aço. — Eu estou aqui, Lyra Kane. Eu estou com você.

— Alice. — Lyra disse o nome em voz alta. Era a única coisa que fazia sentido. *Um Hawthorne fez isso*. E depois, a mulher de preto estava lá.

— Respira — murmurou Grayson. Ele respirou. E ela também. Como correr ao lado dele de novo. Uma espécie de dueto.

Eu não estou sozinha. Lyra encostou o rosto em uma das mãos de Grayson, sentindo o calor da pele dele contra sua bochecha e então, um zumbido no pulso. *O relógio dele.*

Grayson se afastou. Não piscou. E, só pelos olhos, ela jamais teria dito que ele sentiu algo, mas ele *se afastou*.

Grayson Hawthorne não se afastava. Não quando ela precisava. *Não assim*. Os dedos de Lyra se fecharam ao redor do punho dele, sua mão era pequena demais para envolver completamente, mas forte o bastante para mantê-lo ali, ainda que só porque ele permitiu.

— Foi o seu relógio — disse Lyra.

Grayson passou o polegar da outra mão pela bochecha dela.

— Meu relógio não importa agora.

Lyra queria acreditar naquilo. Mas…

— Meu corpo conhece o seu. — *Mais do que deveria. Mais do que tem direito*. Ela engoliu em seco. — Você carrega o peso do mundo nos ombros, Grayson. Seus músculos estão sempre tensos, mas há uma diferença entre *estar tenso* e *se tensionar*. — A tensão no corpo de Grayson era como a de um arco, com a flecha encaixada e pronta. *Ele* estava sempre pronto. — Você só se tensiona por um motivo.

Devagar, Lyra virou o braço dele. Pressionou o polegar contra o interior do punho, sabendo que sua técnica era ruim, mas sem ousar afrouxar o aperto.

— O que você está fazendo?

Lyra achava que isso estava claro.

— Estou checando seu pulso.

Ele parecia tão calmo, tão firme, mas o coração… estava disparado.

— Se eu virar seu punho de novo — sussurrou Lyra —, se eu olhar pro seu relógio… o que é que eu vou ver?

Ela não esperou resposta. Tentou virar o punho dele de volta, e a outra mão de Grayson segurou a dela. Ficaram assim por um bom tempo, imóveis na cama, um impasse silencioso, a mão dela no braço dele, a dele na mão dela, sem dizer uma palavra.

— Não olhe. — Foi Grayson quem cedeu primeiro… e a voz dele também. — Estou pedindo pra você não olhar — continuou, o corpo inteiro tenso agora — do mesmo jeito que pedi pra Emily não pular.

Lyra sentiu um aperto no coração, mas, no fundo da mente, tudo o que conseguia ouvir era Savannah… e o aviso dela. Um aviso que Lyra tinha deixado de lado, que não tinha voltado à sua memória nem uma vez desde o iate.

Quando chegar o momento, quando mais importar…

Lyra baixou a cabeça para olhar.

Capítulo 70



GRAYSON

Grayson virou o punho, inclinando o mostrador do relógio para longe da visão de Lyra. Não fazia ideia do que dizia a mensagem que acabara de receber, mas as últimas que ele tinha mandado indicavam que Toby *sabia*… e não apenas sobre Eve.

Sobre a Alice. Alice, que, se Lyra estivesse certa — e ele *acreditava* em Lyra Kane, de corpo e alma —, podia ter *estado lá* na noite em que o pai de Lyra morreu. A mente de Grayson foi direto para Jameson dizendo que tinha sido drogado, dizendo que a lembrança do que tinha acontecido com ele em Praga era mínima, fragmentada — tudo sensação, quase nenhum detalhe. Grayson se lembrava de ter pensado que Jameson sabia mais do que conseguia lembrar conscientemente, o lírio-do-nilo, por exemplo, mas não tinha feito a conexão entre a memória falha de Jameson e a de Lyra.

E se ela não tivesse reprimido aquela noite por causa do trauma? E se alguém tivesse reprimido por ela?

Do outro lado, Lyra Catalina Kane estava olhando para baixo, mas ainda não conseguia ver o mostrador do relógio dele — ainda não. Grayson soltou o braço dela e virou o pulso o máximo que conseguiu sem romper de vez o toque entre os dois.

— Engraçado — disse Lyra, levantando os olhos âmbar para o rosto dele. — Jogando o Grande Jogo, a gente começa a perceber quando está perdendo alguma coisa. — Ela engoliu em seco.

Grayson tentou puxar o braço de volta, e o aperto de Lyra se firmou.

— Nem pense nisso.

— Lyra. — Grayson não conseguiu dizer mais nada. Sem mais mentiras. Sem mais meias-verdades.

— Me mostre o que diz no seu relógio. — A voz de Lyra tremia. — *Me mostre*, Grayson.

As palavras quase ficaram presas na garganta, mas ele as forçou para fora.

— Não posso fazer isso, Lyra.

Ela soltou o pulso de Grayson.

— Você sabe de alguma coisa. Seus irmãos e a Avery sabem de alguma coisa, não sabem? Sobre a Alice. Lá no iate, depois que falou com eles sobre o lírio… eu acreditei quando me disse que não era nada, que eles não sabiam de nada. Eu *confiei* em você.

— Eu sei. — Grayson queria mais do que tudo tocar nela agora. — Se você puder…

— Não — interrompeu. — Me mostre o seu relógio, Grayson.

Ele tinha pedido para ela não olhar. Ela olhou mesmo assim, mas ele virou o braço antes que pudesse ler a mensagem. E agora era *ela* quem pedia, quem dizia o que precisava.

Lentamente, Grayson virou o pulso de novo. Uma mensagem surgiu para os dois: *O. M. LOCALIZADA*.

Alisa tinha encontrado Odette. A mensagem por si só não era tão comprometedora quanto Grayson temera, mas Lyra rolou a tela para cima.

— *Toby sabe de alguma coisa.* — Lyra leu. — Pelo jeito, não está falando da Eve. Então o que o seu tio Toby sabe, Grayson? Alguma coisa sobre a mãe dele? Sobre a *Alice*?

Eu estava tentando proteger minha família, e estava tentando proteger você. Grayson sabia que Lyra Kane não ia agradecer por isso.

— E a Odette foi *localizada*? Ela estava desaparecida? — Lyra disparava uma pergunta atrás da outra. — Não estou entendendo. Me faça entender, Grayson. — Lyra deu a ele um segundo, um único segundo, para responder. — Por que a sua família me considera um risco? Uma ameaça.

— Eles não acham que você seja uma ameaça. — A voz de Grayson permaneceu firme, apesar da sensação no peito: uma tensão nos músculos, algo se rasgando no fundo.

— Se *eu* não sou a ameaça… — A expressão nos olhos castanho-dourados de Lyra mudou quando ela percebeu toda a implicação daquilo.

— *Alice*. Ela é a ameaça. E eu sou um risco porque sei que ela está viva. Então isso faz da Odette um risco também, já que foi ela quem contou. E você…

Grayson a interrompeu.

— Eu — disse, com a voz falhando — passo a vida puxando as pessoas de volta da beira do abismo.

Lyra apenas olhou para ele.

— Eu não quero sua proteção.

Grayson sabia disso. Lyra queria *ele*. E, mesmo sabendo exatamente como aquilo ia terminar, não conseguiu evitar a resposta.

— Você tem, de qualquer forma.

Por um longo momento, Lyra apenas o encarou, e então saiu da cama e ficou de pé ao lado dela, com os pés afastados na largura dos ombros.

— Eu tenho um jogo para jogar.

Durante anos, Grayson não fora capaz de correr atrás de nada, nem de ninguém. O risco de perder mais uma pessoa era grande demais. Mas dessa vez, ele saiu da cama num piscar de olhos.

Ele foi até Lyra. Correu até *ela*.

— *Nós* temos um jogo para jogar — disse Grayson.

Por quatro ou cinco segundos angustiantes, Lyra ficou ali, sem dizer absolutamente nada. Então levantou os olhos e o encarou do mesmo jeito que tinha feito da primeira vez que ele a tocou — nas ruínas, com a mão dele em seu braço.

Era um olhar de aviso, elétrico e selvagem.

— Eu não vou parar — disse Lyra, com firmeza. — Você sabe disso, não sabe?

Ela não ia parar de buscar respostas. Não ia parar de insistir.

— *Eu não vou parar* — repetiu Lyra, com uma intensidade à altura de qualquer Hawthorne. — E no fim das contas, se a família Hawthorne estiver de um lado disso, e eu do outro… — Ela passou por ele e saiu do salão. — Nós dois sabemos que você não vai me escolher.

Capítulo 71



ROHAN

Queime tudo. Rohan observava Lyra Kane de longe. Ela corria… e estava sozinha. Talvez os avisos que ele tinha dado antes finalmente tivessem surtido efeito. Talvez não. De qualquer forma, não era pessoal. Estratégia era estratégia.

As pessoas eram um meio para um fim, e só isso.

Vendo por esse lado, fazia sentido acender outro fósforo, outro detonador. Afinal, Rohan não tinha muito mais a fazer naquela hora que restava antes do *anoitecer*.

Esses Hawthorne são tão engenhosos, com suas artimanhas igualmente engenhosas.

Rohan seguiu Lyra, mantendo distância suficiente para que ela não o visse de imediato e perto o bastante para que talvez sentisse sua presença se aproximando. Quando sentiu, quando se virou para espiar por cima do ombro, Rohan sumiu na sombra.

Só mais um pouco.

Só mais alguns minutos.

E então ele deu a volta, aproximando-se pela frente. *Deixe que ela acredite que há outra pessoa no seu encalço.*

— Eu tentei te avisar — disse Rohan, em tom de saudação.

Lyra não respondeu, e Rohan leu no silêncio, na postura e nos olhos dela tudo o que precisava saber. Algumas pessoas usavam a devastação como armadura. Outras, como véu. Ela usava das duas formas. Mas o corpo…

O corpo a denunciava. Lyra era mais forte do que a maioria imaginaria, mas estava em pedaços.

Queime tudo.

— Grayson Hawthorne tem um histórico, sabe — comentou Rohan —, de se convencer que está apaixonado por garotas e não ir até o fim. Para ele, é a ideia de uma pessoa… não a realidade. Você é, infelizmente, só mais um nome numa longa lista. — Verdade, mentira… tanto faz. Às vezes, aquilo que estava destruído só servia se fosse consertado. Às vezes, era necessário destruir um pouco mais. — Com menos de 72h de jogo, não sei como você achou que fosse diferente.

— *Cala a boca.* — E lá estava… mais que um tremor na voz. Um abismo, escancarado.

Queime tudo.

— Te vejo na árvore ao anoitecer — disse Rohan a Lyra. O fato de ela e Grayson terem recuado para a casa para tirar um cochilo foi o que permitiu a Rohan perceber o truque na última pista. Mas *ele* não dormiu.

Ele mal precisava dormir depois que a chavinha virava.

Na verdade, agora, tudo que ele precisava era encontrar Brady Daniels. Savannah, sem dúvida, já tinha aceitado a proposta do erudito. *Hora de acabar com isso também.*

Rohan encontrou o erudito entre as ruínas. Savannah não estava com ele, mas, em se tratando de acordos, isso não queria dizer muita coisa.

E Rohan não estava ali por Savannah. Estava ali pelo dardo.

— Você de novo — disse Brady, sem soar surpreso.

— Eu de novo. — Deixando cerca de dois metros entre eles, Rohan levantou o punho esquerdo, o relógio. — Quis que você visse enquanto eu enviava isto. — A mensagem para os criadores do jogo já estava meio digitada. Rohan terminou com um floreio nada discreto. — Uma cópia da sua última correspondência com seu patrocinador. Não faço ideia do que significa, mas talvez os criadores do jogo saibam.

Brady deu um passo à frente.

— Não posso deixar você fazer isso.

No estado em que estava, Rohan não sentia quase nada. Nem mesmo satisfação pela jogada bem-feita.

— Eu sei.

— Já passou pela sua cabeça o que significa eu não precisar vencer este jogo? — perguntou Brady, com uma calma que Rohan reconheceu como fingida. — Que tudo o que preciso é derrubar você?

— Seria egocêntrico da minha parte — respondeu Rohan, irônico — assumir que sou seu único alvo.

— Eu não quero te machucar — afirmou Brady. — Mas vou.

Rohan percebeu que era verdade só de olhar como Brady se posicionava, pés alinhados aos ombros, peso inclinado nas pontas dos pés. *Isso quer dizer que você não tem o menor motivo para seguir as regras da competição.*

Rohan estava contando com isso. Para manter seu próprio lugar no jogo, não podia atacar primeiro. Precisava deixar que Brady Daniels acertasse alguns bons golpes — antes de *acabar* com o erudito.

— Talvez os criadores do jogo não só te desclassifiquem ao receber minha mensagem — declarou Rohan, com o dedo pairando sobre a tela do relógio. — Talvez eles cancelem o jogo. Fico imaginando o que seu patrocinador vai fazer com sua Calla, se isso acontecer.

Aquilo bastou.

Num instante, Brady Daniels estava parado, completamente imóvel; no seguinte, seu corpo era um borrão. Rohan percebeu de imediato que o objetivo de Brady era o combate corpo a corpo — perto o suficiente para que o peso dele fosse uma vantagem. Perto o suficiente para agarrar. Perto o suficiente para golpes diretos com cotovelos, canelas e joelhos.

Rohan deixou que ele tivesse isso — por um tempo. *Deixou* que o espancasse até sangrar, e então…

Empurre-o para longe. Rohan fez exatamente isso, sem deixar uma única marca, sem derramar uma gota de sangue. Não fora difícil identificar o estilo misto com que Brady lutava. Para o azar do adversário, a maior força de Rohan sempre fora justamente a ausência de estilo. Cada movimento que fazia era calculado apenas com base no que o oponente estava *prestes* a fazer. Não havia limitações na forma como Rohan lutava. Ele era o que precisasse ser.

Havia clareza na dor, e *clareza*, numa luta como aquela ou em qualquer outra, sempre vinha de compreender o oponente.

Você está lutando como se a vida dela dependesse disso. Seu patrocinador fez você acreditar que depende. No labirinto da própria mente, Rohan ouvia Nash Hawthorne lhe dizendo que ele não venceria o Grande Jogo. *Nossos jogos têm coração. Não vai ser você, garoto.* Mas Rohan não precisava de coração para vencer *aquela* luta. Tudo que precisava era tirar vantagem da alma de Brady, dar ao erudito uma abertura, pequena o suficiente para que o corajoso e desesperado sr. Daniels acreditasse que era real.

Rohan exagerou de propósito num golpe. Brady se abaixou e avançou, mas Rohan não estava nem de longe tão desequilibrado quanto parecia. Ele aprendera a lutar em becos, palácios e tudo no meio. Os melhores ataques sempre vinham disfarçados de derrota.

Ele permitiu que Brady acreditasse, por um único instante, que tinha a vantagem. E, uma fração de segundo depois, Rohan estava atrás dele, o braço em volta do pescoço.

Um mata-leão. Reflexo arterial. Queda súbita de pressão. Um lutador menos experiente, ou com mais princípios, teria soltado assim que Brady Daniels desmaiou. Rohan segurou só um pouco mais. Não o suficiente para causar dano permanente, não dessa vez.

Nem mesmo havia deixado marcas.

Ensanguentado e ferido, Rohan deitou cuidadosamente a presa abatida no chão e abriu o zíper do casaco do homem, confiscando tudo que ele carregava — incluindo *dois* dardos dourados. Brady nem se dera ao trabalho de escondê-los.

— Tem gente que nunca aprende — disse Rohan ao erudito e, só depois, checou o pulso dele. *Firme. Forte.* Melhor assim. A morte causava confusão. Aquele era um momento que exigia precisão.

Rohan baixou o punho de Brady, o olhar indo parar na tatuagem que já tinha visto antes, uma espiral de letras no lado interno do braço. Dezenas e dezenas de letras, sem formar palavra alguma, uma sequência aparentemente aleatória, até que Rohan percebeu…

Nem um pouco aleatória.



Um possível significado para a terceira mensagem que Brady recebera de seu patrocinador atingiu Rohan com a força de um golpe. *Um de três.* A cada três letras.

Rohan começou da borda da espiral, indo para o centro, mas no meio do caminho parou e inverteu o sentido, começando do centro, do R, e seguindo para fora.

R, *pula duas letras*, O, *pula duas letras*, H…

E lá estava, claro como o dia, uma ordem literalmente tatuada na pele de Brady:

R-O-H-A-N-D-E-V-E-P-E-R-D-E-R.

Rohan deve perder.

Aquilo não era uma tatuagem temporária. Pelo aspecto e a profundidade da tinta, tampouco era semipermanente. Não, era uma tatuagem de verdade, completamente cicatrizada. Brady Daniels fora uma das escolhas da herdeira Hawthorne para o jogo. Teria recebido o convite, no máximo, três dias antes. E ainda assim, estava claro que aquela tatuagem já existia havia pelo menos um mês ou dois.

Você tinha um patrocinador muito antes de receber esse convite, não é, erudito? Muito antes de o formato do jogo deste ano sequer ser anunciado. E esse patrocinador não lhe deu a ordem mais importante diretamente. Não enviou Brady ao jogo sabendo que sua missão, acima de todas, era garantir que Rohan perdesse.

Não. O patrocinador só ativou *essa* ordem bem mais tarde, em algum momento depois da fogueira, mas antes do iate. *Depois que ficou claro que Savannah e eu ainda estávamos jogando juntos. Depois que ficou claro o quanto éramos formidáveis.*

Rohan só podia concluir que teria sido mais limpo para o patrocinador de Brady se ele nunca soubesse quem era seu alvo de verdade, mais limpo se estivesse em posição de vencer o Grande Jogo por conta própria. Mas o tal patrocinador tinha incluído um mecanismo de segurança, um que, ao contrário de uma mensagem escrita com tinta invisível, não podia ser interceptado nem roubado.

Era o erudito quem devia memorizar essa sequência? Foi ele quem gravou isso na própria pele… ou foi você? Rohan fazia a pergunta em silêncio ao patrocinador, o mesmo que dera a Brady informações sobre a morte do pai de Savannah Grayson. *E de Gigi.*

Brady tinha recebido vantagem contra os outros jogadores também? Pouco importava. O que importava era o fato de que aquela mensagem, aquela ordem, tivera tratamento especial. *Semanas antes de Brady ser escolhido como jogador, ele já havia recebido esse código. Semanas antes de eu me tornar um jogador, alguém já sabia que eu seria.*

Alguém vinha jogando esse jogo há muito mais tempo, e *isso*, tanto quanto o fato de ter sido alvo, dizia a Rohan exatamente quem era o patrocinador de Brady.

O Mercê do Diabo era muitas coisas. Um clube de apostas luxuoso. Um lugar onde acordos eram selados e fortunas decididas. Um legado histórico. Uma força nas sombras — como uma mão invisível, manipulando os resultados, jogo após jogo.

E só havia duas pessoas no Mercê do Diabo que ousariam mirar em Rohan assim. Uma era o Proprietário em si, e a outra era a única pessoa neste planeta que *precisava* que Rohan perdesse o Grande Jogo. A pessoa que herdaria o Mercê do Diabo se isso acontecesse.

Nem pensar, duquesa.

Capítulo 72



ROHAN

O trovão ribombava enquanto Rohan voltava para a floresta, segurando o dardo dourado entre o dedo médio e o polegar. Uma tempestade se aproximava, mas não havia temporal no mundo capaz de mantê-lo longe daquela árvore quando a noite caísse.

Se Zella esperava que Rohan fosse vítima de Brady Daniels — ou de Savannah —, ia se decepcionar amargamente.

Você joga devagar e sempre, duquesa. Eu jogo para machucar.

Rohan se ajoelhou e enfiou o dardo na lateral da placa prateada. Desta vez, ouviu-se um clique.

— *Só de noite* — murmurou Rohan, enquanto a placa girava noventa graus, revelando uma abertura embaixo.

Rohan enfiou a mão ali dentro. Os dedos se fecharam sobre a capa de couro de um livro-razão e, ao puxá-lo, ouviu o tilintar delicado de metal. *Pingentes, presos a uma fita que saía do livro.* Pegou um para si — parecia uma árvore, pelo tato —, depois abriu o livro e encostou o relógio na página. O livro se iluminou, permitindo que Rohan visse seu nome surgir na folha até então em branco. *Primeiro.*

Um clarão brilhou à sua esquerda, e Rohan se virou para ver um holofote de alta potência apontando para o céu através de uma clareira na copa das árvores. Rohan ergueu a cabeça, acompanhando o resultado. Três letras surgiram contra o fundo da noite, apagando as estrelas.

LIE.

Eis a próxima pista, pensou Rohan, *dessa vez em inglês. Mentira.* Ele inspecionou com cuidado o compartimento escondido para garantir que

não havia mais nada, e então jogou o livro de volta no buraco, firmou os dedos no dardo dourado mais uma vez e o puxou da placa. O holofote não se apagou, mas a placa desceu, cobrindo o compartimento de novo.

Rohan se pôs de pé. Um farfalhar nos arbustos, a cerca de vinte metros. Graças ao feixe de luz, conseguiu ver claramente a silhueta de Lyra Kane se aproximando, vindo na direção dele, em direção à árvore. Ela levantou os olhos para o céu, encarando a palavra que brilhava lá em cima.

LIE.

— Algumas mentiras são belas — disse Rohan à oponente —, por um tempo.

Lyra se ajoelhou junto à placa, o olhar fixo no dardo na mão de Rohan, e ele se perguntou se ela ainda tinha o dela. Sem perder tempo, Lyra passou a mão pela borda da placa e encontrou a fenda, e logo Rohan teve sua resposta quando ela puxou o próprio dardo do bolso do casaco.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair quando ela o usou.

Logo, ela já tinha assinado o livro e o devolvido ao compartimento, e foi aí que ocorreu a Rohan que havia mais uma coisa que podia fazer para abrir distância entre Lyra Kane e Grayson Hawthorne, entre Savannah e ele mesmo. Talvez já tivesse ido longe demais com Lyra.

Mas talvez não.

Lyra se levantou, e Rohan permitiu que o corpo se inclinasse sutilmente na direção dela.

— Se algum dia você precisar de alguém para *desprezar*, srta. Kane… — Rohan empunhou o sorriso de vigarista como uma lâmina. — Garanto que sou absolutamente desprezível.

Com frequência, aqueles que mantinham todos à distância eram os que mais temiam a solidão.

— Eu não preciso das suas garantias — rosnou Lyra. — Não preciso de nada de ninguém.

Aquilo era, é claro, uma mentira, e enquanto Rohan ponderava seu próximo movimento, a parte do cérebro que estava sempre alerta registrou que estavam prestes a receber companhia. *Passos longos. Peso sobre a ponta dos pés.*

Olá, Savvy.

Rohan deixou o olhar se prender nos olhos de Lyra, castanhos, não aquele azul e cinza pálidos. Depois de um longo momento, ergueu os olhos

para a pista no céu, oferecendo o rosto à chuva.

— Todos somos mentirosos, srta. Kane.

— Saber disso… — Savannah anunciou sua presença como se ele já não tivesse percebido, aproximando-se dos dois. — Viver isso… — Savannah se agachou junto à placa ainda aberta e pegou o livro para si. Depois ergueu os olhos, olhando para Rohan e Lyra ao mesmo tempo. — Esse é o maior jogo de todos.

Capítulo 73



GIGI

Já fazia horas desde que a Mulher de Vermelho saíra pela porta, trancando-os ali de novo. Quantas horas, Gigi não sabia dizer. Palavras sombrias ecoavam em seus ouvidos.

O tempo de observar *acabou.*

Pelo que deveria ser a centésima vez, Gigi tentou erguer Slate… e dessa vez, ele resmungou.

— O que aconteceu? — A voz dele era rouca, grave. Os cabelos dourados, mais escuros por causa do suor, caíam sobre o rosto até as maçãs do rosto. Por entre os fios, Gigi viu os olhos escuros se abrirem… e focarem.

Ela.

— Você quer a versão estendida ou a *muito* estendida? — perguntou Gigi. — Também faço encenações.

Eve revirou os olhos, fingindo com empenho que não tinha passado todo aquele tempo em vigília ao lado de Slate.

— Você apagou — explicou Eve, seca. — E alguém mordeu a isca.

— Não necessariamente nessa ordem — acrescentou Gigi, prestativa. — A pessoa que te apagou queria saber sobre o Grande Jogo. Ela se apresentou como a Observadora.

O Lírio. Calla. A Mulher de Vermelho.

Eve estreitou os olhos para Gigi.

— Você a conhecia. — A acusação de Eve parecia estar entalada há horas.

— Eu sabia quem ela era — corrigiu Gigi. — Dizem que está desaparecida ou morta ou… coisa do tipo.

— Eu fico com *coisa do tipo* — respondeu Eve.

Slate se endireitou, forçando contra as amarras, os cabelos caindo para trás, a postura quase leonina.

— Alguma de vocês pode, *por favor*, me livrar desta fita?

— Só pra constar — disse Eve a Gigi, revirando os olhos mais uma vez —, esse *por favor* foi pra você.

Gigi ofereceu a ela seu sorriso mais gentil.

— Transparência total: ainda estou planejando seu fim.

— E eu ainda estou planejando o dele — respondeu Eve, olhando para Slate. — Estamos quites.

Eve foi até a parte de trás da cadeira para cuidar dos punhos dele, enquanto Gigi se agachou na frente de Slate, atacando as amarras dos tornozelos. As unhas de Gigi não eram afiadas como as de Eve — mas ela tinha dentes.

A fita adesiva fez um som satisfatório ao rasgar e, em segundos, graças às unhas de Eve e aos dentes de Gigi, Slate estava livre. Quando ele se levantou, Gigi ficou de pé num salto.

Olhos escuros encontraram os dela.

— Você está bem?

Para provar — tanto a si mesma quanto a ele — que estava, Gigi forçou um sorriso.

— Dentes de castor — disse.

— Não era disso que eu estava falando — respondeu Slate, antes de se virar. — Eve?

Eve jogou o cabelo para trás, o que Gigi interpretou como o equivalente a um sorriso.

— Estou bem — declarou Eve. — Dei à nossa visitante o que ela queria, e ela foi embora.

— O que exatamente você deu a ela? — Slate lançou *um olhar* para Eve.

— Lyra — percebeu Gigi, tarde demais. — Você deu a *Lyra* pra ela.

Gigi não fazia ideia do que significavam as coisas que Eve tinha dito — *ômega, lírios, Alice Hawthorne* —, mas *sabia* reconhecer quando alguém jogava outra pessoa aos leões. Também sabia como o irmão olhava para

Lyra Kane. Sabia que colocar um alvo em Lyra seria o mesmo que colocar um alvo em Grayson.

Primeiro Savannah. Agora Lyra e Grayson.

— Nada como o agora — disse Gigi, e foi o único aviso que Eve recebeu. Ninguém espera um ataque estilo diabo-da-tasmânia, nunca. E, como investida voadora, foi uma obra-prima.

Slate deu a Gigi alguns segundos antes de tirá-la de cima de Eve.

— Execução impecável.

— Obrigada — respondeu Gigi. — Mas ainda não terminei.

— Calma aí, raio de sol.

Eve se levantou do chão. Levou um segundo para Gigi perceber que Eve estava segurando alguma coisa. Parecia uma moeda, mas bem diferente de qualquer uma que Gigi já tivesse visto.

— Quantas dessas vai precisar — perguntou Eve a Slate — para que você seja meu de novo?

Meu. A mente de Gigi se agarrou àquela palavra. *Dela*.

— Nunca foi só pelos selos pra mim — disse Slate. — E acho que você sabe disso.

Algo não declarado se passou entre ele e Eve. A intensidade no olhar de Slate foi rebatida por um leve estreitar dos olhos dela.

Slate desviou o olhar primeiro, voltando-se para Gigi.

— E… *falso*.

Levou alguns segundos para a mente embaralhada de Gigi se lembrar da última pergunta de Verdade ou Mentira que tinha feito a ele. Esse era Mattias Slater dizendo que ele e Eve *não* tinham o tipo de relação que envolvia se pegarem por aí.

Antes que Gigi pudesse entender o que fazer com a informação, a parede à sua esquerda se abriu.

Gigi se virou num pulo. Slate se colocou à frente dela e de Eve no instante em que a parede se fechou atrás de uma mulher sem um traço de vermelho. Ela era alta e esguia, de um jeito que deveria parecer frágil, mas não era. A pele, similar ao ébano, reluzia *impecável*. Tranças negras e espessas, de tamanhos variados, desciam pelas costas.

Era uma das mulheres mais bonitas, autoconfiantes e impressionantes que Gigi já tinha visto… e Slate a prensou contra a parede.

— Acabaram? — A voz da mulher era familiar, mas o sotaque agora estava bem mais forte.

A primeira mulher de vermelho. A que estava fingindo. A que usou a gente como isca pra pegar a outra.

— Você é… — Gigi pensou em umas mil palavras que poderiam servir. — Britânica?

— Quando me convém — respondeu a mulher. — Zella — apresentou-se, como se Slate não estivesse com ela encurralada na parede. — Um prazer. Agora, vou precisar que pelo menos uma de vocês me diga, palavra por palavra, o que a Observadora disse.

Capítulo 74



LYRA

Lyra olhou de Rohan para Savannah e, depois, para a pista no céu. Mal sentia a chuva ou o frio.

— Aconteceu, não foi? — disse Savannah, ainda no chão. — Do jeito que eu disse que ia ser. Com o Grayson.

Lyra se recusou a responder e manteve os olhos fixos apenas na palavra no céu. LIE. A pista parecia zombar dela. Quantas vezes Grayson Hawthorne já tinha mentido para ela? O que exatamente os irmãos dele sabiam?

Sobre o lírio.

E os três.

E ômega.

— A Eve te ofereceu um acordo, Lyra? — Savannah se levantou, tão parecida com Grayson que doía. — Você devia ter aceitado.

Lyra precisava de um lugar seco para pensar, mas não podia voltar para a casa, não podia correr o risco de encontrar Grayson. Tinha que resolver o enigma. *Pelo Recanto Sereno*. Tinha que continuar jogando. Estava escuro. Ela estava molhada. E os lugares com cobertura eram poucos.

Acabou indo parar na casa de barcos — e, desta vez, não no telhado. Sozinha, caminhou até a beirada do píer e ficou olhando o oceano escurecido à frente.

Vem me pegar, pensou. Mas seu corpo não deu nenhum sinal de alerta. Cada instinto que tinha dizia que ninguém a observava naquele momento.

Os grandes arcos de pedra acima dela não bloqueavam completamente a chuva soprada do mar, mas já era alguma coisa. Era o suficiente para que Lyra pudesse sentir raiva, fervilhar, doer e *pensar*.

LIE. Ela parou, respirando por cima de cada uma das emoções que ameaçavam vir. *Uma abreviação?* Essa linha de raciocínio sumiu tão rápido quanto apareceu. *Um anagrama?* Com um *S*, poderia formar *ISLE*, ilha, ainda em inglês. Mas a palavra não era *LIES*. Era *LIE*.

A não ser que não seja uma palavra. Lyra revirou essa ideia na cabeça. *Um número?* A letra *E* não era numeral romano, então descartou essa. *L* era a décima segunda letra do alfabeto. *I* era a nona. *E*, a quinta.

1295. Lyra tentou de tudo para dar sentido a esse número, ou a qualquer uma das partes dele, mas nada. Queria gritar. Queria correr até os músculos queimarem e os pulmões ameaçarem explodir, mas até isso agora estava arruinado, porque, quando pensava em correr, tudo o que conseguia imaginar era o corpo dele e o dela, em uma sincronia que nunca havia conhecido antes.

Os músculos da garganta de Lyra se contraíram. Ela sabia que não devia ter confiado em Grayson Hawthorne, sabia que não devia ter contado com ele, de forma alguma.

Quando eu te disse pra parar de ligar — a voz de Grayson ecoava na mente dela —, *não era isso que eu queria dizer.*

Ele já tinha decepcionado Lyra antes, e ela o odiara por isso, *odiara*, mesmo sem ter o direito de esperar nada dele naquela época. Eles eram estranhos.

Mas agora já não eram mais.

Você não cai. Eu caio.

O que mais doía era que Lyra sabia que Grayson não tinha mentido, não nessa parte. Ele a manipulou, mentiu para ela, e talvez ela devesse estar se perguntando se alguma parte daquilo tinha sido real, mas não estava. O corpo dela sabia. E ela também.

Tinha sido real. E tinha sido *lindo*, e agora tinha acabado.

Eu passo a vida puxando as pessoas de volta da beira do abismo.

Eu não quero sua proteção.

Você tem, de qualquer forma.

Grayson Hawthorne era quem ele era. Estava puxando Lyra de volta dos abismos desde o começo. *E eu não tenho em mim a força pra impedir.*

Ele sabia disso. Ela praticamente tinha dito isso a ele.

Lyra andava de um lado para o outro sobre o cais, sob os enormes arcos de pedra: uma vaga enorme perpendicular a outras duas menores, com uma grande plataforma no meio.

1295. Enquanto andava, Lyra tentava se concentrar naquilo, na pista. *LIE*. Mas sua mente se recusava a deixar, se recusava a largar Grayson Hawthorne.

Você não cai. Eu caio. A voz dele… mesmo antes dos últimos dias, Lyra nunca conseguira esquecer a voz de Grayson Hawthorne.

Respire para mim, Lyra Catalina Kane.

Lyra não conseguia parar de lembrar. Não conseguia parar de andar de um lado para o outro no cais. A água escorria pelo rosto… chuva e lágrimas.

Eu estou com você. Eu estou aqui, Lyra Kane. Eu estou com você.

Doía em Lyra não conseguir lembrar como ele estava quando disse aquilo — as linhas do rosto, aqueles olhos azul-acinzentados, sem igual no mundo. Mas o corpo dela lembrava. *As mãos dele no meu rosto. Os dedos desembaraçando meu cabelo.*

O corpo de Lyra lembrava: os lábios dele nos dela; os braços fortes a erguendo no ar, um lustre pairando acima.

Andando pelo cais, de novo e de novo e de novo, Lyra tentava desesperadamente pensar em outra coisa — não no enigma desta vez, mas no sonho e na mulher de capa preta.

Você não deveria estar aqui. Aquela voz, *a voz de Alice?,* ecoava nos ouvidos de Lyra. *Mas quem pode dizer que você esteve?* Lyra podia se sentir correndo, descalça, com os pés ensanguentados, noite adentro. Tentava se lembrar de mais, se *havia* mais.

Depois tentava *não* lembrar: um garoto Hawthorne e uma garota que tinha todos os motivos para manter distância dos Hawthorne…

Um toque de mão em sua têmpora.

Um passo fora do tempo.

Os lábios dela nos dele, com força.

Dedos percorrendo de leve sua mandíbula.

Os dois, lado a lado na cama, flutuando para o nada.

Lyra era *só* lembranças, e tudo que podia fazer era continuar andando — pela beirada do cais comprido, de um lado para o outro. Subia na

plataforma, cruzava até os cais menores.

E de repente, percebeu…

Os cais.

Às vezes, palavras eram palavras. Às vezes, letras eram letras… mas às vezes, eram números. E às vezes, como um símbolo de infinito entalhado numa caixa de música de prata, letras ou números eram apenas *formas*.

Quase todos os problemas, a voz de Grayson ecoou de novo na mente dela, *são uma questão de perspectiva.*

Lyra recuou, andando de costas até estar o mais longe possível dos cais, ainda sob o teto do galpão de barcos. Esticou a mão até alcançar a escada embutida na parede de pedra, e então começou a subir, até quase encostar o topo da cabeça no teto.

Agora tinha uma visão de cima, e dessa vez, *viu* alguma coisa.

O formato dos cais.



Lyra não conseguia girar a imagem na mente, mas *podia* soltar uma das mãos da escada e usar os dedos para traçar o contorno dos cais. Se dividisse a plataforma entre as vagas ao meio, se traçasse o formato duas vezes…

Quase. Lyra inverteu os movimentos que acabara de fazer, como se estivesse dando aula de dança, de frente para os alunos, espelhando os movimentos que eles deveriam fazer, indo para a direita quando eles iam para a esquerda. Era a versão dela de girar a forma mentalmente.

E lá estava, sem espaço entre as letras, mas claro como o dia.

LIE.



Capítulo 75



GRAYSON

Ignorando a chuva, Grayson ficou parado à beira do mar, a poucos passos de onde Xander tinha levantado Lyra nos ombros no dia anterior. *Gallus gallus domesticus en garde*. Era difícil não sentir que o universo lhe dera uma janela, a mais minúscula das janelas, para o que poderia ter sido, se ele e Lyra tivessem tido a chance de simplesmente *existir juntos*.

Os irmãos e Avery teriam gostado da Lyra. Teriam-na acolhido, se fosse qualquer outra pessoa.

Maldita Alice Hawthorne. Maldita Eve por colocar Lyra no Grande Jogo sem saber o que estava desencadeando. Maldito Jameson e seus segredos. Mas acima de tudo…

O maldito sou eu. Grayson precisou de todas as forças para não entrar direto no mar, para não se afundar na água gelada até os ossos, nadar e nadar e empurrar tudo isso pra baixo. Mas ele tinha lutado demais, por tempo demais, pra ceder de novo aos velhos hábitos agora.

Não lute contra isso. A respiração de Grayson ficou descompassada quando ele deixou tudo vir à tona. O que ele e Lyra poderiam ter sido. O que deveriam ter sido. *Por que não eu?*

— Eu devia ter contado tudo pra ela — Grayson falou em voz alta, cada músculo do corpo tenso, os pulmões gritando como se cada inspiração fosse um ataque. Não importavam as intenções dele, a verdade ainda tinha vindo à tona no fim, o suficiente, pelo menos, pra garantir que Lyra fosse procurar, procurar, procurar mais.

Grayson devia ter previsto. *Ele sabia*. A conta sempre chega.

Isso tudo é culpa minha. Era da natureza de Grayson carregar os fracassos com ele, erros gravados nos vazios que nunca conseguiu preencher, mas agora não havia *vazio* algum.

Ela preenchia tudo.

Em sua mente, Grayson conseguia ver Lyra, esticando o corpo pra alcançar um lustre acima da cabeça, cada linha dela impossível de tão perfeita; olhos cor de âmbar encontrando os dele por trás de uma máscara de baile.

Conseguia ouvir a voz dela. *Me empresta seu paletó?*

Talvez ela nunca o perdoasse. Ela tinha dito o que precisava e por que, e mesmo assim ele negou a verdade.

Erro meu.

Mas Grayson *se recusava* a carregar esse erro com ele, *se recusava* a deixar que virasse mais um arrependimento, se recusava a ficar parado, congelado, enquanto ela estava por aí, sofrendo, quando ele podia pelo menos *tentar* aliviar um pouco.

Você acabou de resistir à vontade de dizer que Hawthornes não tentam. A voz de Toby ecoou na mente de Grayson, e ele pensou em outras coisas que Toby tinha dito — sobre sua Hannah, sobre arrependimentos. *Talvez, se eu tivesse aprendido a amar de outro jeito, pudesse ter amado ela melhor. Mas não poderia tê-la amado mais.*

Tão perto da água, Grayson conseguia ouvir as ondas. Não dava pra vê-las no escuro, mas dava pra sentir quando batiam contra as pedras, e em algum canto da mente, ele ouviu a voz de Lyra.

Talvez alguns de nós precisem quebrar para se recompor.

— Talvez alguns de nós precisem mesmo — sussurrou Grayson. Talvez esse fosse o segredo de amar sem reservas, sem medo.

Um homem destruído podia *tentar.* E tentar. E tentar.

Amá-la de outro jeito. Amá-la melhor.

Grayson estremeceu. Jogou a cabeça pra trás, levantando o rosto para o céu noturno, e deixou tudo sair. Tinha um poema da Elizabeth Bishop de que ele sempre gostou, sobre a arte de perder coisas, pessoas, sonhos.

Ele perdeu.

E perdeu.

E perdeu.

Mas dessa vez, não ia deixar ir.

Capítulo 76



ROHAN

Mais de uma hora depois que o holofote projetou a palavra *LIE* no céu, Rohan chegou ao galpão de barcos e descobriu que alguém tinha chegado antes dele.

— Acha que somos os primeiros? — perguntou Savannah, de costas para ele.

Rohan demorou demais para decifrar essa pista.

— *Somos?* — perguntou ele.

Savannah se virou. Um relâmpago iluminou a costa do continente. O trovão veio alguns segundos depois, e Savannah pareceu tomar isso como o sinal. Caminhou na direção dele, e a iluminação fraca do galpão não fez nada pra esconder o maxilar travado, a tensão entre o lábio superior e o inferior.

Parou a menos de trinta centímetros de Rohan.

— Eu nunca te dei permissão pra terminar as coisas — disse ela, uma rainha até o fim.

Rohan deixou as palavras escorrerem por ele, fazendo-se de desentendido. Estava prestes a ignorar o que ela havia dito, ao menos *tanto quanto* poderia ignorar Savannah Grayson, quando ela voltou a falar.

— Você estava ouvindo quando Brady me fez aquela proposta, não estava? — Savannah era perspicaz até demais. — Não sei como isso seria possível, mas a lógica indica que estava.

— É mesmo? — Rohan até poderia sentir certa admiração pela dedução dela, se ainda fosse capaz de sentir qualquer coisa. — Suponho que a lógica goste de ditar as coisas… assim como você, srta. Grayson.

— Eu não gosto de ser manipulada, Rohan. Nem por você. Nem por Brady Daniels ou pelo patrocinador dele. Nem pelos Hawthorne. Nem pela Eve. — Essa era uma Savannah Grayson que já estava no limite, o que a tornava perigosa.

Ela ergueu algo entre o dedo médio e o indicador. *As fotos.*

Rohan observou enquanto Savannah caminhava lentamente até a ponta do maior vão do cais, encarando a tempestade, como se a água soprando do oceano não a tocasse. Ela ergueu a mão com as fotos de Calla Thorp e aquelas mensagens invisíveis condenatórias do patrocinador de Brady, e então abriu os dedos.

— Pegue — disse ela, deixando as fotos caírem no deque. — Se quiser. Vão melhorar seu caso contra o Brady.

O vento ameaçou levar as fotos, e Rohan se lançou pra pegá-las bem a tempo.

— Que joguinho é esse seu, Savvy? — Ele não tinha planejado usar o apelido, mas escapou.

— Todos. — Um relâmpago brilhou atrás de Savannah. — Você achou que eu ia aceitar a proposta do Brady. — A voz dela era comedida. — Diante disso, o movimento mais estratégico da sua parte teria sido esperar, se aproximar do inimigo mais do que de qualquer amigo. Mas não foi o que você fez.

Ela estava certa. Era exatamente isso que ele *deveria* ter feito. O que teria feito, se ao menos fosse suportável.

Savannah passou por ele em direção à margem, e então se virou, encurralando-o na ponta do cais.

— Eu te conheço, Rohan. — Sorriu. Um sorriso cortante, brilhante como uma lâmina. — Lembra o quanto você se esforçou, no início desse jogo, pra fazer com que eu me sentisse compreendida? — Ela inclinou a cabeça de lado, os olhos cravados nos dele. — Lembra quando eu te disse para me poupar do sorrisinho, das gracinhas, do charme e de todo resto?

Ele lembrava.

— Eu não sou do tipo de pessoa que você pode manipular. — Savannah se colocou bem no caminho dele, mesmo sabendo, com certeza, que esse nunca era um lugar seguro de se estar. — E *não é você* quem decide — continuou ela — se eu vou te trair ou não.

Todas as cartas estavam na mesa agora.

— A única coisa que você pode decidir — disse Savannah Grayson — é se está com tanto *medo* assim. — Essa palavra era uma provocação. — De mim.

Rohan nunca conseguia resistir a trocar farpadas com ela.

— Odeio te decepcionar, gata, mas no momento não sou capaz de sentir absolutamente nada. — Ele estava dizendo a verdade. Sabia que, naquele estado, não havia linha que não cruzasse.

E mesmo assim… a chamou de *gata*.

— Ah, é? — Savannah rebateu, e então caminhou até ele, passou por ele, foi até a ponta do deque.

E se jogou na água.

Capítulo 77



ROHAN

Ela não emergiu. Um minuto já tinha se passado, dois relâmpagos cortaram o céu ao longe, e Savannah ainda *não tinha emergido*.

Desde o iate, Rohan fizera de tudo para empurrá-la para o colo de Brady, para acelerar o fim da aliança entre eles, para dar a ela a cortesia da primeira traição e, em troca, Savannah Grayson tinha entregado as fotos que ele agora segurava nas mãos. A arma que ela tinha, do jeito que fosse, contra o Brady.

Eu te conheço, Rohan.

Era *ele* quem dizia coisas do tipo, quem explorava o desejo humano de ser visto, reconhecido e *conhecido*. Era ele quem puxava os fios, quem lançava os desafios, quem encurralava os oponentes.

Maldita seja. Rohan tirou a jaqueta e a regata. O mar estava escuro, sem dúvida gelado, e a profundidade em volta do cais era impossível de calcular. A última coisa — *a ultimíssima coisa* — que Rohan queria fazer era se jogar ali atrás dela.

Mas ela não deixou escolha.

Rohan prendeu as fotos junto com a jaqueta e então se jogou, de pé. *Água escura.*

O corpo dele afundou nas profundezas geladas. Sabia nadar bem o bastante pra isso, pelo menos, mas debaixo da superfície — *como é que essa porcaria é tão funda tão perto da margem?* — as memórias circulavam como tubarões.

Como se fosse uma isca jogada ao mar.

Primeiro veio o som de um canto suave. Depois o cheiro da mãe.

E então o peso das pedras amarradas nos tornozelos.

Braços fortes o agarraram, puxaram pra cima. Rohan arfou, como já fizera tantas vezes, e foi aí que percebeu: Savannah Grayson tinha acabado de puxá-lo para *debaixo* do cais.

Ela boiava ao lado dele.

— Não vai assinar o livro? — disse ela, a voz ecoando no espaço apertado. O espaço embaixo do cais era bem iluminado, e Rohan voltou por completo a si, à imagem de *Savannah*, molhada, quase toda submersa.

E vitoriosa.

Rohan seguiu o olhar dela até um livro aberto, preso na parte de baixo do deque.

Usando as pernas para boiar, Rohan ergueu o braço com o relógio e encostou na página.

O nome dele apareceu, o terceiro no livro, logo depois do de Savannah, que estava embaixo do de Lyra Kane.

— Suponho que isso responde à pergunta — disse Rohan. Eles não foram os primeiros.

— Lyra chegou antes de nós dessa vez — respondeu Savannah, e a palavra *nós* ficou martelando na mente de Rohan. — Mas eu vou chegar antes de vocês dois no final.

Era uma promessa, uma daquelas conhecidas, e Rohan pensou no jeito como Savannah tinha declarado que ele não tinha permissão para terminar as coisas. Ele insistira, insistira de novo, cortando a corda, *querendo* que ela fosse embora.

E ainda assim, ela não foi. Não o traiu. Nem ao menos *tentou*.

Não é você quem decide se vou te trair ou não. A única coisa que você pode decidir é se está com tanto medo *assim*. Dela. Ela o acusara de ter medo *dela*.

Medo era fraqueza, tão ruim quanto afeto, embora nem de longe tão perigoso quanto confiança.

Estar ali, com Savannah Grayson debaixo do píer, na água escura e gelada, os corpos molhados e perto demais, era uma ameaça em muitos sentidos.

Rohan olhou além dela, examinando ao redor até encontrar o que procurava: a próxima pista. *Nada de pingente desta vez*, percebeu, *só palavras*. Estavam escritas em letras brilhantes na parte de baixo do píer.

Respeite o monte mais cinzento
Pelo bem da criatura partida
Que pairava ali por um tempo

— Quando eu ganhar — declarou Savannah com firmeza, nadando ao lado dele, o olhar preso nas mesmas palavras —, vou te dar o dinheiro de que você precisa.

Ele teria preferido que ela o tivesse atacado com uma faca.

— E por que você faria isso? — desafiou.

Estavam na água gelada, em meio a uma tempestade. Nenhum dos dois tinha motivo pra continuar ali.

— Porque — respondeu Savannah —, uma parte essencial da minha estratégia pra ganhar isso, do meu jeito, nos *meus* termos e de mais ninguém, é querer *mais*.

Certa vez, Savannah Grayson tinha dito a ele que não desejava as coisas, que ela traçava metas e as cumpria, ponto-final. *Só um aviso, gata,* Rohan respondera, *eu quero mais.*

No vão sob o píer, depois de dizer o que queria, Savannah pousou as mãos nos ombros dele. O corpo de Rohan se retesou, esperando que ela o empurrasse para baixo, mas em vez disso, Savannah Grayson passou as unhas pelas costas dele e encostou os lábios nos seus.

E ele retribuiu o beijo. *Droga.* Maldito seja, ele retribuiu o beijo.

— E no segundo em que eu te entregar esse dinheiro — disse, os lábios roçando nos dele a cada palavra —, *aí sim*, terminamos. — Ela se afastou. — Eu decido. Não você.

O corpo dela girou na água, e ela se impulsionou com as pernas no fundo do píer.

Como quiser, gata. Rohan olhou para a próxima pista. E depois foi embora.

Capítulo 78



GIGI

— Onde está o controle? — exigiu Slate. — Aquele que abre a porta. — Pelo que Gigi podia ver, Slate ainda não tinha afrouxado a mão no pescoço da captora desde que a prensara contra a parede. — Eu quero. Agora.

— Você não seria o primeiro homem a tentar me estrangular quando tudo o que eu queria era conversar. — Essa mulher… *Zella*, ela tinha dito que se chamava *Zella*, tinha uma postura digna de rainha.

— Quem está no comando agora não é você — informou Slate, e então olhou por cima do ombro para Gigi e Eve. — Me tragam o que sobrou da fita adesiva.

— Não é necessário — declarou Zella. — Respondam às minhas perguntas e eu dou minha palavra de que todos poderão ir embora.

Gigi levantou a mão.

— Cética. Eu. Muito. De novo. E o Grande Jogo? A não interferência? Eve sendo um touro emocional numa loja de porcelana criada por você?

— A menos que eu esteja enganada — respondeu Zella, no tom de quem sabia muito bem que não estava —, o Grande Jogo logo chegará ao fim. Já movi as engrenagens para isso acontecer, e agora parece que há jogos maiores a serem jogados. Me digam o que a Observadora disse.

Slate a encarou por três segundos inteiros… e então a soltou e recuou. Havia algo irreconhecível naquele olhar sombrio, e Gigi pensou na faca dele, nas tantas coisas horríveis que dizia ter feito. *Catorze*.

— Quem é ela? — Eve se aproximou até ficar cara a cara com Zella. — A Observadora. Como sabia que ela viria? Como a conhece?

— Fomos irmãs — disse Zella —, antes, em outros tempos.

Gigi arregalou os olhos. E depois arregalou ainda mais.

— Calla é sua *irmã*? — Gigi pensou na Mulher de Vermelho e na história que ela contara sobre a garota de dezessete anos que um dia tinha sido. Ela havia dito alguma coisa sobre Orion Thorp ter um filho biológico, ainda que Calla levasse o nome Thorp.

— *Calla* se foi há muito tempo. — Zella pousou o olhar desconcertante de tão calmo em Gigi. — Então, o que a Observadora queria com você?

Comigo. Gigi pensou na flor que encontrara, o lírio-do-nilo que tinha *recebido*.

— Ela queria informações sobre o jogo. — Gigi sempre fora ótima em confiar em quem não dava nenhum motivo pra isso, então por que mudar agora? — Sobre a Lyra.

— E que informações você forneceu sobre a Lyra Kane? — perguntou Zella.

Gigi lançou um olhar significativo para Eve.

— *Alguém* contou a ela um monte de coisas.

— O que é curioso — respondeu Eve, cruzando os braços —, é que não estou mais no clima de compartilhar.

— Desafie seu estado de espírito — disse Zella — e, em troca, eu te darei uma arma. — Num instante, suas mãos estavam vazias; no seguinte, segurava uma faca numa bainha.

— Minha faca. — A voz de Slate estava neutra, neutra até demais, e o sexto sentido de Gigi para garotos intensos dizia que ele estava a meio segundo de partir pra cima da arma.

— Ômega — disparou Gigi. O otimismo dela tinha secado feito deserto, e ela não ia correr riscos com aquela faca.

Nem com Mattias Slater.

— Foi isso que a Eve contou pra Calla — continuou Gigi, tentando não parecer que estava tagarelando. — Alguma coisa sobre *ômega*, alguma coisa sobre *lírios*, alguma coisa sobre *Alice Hawthorne*.

Zella inclinou o queixo, quase imperceptivelmente.

— Isso vai dar a ela a munição que tanto deseja. Ela sempre foi a ambiciosa.

— Munição *pra quê*? — perguntou Gigi, mas tudo em que conseguia pensar era: *o tempo de observar acabou.*

Zella girou a faca na mão até segurar pela bainha e estendeu o cabo para Slate, que a pegou.

— Se você ainda está fazendo as contas — disse Zella, indicando a faca com um aceno de cabeça —, então ainda não se perdeu por completo. — A mulher elegante se virou para Gigi e Eve. — Quanto a vocês duas, vou armar vocês com isto: se chegar o momento em que virem minha *irmã* de novo, ou alguém como ela, saibam que está nas mãos de vocês dizer não.

Gigi piscou.

— Dizer *não* para o quê? — perguntou Eve.

— Não importa como a pergunta seja formulada ou que tipo de pressão seja aplicada, ainda assim é um convite, um pedido. E *pedidos* podem ser respondidos, *convites* recusados. — Zella se virou de volta para a fonte infinita na parede e, um instante depois, ela se abriu.

Liberdade.

Zella esperou que eles a aceitassem.

— A cerca de seis quilômetros ao norte — disse a Slate — tem um bar. É um lugar meio decadente, mas se você a levar até lá, alguém ligado aos Hawthorne vai aparecer por ela logo.

Capítulo 79



LYRA

Respeite o monte mais cinzento, as palavras ecoavam na mente de Lyra enquanto ela atravessava os escombros daquela mansão outrora grandiosa, *pelo bem da criatura partida que pairava ali por um tempo.*

Para Lyra, a pista trazia à mente uma lápide, ou cinzas, o que a tinha levado de volta ao único lugar da ilha onde era ainda mais difícil não pensar em Grayson Hawthorne: as ruínas.

Lyra se lembrava de ter andado por ali de olhos fechados no primeiro dia. Se lembrava da mão de Grayson em seu braço — e então se forçou a focar o mundo carbonizado ao redor. *Respeite o monte mais cinzento…*

À noite, sem nenhuma fonte de luz além do relógio, não havia motivo pra fechar os olhos, mas Lyra fechou mesmo assim.

Pelo bem da criatura partida… Chegou até o que restava da lareira. *Que pairava ali por um tempo.*

Nada dura para sempre. Era isso que Lyra tirava daquelas palavras, por mais que tentasse vê-las como um enigma. Tudo que um ser humano podia esperar era pairar por um tempo e então, num piscar de olhos cósmico, sua vida acabava, passava, sumia, e o mundo continuava.

Ao lado da lareira, Lyra caiu de joelhos, abriu os olhos e passou as mãos pelo chão. Não havia um piso de verdade, só o que restava da fundação, rachada, em pedaços, coberta por trepadeiras.

Respeite o monte mais cinzento…

Até a palavra *cinzento* doía. *Cinzento*, quase como a cor dos olhos de Grayson. Lyra passou a mão pelos escombros. Rastejou à frente e repetiu o gesto, de novo, de novo, de novo, até que, finalmente, deve ter ativado

algum tipo de fio ou gatilho, porque feixes de luz delicados começaram a surgir pelas fendas da fundação, iluminando as ruínas de um jeito estranho, fragmentado — meio sobrenatural e muito perturbador.

Se ela já achava que o lugar parecia assombrado antes, agora estava simplesmente sinistro.

Aproveitando a pouca e dispersa luz, Lyra seguiu a busca, tateando o chão à procura de algo, qualquer coisa, no chão. *Nada.*

Nada.

Nada.

— *Respeite o monte mais cinzento.* — Ela disse as palavras em voz alta, mal passando de um sussurro. — *Pelo bem da criatura partida que pairava ali por um tempo.*

Lyra implorava para que a pista fizesse sentido. Tinha sido a primeira a chegar, mas não havia como saber quanto tempo tinha até que mais alguém aparecesse. Ainda chovia. Ela estava encharcada… da chuva, da água. A armadura protegia razoavelmente bem, mas seus dentes já começavam a bater. E mesmo assim, Lyra não conseguia desistir.

Esse era o problema. Esse era *o maldito problema dela*. Ela seguia em frente, continuava procurando. Tinha que haver alguma coisa.

— *Respeite o monte mais cinzento…*

— *Pelo bem da criatura partida…* — Uma voz, aquela voz, a voz *dele*, falou atrás dela. — *… que pairava ali por um tempo.* — Grayson, como Lyra, não sabia a hora de desistir. — Emily Dickinson — disse ele.

A contragosto, Lyra se levantou e se virou — e lá estava ele, encharcado até os ossos, o cabelo loiro claro grudado no rosto de um jeito que deveria deixá-lo com um ar selvagem. Mas Grayson Hawthorne parecia saído de um sonho, daqueles que se deseja voltar desde o momento em que você abre os olhos.

— A pista. — Foi preciso toda a concentração de Lyra pra focar o que ele dizia, e não em como ele dizia. — É um poema?

— *Cinzas denotam que houve fogo.* — A voz de Grayson parecia mais grave na escuridão. — *Respeite o monte mais cinzento… pelo bem da criatura partida… que pairava ali por um tempo.*

— Grayson. — Lyra soltou o nome dele como um aviso, do jeito mais claro que conseguiu.

— *O fogo existe primeiro na luz…* — continuou ele.

— Pare. — Lyra não podia fazer isso com Grayson. Não podia fazer nada com ele agora. Demorou um instante até perceber que ele tinha obedecido. — Você parou.

A chuva agora caía com força total, cobrindo o rosto dela e o dele, martelando seus corpos, mas Lyra mal sentia.

— Eu reconheço uma ordem quando ouço — respondeu Grayson. — E nunca foi minha intenção te impor algo que você não quisesse receber.

Lyra ouviu nessas palavras uma promessa: se ela pedisse que ele fosse embora, ele iria.

Me deixa em paz, ela pensou com raiva. *Vá embora e não olhe pra trás. Esqueça tudo. Me esqueça. Esqueça o que quer que tenha sido isso.* Mas Lyra não conseguiu pronunciar aquelas palavras.

— Você mentiu pra mim. — Isso, pelo menos, era fácil de dizer. — E eu *sei* que você estava tentando me proteger, mas…

— Não só você. — Grayson abaixou a cabeça, mas os olhos encontraram os dela. — Fui criado pra colocar a família em primeiro lugar. Sempre.

E ali estava, finalmente, a verdade, escorregando entre as costelas dela com a leveza de uma lâmina. E mesmo assim, Lyra não conseguia parar de pensar na definição de família de Grayson. *Pessoas por quem você morreria. Pessoas que você sabe que morreriam por você.*

Amar com tanta intensidade não era um crime.

— Jameson já sabia da Alice. — A cabeça abaixada de Grayson se ergueu devagar, os ombros se firmando, a chuva escorrendo por seu rosto anguloso. — Ele sabe há mais de um ano.

Por que ele estava dizendo isso *agora*?

— Houve ameaças — continuou Grayson, com uma firmeza letal e sutil na voz que tornava aquela frase um eufemismo. — Eles fizeram meu irmão sangrar.

Eles.

— Sempre há três — disse Lyra, mas não conseguiu dizer mais nada. Tudo que pôde fazer foi ficar ali parada, esperando pela resposta dele.

Os lábios carnudos de Grayson se entreabriram, as palavras fluindo, uma confissão completa.

— Há muitas lacunas nas lembranças de Jameson sobre o que aconteceu, e é provável que seja pelo mesmo motivo que suas lembranças

sobre a morte do seu pai também são vagas. Mas nunca tinha visto Jameson sentir medo antes, Lyra. *De nada.*

Jameson é competitivo, Lyra podia ouvir Grayson dizendo. *Intenso, imprudente com frequência. Corajoso até demais.*

— O que o Jameson lembra — continuou Grayson, com a voz controlada — é que ele achou que ia morrer. Que iam matá-lo.

— O que é isso? — disparou Lyra. — Tudo isso. *Qualquer* parte disso.

Ela ainda não conseguia mandar Grayson embora, então foi *ela* quem saiu — atravessou os restos irregulares da fundação e foi até o terraço destruído com vista para o mar. Parou bem na beira, e desta vez, Grayson não a puxou de volta.

Ele se colocou ao lado dela — bem ao lado.

— Eu não sei. — Era difícil para ele dizer aquilo. Grayson Hawthorne não era alguém que lidava bem com *não saber*. — Mas *isso*? — Pelo tom, estava claro que ele já não falava mais de Alice Hawthorne… nem de Jameson. Não se referia a perigos ou ameaças.

Ele falava *deles dois*.

— *Isso* — repetiu Grayson — é algo que vale a pena lutar para manter.

Isso. Uma bola de emoção subiu na garganta de Lyra.

— O tipo certo de desastre esperando para acontecer — sussurrou ela.

— Um Hawthorne e uma garota que tem todos os motivos pra ficar longe dos Hawthorne.

Grayson virou o corpo todo na direção dela, e o de Lyra respondeu como se fosse uma dança, como se aquilo fosse só mais um *pas de deux*, se inclinando de volta para ele. A água escorria pelos rostos dos dois, e Lyra se lembrou de que Grayson era quem era, e ela também era quem era e que isso não mudaria, para nenhum dos dois.

Algumas coisas simplesmente não eram para acontecer.

— Eu preciso voltar para o jogo — disse Lyra. *Eu*, não *nós*.

Um raio caiu com força, rasgando o céu sobre o oceano. Ao ver de relance, Lyra se virou depressa, olhando para as águas escuras que não conseguia distinguir na noite, e sentiu — pela primeira vez desde o heliporto — alguma coisa.

Tem alguém nos observando.

A sensação veio como um enjoo repentino, subindo do estômago e percorrendo a espinha.

— O que foi? — perguntou Grayson.

Lyra balançou a cabeça, e então outro raio caiu, perto o bastante para rasgar o céu e iluminar o mundo.

Havia uma diferença entre sentir e perceber. Lyra levou um instante para processar o que tinha visto naquele clarão ofuscante e, quando percebeu, o oceano já estava mergulhado na escuridão de novo.

Lírios-do-nilo. Centenas deles. Flutuando na água, chegando à praia.

Capítulo 80



GRAYSON

Grayson não pensou, não hesitou. Tirou o casaco. Depois a camisa. Recuando depressa como uma lâmina na noite, calculou a trajetória exata de que precisava e a margem de erro exponencialmente pequena dentro da qual teria que acertar.

E então correu, direto para a beirada do pátio, para a beirada do penhasco. Seu corpo já antecipava o momento do salto, o jeito como *descreveria* um arco no ar até mergulhar na água, trinta metros abaixo, raspando por um triz nas pedras.

Então Lyra se *lançou* de lado, bem na frente dele.

Cancelar. Grayson não conseguiu parar por completo, então envolveu os braços em torno dela e girou, redirecionando o impulso como pôde e rezando para que fosse o bastante.

Caíram com força, a um fio da borda.

— Você ficou maluco? — Lyra não era de levantar a voz, mas agora estava gritando. E também estava por cima dele.

— Me deixa levantar — ordenou Grayson.

Mesmo à noite, Lyra parecia em chamas.

— Que porra é essa, Hawthorne?

— Me deixa levantar — repetiu Grayson, mas ela o imobilizou. — Deixa eu fazer isso por você, Lyra.

— *Babaca.* — Ela estava montada nele agora, as mãos presas aos punhos dele. — Você acha, de verdade, que vou deixar você se jogar desse penhasco e só *torcer* para que consiga evitar as pedras? — O peito dela

subia e descia. — Você acha, de verdade, que é o único que faria qualquer coisa para proteger as pessoas que importam?

A voz dela falhou na palavra *importam*, e Grayson soube, naquele instante, que não iria a lugar nenhum.

Eu importo. Para você. Isso importa.

— Passei anos mentindo para a minha família porque sabia que, se soubessem que eu estava sofrendo, iam sofrer também — continuou Lyra, com a voz firme e grave. — E talvez mentir para protegê-los e esperar algo diferente de você faça de mim uma hipócrita. Talvez eu seja tão mentirosa quanto você, Grayson Hawthorne. Mas nisso aqui…

Grayson se sentou, deslizando-a mais para baixo em suas coxas, as mãos buscando as dela de novo, os dedos entrelaçando nos dela.

— *Nisso aqui* — repetiu Lyra — nós somos iguais. — O aperto dela nas mãos dele se intensificou, como se não confiasse que ele fosse ficar ali, como se fosse derrubá-lo de novo se precisasse.

Nós somos iguais. Grayson deixou aquelas palavras o envolverem. Gravou-as — junto com aquele momento — na memória, caso fosse um dos últimos. Mas a realidade já rosnava do outro lado da porta.

— Tem alguém lá fora. Eu vi o que você viu, Lyra.

A mente de Grayson foi direto para a letra *A*.

Lyra o soltou e escorregou das coxas dele, ficando de pé e virando o corpo na direção da água.

— Não sinto mais nada. Quem quer que tenha deixado aquelas flores… já foi.

Grayson não sabia dizer o que desafiava mais a lógica: a certeza dela ou a tendência dele a acreditar nela. Levantou-se.

— Vou avisar meus irmãos.

A imagem dos lírios-do-nilo sobre a água, iluminados por menos de um segundo por um raio, estava gravada na mente de Grayson. Para ele, aquilo parecia um aviso.

Uma declaração de guerra.

Digitou e enviou a mensagem, depois voltou o olhar para Lyra, que falou antes dele.

— Só tem um jeito de isso funcionar — disse ela.

Isso. Grayson se deteve na palavra. *Isso. Isso. Isso.*

— Eu também tenho o direito de te puxar para longe da beirada.

Grayson sentiu o movimento do próprio pomo de adão, depois a garganta se apertando e os ombros relaxando. *Isso.*

— Aceito sua proposta — disse ele, um Hawthorne fechando um acordo —, mas não gosto dela.

— Bem-vindo ao clube — disse Lyra. — E chega de mentiras. Se tiver algo que não pode me contar, é só dizer que não pode. Você tem direito aos seus segredos, Grayson. Tem direito de colocar sua família em primeiro lugar, de protegê-los, mas se mentir pra mim *de novo* ou tentar me manipular, isso… nós… vai acabar.

— Chega de mentiras. — Grayson podia aceitar isso, por ela. *De outro jeito. Melhor.* — E falando nisso, tem uma coisa que você precisa saber. Você disse que eu não te *escolheria*.

— Não estou te pedindo que…

— Você estava errada. Eu *escolheria* você, Lyra… não em vez da minha família, mas como parte dela. — Grayson pensou em Nash dizendo que soubera logo de cara com Libby, e no velho sempre falando sobre como os homens Hawthorne amavam.

— Você não pode estar falando sério — respondeu Lyra. — Só se passaram três dias.

— Tenta me dizer de novo — sugeriu Grayson, com suavidade — o que eu posso ou não posso sentir.

Antes que ela respondesse, o relógio dele vibrou. Grayson olhou, esperando uma resposta à mensagem de alerta que havia enviado, mas em vez disso, uma imagem tomou conta da tela.

Um diamante.

Depois de três ou quatro segundos, o diamante se dissolveu, dando lugar a palavras. *UM JOGADOR CHEGOU AO ENIGMA FINAL.*

— Um jogador — disse Lyra em voz alta, tendo recebido a mesma mensagem. — Um diamante… Rohan ou Savannah.

Grayson voltou a olhar para o mar. Eles podiam tentar descer pelo caminho mais longo, tentar rastrear uma ameaça que provavelmente já tinha sumido havia tempos, ou podiam ir até o fim naquilo, fazer uma última tentativa de dar a Lyra a chance de salvar o Recanto Sereno, uma última tentativa de salvar a irmã de Grayson dela mesma.

— Emily Dickinson — disse Lyra, com a mesma intensidade e propósito de qualquer Hawthorne. — A gente vai voltar pra casa… pra

biblioteca.

Capítulo 81



ROHAN

Rohan ignorou a vibração no punho, nem sequer piscou ao abrir um exemplar de capa em couro dos poemas de Emily Dickinson. Não havia páginas lá dentro.

Ali, encarando Rohan de volta, havia um pingente de prata — uma pena — e, ao lado dele, bem maior, uma engrenagem metálica brilhante. *De platina*. Rohan pegou primeiro o pingente, depois a engrenagem, e no instante em que levantou esta última, ouviu um compartimento se abrindo no chão atrás dele.

Ele se virou num salto. *O livro-razão*. Rohan o tinha nas mãos num instante. Abriu direto na única página com um nome, o único jogador naquele jogo que chegara antes dele.

Savannah. Rohan não teve dificuldade em notar as marcas deixadas por ela no chão e, por mais habilidoso que fosse em trancar lembranças no labirinto da própria mente, as palavras de Savannah Grayson lá no cais ainda o assombravam.

Eu nunca te dei permissão pra terminar as coisas.

A única coisa que você pode decidir é se está com tanto medo assim.

Quando eu ganhar, vou te dar…

Rohan cortou o juramento de Savannah na própria mente. Só um tolo confiaria na promessa de uma mulher que desprezara. Ao encostar o relógio no livro-razão, Rohan enfim registrou a mensagem que havia recebido e ignorado.

UM JOGADOR CHEGOU AO ENIGMA FINAL.

Claro que tinha sido ela. Rohan não sabia dizer se aquilo o satisfazia ou enfurecia — que o Grande Jogo, o futuro dele, o Mercê, fossem se decidir assim. Entre os dois. Nos termos dela, não nos dele.

Rohan devolveu o livro-razão. O compartimento se fechou e, como Savannah claramente fizera antes, ele desceu a escadaria em espiral do quinto para o quarto andar, do quarto para o terceiro, e então mais um lance, até uma porta coberta por engrenagens de bronze, prata e ouro — mas não *totalmente* coberta.

Havia lacunas aqui e ali — uma a menos do que antes, Rohan seria capaz de apostar. Ele encaixou sua engrenagem em um desses espaços abertos e, no mesmo instante, todas as outras engrenagens começaram a girar.

A fechadura cedeu.

A porta se abriu.

Rohan cruzou o limiar — e pisou em um livro-razão. Acrescentou seu nome logo abaixo do de Savannah. *Onde você está, gata?* Observou o restante do cômodo. O chão era feito inteiramente de vitrais, um mosaico de azulejos em todas as cores imagináveis, nenhum quadrado com o mesmo tom do outro. Do teto pendiam cordões de joias reluzentes — dezenas de pedras preciosas e cristais, suspensos no ar de um ambiente que parecia feito de luz.

Seria um final deslumbrante, mas Savannah não estava em lugar algum, o que significava que Rohan ainda estava atrás. *Ele* ainda não havia chegado ao enigma final.

Mas ela não resolveu. Rohan precisava acreditar que todos os jogadores seriam informados se Savannah tivesse vencido o jogo, e isso queria dizer que ele ainda não tinha perdido. *Só preciso chegar até ela.*

Andando pelos cantos da sala, Rohan observou cada fio de joias. *Cores diferentes. Tamanhos diferentes*. Havia até um ou dois geodos. Ele processou aquilo — processou tudo naquela sala de uma só vez, inclusive o padrão de água que Savannah deixara gotejando sobre os ladrilhos coloridos. Parecia que ela havia atravessado quase a sala inteira. *Fazendo o quê?*

Rohan chegou ao ponto com a maior poça, o lugar onde ela havia parado por mais tempo. Ajoelhou-se, examinando o ladrilho. Não se

soltava, mas quando ele encostou a palma da mão ali e pressionou, palavras surgiram por um ou dois segundos.

PAGUE O PREÇO.

Rohan sabia melhor do que ninguém: tudo tem um custo.

Mas qual custo? Ergueu os olhos de novo, observando as riquezas penduradas no teto, um verdadeiro labirinto de coisas reluzentes e brilhantes. *Qual preço?*

Recusando-se até a considerar um processo de tentativa e erro, Rohan olhou mais uma vez para o ladrilho que havia encontrado, cor de anil, talvez uns quarenta e cinco centímetros por lado, translúcido o bastante para deixar passar luz.

Na verdade... Rohan se deitou, encostando o peito no chão, aproximando os olhos ao máximo do ladrilho. Pressionou de novo. Nenhuma palavra apareceu dessa vez, mas havia luz suficiente atravessando o azulejo para que, por um instante, ele visse o que havia embaixo.

O objeto estava enrolado sob a superfície como uma cobra, e embora Rohan só pudesse distinguir o contorno, reconheceu imediatamente.

A corrente de Savannah.

Naquele instante, Rohan entendeu como ela havia pagado o preço — com uma forma de pagamento que não estava disponível para nenhum outro jogador. Por dias, Savannah usara aquela corrente de platina enrolada na cintura, depois abrira a porta com uma engrenagem feita do mesmo metal precioso, e quando pediram um preço...

Ela pagou.

Rohan não tinha tempo para hesitar, nem para se culpar por não ter tirado essa vantagem dela antes. Ao contrário de Savannah, não tinha uma carta na manga ali, nenhuma maneira de pular etapas naquele enigma. Precisava de uma resposta. *Qual preço?* Rohan olhou novamente para os objetos pendurados no teto, depois se levantou e começou a caminhar entre eles, desviando de um lado para o outro. *Qual item?*

Qual objeto?

Então a resposta o atingiu… com força, de uma vez só. *Só tem um único objeto neste jogo que nunca foi usado de nenhuma forma.* Rohan enfiou a mão no bolso e tirou o dado. Voltou até o ladrilho anil e os colocou sobre a superfície. Quando isso não funcionou, tentou lançá-los.

Nada ainda.

Rohan não tinha tempo para aquilo. O Mercê estava em jogo. Promessas eram tão fáceis de quebrar quanto vidro. Socou o ladrilho anil com o punho fechado — não com força o bastante para quebrá-lo, mas o suficiente para *doer*.

E com a dor veio a clareza. Rohan *precisava* daquela clareza. Para sua surpresa, ao socar o ladrilho pela segunda vez, uma nova palavra surgiu sobre a superfície:

CATIVANTE.

A mente de Rohan girava a mil. *Pague o preço. Cativante.* Ele socou o ladrilho anil de novo, e de novo, e de novo, até que outra palavra apareceu.

ADORÁVEL.

Acima dele, riquezas o aguardavam — e essas descrições poderiam se aplicar a *qualquer* uma. *Cativante. Adorável.* Rohan estava disposto a ferir os próprios nós dos dedos, se fosse preciso, mas não chegou a tanto, porque a próxima palavra a brilhar no azulejo foi PRÍNCIPE.

Adorável. Cativante. Príncipe…

— *Encantado* — murmurou Rohan. Ele olhou para as joias enquanto pensava naquela palavra. Devia ter algum código em outra língua. Príncipe Encantado, em inglês, era *prince Charming. Charming, charm,* que traduzido é… pingente. Rohan soltou uma risada baixa e grave.

As joias penduradas no teto não passavam de uma bela distração. Os dados não eram os únicos objetos restantes naquele jogo.

— *Os pingentes*, ou em inglês, *charms*.

Ouviu um som atrás de si — engrenagens girando. *Companhia chegando.*

Rohan se moveu como um raio, jogando sua pulseira de pingentes e os pingentes presos nela sobre o ladrilho anil. Quando isso não teve efeito, arrancou os pingentes um a um:

A espada.

A chave.

O relógio.

A nota musical.

A árvore.

A pena.

Largou apenas os pingentes — e só eles — sobre o ladrilho, e o efeito foi imediato. As seis peças de prata preciosa se rearranjaram sozinhas, como se puxadas por alguma força magnética, cada uma se encaixando em um ponto específico do azulejo.

Não é prata, percebeu Rohan, *é aço*.

A porta atrás dele se abriu, mas Rohan nem se virou para olhar. Os seis pingentes juntos agora formavam uma seta. O ladrilho anil desceu, fazendo os pingentes caírem no compartimento abaixo — seu preço fora aceito — e a parede para a qual a seta apontava se abriu.

Rohan disparou pela abertura, e o relógio em seu punho vibrou com a mesma mensagem de antes:

UM JOGADOR CHEGOU AO ENIGMA FINAL.

A parede se fechou atrás dele, e ele se virou o suficiente para ver Lyra Kane e Grayson Hawthorne.

Quanto eles viram? Rohan afastou a pergunta. Não havia tempo para isso. À sua frente, uma escadaria escura. Rohan resistiu ao impulso de descer correndo e foi recompensado por notar algo, para além da água, no segundo degrau. *Fones de ouvido. Vários pares.* Rohan pegou um e os encaixou nos ouvidos.

Enquanto descia os degraus restantes, a voz de Avery Grambs ecoou:

— *Maior, menor, branco, vermelho* — dizia. — Você já sabe qual é a pergunta?

Rohan levou a mão ao bolso no mesmo instante, pegando os dados vermelhos — que sempre davam seis e dois, somando oito. Os dados *brancos* de Savannah tinham dado o mesmo resultado, embora com um cinco e um três.

Maior, menor, branco, vermelho. Você já sabe qual é a pergunta?

Rohan podia ir além da herdeira Hawthorne. Ele sabia a resposta. O código. Ao sair da escadaria, procurou um modo de inseri-lo. A sala diante dele era simples. O chão parecia de cimento. As paredes, brancas e vazias. Sem teclado. Sem mostrador de combinação. Sem tela onde digitar o código que ele *sabia*.

O único objeto em toda a sala era um pequeno cilindro de vidro no chão, com a circunferência apenas um pouco maior do que os dados de Rohan.

Foi então que Rohan entendeu: os dados não eram apenas uma pista para uma combinação. Não eram um código. Os dados eram, por si só, a chave para a última fechadura — e ele precisava dos *dois* pares.

Maior, menor, branco, vermelho. Você já sabe qual é a pergunta?

Rohan se lembrou de algo que Avery Grambs dissera no início da segunda fase: *Apenas um de vocês pode vencer o Grande Jogo deste ano, mas, num sentido bem real, ninguém aqui está sozinho.*

— Eu sabia que ia ser você. — Savannah saiu das sombras, e na mente de Rohan surgiu mais uma voz. *Não vai ser você, garoto.*

Nash Hawthorne previra que Rohan perderia o Grande Jogo, porque os jogos dos Hawthorne *tinham coração*. E para vencer *esse* jogo…

Rohan olhou do dado em sua mão para outra mão, segurando outro. O dado de *Savannah*. Lá de cima, ouviu-se um estrondo, a parede no topo da escada se abrindo de novo.

O relógio de Rohan vibrou. *Duas vezes*. Lyra e Grayson haviam pagado o preço. E Rohan *sabia* que, mesmo que não tivessem se acertado, Grayson Hawthorne entregaria seu dado a Lyra Kane num piscar de olhos.

Maior, menor, branco, vermelho. Você já sabe qual é a pergunta?

Rohan sabia. Ele havia resolvido. E não importava. *Malditos Hawthorne e seus malditos jogos.* Não havia tempo. *Não tenho tempo para arrancar esse dado de você, gata. Não tenho tempo para te convencer. Não tenho tempo para barganhar.*

O Mercê do Diabo estava em jogo, e Rohan não podia fazer *nada* além da única coisa que Nash Hawthorne claramente nunca esperou que ele fosse capaz de fazer.

— Que tudo vá direto pro inferno. — Rohan atravessou a sala até Savannah e colocou o dado nas mãos dela.

Confiar era um sinal de fraqueza.

Afeto era um sinal de fraqueza.

Rohan não fora feito para depender de ninguém, não dessa forma. Mas que escolha ele tinha? Tinha se aliado a Savannah Grayson e depois a afastado. Ele a afastou e afastou e afastou, e a traição nunca aconteceu.

Sua jogada, gata.

Savannah não hesitou. Ela *nunca* hesitava. Era incapaz disso. Um a um, ela deixou cair os dados de vidro no cilindro, os dados brancos

primeiro, o cinco antes dos três. Depois o vermelho seis e o vermelho dois por último.

Maior, menor, branco, vermelho. Você já sabe qual é a pergunta?

No instante em que o último dado caiu no cilindro, a música preencheu o ar. *Sinos de igreja*. O teto se abriu. Uma televisão de tela plana desceu, com uma câmera visivelmente acoplada ao lado. A tela piscou e ganhou vida — mas a luz da câmera nunca acendeu.

Na tela, havia quatro cadeiras. Uma para cada criador do jogo, mas essas cadeiras estavam…

Vazias.

O relógio de Rohan vibrou. Ele não olhou para baixo, os olhos fixos em Savannah. Atrás dele, Lyra Kane leu em voz alta a mensagem que todos haviam acabado de receber:

— *Temos uma vencedora.*

Savannah. Ela tinha vencido o Grande Jogo. Mas não havia ninguém na tela… nenhum Hawthorne, nenhuma herdeira, nem mesmo a advogada deles. Sem transmissão ao vivo, sem ninguém a quem culpar.

— Onde eles estão? — Savannah Grayson era fúria, elegância e planos perfeitos arruinados. — Eu *venci*. — Ela não levantou a voz, mas poderia muito bem estar gritando, de tanta força e dor naquelas palavras. — *Onde eles estão?*

Rohan tinha avisado. Sem o fator surpresa, ela nunca teve uma chance real. *Devia ter aceitado o acordo do Brady, gata.* Mas antes que pudesse dizer isso em voz alta, Grayson Hawthorne deu um passo firme à frente, encarando a tela e aquelas cadeiras vazias como se fosse perfurá-las com o olhar.

— Tem alguma coisa errada.

Capítulo 82



GIGI

Cerca de seis quilômetros ao norte. Gigi não tinha certeza se ia conseguir.

Aqui jaz Gigi Grayson, diria sua lápide, *vencida pelo cárdio.*

Quando finalmente avistou o bar à distância, Gigi tentou, sem sucesso, soltar um suspiro de alívio. Aquela noite estava chegando ao fim. Esse capítulo curto e completamente insano da vida dela estava se encerrando.

— É até aqui que a gente vai — disse Eve a Slate. — Precisamos estar bem longe antes que qualquer pessoa minimamente ligada a um Hawthorne venha atrás dela.

Isso doeu mais do que devia.

— Se cuida, raio de sol.

Uma bola de emoção subiu à garganta de Gigi, mas ela *escolheu* sorrir. Porque podia. Porque, mesmo depois de tudo, ainda precisava acreditar que felicidade era uma escolha.

— *Problema* é meu segundo nome do meio — disse ela a Slate. — Juliet Aurélia Problema Grayson. — O sorriso vacilou, mas Gigi se manteve firme, fazendo um gesto com o queixo para o bar, que, mesmo de longe, parecia tão decadente quanto o prometido. — Será que tem mimosa?

— Não — disse Slate. — Acho que não.

— Verdade ou mentira. — Gigi o encarou no escuro. — Você vai sentir minha falta.

— *Slate* — chamou Eve, claramente perdendo a paciência.

Gigi decidiu não esperar por uma resposta que provavelmente não viria. Fixou o olhar no prédio à frente e conseguiu dar exatos três passos antes

que Mattias Slater falasse atrás dela.

— Vamos jogar um jogo — disse ele. — Se chama: Você Não Precisa Provar Nada Pra Ninguém. Se chama: Você Já É Forte.

Gigi parou de andar, mas não olhou pra trás. Não deixou que o corpo se virasse. Mesmo assim, teve que perguntar:

— Você já esteve lá fora?

Quantas vezes, no último ano e meio, ela gritou para a noite, apostando às cegas? *Eu sei que você está aí.* Ele tinha sido um fantasma da imaginação dela em tantas noites, e talvez fosse só isso mesmo.

Talvez, se ela se virasse agora, descobrisse que ele já tinha ido embora.

E então veio a resposta:

— Mais de uma vez.

Gigi assentiu, depois engoliu em seco. *Não era tudo coisa da minha cabeça.*

Ela respirou o mais fundo que já respirara na vida.

— Adeus, Mattias.

Voltou a caminhar na direção do bar. Os dois primeiros passos foram os mais difíceis. Depois de cinco, Gigi se forçou a acelerar, o máximo que conseguisse… por Savannah. Mesmo que Zella tivesse razão, mesmo que o Grande Jogo estivesse terminando, mesmo que já tivesse acabado e ela tivesse chegado tarde demais, precisava chegar até a irmã. E agora, graças à língua solta da Eve, precisava chegar até Grayson e Lyra também. Pelo menos, precisava contar a alguém sobre Calla, *a Observadora*, *o Lírio*, *a Mulher de Vermelho*.

Porque o que quer que viesse depois do *tempo de observar*... nem Gigi era otimista o bastante pra achar que seria coisa boa.

Capítulo 83



LYRA

Tem alguma coisa errada. As palavras de Grayson pairaram no ar. Lyra devia estar pensando no fato de que tinha perdido, no Recanto Sereno, mas tudo em que conseguia pensar, enquanto encarava as cadeiras vazias dos criadores do jogo naquela tela, eram lírios-do-nilo flutuando sobre a água.

Tantos deles.

— Por que algo estaria errado? — disse Savannah, a voz aguda, nítida, cortante, cheia de farpas. — Mesmo quando eu fico em primeiro, eu perco. — A irmã de Grayson olhou para quem tinha sido seu parceiro naquele jogo, o homem que entregara os dados para que ela pudesse vencer. — A casa sempre vence, não é, Rohan? — perguntou Savannah.

A casa. Lyra não conseguia afastar a pergunta que borbulhava dentro dela, como um pressentimento sombrio. *E se os criadores do jogo não forem a casa?*

Ao lado dela, Grayson digitava algo no relógio, mas antes que pudesse terminar, os quatro relógios vibraram ao mesmo tempo, exibindo o que Lyra só podia presumir ser mensagens idênticas:

DIRIJAM-SE AO HELIPONTO PARA EXTRAÇÃO.



— Tem alguma coisa muito errada — repetiu Grayson, direto no ouvido direito de Lyra, enquanto um helicóptero de estilo militar pousava no

heliponto. Sua avaliação foi confirmada de imediato quando uma das portas do helicóptero se abriu e dois passageiros desceram.

Homens. Nenhum deles era um Hawthorne. Só de olhar, dava para saber o que eram. *Seguranças.*

— Era pra serem cinco — gritou um deles por cima do barulho das hélices.

— Brady Daniels — respondeu Grayson. Ele foi na direção dos homens. — Ele ainda deve estar em algum lugar da ilha. Agora, qual de vocês vai me contar *exatamente* o que aconteceu?

Alguma coisa aconteceu, pensou Lyra. *Alguma coisa aconteceu mesmo.* O Grande Jogo não era o tipo de jogo feito para terminar com queixumes. Aquilo não era só por causa de Savannah, Eve e seja lá qual fosse o plano delas.

Lírios-do-nilo na água. A casa sempre vence.

— Vocês quatro — gritou um dos homens, ignorando a pergunta de Grayson e praticamente colocando a própria vida em risco —, pro helicóptero!

— Permitam-me reformular — disse Grayson. — Qual dos dois prefere que eu não dedique tempo e recursos consideráveis, a partir de agora, pra fazer você se arrepender de *não* ter respondido minha pergunta?

O homem da direita foi o primeiro a ceder.

— Nos mandaram reunir todos os jogadores e levar vocês de volta ao iate. Ordem do Oren. A herdeira está desaparecida.

Uma mudança percorreu o corpo de Grayson, e Lyra sentiu um arrepio subir pela própria espinha.

— O que você quer dizer — perguntou Grayson, agarrando o homem pela camisa — com "*a herdeira está desaparecida*"?

Capítulo 84



GRAYSON

Avery. Sumiu do radar. *Nenhum sinal de perfídia… mas está desaparecida.* Isso era tudo que Grayson tinha conseguido arrancar dos homens de Oren. Agora, esses mesmos homens estavam vasculhando a ilha atrás de Brady Daniels, enquanto Grayson e o resto dos jogadores seguiam rumo ao iate.

Grayson focou o piloto do helicóptero — mais um dos homens de Oren — e tentou arrancar mais alguma coisa, mas o piloto não sabia de *mais nada*.

Porque, pensou Grayson*, os homens do Oren não sabem da Alice.*

Grayson queria acreditar que estava se precipitando, que o desaparecimento repentino de Avery talvez não tivesse nada a ver com *Alice*, mas então pensou em Praga — cinzas na pele de Jameson, cortes no pescoço.

Ameaças foram feitas.

Grayson nem esperou o helicóptero pousar por completo no iate antes de saltar. Dois segundos depois, Lyra aterrissou a um pé de distância, tendo também saltado do helicóptero atrás dele. Grayson precisou de todas suas forças para não se fechar e afastá-la, mas sabia por experiência própria que, se fizesse isso, não seria útil a ninguém — não seria útil para *Avery*.

Dessa vez, eu não vou travar. Os piores cenários passaram por sua mente, e Grayson os deixou vir.

— Precisamos encontrar o Jameson — disse ele a Lyra. — Ou o John Oren, chefe de segurança da Avery. — Atrás deles, o helicóptero terminou de pousar. Rohan e Savannah estavam saindo dele.

E não tem ninguém aqui pra nos receber. Grayson sustentou o olhar de Lyra por uma fração de segundo e então saiu em disparada, atravessando o iate, sabendo muito bem que Lyra era perfeitamente capaz de acompanhar seu ritmo… e que iria de fato acompanhar. A suíte de Jameson e Avery estava vazia. Grayson não tinha certeza de onde, no iate, ficava a central de segurança, então foi para a segunda melhor opção.

O escritório de Alisa.

Grayson nem se deu ao trabalho de bater antes de escancarar a porta. Lá dentro, Alisa e Jameson estavam curvados sobre o celular dela.

— E foi só isso? — Jameson dizia, com uma voz irreconhecível, os olhos grudados no celular como se aquilo fosse a única coisa que importava no mundo. — Isso foi, palavra por palavra, tudo que a Mulher de Vermelho disse?

A Mulher de Vermelho.

Grayson gravou aquela frase na memória, enquanto a voz do outro lado da ligação respondia:

— Foi.

Grayson reconheceu aquela voz.

— Gigi.

Alisa levantou os olhos para ele.

— Knox está com ela. Ela está segura e a caminho.

Gigi estava segura, mas Grayson soube só de olhar para Jameson: *a Avery não está.*

Grayson foi até o irmão, mas dirigiu as próximas palavras ao celular de Alisa:

— Gigi. Sou eu. O que você sabe?

A irmã de Grayson era perfeitamente capaz de falar a dez mil por hora. Uma verdadeira avalanche de informações saiu de Gigi. *Uma mulher de vermelho, Calla Thorp. Outra mulher, Zella.*

Eve dizendo à primeira que Lyra sabia alguma coisa sobre lírios-do-nilo, Alice Hawthorne e ômega.

Um aviso da segunda de que, se fizessem a Gigi uma certa pergunta, por mais coerciva que fosse a abordagem, ela podia dizer não.

E então havia a frase que Gigi mais repetia… de novo, e de novo, e de novo. *O tempo de* observar *acabou.*

Antes que Grayson pudesse reagir à enxurrada de informações, Jameson se adiantou e encerrou a ligação.

Sem sequer olhar para Grayson, Jameson voltou os olhos para Alisa.

— *Faça alguma coisa* — disse ele, praticamente vibrando de tanta tensão, como se seu corpo físico estivesse prestes a falhar diante da tempestade que se formava dentro dele. — *Agora*. Você ouviu a Gigi. Calla Thorp se chama de a Observadora. Usa uma capa vermelha.

— A Calla do Brady? — perguntou Lyra, que estivera em silêncio até então, olhando para Grayson. — Uma capa, Grayson.

Grayson entendeu exatamente o que ela queria dizer.

— Seu sonho. Alice. Você disse que ela usava uma capa preta.

— *Alice* — repetiu Jameson, a voz perigosamente baixa. — Eu te disse pra parar de dizer esse nome, mas você não parou. — Jameson virou a cabeça devagar, o movimento mais animal do que humano, o olhar fixando-se em Lyra. — Isso é culpa sua — acusou Jameson.

Grayson se colocou na frente de Lyra.

— O que aconteceu? — perguntou. *Com a Avery.* Grayson não precisou dizer essa parte em voz alta. Avery era o centro do universo de Jameson, seu *tudo*, em todos os sentidos que importavam.

Jameson olhou por cima de Grayson e respondeu diretamente a Lyra:

— Você. — Os olhos de Jameson estavam selvagens e carregados, o corpo todo como um fio desencapado. — *Você* aconteceu, Lyra. A Eve aconteceu… e agora Avery *sumiu*.

— Detalhes — pediu Grayson, a voz tão baixa quanto a do irmão, e carregada de uma intensidade que fazia tremer os ossos. — Agora. *Est unus ex nobis*, Jamie. — *Ela é uma de nós.*

Desde quase o começo, Avery era uma deles.

A cabeça de Jameson se curvou até o queixo quase tocar o colarinho, tamanha a tensão visível em seu pescoço, os tendões parecendo prestes a se romper.

Estou bem aqui, Jamie. Só me conte.

— Estávamos sendo *observados* — explicou Jameson, a voz estranhamente sem vida, repetindo o que Gigi havia dito. — E agora, o tempo de *observar* acabou. Você tinha que insistir, Gray. Tinha que continuar dizendo aquele nome.

Ninguém disse agora. *Alice.*

— E você. — Jameson ergueu a cabeça outra vez, cravando os olhos ferozes nos de Lyra. — Você abriu essa sua boca imensa pra Eve, e agora… — Jameson interrompeu a própria frase. E, sem aviso algum, colocou o peso do corpo inteiro em um soco direto no maxilar de Grayson.

Grayson caiu, e a próxima coisa que soube foi que Lyra se jogara entre eles, protegendo o corpo dele com o dela.

— Jameson. — A voz de Alisa cortou o ar. — Preciso que você se controle.

— Isso sou eu — retrucou Jameson, encarando Grayson no chão — me controlando.

— Eu entendo — respondeu Alisa. — Acredite, Jameson, eu entendo. Mas se continuar se comportando como um risco, vou conversar com o Oren, e você vai acordar trancado em algum depósito sem saída enquanto os adultos fazem o que for preciso pra trazer a Avery de volta.

— Trazê-la de volta. — Grayson se forçou a dizer, obrigando-se a pôr as palavras para fora. — *Delas.*

— Odette disse que sempre há três. — A voz de Lyra tremia levemente, muito levemente, ao dirigir aquelas palavras a Jameson e Alisa. — Alice Hawthorne estava lá na noite em que meu pai morreu. Ela usava uma capa. Preta. Toda preta. — Grayson quase podia ouvir os pensamentos de Lyra girando. — E a da Calla era vermelha…

Grayson sabia que Lyra estava pensando no jogo distorcido que o pai dela armara para ela na noite em que se matou. *Três pedaços de doce em um colar de doces. Um lírio-do-nilo. Um Hawthorne. E ômega.*

— Essa é a última vez que vou pedir por mais detalhes. — Com o maxilar ainda doendo por causa do soco de Jameson, Grayson se levantou devagar.

Alisa se adiantou antes que Jameson pudesse dizer qualquer coisa.

— Menos de uma hora atrás — disse ela a Grayson — a Avery desligou as câmeras do iate. Todas. Por menos de três minutos. Ela garantiu que Oren e a equipe estivessem ocupados em outro lugar. Pelas imagens que temos, ela estava sozinha quando fez isso e já havia sumido quando as câmeras voltaram. Não houve sinal de luta, nem de mais ninguém com ela. E ela deixou um bilhete.

Alisa pegou o papel em sua mesa e entregou a Grayson — tinta roxa, rabiscada no verso de um dos cartões-postais antigos da mãe.

Não estou sumida. Não venham atrás de mim. A imprensa não pode saber que eu fui embora.



— Quando foi que você encontrou isso? — perguntou Grayson a Jameson, sabendo instintivamente que fora ele quem encontrara.

Jameson não respondeu.

— Trinta e três minutos — respondeu Alisa. — Cerca de quinze minutos depois da queda no sistema de segurança. Nesse tempo, Oren e eu já fomos totalmente informados. Várias equipes foram acionadas. Xander está tentando entrar em contato com Nash e Libby. Estamos passando um pente-fino em cada segundo das filmagens de segurança que temos. Logo antes de falarmos com a Gigi, fiz uma ligação para um contato muito discreto na Guarda Costeira.

Discreto. Os músculos da garganta de Grayson se retesaram enquanto ele voltava a olhar para o bilhete de Avery. *A imprensa não pode saber que eu fui embora*. Grayson reconheceria a letra de Avery em qualquer lugar.

— O que podemos entender dessa lemniscata? — perguntou ele.

— Não tem isso de *nós* — respondeu Jameson, a voz como de uma fera solta. — Avery não é da sua conta. — Ele disse o nome de Avery como se tivesse sido arrancado da alma, e Grayson sentiu aquelas palavras como uma lâmina atravessando o peito.

Avery era *família*, e a família sempre fora da conta de Grayson.

— Quero saber onde está a Odette — ordenou Grayson a Alisa. Mesmo ferido, sua mente já processava os próximos passos em velocidade máxima. — Ela sabe de algo. E onde está o Toby?

— Ele passou as últimas horas procurando pela Eve — respondeu Alisa.

— E o que ele sabe? — perguntou Grayson a Jameson. — Sobre a Alice.

— Nada que tenha se sentido inclinado a compartilhar — respondeu Jameson, a voz tensa, mandíbula travada, olhos vazios. — E ele não está atendendo nossas ligações. Mas, como eu disse, *irmão*, isso não é da sua

conta. — Jameson olhou de Grayson para Lyra e depois de volta para ele. — Você tem outras preocupações agora.

Aquilo não podia ser mais óbvio: *Ele culpa a Lyra por isso. Ele me culpa.*

— Me culpe o quanto quiser — disse Grayson ao irmão. — Mas *est unus ex nobis. Nos defendat eius.* — Dessa vez, Grayson disse a frase inteira.

— A Avery é uma de nós, Jamie. Iremos protegê-la. Iremos *encontrá-la*. — Grayson sentiu a força daquele voto em cada centímetro do próprio corpo.

— *Eu* vou encontrá-la — retrucou Jameson. — O Oren e a Alisa e as equipes deles vão. O Nash vai. O Toby também. Mas você? — Jameson se virou de novo, olhando Grayson diretamente nos olhos. — Pra mim, você e a Lyra podem ir pro inferno.

Capítulo 85



ROHAN

Rohan sentiu o labirinto em sua mente se rearranjando, transformado por uma única nova informação. *Avery Grambs, desaparecida*. Sem a herdeira, talvez não houvesse prêmio algum — pelo menos não de imediato. Não a tempo de Rohan descobrir, com absoluta certeza, se Savannah Grayson realmente pretendia cumprir sua promessa.

E por que cumpriria? Rohan não gostava da ideia de estar à mercê de ninguém. Ele precisava encontrar outro caminho.

Sempre havia outro caminho.

Os caminhos diante de Rohan eram muitos e variados, e sua oponente, nitidamente clara. *Isso não acabou, duquesa.*

— Que raios está acontecendo? — disse Savannah, as primeiras palavras dirigidas a Rohan desde que ela se virara para ele, lá na câmara final, e dissera: *a casa sempre vence*. — Por que nos trouxeram aqui?

Eu sou a casa, disse Rohan a si mesmo. *Não há outra escolha. Eu tenho que ser a casa.*

— Pode-se concluir — disse ele a Savannah — que há algum *problema*. — Rohan avançou em direção à proa do iate, só para ver se ela o seguiria.

Ela não seguiu.

Eu dito os termos, Savannah Grayson lhe dissera. *E mais ninguém.*

— E quando se trata de um *problema* de certo tipo… — continuou Rohan, virando-se para encará-la de novo, agora andando de costas — a primeira coisa a se fazer é isolar todas as peças do tabuleiro.

O helicóptero que os trouxera já tinha decolado, voltando para a ilha, sem dúvida, atrás de Brady Daniels. *Enquanto falamos, há uma equipe*

caçando ele. Ótimo.

Para os propósitos de Rohan, Daniels era essencial.

Você foi proibida de interferir no jogo, duquesa? Rohan tinha as fotos, mas elas não bastavam para provar a participação de Zella naquilo tudo. *O Proprietário te disse que, se o Grande Jogo fosse cancelado, você seria desclassificada como possível herdeira? Foi por isso que instruiu Brady a manter o jogo em andamento?*

A única prova real que Rohan tinha do envolvimento de Zella estava tatuada no braço de Brady.

Rohan continuou andando de costas, mentalmente chamando Savannah para segui-lo… e, por fim, ela seguiu. *Ainda não acabamos, não é, gata?*

— Você me deu seus dados — disse Savannah, como se o acusasse.

Rohan girou outra vez e tomou posição junto à grade na proa do iate, olhando fixamente para frente.

— Foi — disse ele — o movimento estratégico a se fazer.

— Você acreditou na minha palavra — retrucou Savannah.

Ela realmente ia forçá-lo a dizer. *Impiedosa garota do inverno*.

— Que escolha eu tinha? — Rohan manteve o tom leve e, a contragosto, virou o rosto para encará-la. — Desde o começo, que escolha eu tive com você? — Ele acrescentou o apelido só para provocá-la. — Savvy.

— Odeio esse apelido, *britânico*, então esse é o meu acordo final com você. — Savannah Grayson parecia feita para o luar; aquele cabelo platinado, os olhos cinzentos pálidos, que agora se estreitavam na direção dele de um jeito absolutamente encantador. — Você pode me chamar de *Savannah*, e eu vou te chamar de *Rohan*.

O som do próprio nome dito por ela era outra coisa.

— Muito bem — disse Rohan, erguendo uma mão até o queixo dela… um queixo firme para uma mulher impiedosa. — *Savannah*.

— Pergunte qual é o meu plano agora — ordenou ela.

— Qual… — Rohan antecipou o momento em que a mão dela puxaria seu cabelo, e ela não decepcionou. — … é o seu plano agora?

Savannah aproximou os lábios muito perto dos dele.

— Meu plano — sussurrou, fazendo questão de deixar que ele sentisse esse sussurro nos próprios lábios — não é da sua maldita conta. — Ela

chegou ainda mais perto, os lábios se entreabrindo, mas não o beijou. Em vez disso, Savannah Grayson deixou Rohan sentir todas as maneiras como *poderia* tê-lo beijado, e então o empurrou contra a grade.

Implacável.

Os lábios dela se entreabriram mais uma vez.

— Adeus, Rohan.

E pouco depois, ele estava sozinho.

Capítulo 86



ROHAN

Sempre havia um preço para o poder. A única pergunta era qual seria o preço… e quem ia pagar por ele. A sorte de Rohan é que havia clareza na dor.

E, ainda mais para a sorte de Rohan, Jameson Hawthorne era um homem desesperado. Ele rastreou Rohan, exatamente como Rohan esperava que ele fizesse.

— Tenho uma proposta pra você — disse Jameson, a mandíbula tensa.

O corpo humano contava histórias, se você soubesse ouvir. Rohan avaliou Jameson por um momento. Os músculos da mandíbula eram só o começo. *Eis a minha rede de segurança.* Rohan ainda não tinha juntado todas as peças do que estava acontecendo ali — ainda.

Mas ia juntar.

— Preciso de dez milhões de libras, e preciso disso nas próximas sete semanas — disse ele a Jameson. — Você parece ter perdido uma herdeira. Devia ter aceitado minha oferta antes.

Como o poder, a ajuda de Rohan também teria um preço.

— Eu tenho meu próprio dinheiro. — A história que o corpo de Jameson Hawthorne contava naquele momento era a de algo perigoso, brutal, quase desumano, mal contido. Aquele homem estava destruído. E Rohan sempre tivera certa fascinação por coisas destruídas.

Reconstituí-las… ou aproveitá-las em partes.

— Me ajude a encontrar a Avery — disse Jameson, com ferocidade —, e o dinheiro é seu. Tudo que você precisar e mais, cada centavo que eu tiver, sem condição nenhuma.

Sim, pensou Rohan, as palavras vibrando baixinho em sua mente. *Sim. Isso serve.*

— E como exatamente você acredita que eu posso ajudar? — perguntou Rohan. Informação, em tempos como aquele, era inestimável.

— A duquesa. — Os olhos de Jameson se estreitaram. — Zella. Ela sabe de alguma coisa.

Mas é claro que sabe, pensou Rohan. Sua rival era mestra no jogo a longo prazo… provavelmente mais de um.

Derrubá-la seria um prazer. O prazer *dele*.

— Vou precisar do dinheiro antes de poder voltar a Londres — disse Rohan. — Questões técnicas. Você entende.

— Vai ter o dinheiro quando eu tiver a Avery de volta.

Bem, isso podia ser um problema, mas Rohan sempre fora ótimo em resolver problemas.

Sem esperar o consentimento de Rohan, Jameson se virou e foi embora… marchando, na verdade, como um homem desesperado, destruído e perigoso, com um destino à frente.

— Onde você vai? — chamou Rohan. — Onde eu te encontro quando tiver a informação que você precisa?

Jameson nem desacelerou o passo.

— Praga.

Capítulo 87



GIGI

No tempo que levou para a ex-companheira de equipe adorada por Gigi entregá-la a Alisa Ortega, em um iate que mais parecia do tamanho de um imenso campo de futebol, Gigi conseguiu tirar três conclusões a respeito do Mais Rabugento e Impenetrável dos Homens de Calça.

Primeiro: Knox tinha procurado por ela. Estava *procurando* há mais de um dia.

Segundo: tinha sido pago para isso.

E terceiro: mesmo tendo ouvido cada palavra que Gigi dissera a Jameson e Alisa sobre a Mulher de Vermelho, mesmo tendo sido ele a fazer a ligação para Alisa, estava óbvio que ele não ia perguntar.

Sobre a Calla.

Gigi não conseguia parar de pensar na cicatriz na base da nuca de Knox, a que ele tinha chamado de um *adeus de Calla Thorp*. Nem no jeito como a Mulher de Vermelho insistira que não existia mais nenhuma Calla Thorp.

— Parece que nosso acordo comercial chegou ao fim — disse Knox a Alisa, entregando Gigi.

— Sim, sim — respondeu Alisa secamente —, você é insensível, movido apenas por ganância e não se preocupou nem um pouco com a Gigi aqui. Premissa ridícula aceita. Tenho outro trabalho pra você, sr. Landry.

— Não estou interessado, Ortega.

— Vai estar.

Gigi se sentia um pouco como se estivesse assistindo dois pumas sexualmente reprimidos jogando pingue-pongue.

— Acabei de ser notificada pela segurança — continuou Alisa — que Brady Daniels desapareceu da Ilha Hawthorne sem deixar rastro. Fico me perguntando se teve ajuda.

Knox franziu a testa.

— Você acha que ele está com a Calla… ou com a outra.

Zella, pensou Gigi.

— Eu acho — respondeu Alisa — que nosso acordo comercial não chegou ao fim.

Capítulo 88



GIGI

Gigi encontrou Savannah em um dos conveses abertos do iate, entre uma banheira de hidromassagem e uma piscina. Ela estava de costas para Gigi, que ainda não se acostumara com o corte de cabelo da irmã, não se acostumara a ver a nuca dela… a tensão nela.

— Você ganhou, não foi? — indagou Gigi. Era um jeito absurdo de começar, mas agora já tinha dito. — O Grande Jogo.

— Ganhar raramente importa tanto quanto eu acho que vai importar. — Savannah nem se virou. Gigi percebeu só pelo tom de voz que as muralhas da irmã estavam completamente erguidas.

Gelo sólido.

Gigi não era insensível nem incapaz de captar a mensagem, mas Savannah só se blindava assim quando estava profundamente ferida.

— Eu vou te abraçar — anunciou Gigi, indo até a irmã. — Deve ser uma péssima ideia, mas você vai deixar, porque se não deixar, vou ser forçada a arranjar outra coisa pra fazer com os braços, e nós duas sabemos que meus braços e eu nunca deveríamos ser deixados por conta própria.

— Vai embora, Gigi. — A voz de Savannah falhou, e aquilo partiu o coração da irmã.

— Tudo bem se você me odiar. — A voz dela também falhou. Savannah não respondeu. Ficou em silêncio. Um silêncio e depois outro e mais um.

Até que:

— Acredite, Juliet. Eu tentei.

Tentou me odiar.

— Olha só — anunciou Gigi, envolvendo Savannah com os braços. — Eu vou te abraçar agora.

— Nosso pai foi assassinado — disparou Savannah — e você…

— Nosso pai era um assassino. — Gigi sentia o sobe e desce do peito da irmã. — E eu queria tanto te proteger disso. — Ela queria *tanto* ser forte.

Pensou em Mattias Slater, dizendo que ela já era forte.

— Isso acabava comigo, Savannah. Toda vez que eu te via, isso acabava comigo. — Gigi sabia que estava a um passo de começar a tagarelar, e não se importava. — Mas eu queria fazer por você o que fez por mim quando descobriu sobre a traição do papai. Sobre o Grayson. Sobre tudo.

— Você me afastou. — A voz de Savannah estava calma demais ao dizer aquilo.

— Não foi minha intenção — sussurrou Gigi. Ela esperou que Savannah se soltasse, que a empurrasse.

Mas isso não aconteceu. Depois de uma eternidade, a gêmea de Gigi voltou a falar.

— Você está sofrendo.

Gigi não sorriu. Não fez piada. Pela primeira vez na vida, nem tentou aliviar.

— Ele era nosso pai. — Ela não tinha chorado por isso. Não tinha se permitido chorar por causa disso. — Eu sei que devia odiá-lo pelo que fez, mas não odeio. Pessoas morreram, e não há nada que eu possa fazer para compensar isso, por mais que tente, e nem consigo odiar quem as matou.

Os braços de Savannah envolveram os ombros de Gigi. Como abraço, não era lá dos melhores, mas era o suficiente.

— Eu ia expor tudo — A voz de Savannah era baixa, mas nada suave. — Ia derrubar todos eles.

Ia. Gigi conhecia a irmã o bastante para não interpretar demais aquilo. Savannah não era conhecida por mudar de rumo.

— Mas agora a Avery está desaparecida, e eu nem… — Savannah parou no meio da frase. — Você não sabia.

Gigi encarou a irmã.

— Vou ter que repassar toda uma conversa telefônica praticamente unilateral que agora faz muito mais sentido.

Isso é ruim, pensou Gigi. *Isso é muito ruim*.

— Eu sei que você se importa — disse Savannah. — Com eles. Com a Avery.

— Me importo demais — disse Gigi. — Sempre, e às vezes de forma completamente inadequada. É meio que a minha marca registrada… mas sabe o que não é minha marca registrada? Segredos. Guardar segredos. De você.

Chega de segredos, pensou Gigi.

— Talvez eu saiba de algo — disse ela à irmã — sobre o que está acontecendo.

E contou tudo… de novo: Slate e Eve, Calla e Zella, *o momento de observar*.

— Volta pra parte em que você foi sequestrada — disse Savannah. — *Duas vezes*.

— E eu nem ganhei um brinde — brincou Gigi. Parte dela queria perguntar, se eles estavam bem, se *Savannah* estava, mas Gigi não teve chance.

Savannah se virou de repente, girando a cabeça para a esquerda. Gigi levou uns bons três segundos para perceber o motivo. *Passos*. Vindo na direção delas.

Rohan.

Havia muralhas, e havia *muralhas*. Gigi percebeu a mudança na irmã na hora.

— Você de novo? — Savannah ergueu o queixo quando Rohan contornou a piscina até elas.

— Acalme-se, gata. Vim com uma proposta. — Rohan sorriu, um sorriso perverso, charmoso até demais. — Para a sua irmã.

Ele se voltou para Gigi.

— Só por cima do meu cadáver — protestou Savannah. — Ou melhor ainda… por cima do seu.

— Promessas, promessas — respondeu Rohan.

— Eu? — Gigi piscou. E piscou de novo.

— Preciso de uma cúmplice que possa ir aonde eu não posso — explicou Rohan, mantendo o olhar em Savannah por mais alguns segundos antes de voltar para Gigi. — E, pelo que acabei de ouvir, você serve perfeitamente.

Capítulo 89



LYRA

Lyra sabia que Grayson estava sofrendo, mas nas horas que se passaram desde que o irmão deles mandou os dois para o inferno, não teria como adivinhar.

Grayson era um homem com uma missão, e Lyra estava com ele.

— Uma decisão ousada. — O cabelo comprido e grisalho de Odette, com as pontas pretas, estava preso num coque elegante, sustentado por um grampo que parecia uma peça antiga. O olhar dela era firme, e Lyra sabia, só de observar Odette… os olhos astutos daquela velha não deixavam passar nada. — Conter à força uma advogada do meu calibre.

— A saída está logo ali — respondeu Grayson a Odette.

Os três estavam numa sala de reuniões emprestada, num hotel de luxo. Em partes, Lyra esperava que Grayson tentasse deixá-la para trás, mas ele não fez isso.

Para o bem ou para o mal, ela agora fazia parte daquilo.

— A Avery sumiu — disse Grayson a Odette. Sem rodeios, sem dar mais explicações. Em vez disso, Grayson colocou um único lírio-do-nilo sobre a mesa que o separava de Odette Morales.

A velha passou um tempo olhando para a flor, mas nada disse. Lyra pensou em tudo o que Gigi havia dito e fez a próxima jogada.

— O que você sabe sobre *convites*? — perguntou Lyra. — Sobre um certo tipo de *pedido*.

Odette encarou Lyra por uma eternidade e então, com toda a aura de estrela de Hollywood antiga, se dignou a responder:

— Menos do que eu quis saber, mais do que deveria.

Grayson retirou dois objetos do bolso interno do paletó, fichas de pôquer, emprestadas do iate, uma vermelha, uma preta, ambas sem preço.

Colocou a vermelha primeiro.

— Uma mulher de vermelho… — Depois, a ficha preta. — Uma mulher de preto…

Lyra esticou a mão e tocou levemente a primeira ficha.

— Calla Thorp. — Depois moveu a mão para a ficha preta. — Alice Hawthorne. — Lyra fez uma pausa. — Mas há sempre três.

Os olhos e a postura de Odette não revelaram nada. Nenhum traço.

Então, lentamente, com gesto deliberado, a velha levou a mão à cabeça e tirou o grampo antigo, liberando as longas mechas prateadas.

Odette colocou o grampo — prateado, com pérolas na ponta — sobre a mesa, ao lado das fichas de pôquer. Tocou levemente os objetos, um por um.

— Vermelho. Preto. Branco. — Odette voltou ao primeiro objeto e repetiu a sequência. — O lírio.

A ficha vermelha.

— O ômega.

A preta.

— E o *monoceros*.

O objeto branco. O termo era estranho para Lyra, e o som dele não combinava com os outros dois.

Do outro lado da mesa, Odette voltou à primeira ficha.

— A Observadora — disse a velha, depois moveu o dedo da vermelha para a preta com um toque leve. — A Mão. — Por fim, tocou as pérolas do grampo. — E o Juiz.

Observadora. Mão. Juiz.

Lírio. Ômega. Monoceros.

— Há sempre três — disse Lyra, em voz baixa.

— Quem são? — exigiu Grayson.

— Mulheres. Só mulheres — respondeu Odette, com um ar de que poderia parar por aí. — Não respondem a ninguém além delas mesmas, e muitos respondem a elas. Se você souber onde procurar, a história conta a verdade.

— E que verdade é essa? — perguntou Grayson.

Segundos se arrastaram. Lyra nem piscou.

— Homens estragam tudo — disse Odette, por fim. — Nem todos. Nem sempre. Mas com bastante frequência… e homens poderosos mais do que a maioria. O grupo que vocês procuram… tudo que posso dizer é que elas acreditam que algumas situações exigem mãos que guiem com delicadeza e outras, uma lâmina ornamentada.

Uma lâmina.

— Quão perigosas elas são? — perguntou Lyra, para que Grayson não precisasse.

— Perigosas o bastante para me fazer desistir de buscar respostas há catorze anos — respondeu Odette —, quando acordei na minha casa com um lírio-do-nilo sobre o travesseiro. Um aviso.

Lyra pensou no lírio que encontrara perto do heliponto, o mesmo que Eve insistiu que não tinha enviado. Pensou em centenas de lírios lavados pela maré.

E pensou no lírio que o pai deu para ela.

Pensou no sangue do pai… a sensação dele sob seus pés, o *cheiro*.

Lyra se inclinou, os antebraços apoiados sobre a mesa da conferência.

— Você chamou a Observadora de *Lírio*. E *Ômega* é a Mão. O que isso quer dizer exatamente?

Odette ficou em silêncio, mas Grayson completou a frase.

— Ômega — disse ele. — É o fim.

O fim. Pela primeira vez, Lyra se perguntou se o pai tinha se matado para impedir que alguém o fizesse por ele. *Uma mulher de preto. O Ômega. O fim. A Mão.*

Um Hawthorne fez isso.

Lyra pensou numa mulher chamando-a de pobrezinha. *Você não deveria estar aqui, mas quem pode dizer que você esteve?*

— E a terceira? — perguntou Lyra. — O *monoceros*. — O *Ômega*, a Mão, estava escondendo-a de alguém, e Odette já tinha sido clara: essas mulheres não respondiam a ninguém.

Mais uma vez, a pergunta de Lyra não teve resposta. E mais uma vez, Grayson a completou.

— *Monoceros* — disse ele. — É uma criatura mítica, uma constelação e, ao que parece, a Juíza. — Ele voltou a olhar para as fichas. — Calla Thorp. Alice Hawthorne. Quem é a terceira?

— Se eu soubesse — respondeu Odette —, suspeito que não teria recebido o *aviso*, todos aqueles anos atrás.

— Um aviso — repetiu Lyra —, um lírio-do-nilo. — Ela olhou para Grayson.

— O que quer dizer — perguntou ele —, quando há centenas deles? Lírios-do-nilo.

Dessa vez, o silêncio de Odette não foi medido em segundos.

Lyra e Grayson não se moveram. Ninguém disse uma palavra.

— Quer dizer… — disse Odette, pegando o grampo e prendendo os cabelos de novo — que algo muito grande está prestes a acontecer.

Epílogo

AVERY

Acordei em um quarto branco. *Teto branco. Piso branco. Paredes brancas. O quarto não tinha janelas. Não tinha portas. Meu primeiro pensamento foi Jameson.*

O segundo foi Alice.

E o terceiro foi que o quarto branco não era só branco. Gravadas em cada superfície, havia reentrâncias — linhas que se retorciam e se conectavam com precisão.

Demorei mais do que devia para perceber o que estava vendo. Aquele quarto não tinha janelas. Não tinha portas. E embutido nas paredes, no teto e no chão, havia um labirinto bastante complicado.

Agradecimentos

Agradeço à equipe incrível que me ajudou a dar vida a esta história e aos leitores que me deram a chance de sonhar (e planejar) enquanto a série Jogos de Herança se aproxima do seu final.

Agradeço à minha editora, Lisa Yoskowitz (a quem dediquei este livro). Lisa, trabalhar com você é uma alegria sem fim durante cada etapa do processo. Obrigada pelas suas ideias, seu apoio e sua paixão por esses livros. É importante demais para mim.

Obrigada, Elizabeth Harding, por ser minha agente há mais de vinte (*vinte!*) anos. A cada novo livro, penso em todos os outros e em como sou grata por ter tido você ao meu lado em cada um deles.

Sei que repito isso de alguma forma a cada livro lançamento, mas me sinto a autora mais sortuda do mundo por trabalhar com a equipe incrível da Little, Brown Books for Young Readers, liderada por Megan Tingley e Jackie Engel. Não consigo imaginar um time mais apaixonado, criativo e eficiente, nem consigo expressar em palavras o quanto gosto de trabalhar com vocês. Obrigada à diretora de arte Karina Granda e ao artista Katt Phatt, por mais uma capa *maravilhosa*. Obrigada, Danielle Cantarella, Leah CollinsLipsett, Rachel Nuzman, Allie Stewart, Katie Tucker e toda a equipe de vendas pelos anos de dedicação em levar novos leitores à saga Jogos de Herança. Obrigada, Marisa Finkelstein, Andy Ball, Jen Graham, JoAnna Kremer, Mary McCue, Marissa Baker, Kimberly Stella, Becky Munich, Jess Mercado, Victoria Stapleton, Christie Michel, Orlane Dubreus, Margaret Hansen, Erin Slonaker, Jody Corbett, Su Wu, Janelle DeLuise, Hannah Koerner e todos que contribuíram para trazer este livro ao mundo e colocá-lo nas mãos dos leitores.

Um agradecimento especial a Alex Houdeshell, cujos comentários editoriais na primeira versão deste livro foram essenciais para definir o que este livro precisava ser; a Savannah Kennelly, por tudo relacionado às redes sociais (incluindo cartas, revelações e enigmas!); a Kelly Moran, por (entre *tantas* outras coisas) ajudar *O Grande Jogo* a ser escolhido pelo clube do livro do Good Morning America; e a Bill Grace e Emilie Polster, por todo o trabalho brilhante de marketing. Adoro trabalhar com vocês. É mesmo um sonho.

Durante a escrita deste livro, tive a chance de visitar o Reino Unido e passar um tempo com minha equipe da Penguin Random House UK. Foi ótimo conhecer todos vocês, e sou muito grata pelo trabalho de cada um nestes livros. Um agradecimento especial a Anthea Townsend e Sarah Doyle, por cuidarem tão bem de mim durante a visita, assim como a Michelle Nathan, Charis Lowe-White, Harriet Venn e todos que estiveram envolvidos neste trabalho!

Na última contagem, os livros da série Jogos de Herança já haviam sido traduzidos para mais de trinta idiomas. Sou muito grata pelo apoio dos meus editores ao redor do mundo; pelas edições lindas que publicaram, pelas ideias criativas para atrair novos leitores à série e pelo entusiasmo com o universo e os personagens destes livros. Gostaria que minha rotina permitisse mais viagens, porque adoraria visitar cada um de vocês e conhecer os leitores de tantos países. Um agradecimento enorme também a todos os tradutores que se dedicam (e se superam!) na missão de adaptar os enigmas, charadas e códigos para seus respectivos idiomas. Sempre que penso que escrevi um quebra-cabeça não *tão* difícil assim de traduzir, percebo que *esse aqui* — ou *aquele ali* — é, sim, um pouco perverso. Obrigada por embarcar nesse grande jogo comigo.

Sou também profundamente grata a toda a equipe da Curtis Brown! Obrigada, Holly Frederick, por continuar sendo uma defensora das adaptações para cinema e TV; Karin Schulze, por levar esses livros aos leitores do mundo inteiro; e a todos que têm me ajudado a manter a parte prática do trabalho em ordem, especialmente Jahlila Stamp, Eliza Leung e Alexandra Frontino.

Boa parte deste livro foi escrita sentada de frente para minha amiga de longa data, Rachel Vincent. Não poderia pedir uma amiga melhor, nem uma ouvinte mais atenta. Obrigada, Rachel!

E por fim, sou grata à minha família, ao meu marido, que segura as pontas sem pensar duas vezes quando estou em turnê ou com prazo apertado; aos meus pais, que transformam a casa deles (a inspiração inicial para a Mansão Hawthorne!) em retiro de escrita sempre que preciso de foco para cumprir algum prazo; e aos meus três filhos, por toda a inspiração.

Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas nossas redes:

editoraAlt
editoraalt
editoraalt
editoraalt

Copyright © 2025 by Jennifer Lynn Barnes
Copyright da tradução © 2025 by Editora Globo S.A.

Os direitos morais da autora foram garantidos.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Glorious Rivals*

Editora responsável **Paula Drummond**
Editora assistente **Agatha Machado**
Assistentes editoriais **Giselle Brito e Mariana Gonçalves**
Preparação **Ana Sara Holandino**
Revisão **Iris Figueiredo**
Diagramação e adaptação de capa **Guilherme Peres**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Ilustração da capa **© 2025 by Katt Phatt**
Design de capa original **Karina Granda**
Capa **© 2025 by Hachette Book Group, Inc.**
Editora de livros digitais **Ludmila Gomes**
Produção do e-book **Ranna Studio**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B241r

Barnes, Jennifer Lynn
Rivais gloriosos / Jennifer Lynn Barnes ; tradução Carolina Cândido. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Alt, 2025.

Tradução de: Glorious rivals
ISBN impresso: 978-65-5226-117-5
ISBN digital: 978-65-5226-123-6

1. Ficção americana. I. Cândido, Carolina. II. Título.

25-100894.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)



Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

1ª edição, 2025

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25
20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br